

CARTOGRAFIA GELNE:

20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA E LITERATURA
VOLUME II

GELNE



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ataíde, Cleber et al. (Orgs.)

Cartografia GeINE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura - Volume II /
Cleber Ataíde et al. (Orgs.)

Campinas, SP: Pontes Editores, 2019

Bibliografia.

ISBN: 97885-217-0243-6

1. Linguística - GeINE 2. Literatura - estudos literários
3. Comunicação social – informação e análise
I. Título

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística – 410
2. Literatura - estudos literários - 807
3. Comunicação social – informação e análise - 302.24

PONTES EDITORES
Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão
Campinas - SP - 13070-056
Fone 19 3252.6011
ponteseditores@ponteseditores.com.br
www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil 2019

Coordenação do projeto Cartografia Linguística e Literária

Cleber Ataíde

Comissão Editorial

Cleber Ataíde (UFRPE) – Coordenador geral
Valéria Severina Gomes (UFRPE)
Emanuel Cordeiro da Silva (UFPE)
Sherry Morgana Justino de Almeida (UFRPE)
Tháís Ludmila da Silva Ranieri (UFRPE)
André Pedro da Silva (UFRPE)

Conselho Editorial

Aldir de Paula Santos (UFAL)
Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB)
Ana Lima (UFPE)
Camilo Rosa (UFPB)
Cleber Ataíde (UFRPE)
Clécio dos Santos Bunzen Júnior (UFPE)
Ewerton Ávila dos Anjos Luna (UFRPE)
Expedito Eloísio Ximenes (UECE)
Inaldo Firmino Soares (UFRPE)
Isabela B. do Rêgo Barros (UNICAP)
Jacinto dos Santos (UPE)
Joice Armani Galli (UFF)
Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG)
Josivaldo Custódio da Silva (UPE)
Marcelo Amorim Sibaldo (UFPE)
Maria Janaina Sampaio (UFRPE)
Maria Luísa de Andrade Freitas (UFPE)
Sandra Helena de Melo (UFRPE)
Sherry Morgana Justino de Almeida (UFRPE)
Stella Telles (UFPE)
Tânia Lima (UFRN)
Valéria Viana Sousa (UESB)

Apoio Institucional

Grupo de Estudos Linguístico do Nordeste (GELNE)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE)
Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc)

Preparação dos originais

Cleber Ataíde
Valéria Severina Gomes

Projeto gráfico

Pipa Comunicação
Editora Pontes

Copyright © 2019 – Dos organizadores representantes dos autores

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Editoração e capa: Vinnie Graciano

Revisão: Autores e Organizadores

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève - Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ - Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL - Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-056

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil 2019

SUMÁRIO

| | |
|---|---|
| POR QUE UMA CARTOGRAFIA NORDESTINA DAS PESQUISAS NA ÁREA DE LINGÜÍSTICA E LITERATURA?..... | 9 |
|---|---|

Cleber Ataíde, Sherry Morgana Justino de Almeida

| | |
|--|----|
| APRESENTAÇÃO — UM MAPA DA PESQUISA EM LINGÜÍSTICA, LITERATURA E CRÍTICA CULTURAL NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL..... | 13 |
|--|----|

Roberto Henrique Seidel

| | |
|--|----|
| A cunho de Introdução..... | 13 |
| Acerca dos trabalhos da Primeira parte — Panorama dos estudos linguísticos e suas interfaces no Nordeste..... | 16 |
| Acerca dos trabalhos da Segunda parte — Estudos literários e interartes no Nordeste..... | 29 |
| A cunho de Conclusão..... | 42 |

PARTE I - PANORAMA DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E SUAS INTERFACES NO NE

| | |
|---|----|
| DIÁLOGOS ENTRE ESTUDOS EM TRADIÇÕES DISCURSIVAS NO NORDESTE..... | 49 |
|---|----|

Valéria Severina Gomes, Aurea Zavam

| | |
|--|----|
| 1. Introdução..... | 49 |
| 2. A difusão dos estudos em Tradições Discursivas..... | 52 |
| 3. Os estudos em TD na região Nordeste..... | 58 |
| 4. Considerações finais..... | 75 |

| | |
|--|----|
| CONTRIBUIÇÕES DA LINGÜÍSTICA APLICADA PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA..... | 79 |
|--|----|

Maria Auxiliadora Bezerra, Maria Augusta Reinaldo

| | |
|---|----|
| 1. Introdução..... | 79 |
| 2. Procedimentos metodológicos..... | 81 |
| 3. Histórico da Linguística Aplicada nas pesquisas sobre língua/linguagem no Nordeste..... | 84 |
| 4. Linguística Aplicada e ensino: vertentes teóricas e produção acadêmica no Nordeste..... | 89 |
| 4.1. Linguística Aplicada e teorias de (multi)letramentos e de gêneros..... | 90 |
| 4.2. Interacionismo Sociodiscursivo e ensino de Língua | |

| | |
|--|------------|
| Portuguesa no Nordeste..... | 100 |
| 5. Conclusões..... | 106 |
| A ÁREA DE POLÍTICA E PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO: AS PRÁTICAS DE PESQUISA..... | 109 |
| <i>Socorro Cláudia Tavares de Sousa, Maria Elias Soares, Cynthia Israelly Barbalho Dionísio</i> | |
| 1. Introdução..... | 109 |
| 2. Teorias em Política e Planejamento Linguístico..... | 114 |
| 2.1 Panorama histórico das contribuições teóricas no campo da PPL..... | 116 |
| 2.2 Orientações teóricas nas teses, dissertações e artigos brasileiros..... | 121 |
| 3. Temas em Política e Planejamento Linguístico..... | 132 |
| 3.1 Panorama dos temas mais explorados em pesquisas internacionais..... | 132 |
| 3.2 Orientações temáticas nas teses, dissertações e artigos brasileiros..... | 134 |
| 5. Considerações finais..... | 150 |
| ORALIDADE E ESCRITA NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE..... | 155 |
| <i>Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo Barbosa</i> | |
| 1. Introdução..... | 155 |
| 2. Histórico da área temática nas pesquisas no Nordeste..... | 159 |
| 3. Vertentes teóricas e analíticas da área temática..... | 166 |
| 4. Amostragem das produções da área temática no Nordeste, nos últimos 20 anos..... | 171 |
| 5. Conclusão..... | 178 |
| LIBRAS E SURDEZ – ENTRE INVESTIGAÇÕES E DESCOBERTAS: PESQUISAS NO NORDESTE DO BRASIL..... | 181 |
| <i>Gláucia Renata Pereira do Nascimento, Jurandir Ferreira Dias Jr.</i> | |
| 1. Introdução..... | 181 |
| 2. O desenrolar das pesquisas..... | 191 |
| 3. Amostragem das produções das subáreas temáticas no Nordeste, pelo menos dos últimos 20 anos..... | 193 |
| 4. Análise das subáreas..... | 195 |
| 5. Conclusão..... | 218 |
| PANORAMA DOS ESTUDOS EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E ENSINO NO NORDESTE BRASILEIRO..... | 221 |
| <i>José Ribamar Lopes Batista Júnior, Vicente de Lima-Neto</i> | |
| 1. Introdução..... | 221 |
| 2. Da metodologia da pesquisa..... | 223 |

| | |
|---|-----|
| 2.1 Da caracterização da pesquisa..... | 223 |
| 2.2 Do detalhamento do corpus..... | 224 |
| 3. Dos resultados..... | 226 |
| 3.1 Mapeamento dos programas de pós-graduação..... | 226 |
| 3.2 Levantamento das linhas de pesquisa..... | 230 |
| 3.3 Levantamento das dissertações e teses defendidas cuja temática envolve tecnologias digitais e ensino..... | 235 |
| 4. Conclusões..... | 242 |

PARTE II ESTUDOS LITERÁRIOS E INTERARTES NO NE

PLATÔ DE CRÍTICA CULTURAL NA BAHIA: POR UM ROTEIRO DE TRABALHO CIENTÍFICO TRANSGRESSOR.....247

Osmar Moreira dos Santos

| | |
|---|-----|
| 1. Introdução..... | 247 |
| 2. Literatura e crítica cultural: uma história constelar..... | 250 |
| 3. Literatura e crítica cultural: noções e conceitos..... | 255 |
| 4. Literatura e crítica cultural: uma máquina de guerra contra o pensamento arborescente..... | 262 |
| 5. Conclusão..... | 270 |

A PESQUISA EM LITERATURA NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE.....273

Ana Cristina Marinho

| | |
|--|-----|
| 1. Introdução ou “Coração dos outros é terra que ninguém pisa”..... | 273 |
| 2. Quem somos e o que queremos nesse novo século ou Em que pé andam nossas pesquisas em literatura nesse Nordeste “selvagem”?..... | 281 |

PESQUISA EM LITERATURA E ENSINO NO ÂMBITO DO NORDESTE: RASTREAMENTO INICIAL.....295

José Hélder Pinheiro Alves, Sandrelle Azevedo Costa

| | |
|------------------------------|-----|
| 1. Situando a questão..... | 295 |
| 2. De lá pra cá..... | 299 |
| 3. Considerações finais..... | 317 |

A LITERATURA POPULAR NO FOCO DAS PESQUISAS EM PÓS-GRADUAÇÕES STRICTO SENSU NO NORDESTE.....321

Josivaldo Custódio da Silva

| | |
|--|-----|
| 1. Introdução..... | 321 |
| 2. A importância da pesquisa em literatura popular nas Pós-graduações em Letras..... | 323 |

| | |
|--|------------|
| 3. A literatura popular em dados concretos..... | 326 |
| 4. Conclusão..... | 345 |
| CAMINHOS DE RENOVAÇÃO EPISTÊMICA: ESTUDOS LITERÁRIOS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS NO PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UFPB – PIONEIRISMOS E DESDOBRAMENTOS NA REGIÃO NORDESTE..... | 349 |
| <i>Rinah de Araújo Souto</i> | |
| 1. Da solidão fundacional: uma voz-mulher pioneira..... | 349 |
| 1.1 Do encontro com as literaturas africanas..... | 352 |
| 2. Histórico da área temática nas pesquisas no Nordeste..... | 358 |
| 2.1 “Conhecimentos que se ensinam, casos que se pesquisam, saberes que se trocam”: histórico de alguns eventos e grupos de pesquisa sobre o tema na região..... | 371 |
| 3. Principais conceitos..... | 377 |
| 4. Vertentes teóricas e analíticas da área temática..... | 379 |
| 5. Amostragem das produções da área temática no Nordeste..... | 381 |
| 6. Conclusão..... | 386 |
| REFERÊNCIAS..... | 389 |
| AUTORES..... | 419 |

POR QUE UMA CARTOGRAFIA NORDESTINA DAS PESQUISAS NA ÁREA DE LINGUÍSTICA E LITERATURA?

O termo **cartografia** diz, segundo seu étimo, do conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que orienta os trabalhos de elaboração de cartas geográficas ou, em outra acepção, diz da descrição ou de tratado sobre mapas. Por contiguidade de sentido e pela adoção para além da Geografia e áreas afins, o termo passou também a designar a ideia de mapeamento, não apenas numa perspectiva espacial, mas também na perspectiva discursiva, indicando o mapeamento de ideias em diversas áreas do saber antropológico.

Essa noção de mapeamento que se deriva e aponta para a descrição de ideias existentes interessa-nos porque explica, inicialmente, o surgimento do projeto que culmina com a publicação desta obra, **Cartografia GelNE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura**. Contudo, para a plena compreensão desse projeto, é imprescindível que chamemos a atenção do leitor para a ideia, implícita e inerente a toda obra de mapeamento, que é a de se configurar, em seu propósito último, num convite a novas descobertas, num estímulo para que se construam novas ideias a partir do que se apresenta mapeado. Em palavras mais diretas, nossa **Cartografia GelNE** se constitui num convite à atividade de pesquisa.

Esse convite foi sendo grafado já na proposta das ações de gestão da diretoria que esteve à frente do Grupo de Estudo Linguísticos

e Literários do Nordeste (GELNE) durante os biênios 2014-2016 e 2016-2018. Isso porque assumimos a diretoria dispostos a tornar o GELNE ainda mais atrativo aos seus associados e aos participantes dos eventos promovidos, e por conseguinte, tornar o GELNE ainda mais importante para o desenvolvimento das pesquisas científicas na área de linguagem em nossa região.

Dessa forma, podemos dizer que **Cartografia GelNE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura** surgiu em 2015, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, inicialmente, com a finalidade de publicação de uma obra em comemoração aos 40 anos do GELNE. Com o amadurecimento da proposta, nossa grafia se tornou mais nítida e o projeto da obra ganhou outro formato, com um principal objetivo: socializar uma obra de referência na qual fosse possível resgatar a produção científica em Linguística e Literatura vinculada aos Programas de Pós-graduação das universidades nordestinas.

Várias motivações impulsionaram o projeto:

- i. fazer um levantamento das produções científicas das áreas de Linguística e Literatura nos últimos 20 anos, a fim de Identificar os centros de pesquisa de maior contribuição para a região nordestina;
- ii. repercutir as atividades de pesquisas dos Programas de Pós-graduação das universidades nordestinas;
- iii. desenvolver projetos coletivos integrando professores de diversas áreas de atuação da Linguística e da Literatura;

Por ocasião do **I Seminário de Pesquisas em Linguística e Literatura**, em Recife, no ano de 2018, o projeto ganhou uma grafia encorpada, envolvendo praticamente todo o mapa do Nordeste ao integrar mais de 50 pesquisadores de diversos estados de nossa região, divididos por áreas de atuação, com a tarefa de levantar, nos

últimos 20 anos, os principais avanços das áreas de pesquisa dos programas de pós-graduação do Nordeste.

Alguns resultados da então obra de referência, que veio a se tornar **Cartografia GeINE** foram apresentados e debatidos no referido seminário, no qual conseguimos: 1) propiciar interlocuções e estreitamento de relações entre pesquisadores da Linguística e da Literatura; 2) criar um ambiente de diálogo e de parcerias em estudos linguísticos e literários; 3) elaborar diretrizes para a finalização da obra de referência; 4) fazer um apanhado, com base nos capítulos analisados, do desenvolvimento das pesquisas em Linguística e Literatura na região nordeste; 5) promover a difusão de pesquisas científicas de valor e interesse reconhecidos e 6) manter intercâmbio com instituições congêneres.

Após muito trabalho de mapeamento pelos pesquisadores envolvidos, chegamos aos “cartografismos” contidos neste livro, composto de dois volumes, e cuja existência se torna ainda mais importante se considerarmos o momento histórico brasileiro atual que se mostra incerto para as universidades públicas e sem perspectiva de futuro promissor para a ciência e a tecnologia no país. Ademais por restar clara a condição bastante inóspita para o desenvolvimento da região nordeste em face ao cenário sócio-político nacional, podemos dizer que **Cartografia GeINE** se configura mais que uma obra de referência sobre 20 anos de pesquisas nas áreas de Linguística e Literatura em nossa região, ela se mostra como obra de resistência e, principalmente, de reação de pesquisadores do Nordeste.

Eis, leitor, a **Cartografia GeINE** que atesta nossa existência e nossa relevância histórica no mapa científico dos estudos em linguagem. Descubra-a e sinta-se convidado a ampliá-la com novas pesquisas!

Cleber Ataíde (UFRPE)
Sherry Morgana Justino de Almeida (UFRPE)

5

APRESENTAÇÃO — UM MAPA DA PESQUISA EM LINGUÍSTICA, LITERATURA E CRÍTICA CULTURAL NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL

Roberto Henrique Seidel (UNEB)

À memória do Prof. Dr. Luiz Marcuschi
À memória do Prof. Dr. Ivaldo Bittencourt

A cunha de Introdução

De certo, o olhar retrospectivo acurado é o que permite quantificar a exata dimensão daquilo que foi feito e daquilo que foi conseguido ao longo do tempo — isso vale para muitos âmbitos do humano. Há momentos históricos, contudo, em que a quantificação retrospectiva se torna mais premente e urgente do que em outros. Longe de defender uma fé cega no progresso humano, e igualmente longe de defender algum mito do tipo “antigamente era melhor”, nosso presente histórico nos impele assaz enfaticamente a rever e fixar nossa própria história de vida, tanto pessoal, quanto profissional, para assim entender nossa prática atual como resultado de uma construção ao longo do processo histórico que, ao mesmo tempo, traz em si um projeto de futuro. Será, pois, dentro desta chave de leitura geral, que a leitora, o leitor poderá considerar a presente obra, na medida em que ela refaz um conjunto de percursos de pesquisa-

doras e professoras, de pesquisadores e professores que fizeram, fazem e continuarão fazendo da área de Linguística e Literatura – genericamente conhecida como Letras – o seu campo de atuação profissional e de empenho pessoal e coletivo, com base na crença de que um mundo melhor – mais justo, mais igualitário, mais solidário, mais competente, mais ético etc. – sempre será possível de ser construído.

E é dessa maneira – ao aproximar a atuação profissional e o empenho pessoal e coletivo –, que seria simplesmente impossível para mim falar acerca da presente obra, sem que a imagem do Prof. Dr. Luis Marcuschi se insurgisse em minha memória. De mesmo modo, sua imagem me surge ao pronunciar a sigla do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). Marcuschi conheci em uma disciplina chamada Linguística textual, ministrada pela Profa. Maria Eduarda Giering, na virada dos anos 1980 para os 1990, quando eu era estudante do curso de Letras na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, no interior do Rio Grande do Sul – quer dizer, conheci-o por intermédio de um texto que a Profa. Maria Eduarda trouxe para a sala de aula. Lembro-me claramente da minha surpresa em ter um texto teórico da área de Linguística – e ainda mais um texto com tecnologia de ponta na área (ao menos, na época, a Linguística Textual o era) – de um professor que atuava na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), algo que contradizia todo o repertório teórico que um estudante de curso de letras era levado a “consumir” em fins da década de 1980 e inícios da de 1990, repertório esse marcadamente estrangeiro, quando muito, com um ou outro autor de universidade do Rio ou de São Paulo.

Não poderia imaginar que iria conhecê-lo uma segunda vez, agora pessoalmente, três ou quatro anos depois, na própria UFPE, em 1995, quando ingressei no Mestrado em Letras nesta mesma universidade. Seu trabalho também foi além das fronteiras nacio-

nais: por ocasião de uma estadia na Universidade de Freiburg, na Alemanha, em 1997, certo dia me chega um docente dessa universidade, ao saber que eu vinha da UFPE, me perguntando do Prof. Marcuschi, demonstrando que ele e seu trabalho eram também conhecidos nesse país. A ele também devo a entrada em contato com as Jornadas do GELNE na segunda metade da década dos 1990. Nelas toda uma geração de pesquisadoras e pesquisadores pôde experimentar o potencial da área de Linguística e Literatura, na medida em que tais Jornadas reuniam um sem número de estudantes e profissionais da região, contribuindo assim para a visibilidade, para o intercâmbio e para a construção de redes entre todos aqueles que ali se faziam presentes. — Há que se lembrar que, há 25 anos atrás, encontros desse tipo não eram comuns. A realização deles nos leva a dar a justa medida entre atuação profissional e empenho pessoal e coletivo. Somente na primeira década do séc. XXI é que vai se encontrar números mais significativos de encontros profissionais, frutos da expansão do ensino superior e da crescente inserção do país no âmbito internacional, conquistas que no momento atual em que se finaliza a presente obra estão sob franca ameaça, de forma que este volume, diante desse fato, cresce em importância.

Dedico também o meu texto à memória do Prof. Dr. Ivaldo Bittencourt, por dois motivos. O primeiro deles se deve ao contexto recente de um grupo de discussão de colegas de colegiado, no qual alguém lançou a pergunta sobre quantas professoras negras ou quantos professores negros havíamos tido em nossa formação, quando a imagem dele logo me veio à mente. O segundo diz respeito à informação que fico sabendo do texto de Ana Cristina Marinho nesta coletânea, sobre a primeira dissertação defendida na primeira pós-graduação do Nordeste, na UFPB, em 1978, a qual foi orientada pelo Prof. Ivaldo. Ele foi um professor que corporificou a humildade que o conhecimento pode assumir na pessoa de um docente, ainda mais se consideramos que fez seus estudos de doutoramento

na Universidade de Paris, tendo tido aulas com Barthes, Kristeva, Todorov e Lyotard. Ao longo de seus cursos, sempre achava uma ocasião para reunir a turma em um sarau em seu apartamento, para mostrar a sua coleção de porcelanas às e aos estudantes.

É, pois, acerca dessa história do desenvolvimento dos estudos linguísticos e literários – em suas diferentes áreas, subáreas e ênfases – que versa a presente obra. A partir de sujeitos da enunciação que fizeram e fazem parte dessa história no Nordeste do Brasil, a obra procura dar conta do registro das pesquisas na região, mas também empreende triangulações com o estado da arte em outras partes do país, bem como traz um desenho das relações existentes com redes internacionais.

A proposta da obra inicialmente foi pensada para prestar homenagem aos quarenta anos do GELNE, tendo sido depois redefinida para gerar obra de referência que abarcasse as produções científicas no campo, vinculadas aos programas de pós-graduação da região, dando conta de um lapso temporal de vinte anos. Para tal concretização, foi realizado o I Seminário de Pesquisas em Linguística e Literatura do GELNE, em Recife, nos dias 27 e 28 de setembro de 2018. A obra recebe seu título do tema desse Seminário: *Cartografia das pesquisas em Linguística e Literatura: a produção científica nos últimos 20 anos*. Distribuída em dois volumes, reúne mais de cinquenta pesquisadoras e pesquisadores. O presente volume encontra-se dividido em duas partes, a saber, “Panorama dos estudos linguísticos e suas interfaces no Nordeste” e “Estudos literários e interartes no Nordeste”.

Acerca dos trabalhos da Primeira parte – Panorama dos estudos linguísticos e suas interfaces no Nordeste

Abre a primeira parte da obra, o texto “Diálogos entre estudos em Tradições Discursivas no Nordeste”, de Valéria Severina

Gomes, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e de Aurea Zavam, da Universidade Federal do Ceará (UFC). No capítulo, trata-se de uma das áreas temáticas incluídas mais recentemente no GELNE, notadamente, a das Tradições Discursivas. Os dois termos que perfazem a expressão, se considerados separadamente, recebem ambos atenção mais detida em vários campos disciplinares a partir de meados do séc. XX. A junção deles em uma única expressão, no intuito de, com ela, sob a forma de um conceito unívoco, descrever fenômenos atinentes à historicidade das línguas, se dá dentro do contexto da Linguística alemã, mais especificamente na Escola de Tübingen, nas décadas de 1960-70, no movimento mais amplo da fundamentação das subáreas da Linguística do Texto e da Pragmática Textual. Trata-se aqui de um afastamento de posições estruturalistas, configurando-se a área das Tradições Discursivas mesmo como uma das mais recentes orientações dentro dos estudos histórico-diacrônicos, indo em direção à historicidade do texto e da língua.

Conforme o percurso delineado pelas autoras, a modalidade de análise das Tradições Discursivas ancora na delimitação dos três níveis propostos por Eugênio Coseriu (1987): o nível universal do falar em geral; o nível histórico das línguas; e o nível dos textos ou discursos concretos. No desenvolvimento subsequente, dentro do nível histórico das línguas, Koch (1997) distinguiu dois domínios: o das tradições discursivas e o das línguas históricas. Se o último domínio se dedica às variedades fonéticas, fonológicas, morfossintáticas e lexicais que são resultado da história particular de cada língua; o das Tradições Discursivas compreende o estudo dos tipos de texto, dos gêneros – sejam literários, sejam não literários –, dos estilos e das formas tradicionais de dizer. Em outros termos, qualquer texto, como condição de sua produção, exige do produtor que ele tenha algum conhecimento de modelos discursivo-textuais – tanto orais, quanto escritos – anteriormente

produzidos pela sociedade em que ele vive. Tais modelos mostram a recorrência de determinados atos de fala, de fórmulas e de estilos, que, na efetivação de um texto ou discurso, fazem um elo entre a tradição e o momento atual. – Daí é possível de antever que essa área de estudos, em sendo mais correntemente trabalhada no ensino de língua e linguagens, poderá angariar amplos ganhos.

Além de trazerem a delimitação e a relevância do conceito de Tradições Discursivas, em seu texto as autoras ainda situam historicamente as pesquisas realizadas no Brasil, com a ênfase para o Nordeste, bem como empreendem o levantamento acurado das produções acadêmicas oriundas dos diversos programas de pós-graduação da região. Surge aí mais propriamente o mapeamento cartográfico. Chama a atenção que se delineia um percurso que evidencia trocas entre pesquisadoras e pesquisadores da Escola de Tübingen e pesquisadoras e pesquisadores de instituições brasileiras, tanto em intercâmbios, quanto em publicações. Além disso, as autoras também demonstram os elos entre pesquisadoras e pesquisadores nacionais e alemães no âmbito do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), em cujo contexto as Tradições Discursivas vão se disseminando, a partir de encontros e reuniões que vem ocorrendo desde o ano de 2000 e que são detalhadamente historicizadas. Por último, elenca-se ainda a produção de teses e dissertações produzidas no âmbito da área temática nas pós-graduações, organizando tais dados por estado.

No segundo capítulo, “Contribuições da Linguística Aplicada para o ensino de Português como língua materna”, as autoras Maria Auxiliadora Bezerra e Maria Augusta Reinaldo, ambas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), se dedicam a deslindar o estado da arte nessa área que, desde o seu surgimento em meados do séc. XX, vem suscitando debates de ordem

epistemológica. Se, por um lado, a Linguística Aplicada aparece inicialmente como dependente da Linguística – principalmente por conta do adjetivo “aplicada” –, restringindo-se ao ensino de língua estrangeira; por outro, o seu desenvolvimento posterior a leva a escopo teórico próprio, angariando status de campo de estudos inter-, trans- e até indisciplinar – alimentado por achados teóricos provindos das mais distintas ciências – e passando a se dedicar ao ensino de língua materna, bem como às problemáticas provindas da relação do ser humano com o uso da linguagem, em seus mais diferentes contextos (escolar, social, cultural, profissional etc.). Constatam as autoras que essa primeira acepção em parte se mantém, quando visualizada a classificação de áreas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), em cuja tabela de áreas a Linguística Aplicada é classificada como subárea da Linguística. Neste aparte, ao vincular o histórico da evolução da área com a implantação do sistema de pós-graduação no Brasil e na região Nordeste, evidencia-se que uma reformulação nessa classificação seria desejada. Assim é que, a partir da análise da nomenclatura dos programas e das respectivas áreas de concentração e linhas de pesquisa, verificam a ocorrência de duas maneiras de compreensão da Linguística Aplicada, a saber: a) como área dependente da Linguística, quando analisados os nomes dos programas de pós-graduação e b) como área independente da Linguística, quando considerada a articulação entre área de concentração e linha de pesquisa nos programas.

O recorte de publicações que as autoras trazem diz respeito à produção científica em Linguística Aplicada relacionada ao ensino de Português como língua materna, compreendido no lapso de tempo entre 1998 e 2017. Na análise da produção de artigos, teses e dissertações oriundas das Instituições de Ensino Superior (IES) da região, constataram que, apesar de se observar um inte-

resse maior pelo ensino de língua e pela formação do professor como objetos de pesquisa na década de 2000, as pesquisas ainda se voltaram em sua maioria para a descrição. Além disso, verificam que a quantidade de trabalhos que compreende a Linguística Aplicada como propositiva e solucionadora de problemas – ou seja, que propuseram uma alternativa efetiva de ensino – ainda é ínfima. Constatam, demais disso, que o cenário mudou na década de 2010, por conta da implantação do mestrado profissionalizante – o PROFLETRAS, destinado à capacitação do professor escolar –, em cujo contexto se deu um grande incremento dos estudos para a proposição de alternativas de ensino efetivas. Contudo, ao analisarem a produção do mestrado profissionalizante em comparação com a do acadêmico, surge uma dicotomia, na medida em que o segundo enseja pesquisas descritivo-interpretativas em detrimento da pesquisa do ensino de língua, ficando esta como atribuição do primeiro. Em outros termos, o estudo das autoras aponta a necessidade de o mestrado acadêmico se voltar mais para a pesquisa do ensino da língua, algo que pode enfaticamente contribuir para sanar as lacunas na formação dos professores, cuja solução poderia levar com que se encarasse de forma mais eficaz os graves problemas do ensino e os altos índices de analfabetismo ainda existentes na região.

Os dados reunidos pelas autoras demonstram, desse modo, uma orientação da Linguística Aplicada mais voltada para pesquisas descritivo-interpretativas, que vai se conformando na medida em que a Didática das Línguas, uma das linhas de estudo do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), vai se difundindo no Brasil, tornando-se inclusive a principal fundamentação teórica nas pesquisas do ensino de língua materna na região – E aqui não é de somenos importante que se registre que a corrente teórica do ISD influenciou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997 e 1998) e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio

(2000). – Na parte final, as autoras justamente dão conta dos três conjuntos de conhecimento que são evidenciados pelo corpo das pesquisas levantadas na região: teorias de (multi)letramentos, teorias de gênero e o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Para dar conta desses conjuntos, dividem-nos em dois tópicos: a) “Linguística Aplicada e teorias de (multi)letramentos e de gêneros” – em que abordam as contribuições teóricas referentes a letramentos, a multiletramentos e à multimodalidade, que surgiram no bojo da divulgação de teorias de cunho social e etnográfico na década de 2000 – e b) “Interacionismo Sociodiscursivo e ensino de Língua Portuguesa no Nordeste” – em que, mediante a leitura e análise de resumos e introduções das pesquisas, confrontam as tendências pós-modernas e contemporâneas da Linguística Aplicada em discutir problemas sociais fundamentados em estudos das ciências sociais e humanidades (tais como [em citação parafraseada de MOITA LOPES, 2006, p. 27], a possibilidade política de contar outras histórias acerca de quem somos, acerca da possibilidade de outras sociabilidades que voltem nossa atenção para aquilo ou aqueles que se encontram às margens por conta de traços distintivos negativos de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade etc.), com a filiação teórica encontrada no corpo das pesquisas, que se ancoram preponderantemente na área da Didática das Línguas (que é apenas um dos focos da ISD), de forma que exsurge um quadro marcadamente de Linguística Aplicada “tradicional”.

O terceiro capítulo traz o título “A área de Política e Planejamento Linguístico: as práticas de pesquisa”, sob a responsabilidade de Maria Elias Soares, da Universidade Federal do Ceará (UFC), Cynthia Israelly Barbalho Dionísio e Socorro Cláudia Tavares de Sousa, ambas estas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). De saída, é feito um apanhado histórico da delimitação e do desenvolvimento do campo de conhecimento da Política e

Planejamento Linguístico (PPL), desde a sua concepção inicial em meados do século passado, quando era entendido como atividade prática de elaboração de ortografias, dicionários e gramáticas, no contexto de nações recém-independentes caracterizadas por diversidade linguística, de modo a instrumentalizar línguas não gramatizadas, trabalho esse que era basicamente efetivado de “cima para baixo” por entes oficiais. Já mais recentemente, o campo recebe outras contribuições, que atendem a demandas, tais como: o planejamento de aquisição de uma língua (a ampliação do número de usuários); a relação entre política linguística e cultura linguística (com a introdução de tópicos antes não considerados na teoria, como, p. ex., estereótipos, crenças, circunstâncias religiosas e históricas, atitudes); a superação da dicotomia entre política linguística e planejamento, ao incorporar na teoria as dimensões autônomas, mas interdependentes, das crenças/ideologias (os valores de uma comunidade de fala em relação a línguas e suas variedades), das práticas (os usos linguísticos cotidianos dos membros de uma comunidade) e da gestão (as ações realizadas por entes que se julgam na autoridade de modificar práticas e crenças/ideologias de outrem). Evidencia-se assim o delineamento de um campo disciplinar, caracterizado com objeto de pesquisa próprio e teorias específicas, de modo a se constituir em área autônoma e simultaneamente multidisciplinar – com respeito a este último aspecto, por conta da complexidade própria do fenômeno analisado, intensamente ligado a fatores sociais, políticos e econômicos mais amplos. De forma geral, prevalece, como desejo motivador das pesquisas no campo, a promoção da mudança social, de modo que o desenvolvimento de teorias serve a esse propósito de realização de alguma modificação em dada realidade social.

Com base no levantamento do corpo das pesquisas, as autoras delineiam a área em termos internacionais, nacionais e regionais, de 1990 a 2017. Com respeito ao panorama nacional,

ficou evidente uma predominância do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD). Nesse sentido, na medida em que a AD empreende uma associação dos discursos a ideologias e a condições de produção e circulação sócio-históricas, desde seus princípios colocando-se como uma teoria que objetiva a transformação social, ocorre uma associação com a Teoria Crítica, que igualmente desvela as ideologias enquanto constituidoras dos discursos, colocando-se contra a pretensa neutralidade destes. Surge assim um quadro em que prevalece o desmascaramento das relações assimétricas de poder subjacentes aos discursos que versam sobre as línguas, em cujas relações ocorrem os processos de identificação e constituição identitária dos sujeitos, de modo que outro campo de estudos entra em jogo e se adiciona ao dispositivo teórico-metodológico da AD, notadamente, o da História das Ideias Linguísticas (HIL). Além disso, constata-se que a Semântica do Acontecimento (também denominada de Semântica da Enunciação, em cujo bojo se entende a enunciação como uma prática política, no contexto da forma como os sentidos das línguas são constituídos), seja articulada com a HIL ou a AD, seja utilizada de maneira independente, é outra filiação teórica recorrente em termos nacionais. Em termos regionais, de maneira geral, as pesquisas replicam o estado das pesquisas em nível nacional.

Diante do panorama desenhado pelo capítulo, pode-se resumir: em um país que possui uma variedade de mais de 180 línguas nativas; que faz parte de uma comunidade internacional (a dos países de fala portuguesa oficial); que pretende ser protagonista em termos globais (diante do espanhol, do inglês e do mandarim, p. ex., como línguas de contato internacionais); demonstra-se que muito pode ser conseguido com a expansão de pesquisas neste campo.

Em “Oralidade e escrita nas produções científicas dos cursos de pós-graduação da região Nordeste”, quarto capítulo, de autoria de Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel, da Universidade de Pernambuco (UPE), e de Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo Barbosa, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), empreende-se levantamento de ordem antes mais quantitativo-descritivo. Mesmo assim, as análises qualitativas que as autoras trazem acerca do conjunto de pesquisas que resultaram em dissertações e teses na região, no lapso de tempo entre 1997 e 2017, evidencia algumas constantes com respeito ao tema oralidade e escrita: a) o tratamento do tema “revela um panorama multifacetado”, sendo abordado “sob diferentes aspectos, considerando áreas como Psicologia, Linguística, Linguística Aplicada e as relações inter/transdisciplinares dos seus objetos de estudo”, conforme registram as autoras; b) as pesquisas “mobilizam uma diversidade de conceitos a partir de suas vertentes teóricas, ressaltando-se noções do interacionismo, ancoradas, por exemplo, em vertentes como as dos Estudos Culturais e da Psicogênese da Língua Escrita”; c) sobressai “a influência dos ‘estudos dos gêneros’ [...] em uma interface com o Ensino de Língua Portuguesa”; d) com respeito à área da Linguística Aplicada (LA) no tratamento do tema, destaca-se o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

Como evidenciado no levantamento dedicado à Linguística Aplicada (capítulo dois), percebe-se a forte presença de duas correntes teóricas, notadamente, o estudo dos gêneros e o ISD. Com respeito ao segundo, conforme também realçado pelas autoras deste capítulo quatro, por conta de sua presença nas bases epistemológicas de documentos oficiais, tais como nos PCN, exerce influência direta no currículo do ensino de Língua Portuguesa. Além disso, as autoras também encontraram a recorrência de pesquisas acerca do “agir docente”, outro âmbito tratado a partir de aportes do ISD. Contudo, evidencia-se que questões atinentes a aspectos

sócio-históricos e ao meio social em geral, ambos exercendo influências sobre o agir docente, podem estar sendo desprezados pelas pesquisas. — Ainda com respeito ao tema da oralidade e escrita, é de se registrar que as autoras constataam aportes teóricos oriundos da Linguística Textual e da Análise da Conversação, em cujo contexto percebem citação recorrentes ao legado teórico do Prof. Marcushi, um dos homenageados desta Apresentação.

O quinto capítulo, de autoria de Gláucia Renata Pereira do Nascimento e Jurandir Ferreira Dias Jr., ambos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), intitula-se “Libras e surdez — entre investigações e descobertas: pesquisas no Nordeste do Brasil”. Os autores partem da constatação da importância do censo efetivado periodicamente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o planejamento e a implementação de políticas públicas no Brasil, na medida em que este instrumento traz indicadores acerca das necessidades específicas dos distintos grupos sociais, entre os quais estão os daquelas pessoas portadoras de diferentes tipos de deficiência. Com respeito ao grupo de pessoas que, no último censo de 2010, declararam apresentar dificuldade permanente em ouvir, verificaram um quantitativo próximo a dez milhões de pessoas. A partir desse dado, as autoras precisam de forma mais exata o quantitativo de pessoas com surdez profunda — ou seja, aquela pessoa que não consegue ouvir de modo algum —, resultando assim um universo próximo a 350 mil indivíduos: são esses os que mais necessitam de políticas públicas específicas, de modo que lhes fique assegurada a acessibilidade adequada, dentre as quais a principal é a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Ao mesmo tempo, questionam o questionário utilizado no referido censo, que poderia ter sido mais exato em determinar a quantidade de pessoas, dentro desse universo, que utilizam a libras.

As autoras se detêm também no histórico das pesquisas sobre as línguas de sinais e na constituição da libras. Esta língua é considerada a língua natural e a primeira língua da maioria das comunidades surdas no Brasil, sendo o português uma segunda língua e língua estrangeira para esse público. Diferentemente das línguas oral-auditivas, a libras é uma língua visuoespacial, ou seja, a língua se concretiza por intermédio de sinais corporais efetivados preponderantemente com as mãos, no espaço diante do corpo, sendo esses sinais captados pela visão do interlocutor. Tais sinais correspondem às palavras das línguas oral-auditivas que, por sua vez, são concretizadas por meio dos sons produzidos por meio da voz articulada. Em sendo a libras o meio pelo qual ocorre a interação social das pessoas surdas entre si e com pessoas ouvintes, o estudo, a pesquisa e o ensino dessa língua, não só para os surdos, mas também para os ouvintes, é de suma importância para o resguardo da inclusão desse universo de pessoas, constituindo-se em tarefa incontornável das iniciativas e investimentos públicos.

É, pois, em meio a esse contexto que o capítulo traz interessantes resultados sobre a situação neste âmbito. Consta-se que ainda há muito para ser desvelado com respeito ao funcionamento dos mecanismos léxico-gramaticais e pragmáticos da libras, bem como aos aspectos atinentes mais especificamente ao universo cultural, já que a libras – como ademais qualquer língua – carrega em si um patrimônio imaterial, dentro do qual vicejam modos de ser, de agir, de ver e significar o mundo, modos esses todos condicionados pela surdez. Daí que resulta um universo de radical alteridade, caso encarado pelo lado da experiência da pessoa ouvinte, pois, como realçam as autoras, a surdez é uma experiência visual, levando, portanto, a que as pessoas surdas valorizem mais aspectos imagéticos da realidade, uma vez que apreendem essa realidade principalmente pelo sentido da visão. É assim que os

resultados das pesquisas encontradas na região são classificadas em nove subáreas, a saber: análise e descrição linguística; ensino de português para pessoas surdas; literatura surda; tradução-interpretação português-libras-português; educação de surdos; ensino de língua estrangeira para pessoas surdas; abordagem discursiva da e sobre a libras/surdos e surdez; aquisição da linguagem; e ensino de libras. Dentre a ampla e aprofundada análise feita pelas autoras, gostaria de chamar a atenção aqui, em termos quantitativos, para duas disparidades encontradas: a primeira diz respeito à subárea de “literatura surda”, que comparece apenas com um trabalho; com respeito à segunda, há uma maioria absoluta de pesquisas que se dedicam ao “ensino de língua portuguesa para pessoas surdas”, enquanto que “ensino de libras” comparece apenas em uma pesquisa, o que por si só já pode indicar um caminho equivocado das políticas públicas, ao enfatizar o ensino da língua estrangeira para o surdo, ao invés de focar no ensino da primeira língua.

Na sequência, no capítulo seis, que leva o título de “Panorama dos estudos em tecnologias digitais e ensino no Nordeste brasileiro”, os autores José Ribamar Lopes Batista Júnior, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e Vicente de Lima-Neto, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), ao invés de começarem seu texto com uma palavra, argutamente o fazem com uma data: 1995. O ano se refere à chegada da internet ao Brasil, constituindo-se, como bem observam os autores, em um marco na história da humanidade, exercendo assim também impacto sobre a educação. Observam que, apesar da relação entre educação e tecnologia já ter sido prevista desde 1972 no âmbito do Programa Nacional de Teleeducação (PRONTEL) – em cujo modelo educativo as tecnologias eram o rádio e a televisão, utilizados até meados da década dos 2000 –, e apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) ser de 1996 – em cuja redação não encontram ain-

da expressões, tais como, “tecnologia digital”, “novas tecnologias”, “tecnologias e ensino” –, será apenas no bojo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1998, que as tecnologias de comunicação e informação (TIC), especialmente o computador, vão aparecer, em específico no tópico “Tecnologias da comunicação e informação”, que integra o PCN de *Língua Portuguesa*. No capítulo, os autores trazem dados acerca de pesquisas cuja temática evidencie uma relação estreita entre tecnologias digitais e ensino, dando conta do lapso de tempo de dez anos, tendo os dados sido angariados a partir dos títulos e resumos das pesquisas resultantes de teses e dissertações desenvolvidas em 28 programas de pós-graduação localizados em vinte universidades, das quais sendo dez federais, nove estaduais e apenas uma particular. No âmbito das pós-graduações, foi feita ainda uma análise das mais de cem linhas de pesquisas existentes nos referidos programas. Ademais, é importante realçar que os autores não incluíram os mestrados profissionalizantes do corpo da pesquisa.

Com respeito aos dados resultantes, constataram, p. ex., que em apenas uma das linhas de pesquisa aparece explicitamente a expressão “tecnologias digitais”, apesar de que em algumas tantas o tema seja indiretamente referido. Essa informação é de alta relevância, pois indica que a preocupação, em termos acadêmicos, da pesquisa dos impactos das novas mídias na sociedade em geral e na educação em específico parece não ser uma tônica institucional ainda. O que mais chama a atenção, contudo, é a baixa percentagem de trabalhos que se dedicam a deslindar a relação entre as tecnologias digitais e o ensino. De certo, aqui a leitora, o leitor vai, na esteira dos dados trazidos pela pesquisa dos autores do capítulo, poder tecer suas próprias conclusões, quiçás sendo instado a enveredar por este campo, no meio do qual qualquer docente contemporâneo está intimamente implicado, de forma a não haver a possibilidade de se eximir de com ele

ter que lidar. Uma das possibilidades para futuros levantamentos seria a questão infraestrutural, atrelada a investimentos públicos em hardwares e no desenvolvimento de softwares, de forma a se frear um movimento empiricamente observável, em termos das secretarias estaduais de educação, de meramente adquirir “pacotes” prontos das grandes corporações globais – da Microsoft, da Google etc. –, sem fazer consultas aos profissionais, sem fazer estudos prévios das necessidades e carências de nossas escolas e dos profissionais nelas envolvidos; e o pior de tudo isso: trata-se de produtos que não disponibilizam seus códigos-fonte, de modo que o seu aperfeiçoamento, a sua adaptação para as necessidades e conjunturas variadas de nossos contextos sócio-educacionais fica completamente alijada e interdita. – E isso tudo sem falar dos projetos que querem, cada vez mais, transformar as áreas das licenciaturas e das humanidades em cursos da modalidade EaD (Educação à Distância)...

Acerca dos trabalhos da Segunda parte – Estudos literários e interartes no Nordeste

O capítulo oito, primeiro da segunda parte – esta dedicada aos estudos literários e interartes na região – é de autoria de Osmar Moreira dos Santos, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, *campus* II), com o título “Platô de Crítica Cultural na Bahia: por um roteiro de trabalho científico transgressor”. A partir da instrumentalização da noção de “platô”, da forma como proposta pelo filósofo pós-estruturalista francês Gilles Deleuze, em trabalho conjunto com o psicanalista Felix Guatarri, o texto do autor antes dá conta de uma apanhado do trabalho teórico em que a pesquisa em literatura vem a lume – em seus vários campos e subáreas de pesquisa, tais como, historiografia literária, teoria literária, literatura comparada, crítica literária, estudos culturais; bem

como ainda em suas interfaces com as ciências humanas, tais como, filosofia, sociologia, antropologia, história, pedagogia —, do que propriamente um levantamento quantitativo da produção na área. A noção de platô se presta para o levantamento das bases epistemológicas e seus históricos de formação, suas vinculações com o desenvolvimento das disciplinas e suas subáreas, bem como com os contextos de suas institucionalizações e práticas efetivas. O platô é uma imagem geográfica, espacial. Remete a uma unicidade que é resultado de singularidades e de multiplicidades; de desterritorializações e separações, mas também de reterritorializações e encontros. Conforme Deleuze e Guatarri, o platô é plural: “mil platôs”. É, pois, a proposição de uma maneira de reorientar o pensamento teórico — *i. e.*, o pensamento filosófico e epistemológico —, desconstruindo uma tradição arborescente e instituindo uma maneira rizomática de lidar com o poder/saber/conhecimento, com vistas a uma atividade crítica que sirva à reforma, à reorientação e à transformação do ambiente humano, do mundo da vida — esse o sentido vislumbrado na colocação do autor do capítulo quando enuncia um “roteiro de trabalho científico transgressor”.

Premissa de empreitada dessa monta é o pleito da necessidade da reaproximação do campo dos estudos linguístico e literários, senão mesmo unificação, cujos resultados potenciais em certa medida são exemplarmente trazidos. Considerando o trabalho em língua, literatura e linguagens impensável sem as pesquisas feitas por Saussure, elenca-se a reverberação da descoberta do signo em diversas áreas das humanidades, bem como se remete à potência que o campo linguístico-literário possui — e que, na argumentação do autor, não é plenamente exercida —, na pesquisa e descrição dos dispositivos de poder e saber reativos, para que se possa efetivamente desativá-los, no âmbito do que é denominado de “pedagogia geral de desativação”, a favor de mais

cidadania cultural, mais democracia e participação direta da comunidade linguístico-literária, aqui entendida de forma ampla. No âmbito das pós-graduações, esse trabalho é vislumbrado como sendo a “pesquisa de ponta”, numa missão que dê conta de apoiar a prospecção da riqueza material e simbólica do Brasil e da região, potencializando seus modos de produção e operando para reverter uma distribuição injusta.

Perpassa o capítulo a caracterização da instituição do programa em Crítica Cultural, por enquanto único no Brasil. Como observa o autor do capítulo, o programa poderia estar alocado em qualquer área do conhecimento, por conta de suas características multidisciplinares. Está na área Letras justamente porque as descobertas do campo linguístico-literário atinentes ao trabalho com o signo são centrais em seus pressupostos operacionais. Nesse sentido, é objeto geral da crítica cultural a pesquisa e o trabalho político relativos à repercussão da descoberta do signo linguístico-literário nas demais ciências, dando conta de seus impactos epistemológicos para além do próprio campo. É assim que doravante poderíamos passar a falar do nosso campo de investigação como sendo sobre língua, literatura e crítica cultural, dentro de uma moldura que sirva a instrumentalizar, nas palavras do autor, “caixas de ferramentas para a reparação linguística, cultural, territorial e ontológica”.

O capítulo oito, que traz como título “A pesquisa em literatura nos programas de pós-graduação da região Nordeste”, é de autoria de Ana Cristina Marinho, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A autora, assim como outras e outros colegas, traz para o seu texto os afetos, os sentimentos e as emoções, algo a que – e estou convencido em definitivo – temos que lançar mais recurso, de modo que nossas produções textuais possam angariar mais público, ainda mais levando em conta as características da oralidade de nossa cultura mais ampla. A ética e a estética dos

afetos são campo que precisam comparecer em nossas relações intersubjetivas, ainda mais em uma conjuração nebulosa, como o nosso presente momento histórico. Diz a autora escrever com “indignação”; algo como já o disse Silviano Santiago: “escrever contra”; ou como a própria autora indica, em citação de uma personagem de Clarice Lispector: trata-se de escrever “apesar de”. Não nos faltam motivos de indignação, como ela registra: “Em tempos de fascismos, de perseguições aos estudos de gênero, aos estudos culturais, em tempos de crise civilizatória, tempos em que professores(as) são coagidos(as), levados(as) à delegacia para depoimentos que nunca se negaram a fazer, só nos resta resistir e gritar” – e escrever, acrescento.

É assim que, ao fazer o histórico da implantação da pós-graduação no Nordeste, ela nos traz à memória a primeira dissertação defendida na região, em 1978, na UFPB. Curiosamente a dissertação foi feita por um belga sobre a obra de Ariano Suassuna, tendo sido orientada pelo Prof. Dr. Ivaldo Bittencourt – docente cuja memória o presente texto também homenageia, porque, com certeza, foi um dos primeiros professores negros na universidade, nunca sendo demais lembrar que vivemos num país predominantemente negro.

É nessa via também que a autora faz o seu levantamento das produções científicas da pós-graduação na área de literatura. Primeiramente, parte dos dados encontrados por outra pesquisa, realizada por uma equipe da Universidade de Brasília (UnB), em que foram analisados dez periódicos – todos com nota Qualis A1 (nota máxima) – da área de Letras, por um período de 15 anos. Os resultados desse estudo indicaram que “são pesquisados os mesmos autores, a partir de uma mesma abordagem e de um mesmo referencial teórico, a saber: os autores mais estudados são homens, assim como os teóricos, embora a maioria dos artigos seja escrito por mulheres”, nas palavras da autora. A partir disso

passa a problematizar estes resultados, na medida em que eles podem estar invisibilizando o que de fato se sucede nas pesquisas do campo literário na região, por conta de, p. ex., não existirem na época revistas A1 (portanto, artigos publicados em periódicos da região não entram nos levantamentos); quando analisadas as publicações da ANPOLL e da ABRALIC em momentos em que as reuniões dessas associações se realizaram na região, surgir um cenário que aponta para caminhos diversos (“os desvios, regionalismos, o ensino de literatura, sempre considerado menor ou assunto para pedagogos”, nas palavras da autora). Após essas observações, a autora traz dados sobre este primeiro programa da área na UFPB, observando que, desde a primeira dissertação referida acima, de 1978 a 2012, apesar de que a maior parte das pesquisas ainda seja sobre escritores homens, aparecem inúmeros trabalhos sobre artistas populares e cultura popular, literatura oral, movimentos literários e revistas publicadas em estados da região. Como terceiro momento do capítulo, a autora traz os resultados do levantamento junto aos programas das universidades da região, abrangendo o período de quatro anos (2013 a 2016) e 21 programas (não engloba mestrados profissionalizantes). Aqui surge um mapa bastante interessante, na medida em que a autora faz um escalonamento dos dados encontrados segundo critérios, tais como, gênero (tanto na autoria, quanto na orientação da pesquisa), gêneros literários (dando conta inclusive de gêneros “híbridos” e outras artes), opções teóricas e críticas (enumeração dos autores teóricos mais citados), os escritores e as escritoras estudadas (assinalando quantitativos de homens e mulheres; e nacionalidade deles), dentre outros. Além disso, ao cruzar os dados de diferentes modos, delineiam-se os perfis dos distintos programas. Como a autora observa, o retrato ainda pode estar desfocado; contudo, em minha leitura do capítulo, me foi possível vislumbrar, a partir do elenco de algumas pesquisas ligadas a determinados

programas, acerca de determinados temas, quem são as pesquisadoras e os pesquisadores ali atuantes, o que me indica que o mapa está se delineando de forma mais ou menos precisa. De toda sorte, a autora expressa um fato que eu também indiquei em recente texto, publicado na Universidad de Chile, em um dossiê sobre os estudos culturais no Brasil¹: há um novo perfil de pesquisa se desenhando, resultado da entrada em cena de jovens pesquisadoras e pesquisadores, provindos de outros estratos sociais, que não os da classe média tradicional, atuando em universidades e departamentos também jovens.

O capítulo nove, intitulado “Pesquisa em literatura e ensino no âmbito do Nordeste: rastreamento inicial”, é da autoria de José Hélder Pinheiro Alves e Sandrelle Azevedo Costa, ambos da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Como bem sinalizado logo de saída pelos autores, a pesquisa voltada ao ensino da literatura só chegou bem recentemente às universidades brasileiras. Constatam uma exceção, em que tais pesquisas foram desenvolvidas desde os anos 1970, pelas pioneiras na área, Regina Zilberman, Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, atuantes à época na PUC-RS. Com suas publicações, essas pesquisadoras se tornaram as referências iniciais no campo, tendo inclusive orientado teses de pesquisadoras e pesquisadores que foram os que iniciaram a área de pesquisa em universidades no Nordeste. Conforme lembram os autores do capítulo, havia – se é que ainda não haja – uma reserva com relação ao âmbito do ensino de literatura. Tratava-se de uma postura comumente encontrada entre professores de literatura, tanto na universidade, quanto fora dela, postura essa que deixava para o campo da Educação as questões

1 SEIDEL, Roberto H. O debate em torno da emergência dos Estudos Culturais no Brasil. *Meridional, Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos*, Centro de Estudios Culturales Latinoamericanos, Universidad de Chile. Santiago de Chile, n. 11, p. 13-46, out. 2018/mar. 2019. Disponível em: <https://revistas.uchile.cl/index.php/MRD/article/view/50855/53591>.

de ordem pedagógica. Desse modo, a preocupação com o ensino da literatura surge em meio a um contexto de desinteresse e de ideias preconcebidas, não sendo percebido que a formação de leitores de literatura está diretamente atrelada à formação de professores que depois irão atuar no ensino básico. Nesse cenário, conforme verificam, as primeiras pesquisas remetem a diagnósticos negativos da situação da leitura literária, constatando-se o desinteresse pelo ensino da literatura.

Paulatinamente a situação muda, na medida em que se passa a discutir metodologias de ensino de literatura, dando conta da escolha de obras e propondo novos métodos de abordagem do texto literário em sala de aula, para além do método expositivo centrado ou no texto ou no professor, mas ainda relegando a figura do leitor a um plano secundário. Uma reorientação ocorre mesmo quando a pesquisa na área se volta para metodologias em que a interação entre texto e leitor esteja no centro, nas quais o professor surja tão somente enquanto mediador dessa experiência. Neste rumo, o percurso do capítulo foca a experiência, desde a virada de século, de dois programas de pós-graduação que tiveram linhas e grupos de pesquisas voltadas para o ensino da literatura, contemplando os diversos níveis de ensino e os distintos gêneros literários: o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFRN e o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, sendo que, com a criação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em 2002, o grupo de professores que atuava nesta linha de pesquisa na UFPB decide criar um programa próprio, o POSLE, em cujo contexto vão manter a ênfase, criando inclusive disciplinas para dar conta da literatura popular, como o cordel. Portanto, da leitura do capítulo, o que se percebe é que as iniciativas de pesquisa nesta área se vinculam muito fortemente aos nomes das e dos docentes atuantes na área, cujo trabalho é sistematizado, na

medida em que são elencadas as dissertações e teses orientadas por cada uma e cada um desses pesquisadores.

No que concerne aos aportes teóricos na área, as teorias da história da leitura e a estética da recepção são preponderantes, além do “método recepcional”, formulado pelas já referidas professoras Aguiar e Bordini com base na estética da recepção. Conforme os autores, ocorre uma aliança entre uma teoria literária em que o leitor é valorizado e uma metodologia, mediante a qual se favorece ouvir a voz deste leitor, de modo a acolher e discutir, de maneira coletiva, os sentidos que ele atribui aos textos literários lidos. Além disso, a partir do recurso a métodos da pesquisa etnográfica, muitas pesquisas resultam em intervenções e experimentos, com o objetivo de “elucidar a voz do leitor, as peculiaridades dos sentidos inferidos, o diálogo entre o grupo, as dificuldades de aproximação do texto literário, os encantamentos, as indiferenças”, surgindo o professor como o mediador da experiência da leitura e não mais como alguém que seja o detentor do saber literário. Ao final constatam que, apesar do trabalho feito, os resultados dessas pesquisas ainda não chegaram à escola de uma forma mais abrangente, visto que prevalece o uso pragmático da literatura na prática docente.

O capítulo dez, com o título “A literatura popular no foco das pesquisas em pós-graduações *stricto sensu* no Nordeste”, é da autoria de Josivaldo Custódio da Silva, da Universidade de Pernambuco (UPE, *campus* Mata Norte). Trata-se, como explicita o autor, de traçar uma memória dos estudos sobre literaturas populares, plurais mesmo. Dentro dessa designação, podemos encontrar manifestações muito diversas entre si, as quais tomo a liberdade enumerar, segundo classificação tradicional da teoria literária em gêneros, a partir da leitura do capítulo: a) em prosa: o conto tradicional popular, a lenda, a fábula, o caso (em geral anônimo e oralmente transmitido, classificado, conforme o autor

do capítulo, como pertencente ao folclore); b) em verso composto a partir da oralidade: a embolada, a cantoria de repente (em geral marcado ao estilo de competição, em que dois ou mais poetas disputam a composição em torno de certo tema, a ser desenvolvido com o uso de determinada métrica), o romanceiro e o cancionero (as cantigas populares e suas variedades que remetem às cantigas trovadorescas, divididas nos gêneros lírico – cantigas de amigo e de amor – e satírico – cantigas de escárnio e de maldizer); c) em verso escrito (ou narrativa em verso): o cordel (podendo ser cantado, demonstrando a influência da oralidade e tendo raízes no metro popular); d) as formas do teatro popular: o mamulengo (podendo ser tanto uma composição própria quanto adaptada de um cordel, ou até mesmo improvisada, a depender da circunstância da apresentação), o cavalo-marinho, o fandango, a barca, o pastoril, a lapinha, o coco e as sambadas do maracatu de baque solto (compostas em versos denominados de loas, com base em estruturas fixas como a marcha, o samba comprido, o samba curto e o galope, p. ex.). – Mas a lista ainda é incompleta, me parece...

Em seu levantamento, que compreende vinte anos (1998 a 2018), dos 26 programas pesquisados, oito não apresentam nenhum trabalho na área de literatura popular, dado que é encarado como sendo alto, diante da riqueza das manifestações da literatura popular na região. Dos 133 trabalhos encontrados, entre dissertações e teses (excluído o mestrado profissionalizante), a maioria se dedica à poesia, mas grande parte dos trabalhos não refere o autor no título. Aspecto interessante é o cruzamento estatístico dos dados, mediante o qual é possível de ver que o fato de haver programas em que não foram encontrados trabalhos sobre a temática não é relevante para a continuidade das pesquisas. De outra parte, a não referência do nome dos poetas no título dos trabalhos deveria ser repensada por parte daqueles que efetuam as

pesquisas. Os dados da pesquisa estão organizados por programa, sendo inclusive arrolada a totalidade dos títulos, de forma que o conjunto oferece uma visão bastante ampla do que se produziu e onde foi produzido. Do ponto de vista teórico das abordagens, além da pesquisa da relação entre o “cânone” e a literatura popular, observa-se a preocupação com a identidade e a diversidade cultural, a memória coletiva e o imaginário social.

Constata o autor do capítulo, por parte de alguns estudiosos, uma discriminação com respeito aos gêneros poesia, prosa e teatro popular. Embora o autor não traga dados sobre isso, arrisco adendar, enquanto pesquisador formado na teoria literária e atuante nos estudos culturais e na crítica cultural – e talvez principalmente enquanto migrante que ficou fascinado, próximo ao êxtase estético mesmo, quando entrou em contato pela primeira vez com algumas dessas manifestações em Pernambuco –, que talvez uma concepção teórica “romantizada” faça com que pesquisas na área não sejam tão comuns quanto se poderia esperar. A isso se pode talvez acrescentar o “estrago” feito pelos estudos folclóricos, na justa medida em que se considera apenas a cultura do outro como folclore, nunca a própria. E também não podemos esquecer que as elites nacionais e regionais detestam tudo o que remeta à pobreza, a povo, lançando mão apenas da cultura popular quando se trata de demagogia ou de angariar votos. Fato é que as culturas populares são ambivalentes, caracterizadas por conformismo e resistência – o primeiro é conservador e o segundo pode ser produtivo, em caso de resistência à dominação. Lembro-me de um mestrando que, nas primeiras aulas, chega muito entusiasmado com sua pesquisa sobre o cordel e, ao final do primeiro semestre, novamente me procura, afirmando: “– Professor, descobri que o cordel é muito conservador!” De fato, numa manifestação como o cordel, em que uma mulher, para publicar, tinha que usar pseudônimo masculino, surge um cenário eminentemente machista. Dado

semelhante ouvi de um pesquisador da história dos maracatus-nação, que, ao comparar as loas com os textos das canções dos afoxés, chegou à conclusão de que os maracatus ainda estavam no tempo da princesa Isabel, enquanto que os afoxés já estavam na luta antirracial do séc. XX. — De toda maneira, quando se pensa na difusão enorme do *rap* e do hip-hop entre os jovens na contemporaneidade, muitas relações produtivas podem ser feitas, p. ex., com a embolada e o repente; ou então, quando se considera as composições, p. ex., de Zé Ramalho, Chico César, Siba ou de Lirinha, do grupo Cordel do Fogo Encantado, imediatamente é possível de estabelecer ligações entre uma teoria literária da composição poética popular e a teoria literária propriamente livresca, tal como compilada nos manuais tradicionais — creio que, por esses rumos, poder-se-ia angariar frutos interessantes em termos de pesquisas que servissem ao ensino.

O capítulo onze, que traz como título “Caminhos de renovação epistêmica: estudos literários africanos e afro-brasileiros no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB — pioneirismos e desdobramentos na região Nordeste”, é da autoria de Rinah de Araújo Souto, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Apesar do título referir a UFPB como fio condutor do texto, por conta de ter sido a primeira IES em que os estudos literários africanos e afro-brasileiros foram desenvolvidos e institucionalizados, a autora faz um mapa mais amplo, que contempla não só a região, mas refere também as ligações entre outras regiões do Brasil, Portugal e os países africanos de fala portuguesa. Adota, entre outras estratégias metodológicas, o recurso à entrevista com a professora responsável por iniciar e implantar o campo na UFPB, inclusive com a implementação do primeiro projeto de pesquisa, a Profa. Elisalva Madruga Dantas, igualmente uma das precursoras no país. Desse modo, ao começar seu texto centrado na entrevistada, percebendo-a partir de seu lugar de pioneira, é que se constata o signo da

solidão como patente daquelas e daqueles que encaram o desafio de começar algo que ainda não foi feito, de iniciar algo envolto em silenciamentos, negações, denegações e apagamentos. Esse algo é preponderantemente, nas palavras da autora, reverter o longo percurso de negação do reconhecimento das literaturas africanas de língua portuguesa como formas de conhecimento válido quando compreendidas em sua potência estética e como expressão cultural de povos de nações africanas abarcadas em sua diversidade. O sentimento de solidão, de certo, deve ter acompanhado muitas e muitos pesquisadores da área em fins do séc. XX; antes, portanto, da oficialização das leis afirmativas. De lá para cá, a autora do capítulo aponta para uma capacidade de articulação fundamental entre as várias professoras e pesquisadoras e os vários professores e pesquisadores da área no Nordeste. Num tom eivado de afeição, entre uma e outra memória desse longo percurso entre a formação da Profa. Elisalva (p. ex., a primeira dissertação na área, um estudo comparado entre literatura angolana e brasileira: *José Lins do Rêgo e José Luandino Vieira: uma relação transoceânica*, defendida em 1982) e a história mais ampla das pesquisas das literaturas africanas em língua portuguesa, é que vai se desenhando o mapa.

Em relação à configuração da área nos últimos vinte anos na região, a autora traz a informação de que a inclusão das literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa foi mais facilmente aceita na pós-graduação. No segundo tópico, é trazido o elenco das e dos docentes, seus respectivos grupos de pesquisa e IES a que estão filiados, bem como a referência de alguns trabalhos orientados. Assim como na primeira parte do trabalho, em que a narrativa da história mais ampla traz informações sobre as redes, também aqui são trazidos dados acerca dos contatos feitos entre as pesquisadoras e os pesquisadores das distintas IES da região e fora dela. No tópico seguinte, também nessa linha, a autora de-

monstra a forma como essas redes e esses contatos se efetivaram em coletivos de pesquisa, em eventos acadêmicos e associações. – Não poderia aqui replicar todas essas informações, mas adiantando que as pesquisadoras e os pesquisadores que são invocados no segundo e terceiro tópico são aquelas e aqueles que transitam nos últimos 25 anos entre uma e outra universidade na região, seja inicialmente empenhados em sua formação, seja paulatinamente se engajando em alguma IES, seja mais recentemente organizando eventos e instituindo grupos de pesquisa; pessoas altamente engajadas e comprometidas. Note-se: não se trata de negar que todas e todos nós não sejamos engajados e comprometidos; a questão é que, em nenhuma outra área, a não ser nessa em que se contempla as literaturas africanas, as afro-brasileiras e as indígenas, comparecem, da forma mais enfática possível, as mazelas, a miséria, a loucura e esquizofrenia institucionalizadas da “civilização” brasileira, corporificadas na questão crucial do racismo e seus corolários, o genocídio, o ecocídio, etnocídio, dentre outros. Então, se, por um lado, a universidade “foi historicamente o grande agente do epistemicídio cometido contra os saberes locais, leigos, indígenas, populares em nome da ciência moderna”, conforme a autora nos lembra na citação que faz de Boaventura Souza Santos (2005, p. 177), no Brasil da primeira década do séc. XXI houve uma brecha que foi aproveitada por uma geração de pesquisadoras e pesquisadores para fazer micro-revoluções a partir de dentro da universidade, talvez chegando próximo da articulação recíproca que a autora lembra em várias passagens de seu texto, qual seja, entre justiça social e justiça cognitiva.

O capítulo contempla ainda um tópicos acerca dos principais conceitos que comparecem nas pesquisas da área; outro concernente às vertentes teóricas e analíticas preponderantes; além de uma amostragem das produções de dissertações e teses

na área, de maneira que a cartografia da área temática de pesquisas fica assegurada.

A cunho de Conclusão

Um aspecto que perpassa os capítulos da presente obra diz respeito aos obstáculos por conta da envergadura desse tipo de empreendimento: as bases de dados deficitárias (ainda não funcionando plenamente e/ou não interconectadas); a não disponibilização dos textos nos sítios de internet das IES (provavelmente devida à burocracia deficiente para atender à demanda, resultante de crescentes ataques à gestão universitária autônoma, principalmente com respeito à limitação financeira). Cada pesquisadora, cada pesquisador lançou mão de alguma estratégia para contornar essas e outras tantas dificuldades e trazer os dados sob sua incumbência. Os trabalhos explicitam a metodologia utilizada — ela mesma indicativa da diversidade das possibilidades de abordagem — e as possíveis ausências. As bases de dados deficitárias podem eventualmente levar a que certos aspectos não tenham aparecido. Alguns programas, talvez por serem muito novos, talvez por serem antes mais multidisciplinares, podem não ter entrado, da mesma forma que algumas IES, ou por serem também muito novas e/ou não terem ainda programas na área de Linguística e Literatura, também podem estar ausentes. Mesmo assim, os resultados me surgem como altamente satisfatórios.

A leitura atenta do presente volume pode ser de grande utilidade para jovens que desejem ingressar no instigante mundo da pesquisa científica, para identificar áreas, campos e subáreas ainda carentes de maior atenção, da mesma maneira que pode servir à professora e ao professor que vai instituir ou orientar alguma pesquisa. O panorama serve assim não só à aferição do que foi

feito, mas também do que ainda não foi feito, de modo a ensejar futuros projetos.

No que diz respeito à verificação acerca de se avançamos ou se estamos aquém dos avançados (das IES de referência), vai depender da régua: caso visualizemos que nossa universidade é jovem, a instituição e ampliação da pós-graduação mais ainda, então fica evidente certo avanço – mas há momentos em que avanço numérico pode não significar avanço efetivo rumo a uma mudança social desejada; caso, de outro ângulo, utilizemos escalas quantitativas baseadas em índices de citações, que fixam fatores de impacto em escala global, então fica evidente que sequer aparecemos no info-gráfico². Em ambos os casos – quer seja para manter o grau de certo avanço conseguido, quer seja para entrar em um cenário em que a pesquisa sirva de suporte para políticas públicas de reforma e incremento social –, os incentivos públicos precisam ser mantidos em constante de crescimento moderado a crescimento de fato/substancial.

E aqui é de se verificar que quase a totalidade das pesquisas aqui referenciadas diz respeito à produção feita em universidades públicas (uma única exceção é a UNICAP). Isso remete imediatamente ao papel das doutoras e dos doutores (muito raramente exceções nas IES privadas em nossa região), e da formação de doutores, não apenas aptos ao ministério da aula, mas igualmente proativos em políticas diversas, do tipo, de citação, de difusão, de

2 Acerca disso, remeto ao texto *A pesquisa no Brasil: promovendo a excelência – análise preparada para a CAPES pelo Grupo Web of Science* (disponibilizado em set. de 2019, pode ser baixado de sites de internet de várias universidades, ou diretamente em: http://discover.clarivate.com/Research_Excellence_Awards_Brazil_Download). Alguns dados desse relatório: o Brasil ocupa a 13ª posição no mundo em termos de produção de artigos e revisões de pesquisa indexados na Web of Science; só em 2018, pesquisadores brasileiros publicaram mais de 50.000 artigos; a taxa de crescimento da produção de artigos observável em seis anos (2013 a 2018) é de 30%, sendo o dobro da média global. Com respeito à grande área de Linguística, Literatura e Artes, em boa parte dos gráficos ela não aparece, demonstrando nossa pouca internacionalização, p. ex.

estabelecimento de redes; atuantes na elaboração de pautas nos currículos, rumo a currículos mais flexíveis, que atendam aos desejos de estudantes do tempo presente – e não a estudantes ideais –, visando a cursos que sejam atrativos a grupos mais amplos da população.

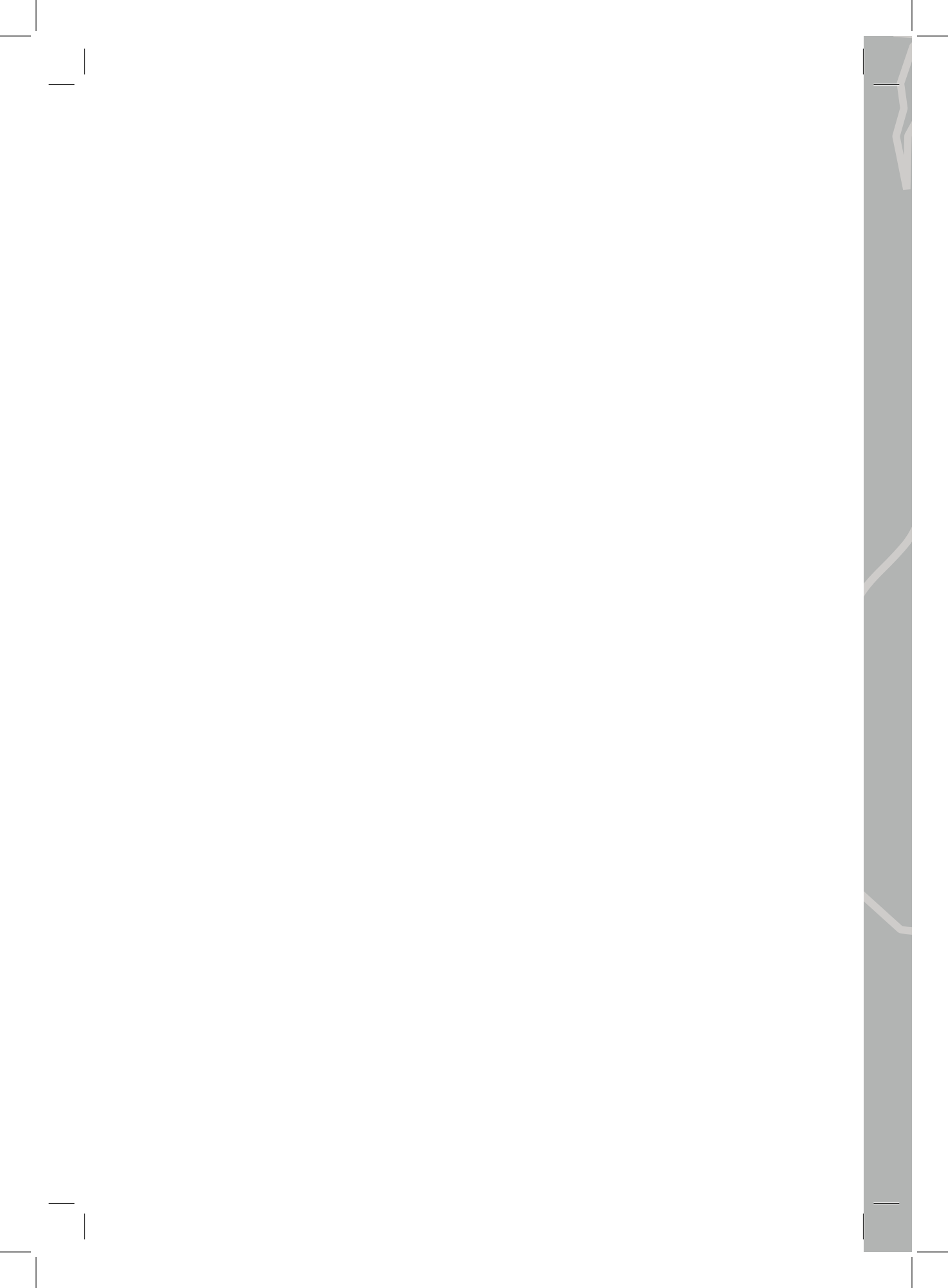
Mesmo se concebermos objetivo dos cursos de Letras meramente a formação de docentes, urge uma reorientação geral. Neste aparte, cito fala recente do Prof. Nelson de Luca Pretto, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), durante palestra proferida em homenagem ao dia do professor, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), com a qual concordo plenamente. O Prof. Pretto é desses que vai para eventos acadêmicos e de lá envia um *podcast* – ou mesmo participa ao vivo via telefone – para o programa radiofônico Multicultura, que vai ao ar todos os dias na hora do meio-dia na Rádio Educadora da Bahia, onde ele mantém uma “coluna” semanal dedicada à difusão do conhecimento acadêmico para uma comunidade mais ampla, um exemplo a ser seguido. Lembra-nos, nesse trecho, do papel de “ativista político” da professora e do professor.

O professor atua, essencialmente, na formação para a cidadania, ou seja, ele trata, no ensino básico, com crianças e jovens e, no ensino superior, com jovens e adultos que vão ser futuros profissionais. Profissionais esses que precisam ter uma formação sólida, do ponto de vista de conteúdo, e formação política bastante consolidada, no sentido de poder exercer a sua profissão com criticidade, independência e autonomia. Se o professor é um dos responsáveis por propiciar essa formação, precisa atuar na sociedade como uma liderança intelectual e política, no sentido de que ele articula todos aqueles que estão presentes na educação

com suas diferenças e saberes e promove, a partir de intenso diálogo, a formação ampla desses alunos³.

Por fim, “cartografia” é palavra inspiradora, da mesma forma que “mapeamento”. Um mapa serve ao propósito da orientação, não só no espaço, mas também no tempo. Se considerarmos que, ao observar os primeiros mapas feitos de nosso planeta, veremos que eles são fechados. Não há neles espaço para mais nada, visto que as mentalidades, em cujo contexto eles surgiram, eram cosmovisões fechadas, ou seja, acreditava-se que tudo que havia para saber já era sabido, não havendo, portanto, necessidade de procurar por mais nada além do conhecido. Essa é a mentalidade antiga, tradicional. A modernidade inaugura um outro tipo de mapa, que é aquele em que aparecem vastas áreas do planeta em aberto, ainda por serem desenhadas. O presente volume surge, assim, como um mapa moderno que, mais do que trazer a exploração e descrição do que já é conhecido, impele para que nos debruçemos sobre aqueles locais indicados no “mapa” como ainda estando em aberto. Insta-nos, desse modo, a que envidemos esforços na exploração desses vazios, mediante a instituição e institucionalização de pesquisas e grupos de pesquisa que abarquem os vazios, as lacunas aqui apontadas.

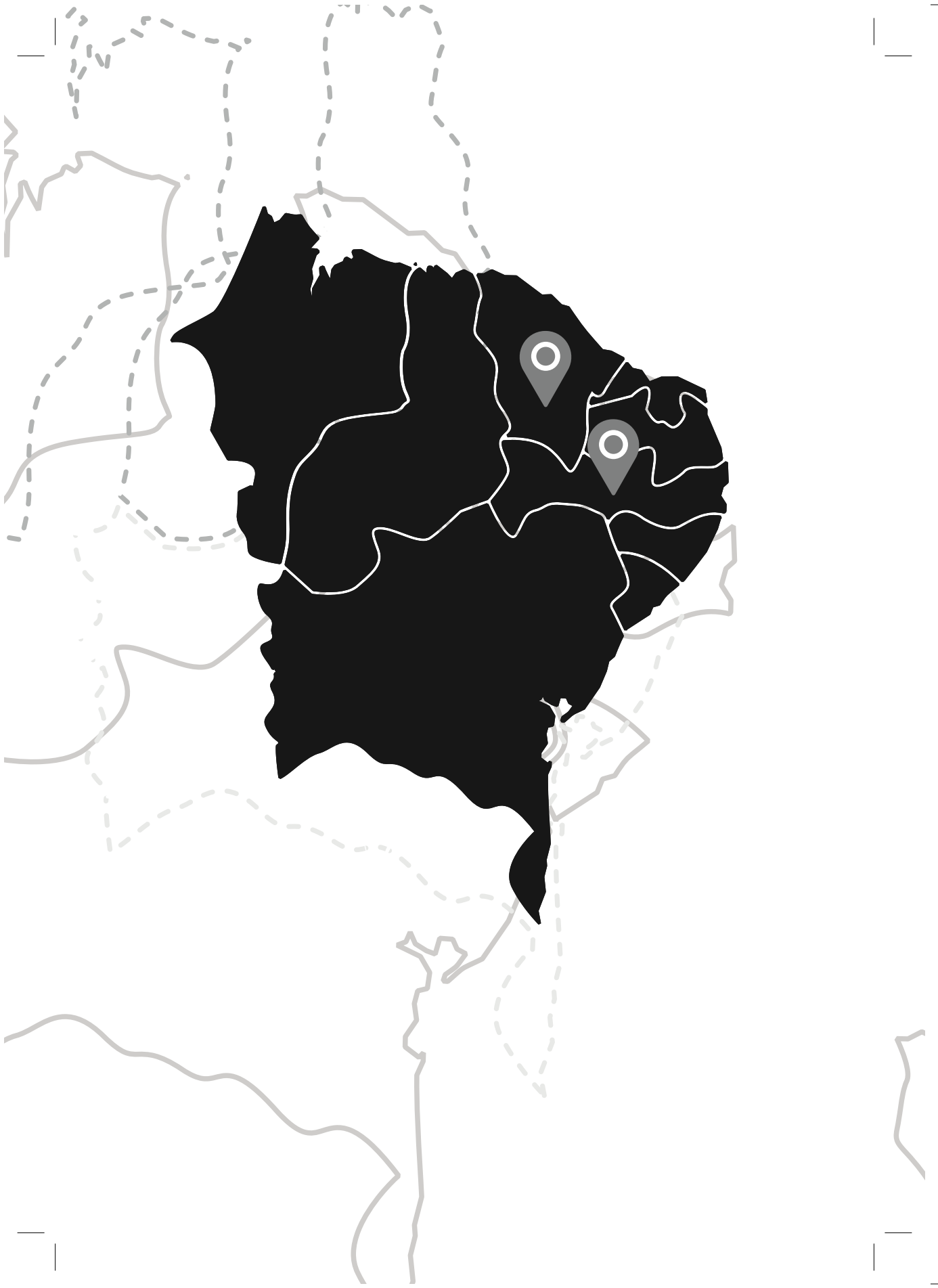
3 Sítio de internet da ADUFS. Disponível em: <http://www.adufsba.org.br/noticias.php?id=3823>.



The background of the cover is a light gray map of Brazil. The map is composed of several overlapping outlines: a solid white outline, a dashed white outline, and a solid light gray outline. A central white rectangular box with rounded corners contains the text. The text is in a bold, black, sans-serif font. The box has three small white circles on its left side, resembling hole punches.

PARTE I

**PANORAMA DOS
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
E SUAS INTERFACES NO NE**



DIÁLOGOS ENTRE ESTUDOS EM TRADIÇÕES DISCURSIVAS NO NORDESTE

Valéria Severina Gomes (UFRPE)
Aurea Zavam (UFC)

1. Introdução

Inicialmente, gostaríamos de ressaltar que é, para nós, muito gratificante fazer parte de uma obra de referência que busca registrar o desenvolvimento dos estudos linguísticos e literários em diferentes áreas temáticas na região Nordeste. O nosso intuito, neste artigo, é contribuir com este projeto, cujo propósito é agregar diferentes saberes, a fim de registrar o que foi feito e apontar perspectivas de continuidade e de expansão nas diversas áreas. Partimos da concepção de que cada uma delas tem sua contribuição para os estudos da língua(gem) e da literatura na região.

No conjunto das áreas temáticas do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), encontra-se a de Tradições Discursivas (TD). Por ser uma área nova incluída no GELNE, alguns leitores deste capítulo já podem ter conhecimento de estudos à luz das Tradições Discursivas, outros já leram algo a respeito, e outros poderão, a partir desta leitura, passar a conhecer e, até, vislumbrar possibilidades de interseção com outras abordagens. Para conduzir a discussão neste capítulo, partimos dos seguintes objetivos: apresentar a relevância e a difusão do conceito de TD; situar histori-

camente as pesquisas realizadas sobre TD no Brasil e principalmente no Nordeste; e fazer um levantamento de produções acadêmicas da área nos programas de pós-graduação do Nordeste.

O conceito de Tradição Discursiva tem seu nascedouro na Linguística alemã, na Escola de Tübingen, transitando na seara da Filologia e da Pragmática. A origem alemã dos estudos em TD ocorreu na segunda metade do século XX, por volta de 1960 e 1970 no contexto de aparecimento da Linguística de Texto e da Pragmática. Esse modelo de análise partiu dos três níveis propostos por Eugênio Coseriu (1987): o nível universal do falar em geral; o nível histórico das línguas; e o nível dos textos ou discursos concretos. Posteriormente, Koch (1997) distinguiu dois domínios no nível histórico das línguas: o das tradições discursivas e o das línguas históricas. Neste estão incluídas as variedades fonéticas, fonológicas, morfossintáticas e lexicais resultantes da história particular de cada língua. Já no das tradições discursivas encontram-se os tipos de texto, os gêneros (literários e não literários), os estilos, as formas tradicionais de dizer. Para Oesterreicher (2002, p. 359):

as tradições discursivas funcionam em virtude de situações comunicativas determinadas historicamente. Todo discurso individual guiado por determinados modelos discursivos – os gêneros ou as tradições – se constitui no marco de uma série de constelações comunicativas que controlam os traços específicos de cada discurso e as possíveis modalidades de sua produção e recepção.

Schlieben-Lange (1993, p. 19), outra romanista alemã, é mentora de uma das concepções embrionárias do que hoje denominamos e discutimos acerca das TD: “Sabe-se como uma língua deve ser para poder funcionar como tal. Sabe-se como os textos são constituídos. Também no nível do texto, a historicidade se faz pre-

sente na forma de tradições textuais historicamente transmitidas”. Acorado nessa historicidade, Kabatek (2006, p. 157) entende por TD “a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de um modo particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio”. Corroborando com os mesmos pressupostos, Andrade e Gomes (2018) defendem que toda produção textual requer o conhecimento de modelos de realizações textual-discursivas (orais ou escritas) anteriormente produzidos pela sociedade, denominados *tradições discursivas*. Tais modelos revelam a recorrência a certas fórmulas, atos de fala, estilos, que estabelecem, na construção de um texto ou discurso, uma relação entre o momento atual e a tradição.

No âmbito do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) e posteriormente em outras instâncias de pesquisa, o modelo das Tradições Discursivas tem se mostrado relevante para discutir questões referentes à historicidade do texto e da língua. Essa relevância foi pontuada por Mattos e Silva (2008, p. 146), ao comentar que “Sem dúvida, a mais recente orientação nos estudos histórico-diacrônicos é a das *tradições discursivas* (TD)”. Essa orientação possibilita o enfoque em diferentes dimensões:

- i) a tradicionalidade dos gêneros. Ex.: a historicidade dos editoriais;
- ii) a tradicionalidade estrutural. Ex.: soneto, a receita, a organização retórica;
- iii) a tradicionalidade dos tipos. Ex.: composição dos gêneros com predomínio da narração, argumentação etc;
- iv) a tradicionalidade dos estilos. Ex. o trovadorismo, o linguajar profissional, proximidade e a distância comunicativa.
- v) a tradicionalidade linguística. Ex. o emprego do tu e você e suas variantes na constituição de fórmulas recorrentes das cartas pessoais.

No Brasil, os estudos à luz das Tradições Discursivas começaram a ser difundidos por volta do ano 2000, a partir das reuniões do PHPB e de intercâmbios entre pesquisadores brasileiros e alemães. Essa difusão, por meio de grupos de pesquisa, eventos realizados, trabalhos publicados, é o assunto da próxima seção. Na seção 3, apresentamos o estado da arte das pesquisas que tomam o conceito de TD pontualmente no Nordeste; e por fim, nas considerações finais, sinalizamos para algumas possibilidades de pesquisa, que certamente poderão contribuir com a expansão dessa área temática.

2. A difusão dos estudos em Tradições Discursivas

Os estudos em TD, apesar da recente trajetória em “terra brasiliis”, têm despertado o interesse de pesquisadores que enveredam pelas trilhas dos estudos histórico-diacrônicos e suas interfaces e já apresentam uma significativa produção em território nacional. No contexto nordestino, esse modelo de análise tem se consolidado a partir das pesquisas dos grupos regionais do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), coordenado nacionalmente pelo professor Ataliba de Castilho. Nesse projeto foram intensificados os contatos com a noção de TD, como ocorreu no VI Seminário do PHPB, realizado em setembro de 2004, na Ilha de Itaparica, no estado da Bahia, por meio de uma conferência intitulada “Tradições discursivas e mudança linguística”, proferida por Johannes Kabatek (Universidade de Tübingen – Alemanha). Em 2009, ainda na Bahia, na cidade de Salvador, foi realizado o I Congresso Internacional de Linguística Histórica, que resultou na publicação da coletânea de textos intitulada “Rosae: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias”, em 2012. Nessa coletânea, Johannes Kabatek publicou o texto “Tradição discursiva e gênero”, no qual reafirma o conceito de TD, asseverando que todo gênero é uma TD, mas nem

toda TD é um gênero, a exemplo das fórmulas fixas que constituem os gêneros.

Ao intercâmbio entre pesquisadores alemães e pesquisadores do PHPB, deve-se, sem dúvida, a introdução dos estudos de TD no Brasil. Em São Paulo, outra ocasião desse intercâmbio aconteceu na UNICAMP, em 2005, quando Konstanze Jungbluth (Universidade de Viadrina – Alemanha) e Wulf Oesterreicher (Universidade de Munique – Alemanha) ministraram um curso sobre Tradição Discursiva. Estavam presentes Ataliba de Castilho (UNICAMP), Tânia Alkmim (UNICAMP), Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade (USP), Afrânio Barbosa (UFRJ), Mônica Cavalcante (UFC) e Valéria Severina Gomes (UFRPE). No verão do mesmo ano, Konstanze Jungbluth e Dorotee Kaiser organizaram um colóquio em Freudenstadt, na Alemanha, reunindo pesquisadores da Argentina, da Alemanha e do Brasil. Desse encontro, foi publicado, em 2006, o livro “Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en Latinoamérica”, contendo os trabalhos apresentados no evento, cujo objetivo foi promover um diálogo interdisciplinar e internacional.

Sob a editoração geral de Ataliba de Castilho, as equipes do PHPB organizam uma coletânea de referência, com dez volumes, intitulada “História do Português Brasileiro”. Os volumes foram definidos conforme os grupos temáticos de estudo da língua que compõem o projeto. O volume 7, intitulado “Tradições discursivas do Português Brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos” e editado por Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade (USP) e Valéria Severina Gomes (UFRPE), contém os 10 capítulos abaixo indicados:

- Introdução – *Tradições discursivas: reflexões conceituais*, de Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade (Universidade de São Paulo) e Valéria Severina Gomes (Universidade Federal Rural de Pernambuco);

- Capítulo 1 – *O editorial de jornal: revisitando a trajetória de um gênero*, de Valéria Severina Gomes (Universidade Federal de Pernambuco) e Aurea Zavam (Universidade Federal do Ceará);
- Capítulo 2 – *A notícia de jornal entre conservação e inovação: Tradições Discursivas e história da língua*, de Cleber Ataíde (Universidade Federal Rural de Pernambuco) e Tarcísia Travassos (Faculdade Metropolitana de Recife);
- Capítulo 3 – *Tradição, persuasão, hegemonia: o noticiário sobre as eleições em perspectiva diacrônica*, de Fábio Fernando Lima (Universidade de São Paulo);
- Capítulo 4 – *Estrutura retórico-teleológica e negociação intersubjetiva em editoriais da imprensa de bairro*, de Paulo Roberto Gonçalves Segundo (Universidade de São Paulo);
- Capítulo 5 – *História da carta de leitor: sobre aspectos composicionais, conservação e dinamismo*, de Thiago Trindade Matias (Universidade Federal de Alagoas);
- Capítulo 6 – *Práticas histórico-discursivas na seção “anúncios” de jornais no Brasil do século XIX*, de Ana Cristina de Sousa Aldrigue (Universidade Federal da Paraíba) e Roseane Batista Feitosa Nicolau (Universidade Federal da Paraíba);
- Capítulo 7 – *Tradições discursivas: uma análise dos anúncios de emprego publicados em jornais brasileiros*, de Kelly Cristina de Oliveira (Universidade de São Paulo);
- Capítulo 8 – *A escrita burocrática colonial: cartas oficiais dos séculos XVIII e XIX*, de Maria Cristina de Assis (Universidade Federal da Paraíba);
- Capítulo 9 – *Os livros de família pernambucanos do século XIX: o aporte das escrituras pessoais dos autores semicultos nordestinos para a pesquisa da história do português brasileiro*, de Konstanze Jungbluth (Universidade de Viadrina-Alemanha);

- Capítulo 10 – *O bendito em manuscritos religiosos populares da primeira metade do século XX ao início do século XXI*, de Lucrécio Araújo de Sá Júnior (Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Como podemos observar na sequência dos capítulos, há uma participação significativa de pesquisadores da região Nordeste, o que evidencia a forte difusão dos estudos em TD em alguns estados dessa região. As discussões e os debates sobre os capítulos de cada volume da coletânea de referência ocorreram em dois seminários do PHPB realizados em estados nordestinos: o VIII Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), coordenado por Dermeval da Hora Oliveira e realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – João Pessoa/PB, no período de 31 de maio a 04 de junho de 2010; e o IX Seminário Nacional do PHPB, realizado na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Maceió/AL, no período de 14 a 18 de outubro de 2013, sob a coordenação de Maria Denilda Moura.

No cenário nacional, destacam-se com pesquisa em TD os estados Rio de Janeiro e São Paulo, no Sudeste; Alagoas, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, no Nordeste. Do intercâmbio entre alguns pesquisadores desses estados emergem, na perspectiva das TD, publicações conjuntas, orientação e elaboração de trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação, organização de eventos, entre outras ações, que vão sedimentando o desenvolvimento de pesquisas nessa área. A exposição compacta desses estudos em TD visa, exatamente, agregar mais pesquisadores dessas e de outras instituições a essa rede de conhecimento.

Da equipe regional do PHPB da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mencionamos os trabalhos de Afrânio Gonçalves Barbosa e Célia Regina dos Santos Lopes. Afrânio Barbosa produziu um artigo, intitulado “Tradições discursivas e tratamento de *corpora* históricos: desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro”, no qual discute “a operacionalização do

conceito de TD no tratamento das propriedades dos *corpora* para o estudo do português brasileiro” (BARBOSA, 2012, p. 589). Além disso, também com base na orientação das TD e da Linguística de *Corpus*, o autor contribuiu com a formação do banco de dados do PHPB¹. No site encontram-se documentos manuscritos e impressos dos séculos XVIII, XIX e XX, coletados e transcritos por equipes regionais do PHPB.

Célia Lopes, com pesquisas na área da Sociolinguística Histórica, discute a noção de TD e os processos de mudança e variação das formas pronominais. Essa discussão pode ser acompanhada no artigo intitulado “Variação entre formas dos paradigmas de tu-você em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX”, publicado na Revista do Gelne², em 2014. Nesse artigo, em coautoria com Valéria Severina Gomes, um dos pontos tratados pelas autoras é a relevância do conceito das Tradições Discursivas na explicação das mudanças ocorridas no sistema de tratamento pronominal do português brasileiro. Também acerca da relação entre TD e mudança linguística, Célia Lopes já havia publicado, em 2012, o artigo intitulado “Tradição textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas”.

Como mais uma forma de diálogo entre os estudos em TD, a Revista LaborHistórico³, em 2018, publicou dois dossiês temáticos: o primeiro intitulado “Tradições discursivas: faces e interfaces da historicidade da língua e do texto” e o segundo intitulado “Interseções entre a historicidade da língua e a historicidade do texto sob a ótica das tradições discursivas”, ambos organizados por Valéria Severina Gomes e Cleber Ataíde. Os dossiês reúnem arti-

1 Disponível em: <<https://sites.google.com/site/corporaphpb/corpusminimo>>.

2 Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11626/8185>>.

3 A Revista LaborHistórico, cujo editor é Leonardo Lennertz Marcotulio, é uma revista semestral online da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Rio de Janeiro, especializada na área de Linguística Histórica Românica. Está disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh>>.

gos inéditos de autores do Nordeste, de outras regiões do País e do exterior.

Na equipe regional de São Paulo, destacam-se as contribuições de José Simões e Verena Kewitz, no trabalho de composição de *corpora* diacrônicos, à luz das Tradições Discursivas. Considerando as condições de produção dos gêneros em diferentes momentos históricos, como um fator necessário para as pesquisas em análise linguística sócio-histórica, os pesquisadores propõem as seguintes questões para a escolha e edição de documentos para as diversas análises (SIMÕES; KEWITZ, 2010, p. 23-24):

- i. Que documentos foram produzidos no Brasil nas diversas fases de sua história?
- ii. De que tratam esses documentos?
- iii. Para quem foram produzidos? Que relações entre os interlocutores podem ser apreendidas nesses documentos?
- iv. Como compartilhar um *corpus* nacional mínimo, uma vez que as diversas localidades brasileiras tiveram origem em diferentes épocas e não compartilham a mesma história social?
- v. De que maneira e até que ponto esses documentos podem ser considerados representativos da linguagem da época e da localidade?
- vi. Que relações intertextuais podem ser levantadas?

Também em São Paulo, podemos citar Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade (USP) e Sanderléia Roberta Longhin (UNESP). Maria Lúcia tem orientado dissertações e teses que estabelecem interseção entre a Análise Crítica do Discurso e as TD. Dentre as muitas publicações da autora, citamos o artigo intitulado “Marcas de interação na correspondência publicada em jornais paulistas do século XIX” contido no citado livro “Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica”.

Já Sanderléia Longhin, após o estágio de pós-doutoramento feito na Alemanha, sob a supervisão de Johannes Kabatek, publicou um livro elucidativo sobre o conceito de TD, sua aplicação na análise do gênero receita culinária e uma discussão acerca do ensino. O livro foi publicado em 2014, com o título “Tradições discursivas: conceito, história e aquisição”.

Além desses trabalhos na região Sudeste, outros vêm sendo desenvolvidos na região Nordeste, cujo levantamento constitui o enfoque principal deste artigo, e sobre os quais falamos a seguir.

3. Os estudos em TD na região Nordeste

O levantamento feito sobre os estudos em TD na região Nordeste considerou predominantemente a produção acadêmica de teses e dissertações dos programas de pós-graduação. Esse mapeamento não tem a pretensão de reunir todas as produções, mas de apresentar um panorama que expresse o desenvolvimento das pesquisas dessa área temática no Nordeste. Para isso, só serão comentados em sequência alfabética os estados que apresentem produção nessa área, iniciando por Alagoas.

A consulta feita ao site da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)⁴ não revelou um grande número de estudos na área de TD. Esse dado aponta para o caráter inovador dessa área e, conseqüentemente, para a necessidade de mais divulgação. Nesse estado, em diálogo com os estudos em TD, foram encontradas as pesquisas desenvolvidas por Thiago Trindade Matias, que atua na área de História social da linguagem e História social da cultura escrita. Esse autor publicou, em 2018, o artigo “História da carta de leitor: sobre aspectos composicionais, conservação e dinamismo” na

4 Disponível em: <http://www.fale.ufal.br/posgraduacao/ppgll/biblioteca_digital.htm>. Acesso em: 18 jul. 2018.

obra de referência do PHPB sobre TD, que foi mencionada no tópico anterior. As pesquisas de Thiago Trindade Matias têm confirmado a viabilidade de interseção entre a perspectiva da TD e a História social da cultura escrita.

Passando de Alagoas para a Bahia, temos conhecimento de que este estado é um grande celeiro de produção científica nas áreas de Filologia, História social da Língua Portuguesa e Linguística de *Corpus*. A produção é vasta, são inúmeras teses e dissertações defendidas e em andamento e inúmeros pesquisadores formados e engajados nessas áreas. No âmbito da Filologia, entre outros pesquisadores, encontram-se Alícia Duhá Lose, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e Rita de Cassia Ribeiro de Queiroz, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que atuam na área de Crítica Textual e edição de textos, com publicações acerca de edições de documentos históricos baianos.

No âmbito da História Social da Língua Portuguesa e da Linguística de *Corpus*, destacam-se, entre tantos outros pesquisadores, Tânia Freire Lobo, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), com projetos sobre a Sócio-história do português brasileiro. Da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), é importante registrar a existência do Centro de Documentação Albertina Lima Vasconcelos (CEDOC)⁵, com um acervo de documentos sobre a História da Educação na Bahia, especialmente, o acervo do livro didático e os arquivos das escolas extintas ou que funcionaram, a partir de 1940, em Vitória da Conquista e região/Bahia.

Apesar de a Bahia ter essa vasta produção, de ter sediado o VI Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro em setembro de 2004, no qual Johannes Kabatek proferiu a confe-

5 Disponível em: <http://www2.uesb.br/museupedagogico/?page_id=60>. Acesso em: 17 jul. 2018.

rência sobre *Tradições discursivas e mudança linguística* já mencionada anteriormente, e de reconhecer a relevância dos estudos em TD para a historicidade da língua e do texto, no levantamento feito até o momento, não foram identificados estudos específicos correspondentes à área temática das TD. Sobre essa área, encontram-se dois livros de referência: um de autoria de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008), intitulado “Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível”, que traz um tópico sobre “As Tradições Discursivas numa perspectiva histórico-diacrônica”; e outro organizado por Tânia Lobo, Zenaide Carneiro, Juliana Soledade, Ariadne Almeida e Silvana Ribeiro (2012), intitulado “Rosae: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias”, contendo alguns capítulos de autores como Johannes Kabatek e Afrânio Barbosa sobre o tema das Tradições Discursivas.

No contexto cearense, foi no VII Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais-SIGET, organizado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Universidade Federal do Ceará (UFC), ocorrido em Fortaleza/CE, no período de 03 a 06 de setembro de 2013, que foi incorporada em um evento acadêmico, pela primeira vez, a área temática “Gêneros textuais e diacronia da língua”. Nessa área temática, foram incluídas discussões sobre TD em duas modalidades da programação: o simpósio temático intitulado “Manuscritos e impressos para a história dos gêneros e da língua”, coordenado por Marlos de Barros Pessoa (Universidade Federal de Pernambuco-UFPE) e Valéria Severina Gomes (Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE), e uma mesa-redonda intitulada “Gêneros Textuais e Diacronia da Língua”, sob a coordenação de Aurea Zavam (UFC) e com a participação de Alessandra Castilho Costa (Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN), Clélia Jubran (Universidade de São Paulo-USP) e Guiomar Ciapuscio (Universidade de Buenos Aires).

O Ceará, além de ter uma das equipes regionais do PHPB, coordenada por Aurea Zavam, tem dois grupos de pesquisa integrados que atuam conjuntamente na edição e na análise de textos de sincronias passadas: o Grupo de Pesquisa Prática de Edição de Textos do Estado do Ceará – PRAETECE (UECE), coordenado por Expedito Eloísio Ximenes, e o Grupo de Pesquisa Tradições Discursivas do Ceará – TRADICE (UFC), sob a coordenação de Aurea Zavam. Em uma ação conjunta, os dois grupos já organizaram duas edições do Colóquio Nacional de Língua, Documentos e História (CHRONOS). Tanto o primeiro, ocorrido no período de 05 a 07 de junho de 2013, quanto o segundo, realizado no período de 28 a 30 de maio de 2018, possibilitaram frutíferas discussões sobre TD. No seio desses dois grupos e nos programas de pós-graduação das duas universidades, têm emergido várias pesquisas à luz das TD:

- i) A tese de doutorado de Aurea Zavam, de 2009, intitulada “Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornais”, na qual a autora propõe um modelo teórico-metodológico de análise de gêneros a partir do conceito de TD;
- ii) A tese de doutorado de Lucimar Bezerra Dantas da Silva, de 2011, com o título “Carta-crônica: uma tradição discursiva no jornalismo potiguar”, traz a descrição e caracterização da carta-crônica como um gênero discursivo, numa perspectiva sincrônica, e como uma tradição discursiva (TD), numa perspectiva diacrônica;
- iii) A tese de doutorado de Lucineudo Machado, de 2014, intitulada “Latinidade e imagens de si na tradição editorialística do Jornal do Brasil e do Clarín nos séculos XX e XXI: vestígios de mudança e traços de permanência” reconstrói a trajetória histórica do ethos dos enunciadores dos dois jornais enfocados em editoriais publicados, no período de 1945 a 2014;
- iv) A tese de doutorado de Hildenize Andrade Laurindo, de 2015, intitulada “O percurso histórico-discursivo do gênero anúncio publici-

tário em jornais de Fortaleza dos séculos XIX e XX: entre recorrências, variações e transgressões”, assume pressupostos teóricos da Linguística de Texto de base coseriana para identificar aspectos de mudança, variação e recorrência em configurações do contrato de comunicação e das estratégias discursivas empregadas no gênero ao longo dos séculos;

v) A dissertação de mestrado de Maria Coeli Saraiva Rodrigues, de 2011, intitulada “Multimodalidade e tradição discursiva: um estudo sobre o gênero anúncio publicitário”, apresenta a multimodalidade como uma genuína tradição discursiva na constituição dos anúncios publicitários, ancorada na análise de cinquenta e quatro anúncios impressos de carros, veiculados no início da década de 1920 até a primeira década do século XXI;

vi) A dissertação de mestrado de Cínthya da Silva Martins, de 2013, intitulada “Ao rufar das caixas, leia-se o bando: estudo diacrônico da tradição discursiva bando no Ceará (1670-1832)”, traz o levantamento e a edição semidiplomática de noventa bandos de que a autora se valeu para analisar os aspectos contextuais e textuais bem como as mudanças e permanências que caracterizaram a historicidade desse gênero tomado como tradição discursiva;

vii) A dissertação de mestrado de Karina Gomes de Sena, de 2014, com o título “Anúncios publicitários femininos dos séculos XX e XXI; um olhar à luz do paradigma das tradições discursivas”, investe no gênero anúncio publicitário destinado ao público feminino, olhando para aspectos voltados para o texto, verbal e não verbal, bem como para as transformações pelas quais esse gênero passou ao longo do século XX, e o contrasta com exemplares também de revistas femininas do século XXI, numa perspectiva diacrônica textual;

viii) A dissertação de mestrado de Katharine Silva de Oliveira Soares, de 2016, intitulada “Testamentos do século XVIII na capitania do Ceará: um estudo histórico-linguístico”, em que a autora desenvolve a edição semidiplomática de cinco testamentos do século XVIII e

os analisa em duas etapas: filológica e linguística, esta última à luz do conceito de TD;

ix) A dissertação de mestrado de Jorge Luis Queiroz Carvalho, de 2016, com o título “Tradições discursivas em resenhas acadêmicas: mudanças e permanências entre os séculos XX e XXI”, ao analisar o conteúdo temático e as unidades retóricas das resenhas, identifica as regularidades e singularidades que figuram como tradições discursivas na composição de tais textos;

x) A dissertação de mestrado de Ticiane Rodrigues, de 2016, intitulada “Tradições discursivas em gêneros jurídicos: um estudo sobre o gênero denúncia em processos criminais dos séculos XX e XXI”, cumpre o objetivo de descrever e analisar, em função dos propósitos comunicativos e do contexto sócio-histórico, categorias linguísticas e discursivas que apontam traços de permanência e mudança nas quarenta e seis denúncias, peça introdutória dos processos-crimes, tomadas como *corpus* da pesquisa.

Além das dissertações e teses, o grupo do Ceará tem contribuído com outras publicações na área das TD. Podemos citar algumas, a título de ilustração. Aurea Zavam, por exemplo, publicou, em 2017, uma edição revisada de sua tese, intitulada “Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso: um estudo com editoriais de jornais”, e, em 2018, os artigos “O editorial de jornal: revisitando a trajetória de um gênero”, em coautoria com Valéria Gomes, e “Peças introdutórias de processos criminais: um estudo linguístico-histórico”, em coautoria com Adson Rodrigo Pinheiro, membro do Praetece; Lucimar Dantas da Silva publicou, em 2017, nas atas do V SIMELP, realizado em 2015, “Cartas abertas na imprensa de Mossoró-RN: analisando a trajetória de uma tradição discursiva”, e, em 2014, nos anais do XVII Congresso Internacional da ALFAL, “Traços linguísticos recorrentes da Tradição Discursiva carta-crônica no jornalismo potiguar: uma análise diacrônica”. Expedito Eloísio Ximenes e Ticiane Rodrigues Nunes, por sua vez, organizaram e

publicaram, em 2018, a obra “Estudos filológicos e linguísticos na Bahia, no Ceará e em Sergipe”, que reúne artigos de diversos pesquisadores que se dedicam a investigações no âmbito da Linguística Histórica e/ou das Tradições Discursivas.

Na Paraíba, a equipe regional do PHPB, coordenada por Roseane Batista Feitosa Nicolau, tem desenvolvido vários trabalhos na perspectiva das TD. Na interseção entre esse modelo e a Filologia, Roseane Nicolau e Ana Cristina de Sousa Aldrigue publicaram um trabalho com a edição de anúncios da imprensa paraibana, intitulado “Quem o pretender comprar dirija-se a... Coletânea de anúncios paraibanos do século XIX”. O livro foi publicado em João Pessoa, em 2009. Na área da linguística antropológica com ênfase na oralidade e escrituralidade e nos estudos da memória e das tradições culturais, Beliza Áurea de Arruda Mello estabeleceu uma interface com as TD. Entre outras produções, publicou o artigo “Tradições discursivas dos *exempla*: da Idade Média aos folhetos de cordel”, na Revista do GELNE, em 2016.

Sob a orientação de Marlos de Barros Pessoa (UFPE), Maria Cristina de Assis Pinto Fonseca (UFPB) desenvolveu a sua tese de doutorado sobre cartas oficiais paraibanas de sincronias passadas, que culminou na publicação do livro intitulado “A escrita oficial: manuscritos paraibanos dos séculos XVIII e XIX”, em 2005. Também na Revista do GELNE, em 2016, a mesma autora publicou o artigo “Panorama da investigação dos estudos históricos e diacrônicos das línguas e dos textos”, no qual aborda “a perspectiva histórico-diacrônica dos estudos linguísticos, focalizando a constituição de acervos documentais necessários à análise da história da língua” (ASSIS, 2016, p. 289). Em continuidade à rede de pesquisas à luz das TD na Paraíba, outras foram desenvolvidas:

- i) A tese de doutorado de Roseane Feitosa Batista Nicolau, de 2008, intitulada “Forma e sentido: arquetônica dos anúncios da imprensa

paraibana dos séculos XIX e XX”, em que a autora observa a natureza dialógica da língua nas marcas linguístico-enunciativas presentes nos anúncios tomados como *corpus* da pesquisa, bem como traços histórico-evolutivos dessa tradição discursiva;

ii) A tese de doutorado de Carla Alecsandra de Melo Bonifácio, de 2011, com o título “A tradição discursiva e a Gramática do Design Visual no anúncio publicitário”, em que a autora descreve os traços de mudança e de permanência na composição do anúncio de produtos para o público feminino, veiculados na revista O Cruzeiro do século XX (1950-1965), contrastando-os com os anúncios da revista Claudia do século XXI (2000-2010);

iii) A tese de doutorado de Luciene Maria Patriota, de 2011, intitulada “A tradição discursiva livro didático de português: mudanças e permanências ao longo dos séculos XX e XXI”, direciona um olhar sócio-histórico sobre os livros didáticos de modo que o resultado é mostrar que esses materiais didáticos são de fato uma tradição discursiva diretamente relacionada com o contexto educacional;

iv) A tese de doutorado de Mônica Maria Montenegro de Oliveira, de 2011, com o título “Tradições discursivas em anúncios de e sobre moda nos jornais paraibanos do século XIX: relação língua-cultura-sociedade e léxico”, em que a autora identifica, a partir do estudo e análise de anúncios de e sobre moda, veiculados em treze jornais do século XIX, a presença textual dos aspectos sócio-histórico-culturais da língua e do léxico, como marcas do movimento de construção social em jornais paraibanos;

v) A tese de doutorado de Márcia Amélia de Oliveira Bicalho, de 2013, intitulada “Eu escrevão aescrevi: análise das partículas discursivas jurídicas de um processo criminal do século XIX, à luz da linguística textual de base coseriana”, comprova que as partículas discursivas jurídicas, utilizadas pelos escrevões, retomam a época de consolidação de leis criminais genuinamente brasileiras, e, portanto, configuram-se como tradições discursivas jurídicas;

vi) A tese de doutorado de Isabella Cristina Amorim de Lucena Lima, de 2013, com o título “Atenção!!! Vende-se saúde: as tradições discursivas em anúncios sobre medicamentos nos jornais paraibanos do século XIX”, se volta para as tradições discursivas presentes no gênero anúncio de medicamentos e similares de alguns jornais paraibanos do século XIX, ressaltando a importância do contexto histórico-social e econômico da época;

vii) A tese de doutorado de Danúbia Barros Cordeiro, de 2013, intitulada “Traços de permanência e vestígios de mudança no gênero horóscopo: uma análise imagético-discursiva”, volta-se para o discurso do gênero horóscopo em diferentes suportes, em especial, em revistas femininas, atentando para as marcas de mudança e de permanência sócio-histórico-discursivas sofridas ao longo do tempo;

viii) A tese de doutorado de Juliene Paiva de Araújo Osias, de 2014, intitulada “Um estudo discursivo em manchetes necrológicas no jornal A União”, analisa, sob um prisma diacrônico, 15 manchetes de temática necrológica em seus aspectos gráfico-composicional e estilístico, registra mudanças e permanências que ocorreram no gênero, e conclui que o gênero manchete jornalística consiste numa tradição discursiva;

ix) A dissertação de mestrado de Thiago Trindade Matias, de 2009, intitulada “A orientação para o outro: relações dialógicas na constituição do discurso escrito de cartas de leitor do século XIX”, investiga as relações dialógicas marcadas na superfície linguística e os efeitos de sentido resultantes dessa dialogização entre sujeito enunciador e o outro em cartas de leitor publicadas em cinco jornais recifenses da primeira metade do século XIX;

x) A dissertação de mestrado de Danielle Gomes do Nascimento, de 2010, com o título “Tradições discursivas orais: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana”, tomando como referência as rezas portuguesas, apresenta a caracterização do gênero oral rezas populares de cura da

região itabaianense bem como suas variações linguísticas como uma tradição discursiva de cultura oral;

xi) A dissertação de mestrado de Maria Alba Silva Cavalcante, de 2011, intitulada “Topicalização: um estudo histórico sobre a ordem dos constituintes em cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX”, em que a autora descreve e analisa construções de tópico em cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX;

xii) A dissertação de mestrado de Adivânia Franca de Moura, de 2011, com o título de “Tradições discursivas: inovações e conservadorismos em atas de câmaras paraibanas dos séculos XIX, XX e XXI”, identifica as características linguísticas e textuais que mudaram e que permaneceram nas atas das câmaras municipais paraibanas manuscritas, datilografadas e virtualizadas tomadas como *corpus*;

xiii) A dissertação de mestrado de Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças, de 2011, intitulada “Processos de redução linguística em documentos de Tombo dos séculos XIX e XX de Mossoró-RN: uma abordagem diacrônica”, revela que a abreviação é uma característica corrente da escrita da época dos manuscritos, e é principalmente uma tradição da escrita sacerdotal e vai de encontro à ideia de abreviação por economia de papel, ideia bastante difundida em estudos da escrita medieval;

xiv) A dissertação de mestrado de Jailine Mayara Sousa de Farias, de 2012, intitulada “Tradições discursivas: a circularização das vozes na Farsa da Boa Preguiça”, a partir da referida obra de Ariano Suassuna, examina de que forma as tradições discursivas se movimentam através da voz e se ressignificam de acordo com o contexto cultural em que se inserem;

xv) A dissertação de mestrado de Cícero Barbosa Nunes, de 2015, com o título “A tradição discursiva carta pessoal: um olhar sobre o livro didático de língua portuguesa do ensino médio”, direciona a análise a partir do pressuposto de que a carta pessoal, como todo gênero discursivo, possui sua produção a partir da dimensão social

e que sua inserção nas aulas de língua portuguesa pode contribuir para o enriquecimento cultural do aluno;

Entre as publicações da equipe da Paraíba, podemos citar de Maria Cristina de Assis, o artigo “Caracterização linguística de cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX”, de 2005, “A Paraíba dos séculos XVIII e XIX: elementos para uma história social”, de 2006, publicado em um dos volumes da coletânea Para uma história do português brasileiro, “O conceito de tradições discursivas aplicado a estudos em lingüística histórica”, de 2009; de Roseane Feitosa Nicolau, os artigos “Linguagem, tradição discursiva e ensino: novas abordagens sob a ótica sincrônica e diacrônica” e “A arquetônica dos anúncios numa visão histórico-discursiva”, ambos publicados em 2013; e, em coautoria com Ana Cristina Aldrigue, os trabalhos “Abordagem discursivas dos textos propagandísticos da Paraíba no século XIX”, em 2006, e “O gênero edital - das páginas dos jornais para as páginas virtuais: uma análise histórica”, em 2012. Outras pesquisas foram ainda desenvolvidas pelo grupo da Paraíba e encontram-se publicadas, como as que se encontram nos Anais do GELNE.

Podemos dizer que, em Pernambuco, os estudos à luz das TD tiveram início a partir do contato de Marlos de Barros Pessoa, professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com a Linguística alemã em seu Doutorado na Universidade de Tübingen, sob a orientação de Brigitte Schlieben-Lange. Resultou dessa pesquisa o livro intitulado “Formação de uma Variedade Urbana e Semi-oralidade. O caso do Recife, Brasil”, publicado em 2003 na Alemanha. Este pesquisador também tem publicações no âmbito do PHPB, a exemplo do artigo “Da carta a outros gêneros”, publicado em 2002, no qual discute o papel da carta como gênero mãe de muitos outros gêneros com diferentes funções sociais. No intuito de reunir pesquisas que englobassem a historicidade da língua e do texto, ele organizou, em 2005, o livro intitulado “Língua, textos e his-

tória”. Na UFPE⁶, foram defendidas algumas teses e dissertações contemplando o conceito de TD, como as citadas a seguir:

i) A tese de doutorado de Maria Cristina de Assis Pinto Fonseca, de 2003, com o título “Caracterização linguística de cartas oficiais da Parahiba dos séculos XVIII e XIX” recorre à história social para dar suporte ao encaixamento social dos usos linguísticos, considerando o gênero textual, o contexto social e a produção dos textos dentro de uma dada estrutura social.

ii) A tese de doutorado de Valéria Severina Gomes, de 2007, com o título “Traços de mudança e de permanência em editoriais pernambucanos: da forma ao sentido”, acompanha a historicidade do editorial como uma tradição discursiva na dimensão do gênero, analisando a relação gênero e suporte, a organização retórica e os modos de dizer. Essa tese foi publicada na Alemanha em 2010, pela Editora De Gruyter, de Berlim;

iii) A tese de doutorado de Tarcísia Travassos, de 2010, com o título “A transformação histórica do gênero capa de Jornal”, traçou as mudanças e permanências desse gênero do ponto de vista linguístico e multimodal;

iv) A tese de doutorado de Ana Karine Pereira de Holanda Bastos, de 2016, com o título “Anúncios de escravos: traços de mudanças e permanências de tradições discursivas nos jornais do Recife”, reside na averiguação das TD que permaneceram retoricamente situadas nos anúncios de fuga de escravos e quais delas mudaram e migraram para os anúncios de procurados;

v) A tese de Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças, de 2017, com o título “Tradições discursivas do editorial no jornal O Mossoroense”, parte dos pressupostos da linguística românica co-seriana, que tem como fio condutor a ideia de que os textos têm uma historicidade própria e da qual pode haver características contínuas e outras descontínuas;

6 Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

vi) A dissertação de Aldeir Gomes da Silva, de 2018, com o título “Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas do século XX”, aborda aspectos relacionados às tradições discursivas e às noções de gênero, registro e avaliatividade oriundas da Linguística Sistêmico-Funcional.

vii) A dissertação de Elizabeth Christina Cavalcante da Costa (UFPE), de 2019, com o título “Cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX E XX: o comportamento das formas de tratamento *Tu* e *Você* na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto”, pelo viés da historicidade da língua, tem como base teórica o Modelo de Princípios e Parâmetros, no que se refere à historicidade do texto, sob o enfoque das TD.

Na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), há uma vasta produção na área temática de TD, conduzida pelos pesquisadores pertencentes à equipe pernambucana do PHPB, como trabalhos publicados em eventos, artigos, livros e capítulos de livros, projetos e orientações de iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso (TCC), base fundamental para a formação de novos pesquisadores na área. Embora as unidades de Recife e de Serra Talhada da UFRPE ainda não tenham formação em Mestrado e Doutorado, há um número representativo de orientações na graduação que têm estimulado as pesquisas nessa área temática.

No conjunto das produções dessa equipe, o artigo de Valéria Severina Gomes, em coautoria com Célia Regina dos Santos Lopes, de 2016, intitulado “Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática”, discute a distribuição das formas de tratamento nominal e pronominal com base na teoria do Poder e da Solidaridade, a teoria da Polidez, a Tradição Discursiva e a Sociolinguística Histórica. Em um artigo de 2013, intitulado “Uma cartilha subvertida: língua, história e cultura através dos textos”, Valéria Severina Gomes e Rose Mary do Nascimento Fraga avaliam a percepção dos alunos de Letras da

UFRPE acerca da aplicação didática da Historicidade do texto e da língua no Ensino Fundamental.

O conteúdo do artigo mencionado pautou-se em uma cartilha, publicada em 2012 sob o título “Identidade e Memória em Manuscritos e Impressos Pernambucanos: língua, história e cultura através dos textos”. Escrita e organizada por Cleber Ataíde, Thiago Nunes Soares, Tarcísia Travassos Ferreira, Valéria Severina Gomes, Andrea de Souza e Silva e Rose Mary do Nascimento Fraga, foi distribuída gratuitamente nas escolas públicas da região metropolitana do Recife. Essa cartilha contou com recursos do Sistema de Incentivo à Cultura – FUNCULTURA – do Governo do Estado de Pernambuco, com o intuito de levar para a sala de aula reflexões sobre identidade, memória e historicidade da língua e do texto.

Na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST-UFRPE), destaca-se a produção de Cleber Alves de Ataíde na área temática de TD, com artigos publicados em periódicos e em Anais de eventos acadêmicos e capítulos de livro, a exemplo do capítulo intitulado “A notícia de jornal entre conversação e inovação: tradições discursivas e história da língua”, em coautoria com Tarcísia Travassos, publicado em 2018 na obra de referência do PHPB mencionada no tópico anterior; e do capítulo intitulado “A notícia jornalística e as estratégias de textualização da tradição discursiva”, em 2012, na obra “La lengua, lugar de encuentro”, organizada por Ana Maria Cestero Mancera, Isabel Molina Martos e Florentino Paredes García.

Como forma de disseminar as pesquisas na área temática da TD em correlação com outras áreas e de formar um banco de dados de documentos pernambucanos, foi criado o Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc)⁷, coordenado por Cleber Alves de Ataíde, com o apoio da FACEPE, do CNPq e da UFRPE. O LeDoc é um projeto destinado a constituir um banco de

7 O acesso ao site é feito pelo endereço <ledoc.com.br> e o e-mail é <ledoc.pe@gmail.com>.

dados de textos representativos do português brasileiro. O projeto tem a finalidade de contribuir para a coleta, tratamento e análise de textos pernambucanos dos séculos XVIII, XIX e XX. O laboratório tem disponibilizado dados para os estudos diacrônicos e sincrônicos do português em Pernambuco e integrado seus dados aos corpora compartilhados do PHPB. Além disso, o laboratório vem consolidando a ação de um grupo de pesquisadores da UFRPE, além de outros das UFPE, UFPB, UFC, e UFRJ, que desenvolvem investigações em que é possível associar a história social à história da língua e do texto.

Apesar de o Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem ter sido aprovado recentemente em Recife, o levantamento feito até aqui, nas duas unidades da UFRPE (Campus Serra Talhada e Recife), constatou uma expressiva produção na área temática das TD, o que colabora para que o estado de Pernambuco também esteja entre os estados de referência nessa área temática.

O levantamento referente à produção na área temática das TD, no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)⁸, apontou que há vários trabalhos publicados em eventos, artigos, livros e capítulos de livros de autoria de Alessandra Castilho Ferreira da Costa, como por exemplo: “Tradições discursivas em jornais paulistas: análise de anúncios publicitários do século XIX”, de 2009; “Ação - Formulação - Tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa”, de 2012. Essas publicações abordam as dimensões dos modos de dizer (fórmulas, atos de fala, gêneros discursivos, formas conversacionais, entre outros) na composição de diversos gêneros, cujo objetivo é identificar as mudanças na constituição de tradições discursivas e os níveis

8 Disponível em: <<https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?id=65>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

de análise em que tais mudanças ocorrem: textuais, semânticos, pragmáticos, sintáticos, entre outros.

Também no âmbito das produções na UFRN, encontram-se as publicações de Lucrécio Araújo de Sá Júnior, cuja ênfase é a tradição discursiva nas culturas populares, como por exemplo: “Tradições discursivas nas culturas populares: correspondências trocadas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade”, em 2012; “O bendito em manuscritos religiosos populares da primeira metade do século XX ao início do século XXI”, em 2018.

Quanto às dissertações defendidas nessa área temática, estão registradas as seguintes:

- i) A dissertação de Bibiana Jost Perinazzo, de 2015, intitulada “Saibam quantos este virem...”: desenvolvimento linguístico-textual de testamentos norte-rio-grandenses dos séculos XVIII a XX”, analisa transformações e conservações linguísticas e textuais no gênero discursivo testamento. O *corpus* é constituído por 47 testamentos produzidos em Natal e São José do Mipibu nos séculos XVIII a XX;
- ii) A dissertação de Elisângela Tavares Dias, de 2013, intitulada “Em cantos de reis: a tradição discursiva nos autos de Natal”, aponta como se dá a reiterabilidade do texto em dois momentos: o *início* e a *chegada* da jornada em Folias de Reis brasileiras;
- iii) A dissertação de Aucineide Marques de Oliveira, de 2013, intitulada “Vestígios de permanência e mudança dos classificados do jornal Tribuna do Norte (1951-2010)”, propõe um estudo sobre o gênero *classificados*, motivada pelo desejo de compreender como o texto incorpora os vestígios de mudança e como mantém os seus elementos constitutivos ao longo do tempo, a fim de apontar quais são os seus traços característicos;
- iv) A dissertação de Felipe Morais de Melo, de 2012, intitulada “Cartas oficiais norte-rio-grandenses dos séculos XVIII, XIX e XX: constituição e caracterização de um *corpus* diacrônico”, pretende

contribuir com as investigações ligadas à Linguística Histórica no Rio Grande do Norte, de modo mais pontual as atinentes à constituição de *corpora* diacrônicos e às TD, e com o estudo dos documentos oficiais, categoria de gêneros textuais sobre a qual praticamente inexistem estudos.

Foi no Rio Grande do Norte que ocorreram três encontros acadêmicos específicos voltados para a socialização de pesquisas sobre TD e áreas afins, com a participação de pesquisadores do País e do exterior: o **I Simpósio Internacional de Estudos de Tradições Discursivas**, em 2012, foi organizado por Alessandra Castilho Ferreira da Costa, Maria das Graças Soares Rodrigues, Clemliton Lopes Pinheiro, Shirley de Sousa Pereira e Nelson Ferreira. O **II Simpósio Internacional de Estudos de Tradições Discursivas**, em 2014, foi organizado por Alessandra Castilho Ferreira da Costa, Maria das Graças Soares Rodrigues, Sulemi Fabiano Campos e Maria Angélica Furtado da Cunha. O **III Simpósio Internacional de Estudos de Tradições Discursivas**, em 2017, foi organizado por Alessandra Castilho Ferreira da Costa. Em vista dos estudos desenvolvidos no Rio Grande do Norte, este estado torna-se um dos polos de referência para os estudos em TD.

No estado de Sergipe também há uma equipe regional do PHPB, coordenada por Sandro Marcio Drumond Alves Marengo, que apresenta várias atividades e produções com ênfase na Filologia e na Linguística de *Corpus*. No artigo intitulado “Para uma história do português brasileiro em Sergipe: organizando as fontes manuscritas e suas edições”, de 2016, Sandro Marcio Drumond Alves Marengo e Raquel Meister Ko. Freitag apresentam o propósito do PHPB/SE de descrever a realidade linguística do português de Sergipe dos últimos três séculos e o tratamento dos *corpora* levantados em arquivos históricos.

No que diz respeito aos estudos em TD, encontramos o artigo de Renata Ferreira Costa, intitulado “Interface entre Filologia e Tradições Discursivas: Estudo da *Dedicatória* de um Códice do Século XVIII”, publicado em 2016, no qual a autora utiliza os procedimentos filológicos e o conceito de TD para abordar as marcas tradicionais da *Dedicatória*. Renata Costa tem uma vasta publicação no campo da Filologia e coordena o Grupo de Estudos Filológicos em Sergipe (GEFES)⁹, vinculado ao PHPB/SE e à Universidade Federal de Sergipe, cujo objetivo é preservar e resgatar textos manuscritos de Sergipe e disponibilizá-los através de edições semidiplomáticas e críticas. O resultado do levantamento de Sergipe revelou um estado produtivo no campo da Filologia e da Linguística Histórica e com sinais introdutórios do conceito de TD, como uma perspectiva agregadora e prospectiva para futuras pesquisas.

Apesar de somente as dissertações e teses refletirem um quantitativo preciso (no total, 19 dissertações e 17 teses), pois, como salientamos, nem todos os artigos e livros que abordam a temática das TD foram referidos, os trabalhos mencionados sinalizam para o vigor desse campo do conhecimento. Vale ressaltar ainda que esse campo é relativamente novo, pois as ideias começaram a ser efetivamente difundidas no Brasil, como já dissemos, por ocasião do VI Seminário do PHPB, em 2004, portanto há somente 15 anos. Sem falar das várias pesquisas que estão em curso e de tantas outras que ainda virão como fruto dessa fecunda parceria entre pesquisadores que abraçaram o conceito de TD como aporte para suas investigações.

4. Considerações finais

Com base no conceito de TD não só nos comunicamos por meio do nosso conhecimento de uma gramática, mas também do

⁹ Disponível em: <<https://gefesblog.wordpress.com/phpbse/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

nosso conhecimento de formas textuais, dos gêneros e dos modos de dizer que se repetem. Daí emerge a contribuição do conceito de TD, não só para a Linguística Histórica e a Filologia, mas também para outras perspectivas de estudos linguísticos que tenham por base a historicidade dos gêneros e dos seus modos tradicionais de composição em diferentes dimensões, tais como: as marcas linguísticas que identificam determinados grupos sociais, o estilo, a tipologia textual, a multimodalidade entre outros aspectos. Considerando essas múltiplas possibilidades de aplicação do conceito, para conduzir a discussão neste capítulo, partimos dos seguintes objetivos: apresentar a relevância e a difusão do conceito de TD; situar historicamente as pesquisas realizadas sobre TD no Brasil e principalmente no Nordeste; e fazer um levantamento de produções acadêmicas da área nos programas de pós-graduação do Nordeste.

A discussão proposta foi dividida em dois tópicos. No primeiro fizemos uma retomada da introdução do conceito de TD no Brasil, por meio do intercâmbio entre pesquisadores alemães e brasileiros, cuja porta de entrada foi o projeto nacional Para a História do Português Brasileiro (PHPB), coordenado pelo professor Ataliba de Castilho. Dos encontros, eventos e reuniões desse grupo de pesquisa na Bahia, em São Paulo, na Paraíba e em Alagoas, o conceito foi se difundindo mais fortemente nas regiões Sudeste e Nordeste.

No segundo tópico, partimos de algumas pesquisas que têm ampliado a discussão acerca das TD para apresentar um levantamento das produções científicas dessa área temática na região Nordeste. O conteúdo apresentado aqui é um recorte dos muitos estudos que buscam apoio no conceito de TD para elucidar e refletir sobre diversas práticas comunicativas e diversos usos da língua em diferentes contextos sócio-históricos. Esse levantamento apontou para a operacionalização do conceito de TD no tratamento dos *corpora*, na análise do discurso, na história social da cultura escrita,

na história social da Língua Portuguesa e nas culturas populares orais. Uma das perspectivas possíveis de desdobramento para esses estudos é transposição desses conhecimentos para a sala de aula. Certamente motivar os alunos, seja da educação básica ou do ensino superior, a refletirem sobre a dinâmica da historicidade da língua e dos textos poderá contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa.

Por fim, foi possível constatar que a difusão dessa área temática no Nordeste não é igualitária, há estados como Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte que se configuram como polos de referência em estudos em TD. Por outro lado, há estados, em que há trabalhos pontuais de contato entre os estudos em TD e áreas afins e há estados em que essa área temática ainda não teve a mesma projeção que nos estados mencionados. Com esse levantamento, esperamos ter contribuído com a apresentação do estado da arte dos estudos em TD, que partiu das leituras introdutórias de base alemã às inúmeras pesquisas brasileiras, com ênfase no Nordeste, que podem nortear os novos estudos nessa área temática. Queremos antecipadamente apresentar as nossas desculpas por não termos contemplado todos os trabalhos, mas os limites do capítulo nos levaram a compactar essas informações. Esperamos o contato dos colegas com comentários e sugestões que possam ampliar a nossa rede de estudos dentro e fora do Brasil, onde há diversas pesquisas sob a perspectiva das Tradições Discursivas.



CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA APLICADA PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA

Maria Auxiliadora Bezerra (UFCG)
Maria Augusta Reinaldo (UFCG)

1. Introdução

É do conhecimento de todos que estudam língua/ linguagem que a Linguística Aplicada (LA) é objeto de discussões epistemológicas desde sua gênese, em meados do século XX (o incômodo do adjetivo ‘aplicada’, a natureza científica e inter-, trans-, in-disciplinar, os conceitos, o objeto de estudo, os objetivos, as bases teóricas, o papel do linguista aplicado são alguns dos aspectos em debate). Essas discussões atestam, por um lado, o papel de destaque da LA para os estudos da linguagem e, por outro, a efervescência da área alinhada ao *modus vivendi* atual (pós-moderno, globalizado, sem fronteiras...).

Nesse contexto, podemos compreender o percurso da LA, partindo da concepção de um campo de *estudo disciplinar*, de um objeto único (ensino de língua estrangeira – década de 1970), alimentado pela Linguística, que se amplia, posteriormente, com o estudo sobre ensino de língua materna e sobre problemas humanos advindos dos usos da linguagem (CELANI, 1992). Deixando

seu campo disciplinar, a LA passa a ser concebida como campo de *estudo interdisciplinar* – porque fundamentado em teorias psicológicas, sociológicas, antropológicas, pedagógicas, além das teorias linguísticas voltadas para o enunciado e para a enunciação (década de 1980 e 1990) –, até chegar à concepção de campo dedicado ao estudo dos usos da linguagem em seus diversos contextos sociais: escolar, profissional, cultural, empresarial, jurídico, de minorias, de excluídos socialmente... (a partir, sobretudo, da década de 2000).

Vemos assim uma grande ampliação do escopo da LA, abrangendo quase todas as atividades humanas e, conseqüentemente, tornando-se uma área de *estudo transdisciplinar* (SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998), ou *transgressiva* (PENNYCOOK, 2006) ou *indisciplinar* (MOITA LOPES, 2013, 2006)¹: área de estudos que não se circunscreve a limites disciplinares, numa visão cartesiana de ciência, mas se propõe produzir conhecimento e explicar/descrever/analisar as relações entre linguagem e sociedade, com vistas a compreender a sociedade e não a entender a linguagem (MENEZES, 2014; MOITA LOPES, 2015). Para isso, os construtos teóricos, metodológicos e analíticos necessários ao estudo do objeto de pesquisa advêm de disciplinas diversas, que possibilitem ao pesquisador chegar às respostas que busca, o que, a nosso ver, não anula seu caráter interdisciplinar. Tal abrangência de estudos não elimina a vertente da LA voltada para ensino de línguas (estrangeira, segunda língua e língua materna), como constatam Menezes, Silva e Gomes (2009), em pesquisa realizada sobre a produção desse campo de estudos: os temas *metodologia de ensino de línguas estrangeiras e formação de professores e educação em língua materna* têm destaque na produção acadêmica identificada.

1 Muitas são as obras publicadas a respeito da natureza da LA e suas contribuições. A título de exemplo, temos, no Brasil, Moita Lopes, 2013, 2006; Pereira; Roca, 2009; Kleiman; Cavalcanti, 2007; Fortkamp; Tomitch, 2000; Signorini; Cavalcanti, 1998; Paschoal; Celani, 1992.

Neste capítulo, temos como objetivo identificar as contribuições da produção científica da região Nordeste na área de estudos em LA relacionados ao ensino de Português, como língua materna.

2. Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento deste capítulo, procedemos a um levantamento de (1) artigos publicados em revistas acadêmicas e em anais de eventos e (2) dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação nas áreas de Letras ou Linguística das universidades públicas e de instituições particulares, sediadas em nossa Região.

Consultamos o Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES², os portais dos Programas de Pós-graduação³ (para acessar os trabalhos que não se encontram nesse Catálogo) e os portais das revistas acadêmicas desses programas, no período de 1998 a 2017 (20 anos). Para a seleção dos dados de análise, estabelecemos os seguintes critérios: os trabalhos deveriam versar sobre português, como língua materna, e ter no título e/ou nas palavras-chave os termos (1) 'ensino de língua portuguesa ou de língua materna ou de português', (2) 'leitura' e/ou 'produção de textos orais ou escritos' e (3) 'conhecimentos linguísticos' ou 'estudos gramaticais'. Em seguida, lemos seus resumos – para verificarmos se seus autores indicavam sua filiação à LA ou se apresentavam referências bibliográficas dessa área do conhecimento –, a introdução, a análise e a conclusão, para verificarmos a contribuição dada ao ensino de Português.

Identificamos 105 artigos, dos quais 45 foram publicados em revistas acadêmicas e 60 em anais (ver quadro 01 com a identificação desses veículos de publicação); 14 teses e 341 dissertações

2 Endereço: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

(sendo 101 de mestrado acadêmico e 240 de mestrado profissional⁴), conforme demonstra a tabela 01.

Quadro 01 – Revistas acadêmicas e anais de eventos com artigos sobre ensino de Língua Portuguesa

| Instituições | Revistas | Publicações | Anais | Publicações |
|--------------|--------------------|-------------|---------------------------|-------------|
| GELNE | Revista do GELNE | 1999-2016 | Jornada nacional do GELNE | 2002-2017 |
| | | | ECLAE ⁵ | 2012-2015 |
| UFAL | Leitura | 2011 | | |
| UFC | Entrepalavras | 2013-2017 | | |
| UFMA | Littera | 2015 | | |
| UFCG | Leia Escola | 2009-2017 | | |
| UFPB | Graphos | 2003-2004 | | |
| UFPE | Investigações | 2001-2009 | | |
| UERN | Diálogo das Letras | 2012 - 2017 | | |

Fonte: As autoras, 2018.

Os artigos identificados relatam pesquisas realizadas na região Nordeste, que contribuem para o ensino de língua portuguesa. Assim, não consideramos aqueles que, mesmo voltados para o ensino dessa língua, foram produzidos em outras regiões do País.

4 O Trabalho de Conclusão do Mestrado Profissional pode ser apresentado em diferentes formatos, conforme a Portaria Normativa nº17/2009/CAPES, no entanto os trabalhos que compõem nosso corpus estão registrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES como dissertações, denominação adotada neste capítulo. Recentemente, as Portarias nº1 e nº2/2018/CG determinam que esse trabalho de conclusão seja, obrigatoriamente, de natureza interventiva.

5 ECLAE - Encontro de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino – evento itinerante promovido pelo GELNE.

Tabela 01 – Produção acadêmica sobre ensino de Língua Portuguesa – 1998 a 2017

| Instituições | Produção Acadêmica | | | | | |
|--------------|--------------------|---------------|-------|------|--------------------|-----------------------|
| | Artigo | | | Tese | Dissertação | |
| | Revista | Anais | | | Mestrado Acadêmico | Mestrado Profissional |
| | | Jornada GELNE | ECLAE | | | |
| GELNE | 06 | 29 | 31 | - | - | - |
| UFAL | 02 | - | - | - | - | - |
| UFBA | - | - | - | 04 | 01 | 01 |
| UEFS | - | - | - | - | - | 08 |
| UESB | - | - | - | - | 03 | - |
| UESC | - | - | - | - | 05 | 09 |
| UNEB | - | - | - | - | - | 31 |
| UECE | - | - | - | - | 02 | - |
| UFC | 07 | - | - | 02 | 11 | 20 |
| UFMA | 02 | - | - | - | - | - |
| UFPB | - | - | - | - | - | 28 |
| UFCG | 12 | - | - | - | 12 | 24 |
| UFPB | 02 | - | - | - | 21 | 40 |
| UFPE | 04 | - | - | - | 02 | - |
| UNICAP | - | - | - | - | 06 | - |
| UFPI | - | - | - | - | 11 | - |
| UERN | 10 | - | - | - | 05 | 30 |
| UFRN | - | - | - | 08 | 21 | 28 |
| UFS | - | - | - | - | 01 | 21 |
| TOTAL | 45 | 29 | 31 | 14 | 101 | 240 |

Fonte: As autoras, 2018.

Para a análise desse conjunto de textos, identificamos os objetos de pesquisa relativos ao ensino de língua portuguesa que foram estudados e os postulados teóricos que os fundamentaram. Contextualizamos nossa análise, realizando uma retrospectiva da pós-graduação em Letras e Linguística no Nordeste.

3. Histórico da Linguística Aplicada nas pesquisas sobre língua/linguagem no Nordeste

Os primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu* na área de Letras e Linguística, no Nordeste, surgiram na década de 1970, quando o sistema de pós-graduação (incluindo cursos de mestrado, doutorado, especialização e aperfeiçoamento) foi instituído no Brasil, atendendo ao I Plano Nacional de Pós-graduação (I PNPG, 1975-1979), com vistas, inicialmente, a formar pesquisadores, docentes e profissionais em volume e diversificação e, em seguida, a encaminhar e executar projetos de pesquisa, assessorando o sistema produtivo e o setor público (BRASIL,s.d.), entre outros interesses.

Com a institucionalização do sistema de pós-graduação, as áreas do conhecimento foram se definindo e estudos de língua e literatura passaram a constituir uma grande área (ainda hoje em vigor, ao lado de artes: Linguística, Letras e Artes⁶). A LA, entendida, à época, como aplicação da Linguística – dita teórica – (especificamente o Estruturalismo), constituiu-se como subárea da Linguística. Em outras palavras, a LA (na década de 1970), por não ter um arcabouço teórico próprio, não tinha existência independente e seus estudos eram realizados de forma unidirecional: da Linguística para a Linguística Aplicada.

Nesse sentido, os Programas de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na década de 1970, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Federal do Ceará (UFC), na década de 1980, conduziam seus estudos e pesquisas voltados para a descrição da língua, apoiados em teorias linguísticas de natureza estruturalista. As pesquisas em LA eram raras e quando

6 Uma reconfiguração das áreas de conhecimento é discutida e desejada entre as associações científicas que estudam a linguagem e as instâncias de fomento à pesquisa, mas ainda não se efetivou de fato.

ocorriam estavam voltadas para o ensino de línguas estrangeiras (especificamente, o Inglês), refletindo suas origens: aplicação da Linguística ao ensino de Inglês como língua estrangeira, que muito influenciou os pesquisadores brasileiros, com pós-graduação em instituições inglesas ou norte-americanas.

À medida que as pesquisas sobre língua/linguagem se desenvolviam nas universidades do Sudeste brasileiro, principalmente, no eixo São Paulo-Rio de Janeiro, docentes universitários do Nordeste buscavam ali seus estudos pós-graduados, ou se dirigiam a países onde as pesquisas em Linguística e/ou LA estavam mais avançadas. A volta desses docentes às suas instituições de ensino resultava em criação de cursos de mestrado, realinhamento dos já existentes e/ou criação de outras linhas de pesquisa nesses cursos. Assim, vemos a criação da pós-graduação na área da linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), na década de 1990; na Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Federal de Sergipe (UFS), na década de 2000; e, a título de exemplo, a reorientação do Programa da UFBA (antes Mestrado em Letras, que passou a ser Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, na década de 1990, e atualmente está desmembrado em dois Programas: Língua e Cultura e Literatura e Cultura).

Em relação ao ensino de Português como língua materna, na condição de objeto de pesquisa, foi, de fato, na década de 2000 que os estudos se ampliaram, abordando descrição de como se propunha o ensino ora em materiais didáticos, ora na sala de aula, à luz da LA centrada no objeto 'ensino'.

Essa preocupação com o ensino de língua materna levou à criação de linhas de pesquisa em programas já instituídos, tais

como Linguística Aplicada, na área de concentração Linguística e Práticas Sociais, do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB; Análise de práticas de linguagem no campo do ensino, na área de concentração Linguística, do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE; e Linguística Aplicada, na área de concentração Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC; e à criação do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em 2004, apoiados na LA.

A denominação das áreas de concentração e das linhas de pesquisa dos Programas de Pós-graduação voltados para o estudo da língua/linguagem leva-nos a interpretar a LA ainda como dependente de teorias linguísticas. Retomamos as linhas de pesquisa citadas no parágrafo anterior (Linguística Aplicada, no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB; Análise de práticas de linguagem no campo do ensino, na área de concentração Linguística, do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE; Linguística Aplicada, na área de concentração Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC) e citamos ainda outras: linha de pesquisa Gramática e Léxico: descrição e ensino, na área de concentração Linguística do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPI; e linha de pesquisa Linguística Aplicada na área de concentração Linguística do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFAL.

Nesse conjunto de Programas de Pós-graduação, vemos que há linhas de pesquisa denominadas, explicitamente, Linguística Aplicada, pertencentes à área de concentração denominada, também explicitamente, Linguística (é o caso da UFAL, da UFC e da UFPB). Além disso, há linhas que, embora não se denominem Linguística Aplicada, apresentam em sua descrição propostas de estudos que remetem à LA e estão incluídas na área de concentração Linguística (é o caso da UFPE e da UFPI). Essa forma de estrutura organizacio-

nal nos leva a inferir que a LA ainda é entendida nesses Programas como dependente da Linguística. Aliás, essa parece ser a visão das instituições de fomento à pesquisa CAPES e CNPq, expressa na classificação geral das áreas de conhecimento, em que aquela (LA) é subárea desta (Linguística).

Em sentido contrário, vai a estruturação das áreas de concentração e linhas de pesquisa dos Programas de Pós-graduação da UECE (criado em 1998) e da UFRN (criado em 1994): no primeiro, a Linguística Aplicada denomina o Programa, e a área de concentração é intitulada Linguagem e interação, à qual pertence a linha de pesquisa Linguagem, tecnologia e ensino; no segundo, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN), a área de concentração denomina-se Estudos em Linguística Aplicada e contém a linha de pesquisa Estudos de Práticas Discursivas, onde se encontram o ensino de língua e a formação do professor como objetos de pesquisa. Essa articulação entre área de concentração e linha de pesquisa demonstra uma compreensão da LA como independente da Linguística.

Entretanto, vale salientar que essa configuração dos Programas de Pós-graduação nem sempre reflete os estudos realizados pelos pesquisadores a eles vinculados. Ou seja, há pesquisas em LA que não são aplicação da Linguística e há pesquisas voltadas para o ensino de língua fundamentadas em teorias não linguísticas (tais como Psicologia cognitiva e Sociologia). Isso reflete o dinamismo das pesquisas que não se deixam aprisionar pelos rótulos dos Programas.

Voltando ao nosso foco, constatamos que o interesse pelo ensino de língua e pela formação do professor como objetos de pesquisa ampliou-se na década de 2000, embora as pesquisas se voltassem, predominantemente, para a descrição, tendo sido mínimo o número de trabalhos que propuseram uma alternativa efetiva de ensino (perspectiva da LA como solucionadora de problemas). Em

contrapartida, na década de 2010, ocorreu um grande impulso nos estudos sobre esse ensino, proporcionado pela criação do mestrado profissional em Letras⁷ – PROFLETRAS (BRASIL, 2013) – que estabelece, como pré-requisito para a conclusão do mestrado, o desenvolvimento de um produto relacionado à área de ensino/aprendizagem.

É importante frisar que a criação do Mestrado Profissional, com uma área de concentração (Linguagens e Letramentos) e duas linhas de pesquisa (1. Teorias da Linguagem e Ensino e 2. Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes), resultou na dicotomia mestrado acadêmico e mestrado profissional, derivando daí duas situações: instituições públicas que já tinham o mestrado, agora classificado como acadêmico, criaram o profissional (instituições federais: UFPE, UFPB, UFBA, UFC, UFRN, UFS, UFCG; instituições estaduais: UECE, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN (Campus de Pau dos Ferros), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Universidade Estadual do Piauí - UESPI); e instituições públicas que não tinham mestrado acadêmico criaram o profissional (instituição federal: Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; instituições estaduais: UERN (campus de Assú), Universidade de Pernambuco – UPE).

Esse cenário acentuou a tendência dos mestrados acadêmicos, com foco em língua/linguagem, a desenvolverem pesquisas descritivas ou interpretativas sobre esse objeto em detrimento da pesquisa sobre ensino de língua – colaborando, indiretamente, para a permanência de lacunas na formação de profissionais docentes – a qual poderia contribuir, de modo mais eficaz, para a resolução/

7 O Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – é um Curso presencial que conta com a participação de Instituições de Ensino Superior, no contexto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), tendo sua sede na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O PROFLETRAS visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País. (BRASIL, 2013)

atenuação dos graves problemas de ensino e analfabetismo da Região⁸. Assim identificamos mais a LA norteando aquelas pesquisas (descritivas ou interpretativas) e menos as voltadas ao ensino.

Essa tendência foi adquirindo contornos mais definidos à medida que a Didática de Línguas, linha de estudo do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), foi-se divulgando no Brasil⁹, tornando-se a fundamentação teórica principal das pesquisas sobre ensino de língua materna em nossa Região, conforme será demonstrado no item 4, a seguir.

4. Linguística Aplicada e ensino: vertentes teóricas e produção acadêmica no Nordeste

A produção científica que constitui nossos dados demonstra um embasamento teórico advindo, principalmente, de três conjuntos de conhecimento¹⁰: teorias de (multi)letramentos; teorias de gênero; e o interacionismo sociodiscursivo (ISD) proposto por Bronckart (1999). Embora o ISD contemple estudos de gêneros textuais, esses estudos não estão considerados no conjunto de teorias de gênero, mas em um subtópico à parte (4.2), tendo em vista a presença destacada do ISD na produção científica do Nordeste: pesquisas sobre

8 O Nordeste apresenta ainda índices muito elevados de analfabetismo: 54% dos analfabetos do Brasil e 14,5% de pessoas analfabetas com 15 anos ou mais (Dados do IBGE relativos ao ano de 2014 e de 2017, respectivamente).

9 O ISD foi introduzido no Brasil através do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), da PUC de São Paulo, tendo como foco dos estudos a Didática de Línguas, que se preocupava com o ensino/aprendizagem de língua materna, especificamente os gêneros textuais escritos e orais, por meio de sequências didáticas. Essa corrente teórica influenciou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997 e 1998) e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2000).

10 Paralelamente aos estudos em LA, é recorrente a produção de pesquisas que se relacionam ao ensino de Língua Portuguesa, mas fundamentadas em teorias linguísticas diversas, numa perspectiva aplicacionista. São estudos que propõem o ensino de aspectos pontuais da língua, recorrendo a princípios de teorias como Sociolinguística, Fonética e Fonologia, Linguística de Texto, Funcionalismo. Esses estudos perpassam as décadas de 1990 a 2010.

o agir docente, sobre o instrumento de ensino “sequências didáticas” e sobre gêneros textuais (essas duas últimas contribuições influenciadas por Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004). Com menor recorrência, encontramos influência da linguística textual e de teorias funcionalistas (gramática de Givón e gramática sistêmico-funcional de Halliday e Martin), além de outras contribuições teóricas minimamente presentes nas pesquisas sobre ensino de língua materna no Nordeste: teorias argumentativas, análise de discurso, análise crítica de discurso, psicologia cognitiva, sociolinguística, entre outras¹¹, o que comprova a concepção interdisciplinar da LA, nas pesquisas sobre ensino de língua materna em nossa Região.

Considerando as teorias mais recorrentes, dividimos este tópico em dois itens: Linguística Aplicada e teorias de (multi)letramentos e de gênero; e ISD e ensino de língua portuguesa.

4.1. Linguística Aplicada e teorias de (multi)letramentos e de gêneros

Seguindo uma tendência nacional, o ensino de língua materna à luz da LA, no Nordeste, tornou-se objeto de pesquisa tardiamente e tem acompanhado em parte o desenvolvimento epistemológico da área, conforme dados por nós coletados¹². Os poucos trabalhos produzidos nos anos finais da década de 1990, entre os que identificamos, demonstram seguir uma concepção de LA in-

11 Como o espaço de que dispomos para a elaboração do capítulo é restrito, decidimos não abordar essas teorias não recorrentes nos trabalhos realizados.

12 Essa afirmação tem como base dois pontos de vista: o da pesquisa e o da concepção teórica. Do ponto de vista da pesquisa, temos (1) a visão dicotômica, presente em nossas universidades até a década de 1990 aproximadamente, em relação a ensino/professor e pesquisa/pesquisador, a qual resulta em uma desvalorização dos primeiros (entendidos apenas como transmissão/transmissor de conhecimentos) e (2) como corolário, ausência de fomento à pesquisa sobre esse tema, visto que ensino não produz conhecimento. E do ponto de vista teórico, conforme Kleiman (1992, p.30), temos a concepção de que a Linguística Aplicada era uma área de um objeto único (ensino de língua estrangeira).

terdisciplinar, uma vez que associam teorias advindas de outras áreas (voltadas para o estudo da linguagem), mediadas pela LA, para contribuir com o ensino da língua materna. Os objetos de pesquisa eram a leitura e a escrita, e as teorias de suporte eram as cognitivas (por exemplo, GOODMAN, 1985; SMITH, 1989, para a leitura; e HAYES e FLOWER, 1980, para a escrita) e sociointeracionistas (VYGOTSKY, 1979; BRUNER, 1997, entre outros).

Com a divulgação das teorias de cunho social e/ou etnográfico, na década de 2000, os pesquisadores da área de LA no Nordeste, continuando seu interesse pelo ensino de línguas, passam a desenvolver suas pesquisas orientados pelas teorias de (multi)letramento e de gênero, apresentando alternativas de ensino de leitura e de escrita, ou descrevendo livros didáticos de português (e/ou outros materiais didáticos).

Em relação aos enfoques de letramento que orientam as pesquisas em LA, no Nordeste, chamam a atenção as contribuições teóricas referentes a letramentos, a multiletramentos e a multimodalidade.

As pesquisas sobre letramento, desenvolvidas desde que a escrita e a leitura despertaram o interesse dos estudiosos, reconhecendo-as como essenciais numa sociedade grafocêntrica e relacionando-as a práticas sociais e culturais (HEATH, 1983, STREET, 1984, BARTON; HAMILTON, 2000, entre outros), contribuíram com os estudos da linguagem voltados para a descrição de como as pessoas se relacionam com a leitura e a escrita e para a demonstração de que esse relacionamento tem raízes na representação que essas pessoas têm sobre o “conhecimento”. Por isso, o letramento não é um conjunto de técnicas neutras de escrita que um aprendiz recebe do professor e passa a usá-lo¹³; ao contrário, ele resulta de uma reapropriação da leitura e da escrita por parte dos

13 Essa concepção é associada, no Brasil, ao conceito de alfabetização: práticas de ensino pautadas no conjunto de habilidades e competências a ser universalmente transmitido, ou seja, um letramento autônomo, no dizer de Street, 1984.

sujeitos, de acordo com o contexto cultural do qual fazem parte e de acordo com a identidade desses sujeitos, membros de uma dada comunidade (STREET, 2012); em outras palavras, é o letramento ideológico proposto por Street (1984).

Fazem parte das comunidades as práticas de letramento (formas diversificadas de pensar e realizar a leitura e a escrita em contextos culturais variados) e os eventos de letramento (ocasião em que a escrita tem uma função fundamental nos processos de interação e interpretação entre os participantes, podendo o letramento ser observável, como, por exemplo, a construção de um texto). Assim, vemos que o letramento tem como foco a escrita e, em decorrência, o seu ensino nas escolas está associado a contextos sociais e culturais diversos.

Os estudos teóricos sobre letramento, não abordando outros tipos de linguagens que surgem à medida que a tecnologia domina a sociedade, suscitam inquietação em pesquisadores anglo-saxões (grupo conhecido como *New London Group*), preocupados com os rumos do ensino de inglês. Considerando a diversidade linguística e cultural crescente e a multiplicidade dos modos semióticos de comunicação (COPE; KALANTZIS, 2009), esses pesquisadores desenvolveram estudos que ficaram conhecidos como multiletramentos. Seu objetivo está mais voltado ao ensino de inglês para atender às necessidades do mundo atual. Assim, temos o letramento digital, o letramento visual, o letramento crítico, entre outros letramentos, que entraram na proposta pedagógica dos multiletramentos, considerada um currículo que responde às necessidades sociais e culturais dos aprendizes, envolvendo diversidade linguística e cultural, letramentos, multimodalidade, tecnologia.

Nessa perspectiva, os estudos sobre multiletramentos têm um foco mais amplo do que os dos letramentos: não basta voltar-se para a escrita (digital ou impressa), é necessário agora voltar-se também para novas ferramentas, como áudio, vídeo, trata-

mento de imagem, edição e diagramação, e para novas práticas de produção – que requerem inúmeras ferramentas – e de análise crítica (no âmbito do interlocutor), que interroga as razões e propósitos que estão por trás de um sentido ou ação (ROJO; MOURA, 2012, p.21).

Em relação à multimodalidade, como área de estudos que investiga as formas de significação modernas, considerando os modos semióticos envolvidos no processo de representação e comunicação, ela pressupõe que, para a comunicação ocorrer, são necessárias ações envolvendo os participantes do evento comunicativo, que comungam de conhecimentos semióticos comuns (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001).

Defendendo que todo texto é multimodal e que é produzido segundo representações dos seus autores, construídas em seus contextos culturais, pesquisas em LA se dedicam a estudar os modos semióticos (linguagem, imagem, música, gestos, cores, desenhos e tantos outros), como alternativa para desenvolver a capacidade dos alunos de lerem criticamente textos e de desenvolverem os seus próprios, como autores, articulando esses vários modos semióticos.

Relacionando essa afirmação a materiais didáticos, vemos que Kress e van Leeuwen (2006) afirmam que as imagens em materiais escolares passam por uma transição e exercem papéis diversificados: o caráter ilustrativo nos primeiros anos escolares cede lugar a imagens mais técnicas e científicas nos anos seguintes. Assim, esses autores constataam que, nas disciplinas de conteúdo mais humanístico, as imagens têm o papel de ilustração, decoração e informação, daí a presença mais recorrente de desenhos, fotos, pinturas. Já nas disciplinas de conteúdo mais técnico e científico, elas representam os conteúdos curriculares, logo, são frequentes mapas, diagramas, gráficos, infográficos.

Destacam-se, nesse conjunto de investigações sobre letramento, grupos de pesquisa do Programa de Pós-graduação em

Estudos da Linguagem da UFRN, do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB, Mestrado Profissional em Letras da UERN, campus de Mossoró. O quadro 2 apresenta estudos realizados sobre ensino de língua portuguesa à luz da LA, sob influência de postulados do (multi)letramento, pela comunidade acadêmica da área de Letras e Linguística.

Quadro 2 – Produção acadêmica relativa a multiletramentos e multimodalidade, entre 1998 e 2017

| Enfoques teóricos | Domínios discursivos | Gênero / Material didático | Objeto da pesquisa | Foco | | | Anos | |
|-------------------|---------------------------------|-----------------------------|--------------------|------------|----------|---------|------|---------------|
| | | | | Des-crição | Ensino | | | |
| | | | | | E. Fund. | E. Méd. | | E. Sup. |
| Multimodalidade | Jornalístico | Infográfico | Leitura | | X | | | 2015/ 2017 |
| | | Publicidade | Leitura | | X | | | 2017 |
| | | Anúncios | Leitura | | X | | | 2016 |
| | | Textos multimodais diversos | Leitura | | X | | | 2015 |
| | Instrucional/ Entretenimento | Textos multimodais diversos | Leitura | | X | | | 2015 |
| | Entretenimento | Charge | Leitura | X | | | | 2015 |
| | | | | | X | | | 2016 |
| | | Tirinha | Leitura | | X | | | 2015 |
| | Escolar | Livro didático | Leitura | | X | | | 2016 |

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME II

| | | | | | | | | |
|----------------------|--------------------|------------------------------|---------------------|---|---|---|------|---------|
| Multiletramento | Escolar | Livro didático | Leitura | X | | | | 2013 |
| | | | | | X | | | 2015 |
| | Interpessoal | Blog | Escrita | | X | | | 2015 |
| | | Textos do cotidiano | Escrita | | | X | | 2017 |
| | Ficcional | Contos multimodais | Escrita | | X | | | 2015 |
| Escolar | Caderno pedagógico | Leitura e Escrita | | X | | | 2015 | |
| Letramento | Escolar | Livro didático | Escrita | X | | | | 2003/09 |
| | | Material didático | Leitura | X | | | | 2015 |
| | | Aula e formação do professor | Escrita | X | | | | 2008 |
| | Interpessoal | Relato de experiência | Oralidade | | X | | | 2017 |
| Letramento Digital | Escolar | E-mail | Escrita | | X | | | 2014 |
| | | Textos de alunos | Escrita | X | X | | | 2015 |
| | | Software Luz do Saber | Oralidade e Escrita | | X | | | 2016 |
| | | Whatsapp | Leitura | | X | | | 2016 |
| | | | Escrita | | X | | | 2016 |
| | | Quiz digital | Leitura | | X | | | 2015 |
| | Jornalístico | Artigo de opinião | Escrita | | X | | | 2016 |
| | Digital | Textos digitais | Leitura | | X | | | 2015 |
| Webquest | | Pesquisa | | X | | | 2016 | |
| Letramento Literário | Ficcional | Repente | Oralidade | | X | | | 2016 |
| | | Provérbio | Leitura | | X | | | 2017 |
| | | Crônica | Leitura | | X | | | 2016 |
| | | Conto | Leitura | | X | | | 2016 |
| | | Narrativa | Leitura | | X | | | 2016 |

Fonte: As autoras, 2018.

A produção científica fundamentada em teorias de (multi) letramento começa a ser divulgada desde o início da década de 2000 (cf. quadro 2), com pesquisas descritivas sobre material didático e textos multimodais, com o intuito de identificar se essas teorias já influenciavam o material didático utilizado nas escolas e de descrever textos que poderiam fazer parte do ensino de língua portuguesa. Mas é na década de 2010 que a pesquisa se volta, sobretudo, para o ensino, e com o foco na leitura.

Os estudos se situam em domínios discursivos diversos, desde os mais tradicionais, como o escolar e o ficcional, até o digital (preferência dos alunos), passando pelo interpessoal, jornalístico e de entretenimento.

Embora vejamos o interesse pelo letramento literário (com narrativas curtas e longas), a abordagem de textos multimodais e digitais se sobrepõe. A tecnologia digital é explorada como recurso para a aprendizagem da leitura, demonstrando o interesse dos estudiosos em ressignificar a escola, trazendo para seu interior práticas de leitura e escrita, que não se restringem ao verbal.

O ensino da oralidade é praticamente inexplorado pelos pesquisadores (foram identificadas apenas três pesquisas) e o ensino fundamental é o foco principal dessas pesquisas – principalmente, na escola pública. Essa recorrência de investigações nesse nível de ensino deve-se, em grande parte, aos estudos do Mestrado Profissional, que se restringem ao ensino fundamental (foram identificadas 240 dissertações).

Quanto às teorias de gênero (também recorrentes nos nossos dados), oriundas de diferentes contextos sócio-históricos, elas propõem diversos construtos sobre esse artefato, ora

mais voltados para a descrição e análise de gêneros variados, ora mais relacionados à análise e ao ensino. No Nordeste, são bem difundidas as propostas de Bakhtin associadas aos estudos francófonos de J.M. Adam, J.P. Bronckart, entre outros; as propostas sistêmico-funcionais de M. Halliday e de J. Martin; os estudos retóricos de J. Swales, e V. Bathia e de C. Bazerman e C. Miller. As duas primeiras (propostas bakhtinianas com estudos francófonos e propostas sistêmico-funcionais) elegem como foco a análise e o ensino de gênero; os estudos retóricos privilegiam a descrição de gêneros nas esferas sociais em que eles circulam e, quando há preocupação com o ensino, essa se volta, sobretudo, para a academia – seja para o ensino da composição escrita, no âmbito das disciplinas, seja para o ensino de gêneros profissionais (REINALDO; BEZERRA, 2012).

Os estudos francófonos, especificamente interacionistas sociodiscursivos (como veremos detalhadamente no item 4.2), consideram o gênero como formato de ações comunicativas globais e afirmam que, para a produção de um texto, são necessárias representações de uma situação social, que pode ser descrita por um conjunto de parâmetros físicos (emissor, receptor, espaço-tempo do ato de produção) e sociossubjetivos (tipo de interação social em curso, objetivos possíveis nesse quadro, papéis atribuídos aos protagonistas da interação) (BRONCKART, 1999, 2008).

Os estudos retóricos de Swales (1990, 2004) focalizam a forma textual associada a situações socioretóricas e consideram o gênero como construto retórico. Identificam a variedade e mudança nessas situações como determinantes das variações dos traços textuais. Esses estudos partem das formas textuais estáveis como um dado, embora atentem para a relação dos

textos com seus contextos. Nesse sentido, os traços textuais não são vistos como fins em si mesmos.

Os estudos de Bazerman (BAZERMAN; PRIOR [2005] 2007) e Miller ([1984], 2012) consideram o gênero como prática e enfocam os contextos e processos relacionados mais ao uso dos gêneros do que aos gêneros em si, considerando-os como ações, modos de ser, mais do que textos. Nesse sentido, as práticas textuais são consideradas como fundamentais para a ação genérica, razão pela qual essa perspectiva tende mais a descrever a mudança de gênero numa situação particular e a focar mais a sua instabilidade do que a ver o texto como um artefato que provê uma explicação numa dada situação, ou como um texto que representa uma situação, como fazem as perspectivas anteriores.

Têm destaque, nesse conjunto de teorias sobre gênero, grupos de pesquisas do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC (estudos interacionistas sociodiscursivos e retóricos swalesianos), do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB e do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da UFCG (estudos interacionistas sociodiscursivos) e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE (estudos retóricos do gênero como ação, na década de 2000). O quadro 03 demonstra a produção acadêmica voltada para os estudos de gêneros.

Quadro 03 – Produção acadêmica relativa a gêneros textuais, entre 1998 e 2017

| Enfoques Teóricos | Domínios discursivos | Gêneros/ Material didático | Objeto da pesquisa | Foco | | | Anos | | | |
|--------------------------------|----------------------|-------------------------------------|--|-----------------------|-----------|---------|------|---|----------------|------|
| | | | | Des-crição | Ensino | | | | | |
| | | | | | E. Fund. | E. Méd. | | E. Sup. | | |
| Interacionista sociodiscursivo | Jornalístico | Artigo de opinião | Escrita | | X | X | | 2004/07 2015/16 | | |
| | | | Leitura | | X | | | 2015 | | |
| | | Notícia | Escrita | X | | | | 2015 | | |
| | | Reportagem | Escrita | | X | | | 2016 | | |
| | | Diversos | Escrita | | | | X | 2015 | | |
| | Instrucional | Debate Diálogo Exposição oral | Oralidade | | | X | | | 2011 a 2017 | |
| | | | | Divulgação científica | Leitura | | X | | | 2017 |
| | | | | Diversos | Escrita | X | | | | 2015 |
| | Midiático | Anúncio | Leitura | | X | | | 2015/16 | | |
| | Interpessoal | Diversos | Escrita | | X | | | | 2003 | |
| | | | | Autobiografia | Escrita | | X | | | 2016 |
| | | | | Depoimento | Oralidade | | X | | | 2016 |
| | Ficcional | Fábula | Escrita | X | | | | 2016 | | |
| | Digital | Quiz | Leitura | | X | | | 2016 | | |
| | Escolar | Livro didático | Leitura Escrita Gramática A. linguística Oralidade | X | | | | 2003/15 2014/15/17 2013/15 2014/16 2015 | | |
| Retórico | Profissional | Diversos | Escrita | X | | | | 2016 | | |
| Interacionismo e Letramento | Interpessoal | Carta de reclamação | Escrita | | X | | | 2009 | | |
| | Entretenimento | Indicação de filmes | Escrita | | X | | | 2016 | | |
| | Instrucional | Receita | Escrita | | X | | | 2015 | | |
| Socioretórico | Jornalístico digital | Notícia | Escrita | X | X | | | 2013/15 | | |
| | Interpessoal | Carta de reclamação | Escrita | | X | | | 2013 | | |

Fonte: As autoras, 2018.

A produção acadêmica orientada por essas teorias está voltada para a descrição e/ou ensino de gêneros textuais diversos de domínios discursivos instrucional, jornalístico, interpessoal, ficcional, profissional e de entretenimento. Em se tratando de resultados de pesquisa-ação, realizadas em sala de aula, as propostas de trabalho com gêneros se situam, predominantemente, no Ensino Fundamental e, em alguns casos, no Ensino Médio e Superior, e todos os trabalhos são voltados para a escola pública.

O destaque aqui é dado ao ensino da escrita (diferentemente das pesquisas influenciadas pelos postulados do letramento, que destacam a leitura, como vimos), seguido de leitura e oralidade, seja para descrever propostas de ensino, seja para propor alternativas. O trabalho voltado para análise linguística e estudos gramaticais não é recorrente em nossos dados (foram encontrados quatro trabalhos – de 2013 a 2016 – com foco na descrição das propostas de livros didáticos).

Dada a grande incidência de estudos sobre ensino de língua portuguesa orientados pelo ISD, como vemos no quadro 3, essa vertente teórica será abordada no subtópico a seguir.

4.2. Interacionismo Sociodiscursivo e ensino de Língua Portuguesa no Nordeste

Entre os pesquisadores do Nordeste, a LA continua tendo como foco principal o ensino de línguas, mesmo que, nesta década de 2010, essa área do conhecimento tenha se voltado mais para estudos etnográficos de grupos sociais minoritários, numa perspectiva indisciplinar. O interesse pelo ensino de línguas de nossos pesquisadores leva-os a buscarem apoio em teorias que descrevam/ analisem esse ensino. É assim que, com a divulgação, no Brasil, da área da Didática de Línguas (um dos focos do ISD), as pesquisas em LA no Nordeste vão se fundamentando nessa área e não se aliando às tendências pós-modernas da LA de discutir problemas sociais

fundamentados em estudos das ciências sociais e humanas. Ou seja, essas pesquisas não contemplam a possibilidade política de contar “outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade etc.” (MOITA LOPES, 2006, p. 27). Assim, mesmo que seus autores reconheçam que suas pesquisas se filiam à LA (informação identificada tanto em resumos de pesquisas de pós-graduação, quanto em resumo ou introdução dos artigos), verificamos que se trata de uma LA “tradicional”, se comparada às tendências pós-modernas de LA.

Entre outros estudiosos, Mazzuco (2015) afirma que sua tese se desenvolveu no campo da LA e foi influenciada pelos princípios das sequências didáticas, propostas por Dolz, Noverraz e Schneuwly; Gonçalves (2016) informa, em sua dissertação, que sua pesquisa está situada nas discussões da LA e fundamenta-se nas contribuições teóricas do ISD; e Caetité (2017) declara que seu estudo se realizou sob a perspectiva dos princípios do ISD e da LA. Ou seja, parece estar em curso um processo de acomodação teórica: o ISD, com destaque para a Didática de Línguas, passando a ser parte integrante da LA, concebida como interdisciplinar.

O ISD é um quadro teórico que entende as condutas humanas como “ações situadas cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de mais nada, um produto da socialização” (BRONCKART, 1999, p.13). Assim, as ações verbais são compreendidas como mediadoras e constitutivas do social, em que interagem múltiplos e diversos interesses, valores, conceitos, teorias, objetivos e significações de si e dos outros: “a ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem” (BRONCKART, 1999, p.42).

Ao relacionar-se a ensino de línguas, esse quadro teórico contribuiu para o desenvolvimento da disciplina Didática de Línguas

(existente nos países de língua francesa desde a década de 1970¹⁴), ampliando seu escopo: não se restringe a abordar o que se ensina, nem como se ensina uma dada língua, mas passa a se preocupar também com questões ligadas ao contexto desse ensino (DOLZ, 2016).

Assim, ainda de acordo com esse autor, é do interesse da pesquisa sobre ensino verificar as circunstâncias e os condicionamentos (psicológicos, históricos, socioculturais e outros) em que ocorre esse ensino, seu público-alvo e a formação/atuação do professor. Esses três aspectos são interligados e correspondem aos três polos do triângulo didático – saber, alunos e professor – os quais fazem parte de um contexto maior, representado pelos meios educacional, científico e social em geral, que exercem influência convergente ou divergente sobre a prática de ensino.

Um instrumento que demonstra influência convergente sobre essa prática é a sequência didática de gênero, proposta por Dolz, Noverraz; Schneuwly (2004), pois facilita a aquisição/apropriação de gêneros pelos alunos. A sistematização de atividades escolares em torno de um gênero oral ou escrito de circulação social promove a convergência entre o que a escola ensina (meio educacional), o saber de referência (meio científico) e o uso efetivo do gênero (meio social), contribuindo para que o aluno venha a falar ou escrever adequadamente numa dada situação comunicativa.

Além do interesse pelo ensino de línguas, o ISD também estuda o trabalho docente, observado em duas dimensões: a da linguagem no/como trabalho e a da linguagem sobre o trabalho. Nesse sentido, a análise do trabalho docente procura compreender as ações desenvolvidas pelo professor e sua reconfiguração (interpretação, avaliação) sobre seu agir. Para o desenvolvimento dessa análise, o ISD recorre às ciências do trabalho, como orientação epistemológica, investigando não só como o professor enuncia a

14 A Didática de Línguas exerce, em países francófonos, importante papel no ensino de língua materna, assim como a LA o faz no Brasil com o ensino de Língua Portuguesa.

organização de seu trabalho, mas também como ele explicita os impedimentos e conflitos que o conduzem, por vezes, a não realizar o trabalho planejado ou prescrito (CLOT [1999] 2007; AMIGUES, 2004).

No nosso conjunto de dados, constatamos maior recorrência do ISD fundamentando os estudos produzidos por pesquisadores dos Programas de Pós-graduação em Linguística da UFC, da UFPB e da UFCG (influência já mencionada no tópico 4.1) e dos Mestrados Profissionais da UFRN, UERN, UFPB, UFCG e UFPE, quer abordando sequências didáticas, quer explorando o agir docente.

As sequências didáticas, entendidas como “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, buscando “dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97 - 98), constituem recursos didáticos que viabilizam o aprendizado de gêneros textuais pelos alunos. No entanto, esse conceito passou por transformações entre os pesquisadores brasileiros, que o ampliaram, e ao modelo original foram acrescentados módulos ligados à leitura prévia do gênero a ser estudado (para familiarização dos alunos), módulos sobre análise linguística (para estudo das estruturas linguísticas adequadas ao gênero em foco) e etapa de circulação social do texto produzido (para divulgação da versão final do texto). É assim que encontramos SD para o ensino-aprendizagem de gêneros orais e escritos e sequência didática para o ensino de unidades linguísticas, incluindo a divulgação do texto produzido (REINALDO e BEZERRA, 2019).

Orientados por essas sequências, há trabalhos produzidos no Nordeste que abordam gêneros orais, escritos, multimodais e digitais, como possibilidades de desenvolver a competência de compreensão e produção de textos dos alunos. Entretanto, verificamos que, em pesquisas voltadas para o ensino, principalmente no âmbito do mestrado profissional, a análise dos resultados da SD demonstra

uma visão parcial desse instrumento didático, no sentido de que considera, prioritariamente, o domínio ou a apropriação, por parte dos alunos, do componente composicional, sem enfatizar os demais elementos do gênero (a situação comunicativa e os componentes temático e linguístico). Assim, a análise não mostra a SD como atividades escolares sistemáticas sobre um gênero, com o intuito de proporcionar aos alunos “acesso a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis” (no dizer de DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97 - 98), mas focaliza o aspecto formal, estrutural do gênero, levando-nos a perceber uma análise parcial dos dados.

Em relação à temática do agir docente, encontramos pesquisas que colaboram para a reflexão sobre a relação entre o trabalho prescrito, planejado e realizado durante as ações docentes, identificando o que ocorre entre o planejamento e a execução das ações docentes nas aulas de português, que leva os professores a reduzirem, ou a não realizarem, o planejado. Os profissionais acabam por privilegiar um dado aspecto do ensino (escrita, leitura, oralidade ou análise linguística), ou por reduzir sua atividade ao aspecto estritamente conteudístico (estrutura textual, classes de palavras, convenções da escrita, entre outros), desprezando os aspectos sócio-históricos e culturais previstos no planejamento. Em outras palavras, o meio educacional (que, às vezes, não proporciona os recursos necessários ao ensino/aprendizagem) e o meio social em geral (que se apresenta, por vezes, de forma hostil ao papel da escola na comunidade) podem interferir na ação do professor, levando-o a não atingir seus objetivos.

Esse conjunto de pesquisas orientado pelo ISD leva-nos a uma reflexão sobre a mudança de interesse da LA, pois, considerando que ela se preocupa cada vez mais com problemas de uso da linguagem em contextos sociais variados e menos com o ensino de línguas, parece-nos que o ensino, como objeto de pesquisa, merece um campo de estudo próprio. Nosso posicionamento encontra apoio na discussão, entre os linguistas aplicados, sobre a conveniência de reconhecerem os estudos sobre ensino e aprendizagem de

línguas – importante dimensão dos estudos da linguagem – como “educação linguística” (MOITA LOPES, 2006; NAME e MIRANDA, 2007; e MENEZES, SILVA e GOMES, 2009).

A “educação linguística” (de inspiração anglossaxônica) se relaciona, a nosso ver, com os estudos francófonos desenvolvidos no Brasil, que propõem uma área de estudo específica para as questões de ensino e aprendizagem de língua: o campo de ensino/aprendizagem de línguas/culturas - EALC (CUNHA e CUNHA, 2011, p.232-244). Esses autores, reconhecendo o interesse atual da LA, defendem que o ensino/aprendizagem de línguas precisa ser investigado a partir de suas próprias problemáticas. Assim, o EALC, conforme os autores, caracteriza-se como:

1) uma disciplina epistemologicamente bem definida – tem objeto próprio e identificado, que é o processo de ensino/aprendizagem da língua/cultura, o qual implica a natureza e o status da língua ensinada e os contextos político, socioeconômico, cultural e institucional onde a língua é ensinada (conforme PUREN, 1999 e 1997);

2) uma disciplina organizada em níveis metadidático, metodológico e técnico – o nível metadidático remete à descrição e especulação da disciplina, envolvendo as operações de observação e conceitualização/teorização, que permitem analisar, descrever e compreender o objeto de estudo e agir sobre ele; os níveis metodológico e técnico remetem à intervenção, por parte da disciplina, sobre o objeto de estudo, pois, apoiada em uma reflexão teórica, a disciplina constrói formas adequadas de agir no ensino (segundo GALISSON, 1994; e CUQ e GRUCA, 2002);

3) uma disciplina com metodologia de pesquisa interpretativista – a disciplina pressupõe um procedimento pragmático de pesquisa, que parte da observação do objeto de estudo, passa pela problematização em contexto e chega à teorização adaptada a esse objeto, ou seja, a teoria não é apriorística, mas construída em função da busca de soluções para o problema em estudo (de acordo com GALISSON, 1999; e PUREN, 1999); e

4) uma disciplina articulada às problemáticas relacionadas à apropriação da linguagem, à elaboração didática e à intervenção didático-pedagógica – a disciplina remete ao triângulo didático, envolvendo os saberes (em um polo), os aprendizes (em outro polo) e o professor (no terceiro polo). Cunha e Cunha (2011) reformulam essa representação triangular, propondo uma intercessão de três círculos, envolvendo áreas de conhecimento necessárias à reflexão didática sobre o EALC (*estudos sobre linguagem, língua, cultura; estudos sobre educação, formação de professor, política educacional; estudos sobre aquisição, aprendizagem, cognição*).

Essas características apontam para um campo de estudo específico e de natureza intrinsecamente interdisciplinar: específico, porque se circunscreve ao ensino/aprendizagem de línguas (e culturas); interdisciplinar, porque, sendo esse ensino/aprendizagem um objeto complexo, implica abordagem que exige, pelo menos, conhecimentos sobre língua/linguagem, sobre educação e sobre psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento.

Podemos afirmar que a preocupação com a instituição de um campo de estudos de ensino/aprendizagem de línguas e suas culturas é identificada no EALC (CUNHA e CUNHA, 2011), na Didática de Línguas (temática do ISD) e na LA voltada para o ensino de línguas. Essa confluência de interesses contribui para que, no Nordeste, pesquisas sobre ensino de Língua Portuguesa se fundamentem na Didática de Línguas, a qual alimenta a LA, em sua vertente interdisciplinar.

5. Conclusões

No Nordeste, a produção científica da LA voltada para o ensino de Língua Portuguesa tem como foco descrição de materiais didáticos e de práticas de ensino; estratégias para o ensino dessa língua (voltadas mais para escrita, leitura e oralidade e menos para unidades linguísticas); e formação do professor. A orientação teó-

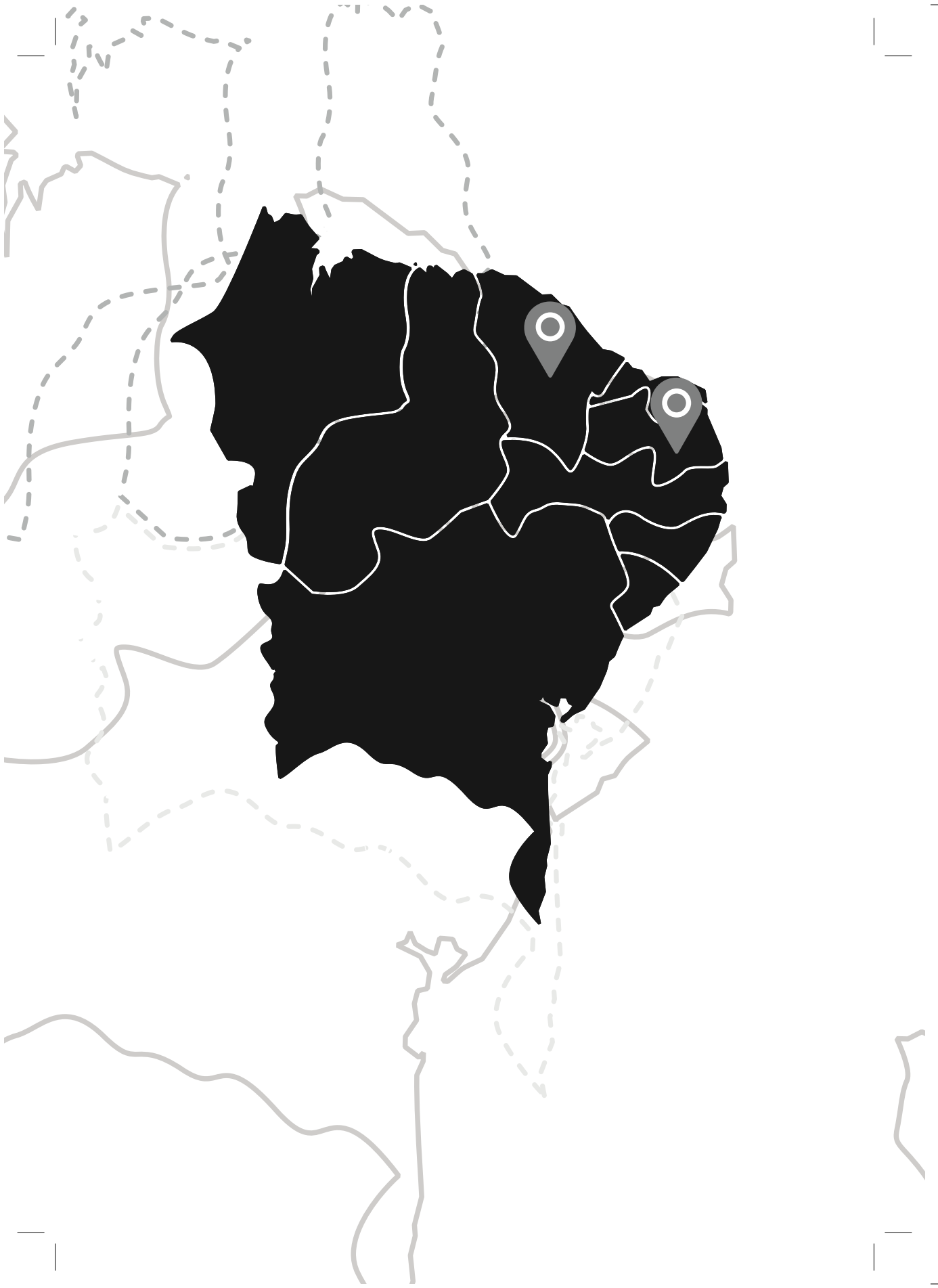
rica para essa produção segue três grandes linhas: as teorias de letramentos e multiletramentos, as de gênero e a didática de língua materna (com ênfase nos estudos de ISD).

As pesquisas descritivas, focalizando materiais didáticos e práticas de ensino efetivadas nas escolas (principalmente públicas) são conduzidas, sobretudo, no mestrado acadêmico. Já as pesquisas-ação, enfatizando propostas de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, se encontram mais no mestrado profissional (exigência do próprio mestrado).

Quanto à área da LA, mesmo que sua concepção atual seja a de área indisciplinar (voltada para as práticas de linguagem nos mais diferentes contextos sociais, orientada por contribuições dos estudos culturais, sociais), essa concepção entre os pesquisadores da região Nordeste parece ainda não ter produzido grande impacto. Embora a LA não se dedique mais exclusivamente ao ensino de línguas, essa vertente continua despertando o interesse dos pesquisadores da nossa Região. Daí a aceitação, entre nós, da Didática de Línguas.

No entanto, no âmbito das pesquisas-ação, fundamentadas na Didática de Línguas e apoiada em SD, verificamos que alguns resultados não são analisados de forma a demonstrarem o funcionamento pleno desse dispositivo, envolvendo o triângulo didático (saber, alunos e professor) no contexto maior do qual faz parte: os meios educacional, científico e social. Ou seja, algumas análises tendem a restringir-se à abordagem do que se ensina e como se ensina (primeiras concepções da Didática de Línguas).

Por fim, embora esses resultados tenham sido analisados parcialmente, não se pode negar a importância das pesquisas em LA – concebida como interdisciplinar – contribuindo para o conhecimento e avanço do ensino de Língua Portuguesa, na região Nordeste. Essa ênfase no ensino reforça a necessidade de uma área de conhecimento voltada para este objeto: seja ela denominada *educação linguística*, seja *ensino/aprendizagem de línguas/culturas*.



A ÁREA DE POLÍTICA E PLANEJAMENTO LINGÜÍSTICO: AS PRÁTICAS DE PESQUISA

Socorro Cláudia Tavares de Sousa (UFPB)

Maria Elias Soares (UFC)

Cynthia Israelly Barbalho Dionísio (UFPB)

1. Introdução

A Política e o Planejamento Linguístico (doravante PPL) é um campo do conhecimento relativamente recente. O termo “planejamento linguístico” surge pela primeira vez com Einar Haugen, em 1959, na descrição histórica de diferentes ações que visavam à construção de uma língua nacional na Noruega (HAUGEN, 1959). Na época, o planejamento linguístico era compreendido como uma atividade prática de construção de ortografias, dicionários e gramáticas. Essa compreensão se fundamentava no fato de as ações de planejamento se efetivarem no contexto de nações recém-independentes, as quais se caracterizavam pela diversidade linguística, de modo que se fazia necessária a instrumentalização das línguas não gramatizadas.

O interesse dos estudiosos levou ao desenvolvimento de uma área disciplinar na qual foram elaboradas diferentes noções de planejamento/política linguística, como a de Cooper (1989)¹,

¹ Embora a noção de Cooper (1989) seja considerada ampliada para a época, na medida em que sua compreensão de política linguística não se restringia à resolução

Schiffman (1996), Spolsky (2004, 2009) e Shohamy (2006), ampliando cada vez mais o escopo de investigação. Para Cooper (1989, p. 45), “Planejamento linguístico se refere aos esforços deliberados para influenciar o comportamento de outros com respeito à aquisição, estrutura, ou alocação funcional de códigos de linguagem.”². Essa noção diferenciava-se das anteriores porque não se referia apenas à resolução de problemas: incluía o planejamento de aquisição (ampliação do número de usuários), caracterizava o planejamento como uma ação de natureza *bottom-up* (de baixo para cima) e não somente *top-down* (de cima para baixo), e destinava-se a diferentes públicos (indivíduos, grupos menores, nação...) (SOUSA; ROCA, 2015).

A abordagem de Schiffman (1996), por sua vez, relaciona a política linguística à cultura linguística, trazendo para o campo elementos até então não considerados, como “[...] conjunto de comportamentos, suposições, formas culturais, preconceitos, sistemas de crenças populares, atitudes, estereótipos, maneiras de pensar sobre a linguagem e circunstâncias religioso-históricas associadas com uma determinada língua.” (p. 05)³. O referido autor compreende a política linguística como imbricada na cultura linguística, trazendo à baila a relação entre políticas linguísticas implícitas, encobertas (*covert*), e explícitas, evidentes (*overt*), representando, assim, uma virada epistemológica dentro do campo (RIBEIRO DA SILVA, 2013)⁴.

de problemas linguísticos (o que era comum nas definições vigentes), a terminologia utilizada pelo autor é “planejamento linguístico”, expressão mais comumente utilizada na época.

- 2 No original: “Language planning refers to deliberate efforts to influence the behavior of others with respect to the acquisition, structure, or functional allocation of their language codes.” (COOPER, 1989, p. 45).
- 3 No original: “[...] language policy is ultimately grounded in linguistic culture, that is, the set of behaviours, assumptions, cultural forms, prejudices, folk belief systems, attitudes, stereotypes, ways of thinking about language, and religio-historical circumstances associated with a particular language.” (SCHIFFMAN, 1996, p. 08-09).
- 4 Nas palavras do autor, “A proposta de Schiffman constitui um avanço significativo

A proposta de Spolsky (2004, 2009) resolve a “dependência teórica existente entre cultura linguística e política linguística” (SOUSA; ROCA, 2015, p. 21), bem como consolida essa nova epistemologia iniciada por Schiffman (1996) e “[...] rompe com o modelo binário [...] entre a política linguística e o planejamento” (RIBEIRO DA SILVA, 2013, p. 312). Uma das suposições de sua teoria é que a política linguística é constituída de três dimensões autônomas e interdependentes que são: crenças/ideologias – que correspondem aos valores de uma comunidade de fala em relação à(s) língua(s) e suas variedades; práticas – que correspondem aos usos linguísticos realizados no dia a dia pelos membros de uma comunidade; e gestão – que corresponde às ações realizadas por quem se julga na autoridade de modificar as práticas e as crenças/ideologias de outrem.

Ancorada nessa visão expandida de política linguística, Shohamy (2006) elabora a noção de “mecanismos de política linguística”, que diz respeito aos dispositivos encobertos ou explícitos que são capazes de criar, modificar e perpetuar as práticas e as ideologias linguísticas. Esses mecanismos são as “regras e regulamentos”, “educação linguística”, “testes de língua”, “linguagem no espaço público” e “ideologias, mitos, propagandas e coerção”. Na perspectiva da autora, as políticas linguísticas devem ser investigadas através desses mecanismos e não apenas através de documentos oficiais, haja vista esses dispositivos não serem neutros e poderem incorporar agendas ocultas de natureza política, ideológica, econômica e transformar ideologias em práticas e/ou criar políticas linguísticas de fato. O arcabouço teórico de

na medida em que põe em evidência que as políticas não são homogêneas (as diversas divisões administrativas de um país podem formular ou implementar políticas linguísticas diferentes) e que práticas linguísticas implementadas cotidianamente por uma população refletem uma política linguística implícita que, embora não sistematizada, possui regras claras.” (RIBEIRO DA SILVA, 2013, p. 309).

Shohamy (2006) também consolida a virada epistemológica na área (RIBEIRO DA SILVA, 2013).

Essa expansão nas noções de política linguística e outros desenvolvimentos teóricos⁵ transformaram a PPL em um campo disciplinar que tem um objeto de pesquisa próprio e teorias específicas, constituindo-se como uma área autônoma e, ao mesmo tempo, multidisciplinar (RICENTO, 2000).

Há um conjunto de trabalhos que apresentam uma periodização da área no cenário internacional (RICENTO, 2000; BALDAUF Jr., 2012; JERNUDD; NEKVAPIL, 2012; JOHNSON; RICENTO, 2013; RIBEIRO DA SILVA, 2013), bem como um panorama das temáticas, teorias e metodologias recorrentes utilizadas pelos pesquisadores (RICENTO, 2006; JOHNSON, 2013; HULT; JOHNSON, 2015).

No Brasil, identificamos alguns trabalhos que objetivam descrever o campo: i) o de Passoni e Gomes (2016), que discutiu as pesquisas sobre as políticas linguísticas voltadas ao ensino de língua estrangeira realizadas no período de 2007 a 2011, com base em resumos de teses e dissertações; ii) o de Sousa, Paiva e Virgulino (2019), que investigou as principais temáticas em PPL no período de 2013 a 2017, em resumos de teses e dissertações na área da Linguística e Letras; iii) o de Sousa e Dionísio (2019), que analisou as temáticas recorrentes na área no período de 1990 a 2010, em periódicos de estrato A1, A2, B1 e B2; iv) o de Afonso (2017), que caracterizou a PPL nos currículos dos cursos de licenciatura em Letras; v) o de Sousa, Ponte e Sousa Bernini (2019), que apresentou uma configuração da área em Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística⁶.

5 Como desenvolvimentos teóricos é possível citar a noção de imperialismo linguístico, o modelo de reversão da mudança linguística, dentre outros (JOHNSON, 2013).

6 Em relação à nomeação Letras e Linguística, Sousa, Ponte e Sousa Bernini (2019) inseriram neste grupo os programas de Linguística Aplicada, Ciências da Linguagem, Letras Neolatinas, dentre outros.

Neste capítulo, temos como objetivo analisar as práticas de pesquisa no campo de PPL, discutindo os temas e as teorias recorrentes no espaço de 18 anos (1990 a 2017) no Brasil, bem como focalizar o olhar para a Região Nordeste. A escolha por esse período se justifica pelo fato de que, a partir da década de 1990, houve uma intensa profusão na área no cenário internacional, através da produção de livros e de artigos científicos (HORNBERGER, 2006). Outrossim, esta pesquisa amplia o lapso temporal presente nos trabalhos de Sousa, Paiva e Virgulino (2019) e de Sousa e Dionísio (2019), bem como acrescenta informações referentes às teorias. Buscamos responder a seguinte pergunta: quais temas e teorias são recorrentes nas pesquisas realizadas no Brasil no período de 1990 a 2017? E na Região Nordeste? Para a realização do objetivo proposto, utilizamos o *corpus* de resumos de artigos de periódicos brasileiros de estrato A1, A2, B1 e B2 de Sousa e Dionísio (2019)⁷ e acrescentamos os resumos dos anos de 2011 e 2012⁸; utilizamos também o *corpus* de teses e dissertações defendidas em 2013 a 2017⁹ de Sousa, Paiva e Virgulino (2019).

Assim, utilizaremos um total de 203 (duzentos e três) resumos. Para a análise das teorias e temas no Nordeste, tomamos como ponto de partida o *corpus* de resumos de teses e dissertações defendidas no período de 2013 a 2017 em Programas de Pós-Graduação da região, e coletamos os textos completos: 04 teses e 09 dissertações¹⁰.

7 Sousa e Dionísio (2019) utilizaram um *corpus* de 46 (quarenta e seis) resumos.

8 A coleta de dados em periódicos de estrato A1, A2, B1 e B2, nos anos de 2011 e 2012, totalizou 31 resumos.

9 Silva, Paiva e Virgulino (2019) utilizaram um *corpus* de 126 (cento e vinte e seis) resumos de teses e dissertações provenientes do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. As autoras definiram esse recorte temporal devido ao fato de o referido repositório, na época da coleta dos dados, disponibilizar somente resumos referentes a esse período.

10 Esses trabalhos são oriundos do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), do Programa de Letras da

Para fins de organização do capítulo, afóra esta introdução e as considerações finais, dividimos o trabalho em três grandes partes: na primeira, apresentamos as teorias em PPL em uma visão panorâmica e histórica, seguida da análise das concepções de política linguística e das teorias mais utilizadas nos trabalhos brasileiros; na segunda parte, indicamos as temáticas pesquisadas em PPL no cenário internacional para passarmos à análise das temáticas mais recorrentes nos trabalhos brasileiros; por fim, caracterizamos o cenário de práticas de pesquisa em PPL desenvolvidas na Região Nordeste, de acordo com as concepções de política linguística, as teorias e os temas mais relevantes nesse contexto.

2. Teorias em Política e Planejamento Linguístico

Uma visão consensual entre os autores de PPL é a de que o campo é multidisciplinar (RICENTO, 2000, 2006; JOHNSON, 2013), beneficiando-se de contribuições provenientes não só da Linguística, mas também da Sociologia, da Ciência Política, da Psicologia, dentre outras áreas. A confluência de diversas lentes teóricas se dá pela própria complexidade do fenômeno analisado, que está profundamente vinculado a fatores sociais, políticos e econômicos mais amplos, dentre outros.

Cooper, em seu livro *Language planning and social change*, de 1989, afirma: “[...] ainda não temos uma teoria de planejamento linguístico consensualmente aceita, se por teoria nós queremos dizer um conjunto de proposições logicamente relacionadas e empiricamente testáveis¹¹” (p. 41). Mais de vinte anos depois, Johnson

Universidade Federal de Sergipe (UFS), do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB).

11 No original: “we have as yet no generally accepted language planning theory, if by theory we mean a set of logically interrelated, empirically testable propositions” (COOPER, 1989, p. 41).

(2013) confirma a inexistência de uma grande teoria abrangente no campo, mas ressalva que isso não implica uma fraqueza de contribuições teóricas, uma vez que há diversas tradições de pesquisa que fornecem quadros e ferramentas teóricas e metodológicas para abordar os temas de PPL.

Outro elemento a se levar em consideração quando se pensa nas teorias do campo da PPL é que as teorizações se configuram como respostas ao contexto analisado, uma vez que um desejo central em muitas pesquisas é o de realizar algum tipo de modificação na realidade, conforme reflete Ricento (2006, p. 11).

O desejo de promover mudança social é o que motiva as pesquisas, mais do que construir teorias por elas mesmas. As teorias e os modelos têm um valor heurístico como ferramentas para aumentar nossa compreensão sobre o comportamento linguístico em diversos contextos¹².

Sendo assim, Ricento (2006, p. 12) considera mais frutífero deslocar a discussão sobre a existência de “teorias próprias à PPL” para a existência de “domínios de investigação”: “[...] já que os pesquisadores tendem a se perguntar sobre questões particulares, ou domínios, que envolvem aspectos da linguagem, mais do que procurar por dados que comprovem alguma teoria *a priori*”¹³. Desse modo, uma perspectiva teórica no campo não precisaria ser totalizadora, uma vez que diferentes pesquisadores se debruçam sobre aspectos específicos das diversas dimensões das políticas linguísticas.

12 No original: “This desire to effect social change is what drives the research agenda, rather than theory-building for its own sake. Theories and models have heuristic value as tools to advance our understanding of language behavior in diverse contexts” (RICENTO, 2006, p. 11).

13 No original: “[...] since researchers tend to ask questions about particular issues, or domains, which involve language matters, rather than searching for data to prove some *a priori* theory” (RICENTO, 2006, p. 12).

Na próxima subseção, apresentamos uma visão panorâmica das contribuições teóricas desenvolvidas ao longo da história da consolidação do campo acadêmico da PPL.

2.1 Panorama histórico das contribuições teóricas no campo da PPL

No período que Ricento (2000) chama de “teoria clássica do planejamento linguístico”, o qual corresponde à fase inicial de desenvolvimento dos estudos no campo, as teorizações propostas estavam imbuídas do desejo de servir de auxílio à atividade prática de intervir sobre as situações linguísticas consideradas “problemáticas”. Esse primeiro momento teórico lançou as bases para a projeção da área como “científica”, ao mesmo tempo em que gerou um legado teórico que foi e ainda é bastante questionado.

Antes de explorar o panorama teórico da primeira fase da PPL, cabe resgatar o contexto de surgimento do campo, que esteve ligado à emergência de nações multilíngues, localizadas principalmente na África e na Ásia, no período de descolonização que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial. Nessa época, era amplamente aceita entre os planejadores linguísticos a ideia de que uma língua europeia – inglês ou francês, via de regra – deveria desempenhar funções públicas e especializadas (oficiais) nesses novos países, uma vez que elas seriam vetores do desenvolvimento científico-tecnológico, enquanto as línguas locais/nativas deveriam ser restritas aos domínios privados e familiares.

Um exemplo de contribuição teórica bastante influente foi a própria definição do que seria “planejamento linguístico”, realizada por Einar Haugen, em 1959. O modelo de planejamento linguístico de Haugen, oriundo do campo da Administração, desenvolvia-se em quatro passos, indo desde o diagnóstico de “problemas

de comunicação”, passando pela constituição de decisores sobre a situação em tela, pela concepção e avaliação das alternativas disponíveis, e terminando com a aplicação prática da escolha final para solucionar esses “problemas de comunicação”. O planejamento linguístico era tido como uma atividade técnica, apolítica, ideologicamente neutra, e as línguas eram abstraídas de sua historicidade e da relação simbiótica com a cultura/identidade das comunidades. Esse cenário era favorecido pelo paradigma estruturalista em voga nos meios intelectuais de então e pelo seu consequente foco na estrutura da língua em detrimento de seu significado e papel social. Nesse sentido, as discussões sobre as posições ideológicas subjacentes ao planejamento linguístico, ou seja, sobre quem eram os beneficiados e os prejudicados com determinadas escolhas “racionais” sobre as línguas, foram deixadas em segundo plano.

A partir dos anos 1970, período que Ricento (2000) classifica como a “segunda fase da Política e Planejamento Linguístico” ou “estágio intermediário”, a inclusão do componente social nos estudos da linguagem começa a ganhar relevo, principalmente a partir da divulgação dos estudos sociolinguísticos de Dell Hymes, que ampliaram a visão da Linguística enquanto uma ciência focada na “competência da linguagem” para abarcar também uma “competência comunicativa”. Embora Dell Hymes não tenha pensado a política linguística, as contribuições realizadas pelo autor para a Sociolinguística repercutiram não só no fortalecimento da visão da língua como um fenômeno social, mas também abriram caminho para que as pesquisas em PPL pudessem se beneficiar dos pressupostos e métodos etnográficos (JOHNSON, 2013).

Já na década de 1980, o entendimento do poder como necessariamente inscrito nas políticas linguísticas começa a dar o tom das pesquisas, dando início à fase “histórico-estrutural” da PPL (RICENTO, 2000). Nesse período, houve uma progressiva to-

mada de consciência de que o “progresso” almejado pelos planejadores da primeira fase não havia sido, de fato, alcançado nas nações recém-independentes que sofreram intervenção. Pelo contrário, algumas se encontravam ainda mais dependentes de suas antigas metrópoles do que na época colonial. Sendo assim, a suposta neutralidade política e ideológica do planejamento linguístico começou a ser questionada. Viu-se que uma visão puramente descritiva do planejamento linguístico era insuficiente para lidar com os problemas reais das comunidades de fala e a concepção de língua como entidade finita e discreta foi identificada como característica de uma linguística “positivista” ou “tecnocrática”, termos carregados de julgamento de valor (JOHNSON, 2013).

Essa corrente histórico-estrutural de estudos foi denominada de “crítica”, ao reagir às abordagens tradicionais, buscando desnaturalizar processos tidos como puramente técnicos e neutros. Percebeu-se que a escolha de uma língua ou variedade como oficial ou mais adequada para o “progresso” de uma nova nação carrega visões ideológicas e provoca consequências na sociedade. De maneira resumida, “[...] uma abordagem crítica reconhece que as políticas comumente criam e sustentam várias formas de desigualdade social e que os encarregados de formular as políticas promovem os interesses de grupos dominantes”¹⁴ (TOLLEFSON, 2006, p. 42). Além disso, as pesquisas críticas almejam interferir na realidade social estudada, de modo a diminuir as desigualdades sociais, em um rompimento com as abordagens que preconizavam a separação do cientista de seu objeto de estudo. Por fim, críticas são também aquelas pesquisas que utilizam como referencial teórico pensadores considerados “críticos” (como Bourdieu, Foucault, Gramsci e Habermas), que, de maneira geral, embora cada um a seu modo, compartilham o propósito de des-

14 No original: “[...] a critical approach acknowledges that policies often create and sustain various forms of social inequality, and that policy-makers usually promote the interests of dominant social groups” (TOLLEFSON, 2006, p. 42).

nudar sistemas de exploração e desigualdade sociais vigentes. Pesquisas nessa corrente adotam, como noções centrais para tratar das políticas linguísticas: poder, luta, colonização, hegemonia, ideologia e resistência.

Ainda segundo Ricento (2000), desde o fim da década de 1980 até hoje, a área de PPL tem assumido contornos teóricos cada vez mais marcados pelos aportes do pós-modernismo como movimento intelectual de questionamento dos conceitos basilares e das grandes narrativas do campo, enquanto ainda mantém a vertente crítica de pesquisa.

Em um contexto mundial cada vez mais marcado pela globalização do capitalismo, ocorrida desde o fim da União Soviética, bem como pelas grandes migrações populacionais, como mostra a premência da situação dos refugiados, e pela re-emergência das identidades étnicas (e linguísticas) e a formação de entidades supranacionais (União Europeia, Mercosul etc.), uma série de implicações político-linguísticas se desenvolvem e trazem novos desafios para a construção de teorias que levem em conta e sejam responsivas a esse contexto.

Há uma tendência cada vez mais forte de o foco das pesquisas se direcionar para o combate à perda linguística, especialmente de línguas minorizadas¹⁵. A noção teórica de “imperialismo linguístico” (PHILLIPSON, 2006), por exemplo, traz à tona relações assimétricas, desnaturalizando o processo de extinção de línguas e apresentando-o como o resultado do papel da língua majoritária/colonial como um vetor das divisões desiguais de poder e recursos entre grupos. Começam a ser discutidos também os direitos linguísticos (MAY, 2006; SKUTNABB-KANGAS, 2006) como garan-

15 Utilizamos a expressão “línguas minorizadas” porque consideramos que não são as línguas em si que são majoritárias ou minoritárias, mas que há um conjunto de processos políticos, históricos e sociais que levam as línguas à situação minoritária, deslocando-as das estruturas de poder.

tias de proteção e incentivo à manutenção e/ou revitalização das línguas. Esses dois conceitos teóricos demonstram que a atual produção se insere em um paradigma de “ecologia das línguas” (RICENTO, 2006), segundo o qual os objetivos das pesquisas estão relacionados à promoção da diversidade linguística, do plurilinguismo e do aprendizado de línguas estrangeiras (doravante LE). Nesse intuito, os conceitos de ideologia passam a ocupar lugar central nas pesquisas, até mesmo em contextos menores como os familiares e os escolares. O conceito de agência (*agency*), ou seja, o papel relativamente autônomo de escolha dos indivíduos e coletividades nos processos de criação ou implementação de políticas linguísticas também vêm se tornando um contraponto entre uma visão excessivamente marcada pelo foco no indivíduo ou pelo foco nas estruturas da sociedade (MENKEN; GARCÍA, 2010).

Observa-se, assim, um distanciamento cada vez maior da primeira época da PPL, que buscava nos modelos e teorias de planejamento as soluções para o aparente “caos” do multilinguismo e que foi ideologicamente marcada pela preferência pelo monolinguismo, assim como pela visão neutra da atividade de pesquisa e de intervenção na realidade social como neutras. Contudo, esse novo paradigma não é isento de críticas. Enquanto alguns teóricos apontam para a existência de uma carga de utopia nas pesquisas, considerando paternalistas as ideias de que os linguistas estariam aptos para decidir o que é melhor para as comunidades, outros veem um excessivo encaminhamento da Linguística para as Ciências Sociais, criticando os posicionamentos políticos que chegam à militância (RICENTO, 2006).

Na próxima subseção, discutimos os achados relativos à seguinte pergunta de pesquisa: quais são as principais orientações teóricas dos trabalhos produzidos sobre temas de política linguística no Brasil no período entre 1990 e 2017? A exploração dos resumos publicados em periódicos entre 1990 e 2012, bem como

das teses e dissertações defendidas entre 2013 e 2017, levou-nos a identificar algumas tendências teóricas na consolidação do campo de pesquisa no Brasil.

2.2 Orientações teóricas nas teses, dissertações e artigos brasileiros

O primeiro achado é que, de maneira marcada, as pesquisas brasileiras têm adotado predominantemente a concepção teórica de política e planejamento linguístico de Louis-Jean Calvet, conforme ilustram os seguintes excertos.

O presente trabalho analisa as políticas linguísticas oficiais implementadas em Cabo Verde (África) no período colonial. [...] **As análises, que se fundamentam na concepção de política linguística formulada por Calvet (2002; 2005; 2007)**, revelam que as ações sobre as línguas efetuadas pela administração colonial portuguesa estavam vinculadas à construção da Nação-Império portuguesa [...]. (R56)¹⁶ (Grifos nossos)

Neste trabalho, objetivou-se pesquisar de que forma a Língua Portuguesa (LP) é representada em Timor-Leste, considerando o contexto plurilíngue, no qual está inserida. **O estudo está baseado nos pressupostos de Calvet (2002, 2007), no que se refere à análise de políticas linguísticas (PL), em nível governamental [...].** (R212017) (Grifos nossos)

16 Os resumos dos artigos de periódicos foram grafados com a letra R maiúscula mais um número cardinal, enquanto os resumos das teses e dissertações foram grafados da mesma forma acrescidos do ano de defesa do trabalho. Destacamos que mantivemos a codificação de Sousa e Dionísio (2019) e Sousa, Paiva e Virgulino (2019).

Para Calvet (2002, 2007), política e planejamento linguístico seriam duas etapas distintas e subsequentes. Enquanto a política linguística seria a determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade, o planejamento linguístico se referiria à implementação dessas decisões. Segundo o autor, apesar de vários grupos serem capazes de elaborar uma política linguística, “[...] apenas o Estado tem o poder e os meios de passar ao estágio do planejamento, de pôr em prática suas escolhas políticas” (CALVET, 2007, p. 21). A centralidade da atuação do Estado se deve aos meios de intervenção que ele detém sobre as situações linguísticas, como a imposição da lei, bem como a disposição de recursos para intervir sobre o *corpus* e o *status* das línguas.

Calvet (2002, 2007) também trabalha com outro conceito dual: o de gestão *in vitro* e *in vivo*. A gestão *in vitro* sobre as línguas seria encomendada pelo poder estatal e realizada pelos “linguistas em seus laboratórios”, ou seja, criada de maneira consciente, não espontânea, guiada por objetivos deliberados. Por sua vez, a gestão *in vivo* seriam ações espontâneas e pontuais dos falantes para resolver determinados “problemas de comunicação” que emergem no próprio cotidiano. Embora apresente ambos os tipos de gestão, o autor foca na gestão *in vitro*.

A definição de política e planejamento linguístico proposta por Calvet (2007) é herdeira de uma tradição surgida com o próprio campo, a qual coloca o Estado como instância principal, se não única, de deliberação e implementação de políticas linguísticas. Nesse sentido, elas são consideradas como um fenômeno imposto “de cima para baixo”, sobre o qual os indivíduos ou grupos teriam pouco espaço para resistência.

A adoção de Calvet (2002, 2007) como referencial de concepção de política linguística nos trabalhos analisados talvez se deva,

em alguma medida, ao fato de algumas de suas obras traduzidas no Brasil terem um caráter introdutório. O livro *Sociolinguística: uma introdução crítica* (2002) possui um capítulo intitulado “As políticas linguísticas”. Já no livro *As políticas linguísticas* (2007), o autor apresenta uma visão panorâmica da área (perspectiva histórica, modelos teóricos, instrumentos do planejamento linguístico, planejamentos de *corpus* e de *status*), ilustrando alguns tópicos com exemplos de casos.

A segunda das concepções mais populares de política linguística nas pesquisas brasileiras foi a de Spolsky. Seguem alguns excertos ilustrativos:

O objetivo central é compreender como se articulam os espaços da diversidade linguística em contextos escolares, tomando por base a análise de ações de promoção da pluralidade linguística. A partir da análise de dados [...] chegou-se a evidências sobre a dinâmica de implementação de uma educação voltada à PL, **presentes nas práticas linguísticas, nas crenças dos participantes e no gerenciamento linguístico, considerados os principais componentes de políticas linguísticas (SPOLSKY, 2008)**. (R142014) (Grifos nossos)

Esta dissertação tem como objetivo refletir sobre Políticas Linguísticas Familiares em andamento em uma comunidade sul-coreana de trabalhadores transplantados residentes na Região Metropolitana de Campinas (RMC). **O referencial teórico utilizado incluiu considerações acerca (i) do conceito de Políticas Linguísticas, tal como definido, principalmente, por Spolsky (2004), além de dois conceitos abordados pelo mesmo autor em seus estudos: a noção de domínios e**

a noção de gerenciamento linguístico (SPOLSKY, 2007; 2009); (R082016) (Grifos nossos)

Já resenhada resumidamente na introdução deste capítulo, a concepção spolskyana caracteriza-se por deslocar o foco na ação do Estado e em uma política linguística tida como monolítica, materializada em documentos escritos e geralmente oficiais, para uma política linguística multidimensional (composta pela gestão, crenças e práticas de linguagem), que se realiza em diversos domínios sociolinguísticos (tais como escolas, universidades, igrejas, famílias etc.). A popularidade da visão desse autor no campo de pesquisa brasileiro indica que se desenvolve um movimento de ir além de um foco na “letra” da política linguística (isto é, os documentos escritos, oficiais do Estado) para abarcar, também, o “espírito” dela (isto é, os contextos dinâmicos e cambiantes das crenças e práticas linguísticas, os quais se influenciam mutuamente).

Em seguida, como uma das mais utilizadas nas pesquisas, vem a concepção de planejamento linguístico de Cooper (1989), conforme ilustramos nos excertos a seguir:

Este trabalho tem como objetivo traçar um panorama de ações na área de políticas linguísticas relacionadas à promoção e ao ensino do português como língua adicional no Brasil e fora do país, bem como refletir sobre alguns de seus impactos. **Primeiramente, são apresentados o conceito de política linguística (COOPER, 1989)** e as noções de valor e de mercado linguístico a partir da Nova Economia (OLIVEIRA, 2010). (R50) (Grifos nossos)

[...] nossa pesquisa tem como objetivo geral analisar as crenças sobre a língua tupi por parte

de professores, gestores e da liderança indígena [...]. **Partimos dos pressupostos teóricos do Planejamento Linguístico de Cooper (1989) e, especificamente, sua visão de Planejamento de Aquisição** por entender que a escola é um espaço importante para a revitalização de uma língua [...] (R112017) (Grifos nossos)

Também já resenhada na introdução do capítulo, a concepção de Cooper (1989) caracteriza-se, principalmente, pelo acréscimo do planejamento de aquisição ao planejamento de *corpus* e *status* das línguas. Com isso, o autor traz à tona a dimensão do ensino, abrindo caminho para pesquisas que tratam de políticas linguísticas educacionais voltadas à difusão linguística, ou seja, ao aumento do número dos usuários de uma língua.

Outra autora que também é bastante citada como fundamentação teórica nas pesquisas analisadas é Shohamy (2006), que lança a noção de “mecanismos de política linguística”. Os mecanismos seriam dispositivos no entremeio das ideologias e das práticas linguísticas, os quais seriam utilizados para implementar, manter e perpetuar determinadas políticas linguísticas. Uma das contribuições trazidas pela autora é evidenciar uma base empírica de investigação que ficava subjacente à proposta teórica de Spolsky (2004), bem como chamar a atenção para processos ideológicos ocultos que se reproduzem através das instâncias linguísticas. Alguns exemplos de pesquisas que adotam a concepção da autora estão ilustrados nos excertos a seguir.

Esta tese analisou como a necessidade de um certificado internacional de proficiência em língua estrangeira, no caso o exame TOEFL IBT, para a participação no CsF tem influenciado o ensino de inglês em cursos presenciais do programa IsF

[...] Este trabalho discute ainda as dimensões do efeito retroativo encontrado (WATANABE, 1997) e traz reflexões sobre a relação do exame, fenômeno e **política linguística (SHOHAMY, 2001, 2006)**. (R052016) (Grifos nossos)

O presente estudo analisa o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, Celpe-Bras, como **instrumento de política linguística**, entendido como uma avaliação orientada para o uso (Shohamy, 2006, 2007; McNamara, 2010, Da Silva, 2011). [...] Partindo do entendimento [...] de que as políticas linguísticas expressas em textos e discursos não necessariamente correspondem à **política linguística efetiva (Shohamy, 2006)**, (R172016) (Grifos nossos)

A identificação dessas noções de política linguística nas pesquisas brasileiras nos permite afirmar que a maioria dos trabalhos está inserida em uma perspectiva epistemológica que se funda no binômio política e planejamento linguístico, como propõe Calvet (2007), ao passo que outra parte se insere em uma etapa que rompe com esse binômio, caracterizando a consolidação de uma nova epistemologia da área (RIBEIRO DA SILVA, 2013), como mostram as concepções de Spolsky (2004, 2009) e Shohamy (2006).

Em relação ao arcabouço teórico-metodológico utilizado nas pesquisas, ficou evidente uma particularidade das teses, dissertações e artigos brasileiros sobre políticas linguísticas: a utilização largamente predominante da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD). Tal fundamentação é utilizada para atender objetivos tão diversos como:

O objetivo que sustenta esta tese está pautado no **funcionamento da memória e esquecimentos do sujeito imigrante alemão** que colonizou a região norte de Santa Catarina, particularmente na campanha de nacionalização do Estado Novo (1937-1945) no Governo de Getúlio Vargas através de uma política linguística de interdição da língua alemã. Para isso fizemos um percurso **pela Análise do Discurso da linha Francesa de Michel Pêcheux**, mobilizando um dispositivo teórico e analítico que sustenta uma reflexão sobre **a constituição desse sujeito imigrante, tendo como objeto simbólico de identificação a sua língua**. (R082013) (Grifos nossos)

Este trabalho visa a analisar, **com suporte da Análise de Discurso de linha francesa, o funcionamento do discurso presente na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de 1996**, sobre o conceito de direito linguístico, a sua relação com a oficialização de línguas, bem como **sua ressignificação no Decreto n° 7.387/2010, Inventário Nacional da Diversidade Linguística, e na Lei estadual paranaense n° 14.453/2004, a Política Estadual de Apoio às Comunidades Indígenas do Paraná de 2004**. O trabalho consiste, portanto, na análise dessas leis a partir da perspectiva materialista do discurso, buscando **a inscrição de processos ideológicos e simbólicos**, considerando ainda **as relações de poder e as condições históricas em que estão compreendidos os discursos**. (R222015) (Grifos nossos)

Formulada inicialmente por Michel Pêcheux na virada da década de 1970, em linhas gerais, a AD defende uma noção de língua como veículo de discursos, em contraponto com a visão estruturalista, que optava pela investigação da língua como uma entidade formal e sistemática. O ponto de inflexão da AD em relação ao paradigma estruturalista de linguagem foi a associação dos discursos a ideologias e a condições de produção e circulação sócio-históricas, posicionando-se desde o início como uma teoria com vistas à transformação social. Nesse sentido, verificamos uma forte aproximação epistemológica da AD com os fundamentos da Teoria Crítica, tida como um movimento intelectual mais amplo ocorrido nas Ciências Humanas e Sociais. A Teoria Crítica também se propõe a trazer à tona as ideologias constituintes dos discursos, dessa forma negando-lhes uma suposta neutralidade, uma vez que sempre obedecem a interesses e conformações de ordem sócio-histórica.

Sendo assim, a utilização predominante da AD como fundamentação teórico-metodológica para a investigação de temas de política linguística em trabalhos acadêmicos brasileiros indica uma preocupação com o desvelamento das relações de poder subjacentes aos discursos sobre as línguas, bem como aos processos de identificação e constituição identitária dos sujeitos através dessas relações.

A preocupação com a construção discursiva da identidade, característica dos estudos em AD, não se circunscreve apenas ao âmbito do indivíduo ou de grupos, mas envolve também a construção da identidade nacional. Tal preocupação se mostra bastante relevante nas pesquisas em PPL no Brasil, como indica o grande número de trabalhos que articulam o dispositivo teórico-metodológico da AD francesa com a História das Ideias Linguísticas (HIL). A relação entre a AD e a HIL é tão estreita que Nunes (2008, p. 109) pondera: “A AD e a HIL têm seus métodos

específicos, mas a partir do contato entre esses dois domínios e das questões que um coloca ao outro, temos ressonâncias tanto em uma quanto em outra direção”. Ou seja, ambos os campos dialogam e propõem conceitos, reflexões e problemas um ao outro.

Em linhas gerais, a HIL teria como objetivo relacionar a construção do saber linguístico à constituição da língua nacional (NUNES, 2008). O processo de gramatização de uma língua é entendido como um processo de produção de instrumentos linguísticos diversos (como gramáticas, dicionários, manuais, testes de proficiência etc.), os quais, nas análises em HIL, são considerados objetos discursivos que materializariam dadas políticas de línguas vigentes. No Brasil, a HIL inicialmente constituiu-se em torno das contribuições teóricas de Eni Orlandi e de outros pesquisadores na Unicamp na década de 1980.

A articulação entre os universos teóricos da HIL e da AD se faz com características e questões particulares ao contexto brasileiro, singularizando-se como uma vertente teórica bastante profícua no *corpus* de teses, dissertações e artigos analisados. Os excertos a seguir ilustram a relação da HIL e da AD com as políticas linguísticas nas pesquisas acadêmicas:

Este trabalho objetiva compreender o funcionamento do discurso da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) sobre língua portuguesa, fundado a partir de um imaginário de homogeneidade linguística [...] Assim, além de estudos acadêmicos, recolhemos **instrumentos normativos** elaborados pela CPLP e pelos governos de seus países membros, pela UNESCO, pela Academia Africana de Línguas (ACALAN) [...]. **Este trabalho tem sua inscrição no domínio da História das Ideias Linguísticas (HIL), sob uma**

perspectiva materialista, configurada a partir dos dispositivos teórico e analítico da Análise de Discurso na linha dos estudos de Michel Pêcheux (França, 1966-1983), e de Eni Orlandi (Brasil, 1971-), que permite conjugar a ideologia, a história da sociedade com a história do conhecimento linguístico e a história da língua. (R152013) (Grifos nossos)

Esta pesquisa que tem como objeto de estudo as **Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro**, na categoria Memórias Literárias, edição 2016, faz uma reflexão e **análise dos discursos presentes neste instrumento linguístico** sobre a língua. [...] **Como fundamentação teórico-metodológica, adotamos a Análise de Discurso sob a perspectiva de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, articulada à metodologia da História das Ideias Linguísticas no Brasil.** A partir deste dispositivo teórico-metodológico, fizemos uma reflexão sobre o funcionamento desse discurso, sua materialidade histórica. (R272017) (Grifos nossos)

A leitura dos excertos demonstra que o saber metalinguístico adquire relevância central na análise realizada pela HIL, uma vez que os pesquisadores consideram esse saber como constituído e constitutivo do caráter político das línguas. Assim, Nunes (2008) observa que a HIL lida com formas de política linguística materializadas em teorias, instrumentos linguísticos, instituições e questões de autoria.

Outra filiação teórica das mais recorrentes nos trabalhos acadêmicos brasileiros é a Semântica do Acontecimento (também chamada de Semântica da Enunciação), quer articulada

com a HIL e/ou AD, quer utilizada de maneira independente. Os excertos a seguir ilustram essa ocorrência.

Neste trabalho, **realizado na perspectiva da História das Ideias Linguísticas, que articulamos com a Semântica da Enunciação e a Análise de Discurso**, buscamos compreender as filiações de sentidos do documento que aprovou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) [...]. (R43) (Grifos nossos)

Este trabalho propõe-se apresentar análises que desvelam os contornos da política de línguas no/ do Uruguai. O enfoque particular destas análises está nos processos simbólico-políticos que dividem o português e o distribuem desigualmente aos seus falantes no espaço de enunciação. **A partir do dispositivo teórico-metodológico da semântica do acontecimento**, o fato de linguagem que se objetiva compreender é o da designação do nome português, ou do nome língua portuguesa, no espaço de enunciação uruguaio. (R062017) (Grifos nossos)

As pesquisas que utilizam a Semântica do Acontecimento como fundamentação teórica preocupam-se com a maneira como os sentidos das línguas se constituem, entendendo a enunciação como uma prática política. Uma categoria importante para essa corrente de estudos é a de 'designação', tomada como a significação de um nome perpassada pela história. O acontecimento de linguagem seria uma instância que se situa no tempo e pela qual o sujeito é situado. Como tal, o acontecimento seria tomado pelo político, este sendo o elemento fundamental das relações sociais. Por consequência, as pesquisas que adotam a Semântica

do Acontecimento como norte teórico tendem a explorar a política linguística inscrita até mesmo na designação dos termos, bem como nos espaços de enunciação desses termos.

De maneira geral, podemos observar que as teorias que vêm embasando as pesquisas brasileiras têm um talhe discursivo, quais sejam, a AD de linha francesa, quer sozinha, quer articulada com a HIL ou com a Semântica do Acontecimento. No *corpus* analisado, houve também ocorrência de trabalhos que, embora em muito menor número, também buscavam na Análise Crítica do Discurso e na Análise Dialógica do Discurso¹⁷ lentes teóricas que permitissem a aproximação com o fenômeno da política linguística.

3. Temas em Política e Planejamento Linguístico

Dando continuidade ao mapeamento da área de PPL no Brasil, nesta seção, buscamos responder a seguinte pergunta: que orientações temáticas são recorrentes nas pesquisas brasileiras na área de PPL no lapso temporal de 28 anos (1990-2017)? Para tanto, na primeira subseção, apresentamos um breve retrato das temáticas que movimentam o campo da PPL em um cenário internacional para, em seguida, focar as temáticas que atualmente são mais características do cenário brasileiro.

3.1 Panorama dos temas mais explorados em pesquisas internacionais

No livro *An introduction to Language Policy: theory and method*, Ricento (2006) apresenta uma visão panorâmica de algumas

17 A Análise Crítica do Discurso tem como expoente teórico principal Fairclough (2016), enquanto a Análise Dialógica do Discurso tem como fundamentação teórica as ideias desenvolvidas no Círculo de Bakhtin.

temáticas que têm sido pesquisadas na área de PPL e que, por sua vez, têm trazido contribuições para a compreensão da complexa relação entre políticas linguísticas, identidade e mudança social. As temáticas destacadas na obra são: política linguística e identidade nacional – Blommaert (2006) discute a correlação entre esses dois fenômenos, refletindo sobre os processos ideológicos envolvidos na construção de identidades “atribuídas”; política linguística e direito das minorias – May (2006) defende a necessidade de uma abordagem sócio-histórica, sociopolítica e sociocultural em relação ao *status*, uso e poder das línguas minorizadas e suas implicações para esses grupos; política linguística e direitos humanos linguísticos (DHL) – Skutnabb-Kangas (2006) discute a presença ou ausência dos DHL em documentos internacionais e regionais que tratam dos direitos humanos, bem como dos DHL educacionais; políticas linguísticas e educação das minorias linguísticas – Paulston e Heidemann (2006) refletem sobre as relações de poder e desigualdade relacionadas ao planejamento de aquisição e seus impactos para os grupos minorizados; política linguística e mudança na língua – Fishman (2006) analisa as implicações das políticas linguísticas realizadas por “autoridades da língua” (e.g.: Academias de língua, Comitês de língua, dicionaristas, dentre outros) ou a ausência destas, suas agendas ocultas para o processo de mudança, extinção ou declínio de uma língua; política linguística e linguagem de sinais – Reagan (2006) descreve políticas linguísticas para as línguas de sinais, enfocando o planejamento de *status* e de *corpus*; e política linguística e imperialismo linguístico – Phillipson (2006) aborda a questão da expansão da língua inglesa como vetor de desigualdades sociais.

Os capítulos mencionados no parágrafo anterior confirmam uma visão da PPL como um campo que não é a-histórico nem apolítico e salientam que as atividades de política linguísti-

ca estão intimamente relacionadas às condições sócio-históricas mais amplas. A partir dessas abordagens, é possível refletir sobre: i) o papel que as línguas assumem na constituição dos Estados e as ideologias linguísticas que fomentam um ideário da Nação; ii) as políticas linguísticas que ocasionam a minorização das línguas e de seus falantes e as políticas que promovem direitos humanos linguísticos no contexto dos Estados-nação; iii) os direitos humanos linguísticos como um caminho que previne o processo de assimilação e o genocídio linguístico e que promove políticas de Estado relacionadas à manutenção ou à revitalização das línguas minorizadas; iv) as políticas linguísticas educacionais que causam impacto para as línguas minorizadas; v) as forças implícitas e explícitas presentes nas políticas linguísticas que conduzem à mudança linguística; vi) a diversidade das línguas de sinais e os esforços implementados que visem a modificar o *status* dessas línguas, criar ou expandir o léxico, desenvolver ortografias, elaborar materiais didáticos, dentre outras políticas linguísticas; e vii) os processos de natureza *bottom-up* (de baixo para cima) e *top-down* (de cima para baixo) que promovem a difusão da língua inglesa.

3.2 Orientações temáticas nas teses, dissertações e artigos brasileiros

No Brasil, Sousa, Paiva e Virgulino (2019) e Sousa e Dionísio (2019) mapearam os principais tópicos investigados pelos pesquisadores brasileiros na área de PPL. Os resultados desses trabalhos estão ilustrados no Quadro 1 e foram descritos de acordo com a ordem de maior recorrência em ambas as pesquisas. Outrossim, destacamos em negrito os temas comuns nos mapeamentos realizados pelas autoras.

Quadro 1: Temas recorrentes na área de PPL no Brasil.

| ARTIGOS EM PERIÓDICOS NACIONAIS (1990-2010) | TESES E DISSERTAÇÕES (2013-2017) |
|--|--|
| Políticas linguísticas educacionais | Políticas linguísticas educacionais |
| Planejamento linguístico | Conhecimento (meta)linguístico e políticas linguísticas |
| Línguas em contato | Formação de professores e políticas linguísticas |
| Difusão da língua portuguesa | Línguas minorizadas |
| Conhecimento meta(linguístico) e políticas linguísticas | Testes de língua |
| | Língua, identidade e políticas linguísticas |

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados de Sousa, Paiva e Virgulino (2018) e Sousa e Dionísio (2019).

Em ambas as pesquisas, o tópico “políticas linguísticas educacionais” trata de trabalhos que abordam as políticas de ensino de línguas em contextos educacionais diversos. Nesse grupo, foram identificados trabalhos que exploraram o ensino de inglês e espanhol no Brasil como LE, o ensino de línguas para povos indígenas, surdos e descendentes de imigrantes no Brasil, o ensino de português como língua estrangeira, dentre outros. Sousa e Dionísio (2019) destacam que esse tipo de política linguística tem grande relevância na sociedade, na medida em que é capaz de modificar a ecologia linguística, interferindo no comportamento linguístico dos membros de um grupo.

O tópico “conhecimento (meta)linguístico e políticas linguísticas” também se apresentou como recorrente nas duas pesquisas e materializa estudos que exploram o diálogo entre as áreas de HIL e PPL. Nessa categoria, foram inseridos trabalhos

que tratavam da articulação entre os saberes sobre as línguas e as políticas linguísticas, considerando os aspectos históricos e ideológicos específicos de cada época. Esses trabalhos analisam diferentes objetos de estudo, tais como: as filiações de sentido em torno do acordo ortográfico (R43), o Celpe-Bras enquanto um instrumento linguístico (R45) etc. Sousa e Dionísio (2019) e Sousa, Paiva e Virgulino (2019) apontam essa temática como um desenvolvimento específico do campo no Brasil e estas últimas, apoiando-se em Sousa, Ponte e Sousa Bernini (2019), destacam esse tema como um “reflexo” da configuração dessas áreas na Pós-Graduação em Letras/Linguística no Brasil. Ao realizarem pesquisa em *sites* de Programas de Pós-Graduação em Letras/Linguística¹⁸, as autoras identificaram os seguintes dados: linha de pesquisa que congrega as duas áreas (e.g.: a linha “História, Política e Contato Linguístico” no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense); e componentes curriculares de HIL com ementa que tem conteúdo na área de PPL (e.g.: Ementa de HIL do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso: “Estudo da gramatização do português no Brasil. **As políticas linguísticas nacionais e as condições de produção dos instrumentos linguísticos (gramáticas, dicionários, livros didáticos, etc.) em relação à constituição da língua e Estados Nacionais.**”) (SOUSA; PONTE; SOUSA BERNINI, 2019, p. 35) (Grifos das autoras).

O tópico “planejamento linguístico” engloba trabalhos que descrevem, discutem, avaliam ou sugerem diferentes políticas linguísticas, bem como suas implicações no contexto do Estado brasileiro ou de outros países. O acordo ortográfico da língua

18 Sousa, Ponte e Sousa-Bernini (2019) investigaram apenas programas de Letras/Linguística que apresentaram pelo menos 04 (quatro) trabalhos defendidos no período de 2013 a 2017.

portuguesa se constituiu como objeto de estudo em alguns trabalhos. Sousa e Dionísio (2019) destacam que essa temática põe em evidência as políticas linguísticas a partir de uma perspectiva teórica, mas também prática. Ou seja, alguns trabalhos têm um enfoque analítico sobre determinadas políticas linguísticas (“O presente trabalho analisa as políticas linguísticas oficiais implementadas em Cabo Verde (África) no período colonial – R56), já outros têm um enfoque aplicado (“[...] pretendemos neste artigo sugerir formas de implementação para uma política globalizante que tenha em vista o pluralismo linguístico [...]” – R08).

O tópico “línguas em contato” traz trabalhos que investigam o contato entre comunidades de fala que utilizam diferentes línguas, bem como as implicações provenientes desse contato. Sousa e Dionísio (2019) destacam que há artigos que discutem o contato entre o português e as línguas de fronteiras, as línguas indígenas ou as LE. O R17, por exemplo, ilustra essa temática: “Nossa maior atenção se volta, entretanto, para o contato espanhol/português ao longo das fronteiras ibero-americanas [...]”¹⁹.

O tópico “difusão da língua portuguesa” engloba pesquisas que discutem as políticas de promoção do português em diferentes contextos, tais como: em países que têm o espanhol como língua oficial (R49), na América Latina (R50), na Inglaterra (R01), dentre outros. O R50 é um exemplo desse tópico: “Esse trabalho tem como objetivo traçar um panorama de ações na área de políticas linguísticas relacionadas à promoção e ao ensino de português como língua adicional no Brasil e fora do país.”. Inevitavelmente, a noção de lusofonia é trazida à tona, bem como o papel dos leitorados nesse processo. Sousa e Dionísio (2019) argumentam que o interesse acadêmico por esta temática em

19 Sousa, Paiva e Virgulino (2019) também identificaram essa temática em resumos de teses e dissertações, mas esta não se configurou recorrente.

nosso país pode estar relacionado a diferentes acontecimentos, tais como: a criação da Divisão de Promoção da Língua Portuguesa²⁰, do Museu da Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira etc. Acreditamos, outrossim, que o (re)posicionamento econômico do Brasil no cenário mundial, bem como o surgimento de blocos regionais como o Mercado Comum do Sul (Mercosul) podem ser fatores que propiciem uma maior visibilidade para sua língua oficial e cultura, levando os países a proporem políticas de difusão do português brasileiro.

O tópico “formação de professores e políticas linguísticas” inclui pesquisas que investigam políticas linguísticas voltadas para formação inicial e continuada de professores de línguas estrangeiras/adicionais e para professores indígenas, bem como a área de PPL no currículo de licenciaturas em Letras etc. Sousa, Paiva e Virgulino (2019), ancoradas em Sousa (2019), argumentam que o professor de línguas é um agente de política linguística. Nessa perspectiva, em sala de aula, o professor inevitavelmente interpreta e se apropria de diferentes políticas linguísticas materializadas em materiais didáticos e em documentos oficiais, considerando os interesses dos alunos, o contexto em que está inserido, suas crenças sobre o ensino de línguas, dentre outros fatores. Algumas dessas pesquisas analisam políticas oficiais promulgadas no Brasil ou em algum estado da federação, como é o caso do R022016, dissertação que teve como objetivo “[...] identificar as ações formativas para a formação continuada de

20 O Departamento Cultural do Itamaraty é constituído de 05 (cinco) unidades e dentre elas está a Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP) que “promove a difusão da língua portuguesa na sua vertente falada no Brasil, bem como coordena a gestão da Rede Brasil Cultural, formada por Centros Culturais Brasileiros, Núcleos de Estudos Brasileiros e Leitorados”. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/diplomacia-cultural-mre/19484-diplomacia-cultural>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

professores de francês língua estrangeira (FLE) no estado do Rio de Janeiro”. A autora afirma que é “[...] necessário compreendermos as relações entre as políticas linguísticas e o ensino de línguas, associadas à formação docente.” (R022016), ideia a qual corroboramos.

O tópico “línguas minorizadas” tem trabalhos que discutem o processo de revitalização ou oficialização de línguas que têm baixo *status* ou poder e as implicações desses processos. Sousa, Paiva e Virgulino (2019) fundamentam-se no princípio de que não é o aspecto quantitativo que categoriza uma língua como minorizada, mas o elemento qualitativo, ou seja, seu *status* e importância dentro da sociedade²¹. As línguas indígenas ocupam um espaço importante nessas investigações. Um exemplo é o R072014, tese que visa a responder a seguinte questão: “Podem as redes contribuir para o fortalecimento linguístico-cultural [dos Kokama]?”.

O tópico “testes de língua” agrupou trabalhos que discutiram o efeito desses testes nas práticas de ensino de línguas, as representações sobre essas avaliações, dentre outros. O Celpe-Bras, a prova de língua inglesa do Enem e o TOEFL IBT, por exemplo, se constituíram em objetos de estudo. Em algumas pesquisas, os testes foram compreendidos como “mecanismos de política linguística”, percepção ancorada na visão de política linguística expandida de Shohamy (2006). Compreendê-los dentro dessa perspectiva teórica é confirmar a influência dos testes na construção ou no fortalecimento de práticas de ensino de línguas e nas ideologias sobre como elas devem ser. Sousa, Paiva e Virgulino (2019, p. 183) ilustram essa temática com um excerto proveniente do R122017: “[...] **buscamos analisar em que**

21 Essa temática também foi identificada por Sousa e Dionísio (2019) e foi incluída na categoria “outros”, haja vista não ter se constituído como recorrente.

medida o Celpe-Bras atua como um mecanismo de política linguística para os envolvidos com um curso de PLE²² voltado para estudantes do PEC-G²³, alocado em uma universidade federal do Nordeste.” (Grifos das autoras).

E, por fim, o tópico “língua, identidade e políticas linguísticas” compilou pesquisas que discutem o papel da língua enquanto um aspecto constitutivo da identidade do falante, explorando as políticas linguísticas que propiciam a (des)construção de diferentes identidades, por exemplo, as “mestiças” – Spanglish (R122014), dos surdos (R052017), dentre outras. Sousa, Paiva e Virgulino (2019, p. 184) ilustram com um excerto do R182015: **“Este trabalho objetiva problematizar relações entre língua e identidade a partir de algumas políticas linguísticas empregadas no município de Itaiópolis/SC [...]”** (Grifos das autoras)²⁴.

Considerando as categorias já propostas em ambos os trabalhos e utilizando o *corpus* de Sousa e Dionísio (2019) e de Sousa, Paiva e Virgulino (2019), acrescido dos resumos de artigos de periódicos dos anos de 2011 e 2012, obtivemos a seguinte configuração temática que nos permite obter uma visão panorâmica da área no Brasil em 28 (vinte e oito) anos (1990 a 2017) (cf. Quadro 2)²⁵. Os tópicos presentes no quadro foram organizados pela quantidade decrescente de trabalhos.

22 Português como Língua Estrangeira.

23 Programa de Estudantes-Convênio de Graduação.

24 Essa temática também foi identificada por Sousa e Dionísio (2019), contudo, como não se constituiu como recorrente, foi alocada na categoria “outros”.

25 Utilizamos os mesmos critérios de Sousa, Paiva e Virgulino (2018) e Sousa e Dionísio (2019) para a seleção de resumos: a presença de termos como “política linguística”, “planejamento linguístico”, “glotopolítica”, “planificação linguística” ou similares no título, no resumo ou nas palavras-chave.

Quadro 02: Temas recorrentes na PPL no Brasil no período de 1990 a 2017.

| TEMAS RECORRENTES NA ÁREA DE PPL NO BRASIL |
|---|
| Políticas linguísticas educacionais |
| Conhecimento (meta)linguístico e políticas linguísticas |
| Línguas minorizadas |
| Planejamento linguístico/ Formação de professores e políticas linguísticas/ Língua, identidade e políticas linguísticas ²⁶ |
| Difusão da língua portuguesa |
| Testes de língua/Línguas em contato |

Fonte: Elaboração própria.

Subsidiadas no estudo sobre os aportes teóricos e as temáticas recorrentes nas pesquisas realizadas no Brasil, iremos enfocar, na próxima seção, as teorias e temáticas exploradas nos trabalhos desenvolvidos na Região Nordeste.

4. Cenário teórico e temático no Nordeste

Embora a concepção teórica de política linguística mais adotada nas pesquisas brasileiras, como já comentado, seja a de Calvet (2002, 2007); na região Nordeste, as pesquisas têm adotado principalmente a concepção de política linguística de Spolsky (2004, 2009), algumas vezes adotando também a nomenclatura proposta por Bonacina-Pugh (2012) para as três dimensões elencadas por esse autor, como mostram os excertos abaixo.

Tendo em vista que **há três tipos de políticas linguísticas que são interdependentes, as declaradas, praticadas e percebidas (SPOLSKY, 2004;**

26 Os tópicos agrupados nesta linha obtiveram a mesma quantidade de trabalhos.

BONACINA-PUGH, 2012) e que os seus processos de formação se dão mediante fatores externos à língua, inscritos nos âmbitos sociais, culturais e políticos, a presente pesquisa pretende investigar as políticas linguísticas nos processos migratórios de refugiados no Brasil, no período de 1950 a 2014. (R092015) (Grifos nossos)

Diante das atuais mudanças propostas para o ensino das línguas estrangeiras em nosso país, este trabalho traça um panorama do ensino da língua espanhola em João Pessoa, capital da Paraíba. **Esse olhar sobre o ensino do espanhol tem por base as discussões sobre Política Linguística propostas por Spolsky (2004)** que denominaremos aqui de **políticas linguísticas declaradas e percebidas usando a terminologia de Bonacina-Pugh (2012)**. (R142017) (Grifos nossos)

Mesmo quando a concepção de Calvet (2007) aparece, ela vem ampliada por Spolsky (2004):

As interfaces existentes entre os Programas de Letorado e os Exames de Proficiência em português, implementados por Portugal pelo Brasil, e as concepções e práticas de dois segmentos da comunidade de língua portuguesa envolvidos, respectivamente, com a gestão da língua e com o ensino de português como língua estrangeira são o objeto de estudo da pesquisa em tela. [...] **A análise tem o aporte teórico proposto por Calvet (2002 e 2007) e Castilho (2005), definidos como marco teórico inicial do estudo, que foi ampliado pela teoria de Spolsky (2004), acerca das esfe-**

ras constitutivas de uma Política Linguística [...]
(R052015) (Grifos nossos)

De maneira recorrente, também, as pesquisas do Nordeste utilizam a concepção de Spolsky aliada à sistematização proposta por Shohamy (2006), a exemplo de:

[...] buscamos analisar em que medida o Celp-Bras atua como um mecanismo de política linguística para os envolvidos com um curso de PLE voltado para estudantes do PEC-G [...]. **Adotamos uma visão multidimensional de política linguística (SPOLSKY, 2004, 2009, 2012), de mecanismos (SHOHAMY, 2006) e de apropriação da política linguística em camadas (MENKEN; GARCÍA, 2014).** (R122017) (Grifos nossos)

[...] temos como objetivo da pesquisa analisar o espaço da área de Política Linguística no curso de Letras no Brasil, discutindo as contribuições dessa área no processo de formação de professores de línguas. [...] **Para as concepções de Política Linguística, além de Haugen (1959) e Cooper (1989), utilizamos a noção teórica de Shiffman (1996), Spolsky (2004, 2009, 2012) e Shohamy (2006).** (R072017) (Grifos nossos)

As discussões sobre a agência do professor, isto é, o seu grau de autonomia na interpretação e apropriação de política linguística, aparecem embasadas pelo referencial teórico de Menken e García (2010), conforme destacamos a seguir.

O presente trabalho investiga e discute como se constituem as práticas de linguagem durante a

introdução do ensino bilíngue português-inglês em uma sala de aula de ensino médio, no sul do Brasil, em que a língua de instrução é o inglês. Fundamenta-se em estudos que tratam [...] **políticas educacionais de línguas (GARCIA; MENKEN, 2010, MCCARTY, 2011; LUCENA, 2012; MAHER, 2013)**, ideologias subjacentes a essas políticas, e de como essas ideologias sobre linguagem, ensino e aprendizagem relacionam-se com o conceito de translinguagem. (R262015) (Grifos nossos)

A **agência do professor**, portanto, começou a ganhar espaço nas pesquisas atuais (CREESE, 2010; VALDIVIEZO, 2010; ZACHARIA, 2010; THROOP, 2007), **valorizando-se o seu papel como um policymaker (fazedor de política linguística) nos processos de implementação das políticas linguísticas educacionais (MENKEN; GARCÍA, 2010)**. Essa agência do professor e de outros profissionais da educação pode ser observada no contexto estadual da educação básica de Pernambuco. (R102016) (Grifos nossos)

No que tange ao diálogo com outras tradições e áreas disciplinares, as pesquisas analisadas demonstram ainda pouca articulação explícita. Uma exceção pode ser vista no excerto a seguir, o qual ilustra uma tese que articula os conceitos de política linguística com pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e da Sociologia da Educação.

As leituras dos dados foram feitas com base no aporte teórico e metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), que prioriza o fenômeno das práticas na análise dos textos-discursos. Considerando a especificidade do objeto inves-

tigos, **estabeleci um acoplamento dos pressupostos do ISD (BRONCKART, 1999, 2008b; BULEA, 2014a) com as contribuições conceituais oriundas da Linguística Aplicada e das Políticas Linguísticas (SPOLSKY, 2004, 2009; SHOHAMY, 2006, 2009; MENKEN e GARCIA, 2010; HÉLOT, 2014), além das teorizações da Sociologia da Educação (BALL et. al., 1992, BALL, 1993, 1994, 2006).** Esses aportes complementares priorizam igualmente, em suas abordagens, as práticas contextualizadas como o elemento mais forte na definição de uma política. (R192016) (Grifos nossos)

Em relação às temáticas no Nordeste, identificamos 07 (sete) tópicos que convergem com as temáticas investigadas no Brasil, a saber: políticas linguísticas educacionais (05), formação de professores e políticas linguísticas (02), testes de língua (02), difusão da língua portuguesa (01), línguas minorizadas (01), difusão da língua portuguesa (01) e políticas linguísticas e migrações (01).

O tópico “políticas linguísticas educacionais” foi explorado em diferentes contextos e evidenciou diversos objetos de estudo, tais como: os modelos de educação escolar desenvolvidos nas comunidades Yanomami e Potiguara, relacionando-os às políticas oficiais que propugnam uma educação escolar intercultural e bilíngue (SIMAS, 2013); a proposição de uma proposta teórico-metodológica para o ensino do português brasileiro no que se refere às vogais orais pretônicas sob a ótica de uma abordagem comunicativa (JESUS, 2013); o processo de interpretação e apropriação por professores da educação básica do Estado de Pernambuco das políticas linguísticas oficiais relacionadas ao eixo de análise linguística (ANDRADE, 2016); as representações

de professoras/assessoras internacionais de Institutos Federais em relação ao incremento de uma política de ensino de idiomas estrangeiros como resultado dos processos de internacionalização e a forma de apropriação por essas agentes dessas políticas em seus contextos específicos (CAVALCANTE, 2016); e as relações entre as políticas linguísticas declaradas (oficiais) e as políticas linguísticas percebidas (crenças) voltadas ao ensino de espanhol na cidade de João Pessoa (PB) (FERREIRA, 2017).

Esses trabalhos subsidiam o desenvolvimento da área de PPL: i) em Simas (2013), a apresentação de um diagnóstico da situação sociolinguística e educacional de duas comunidades indígenas, Yanomami e Potiguara, contribui para a reflexão do papel da educação escolar intercultural e bilíngue na ecologia linguística de cada uma das comunidades, possibilitando aos gestores em geral e às lideranças indígenas a avaliação das políticas linguísticas de fato em relação aos objetivos almejados pelos diferentes grupos (o Estado e a comunidade); ii) em Jesus (2013), os resultados das pesquisas linguísticas evidenciam uma dimensão aplicada da PPL, na medida em que podem ancorar a promoção do português brasileiro a partir da apresentação de propostas que respondam às demandas sociais; iii) em Andrade (2016) e Cavalcante (2016), as reflexões sobre o papel dos professores como agentes de política linguística trazem uma contribuição de natureza teórica e prática para o campo da PPL no Brasil e, em específico, para a Região Nordeste, visto que se constituem em abordagens inovadoras por estabelecerem diálogos entre as políticas linguísticas de natureza macro e micro; iv) em Ferreira (2017), a descrição do ensino de espanhol em uma capital da Região Nordeste confirma empiricamente a suposição de Spolsky (2004, 2009) de que as dimensões da política linguística (crenças, gestão e práticas) são interdependentes, além de dar voz aos estudantes e professores de espanhol, trazendo à tona

os discursos dos sujeitos que são diretamente afetados pelas políticas linguísticas declaradas.

“Formação de professores e políticas linguísticas” também foi uma temática presente em trabalhos acadêmicos da Região Nordeste. Esse tema foi abordado a partir de duas óticas: o espaço da área de PPL nos currículos da licenciatura em Letras no Brasil (AFONSO, 2017) e a formação de professores indígenas (KASTELIC, 2014). Entendemos que, a partir do mapeamento e caracterização das práticas de ensino relacionadas à área de PPL nas licenciaturas em Letras no Brasil, temos uma visão panorâmica da presença do campo na formação de professores de línguas e das contribuições da área nesse processo de formação. Entendemos, ainda, que o estudo sobre a formação de professores indígenas amplia as reflexões sobre essa temática, principalmente se considerarmos a existência de políticas públicas²⁷ que propugnam uma educação intercultural e bilíngue para as comunidades indígenas.

Na esteira das pesquisas relacionadas às comunidades indígenas, outra temática presente nos trabalhos da Região Nordeste foi a de “línguas minorizadas”. Souza Filho (2017) traz uma importante contribuição na ampliação das discussões sobre as experiências realizadas em diferentes comunidades indígenas para manter e revitalizar suas línguas. Outrossim, esta dissertação representa um trabalho seminal sobre a tentativa de revitalização de uma língua minorizada no Estado da Paraíba. A descrição da dimensão das crenças e das práticas analisadas pelo autor pode explicar as razões por que o ensino do Tupi não se constitui como vetor para a revitalização dessa língua, contrariando teóricos que apresentam esse espaço como altamente significativo nesse pro-

27 Como exemplos de políticas públicas nacionais, é possível citar o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1998) e as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (1994).

cesso (COOPER, 1989). Por outro lado, a escola se constitui como instituição que promove o fortalecimento da identidade étnica e cultural.

Outra temática presente nos trabalhos da Região Nordeste é “políticas linguísticas e migrações massivas”. Esse tópico também esteve presente nas pesquisas brasileiras (SOUSA; PAIVA; VIRGULINO, 2018), contudo não se caracterizou como recorrente, por isso não foi resenhado na seção anterior. Considerando a intensidade e diversificação do fenômeno migratório no mundo e em nosso país, Sousa (2015) traz uma necessária discussão sobre o papel da língua no processo de integração social dos refugiados. Ancorada na Teoria da Gestão da Língua (SPOLSKY, 2004, 2009), a qual preconiza que as políticas linguísticas se realizam necessariamente em domínios (escola, igreja, Estado...), a autora reflete sobre a relação entre domínio e um dos elementos que o caracterizam - os participantes, trazendo como contribuição teórica a compreensão de que os refugiados que vivem no país de acolhimento e não utilizam a língua da sociedade envolvente se caracterizariam como não participantes no domínio do Estado-nação.

A temática “testes de língua” esteve representada no *corpus* através de dois trabalhos, que revelaram os seguintes objetos de estudo: o impacto do ENEM na avaliação da aprendizagem de Língua Inglesa (SANDES, 2015); o papel do exame Celpe-Bras como mecanismo de política linguística para estudantes vinculados ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) (DIONÍSIO, 2017). Em Sandes (2015), é possível refletir sobre as discontinuidades presentes nas políticas linguísticas oficiais de ensino de LE no Brasil, na medida em que os documentos indicam uma aprendizagem linguística mais comunicativa e contextualizada, contudo isso não se refletiria no ENEM, que acabaria por reforçar uma prática de ensino com base na tradução. Em Dionísio

(2017), uma contribuição de natureza teórica está na utilização da noção de políticas linguísticas percebidas através de um corte metodológico vertical, isto é, na análise das crenças sobre a língua portuguesa e o Celpe-Bras de diferentes agentes (SPOLSKY, 2004, 2009) – coordenadora, professoras e alunos – que se posicionam em diversas camadas de interpretação de uma política linguística (JOHNSON, 2013).

A temática “difusão da língua portuguesa” também esteve presente em trabalhos da Região Nordeste. Moreira e Silva (2015) investigaram em que medida as políticas oficiais de promoção internacional do português de Brasil e Portugal (tais como os programas de leitorado e os exames de proficiência) atendem às necessidades percebidas por gestores e professores de português para falantes de outras línguas. O trabalho contribui na construção de um retrato do estado corrente das políticas linguísticas oficiais luso-brasileiras para promover a língua portuguesa, ao mesmo tempo em que registra a visão “de baixo para cima” daqueles que atuam nas salas de aula de português no exterior a respeito de suas próprias necessidades.

E, por fim, a temática “saberes meta(linguísticos) e políticas linguísticas” também apareceu nos trabalhos realizados na Região Nordeste. O trabalho de Silva (2016) analisa a “These para Concurso da Cadeira de Rethórica, Poética e Litteratura Nacional do Internato do Collégio D. Pedro II”, escrita em 1868. Esta pesquisa busca descrever a memória do ensino de português no Brasil no século XIX, articulando as ideias sobre a linguagem às ideias nacionalistas, fundadas, principalmente, na ideologia uma língua – uma nação, fomentando esse veio de pesquisas no Brasil.

À guisa de reflexão conclusiva, consideramos que o panorama teórico que se desenha atualmente para as pesquisas na Região Nordeste é marcado pela preferência por uma

concepção multidimensional de política linguística, bem como pela pouca articulação com outras áreas do conhecimento. Quanto às temáticas exploradas, elas revelam como o micro espaço regional reitera o que vem sendo produzido em um contexto macro (Brasil) na área de PPL.

5. Considerações finais

Neste capítulo, estabelecemos como objetivo analisar as práticas de pesquisa no campo de PPL, discutindo os temas e as teorias recorrentes no espaço de 28 anos (1990 a 2017) no Brasil, bem como focalizar o olhar para a Região Nordeste. Para tanto, analisamos 203 (duzentos e três) resumos provenientes de artigos, dissertações e teses brasileiros. Para focalizar o Nordeste, selecionamos 13 (treze) trabalhos na área, sendo 04 (quatro) teses e 09 (nove) dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação da Região.

No Brasil, identificamos que a concepção que mais tem inspirado trabalhos é a de Calvet (2002, 2007), seguida pela de Spolsky (2004, 2009), a de Cooper (1989) e a de Shohamy (2006). No Nordeste, por sua vez, identificamos que a concepção de política linguística mais adotada pelos pesquisadores vem sendo a de Spolsky (2004, 2009), seguida por Shohamy (2006) e Menken e García (2010). Esse resultado parece indicar que o cenário nacional demonstra maior adesão à concepção da política e do planejamento linguísticos como duas etapas, distinguindo entre gestão linguística *in vitro* e *in vivo* e focando na ação do Estado. O cenário regional, de maneira marcada, demonstra uma maior adesão à concepção de política linguística como um construto multidimensional, que se realiza na gestão, nas crenças e nas prá-

ticas linguísticas, bem como se manifesta de forma distinta em diversos domínios sociolinguísticos.

Depreendemos também, a partir da constatação da predominância do aporte da AD francesa como orientação teórica nas pesquisas brasileiras, que a preocupação com questões de ideologia e identidade têm ocupado um papel de destaque nas pesquisas sobre política linguística no país. Esse interesse de pesquisa também toma a HIL e a Semântica do Acontecimento como aportes teóricos auxiliares ou centrais. Embora essas questões de ideologia e identidade também façam parte das pesquisas nordestinas, não há nesta região um aporte teórico predominante de análise, como ocorre no contexto brasileiro.

A tendência de inquirir as vinculações ideológicas das políticas linguísticas se afasta decisivamente das pesquisas realizadas na primeira fase da área de PPL, caracterizadas pela defesa da neutralidade e objetividade, desconsiderando os aspectos ideológicos e sociopolíticos da linguagem em geral, de acordo com o paradigma estruturalista vigente. Johnson (2013, p. 33) vê, a partir da década de 1990, um “[...] interesse cada vez maior na natureza sociopolítica e ideológica da política e planejamento linguístico²⁸” no plano internacional, e o *corpus* de teses, dissertações e artigos analisados neste capítulo comprova que essa preocupação também se reflete nas pesquisas brasileiras desde o início da conformação do campo no país. Então, podemos ponderar que a PPL no Brasil já nasce distanciada de uma crença no caráter apolítico do planejamento linguístico, ou seja, já surge mergulhada em reflexões sobre essa atividade como uma arena marcada pelo conflito de interesses e pelo desequilíbrio de poder.

Em relação às temáticas, identificamos que não há divergência entre o que se constitui como tema de interesse no Brasil e

28 No original: “[...] an increased interest in the sociopolitical and ideological nature of language planning and policy” (JOHNSON, 2013, p. 33).

na Região Nordeste. Assim, identificamos como tópicos comuns nos dois contextos: “políticas linguísticas educacionais”, “testes de língua”, “línguas minorizadas”, “formação de professores e políticas linguísticas”, “difusão da língua portuguesa”, “políticas linguísticas e migrações massivas” e “saberes (meta)linguísticos e políticas linguísticas”. Com exceção da última, as demais temáticas estão alinhadas com o que vem sendo pesquisado no cenário internacional (RICENTO, 2006; JOHNSON, 2013).

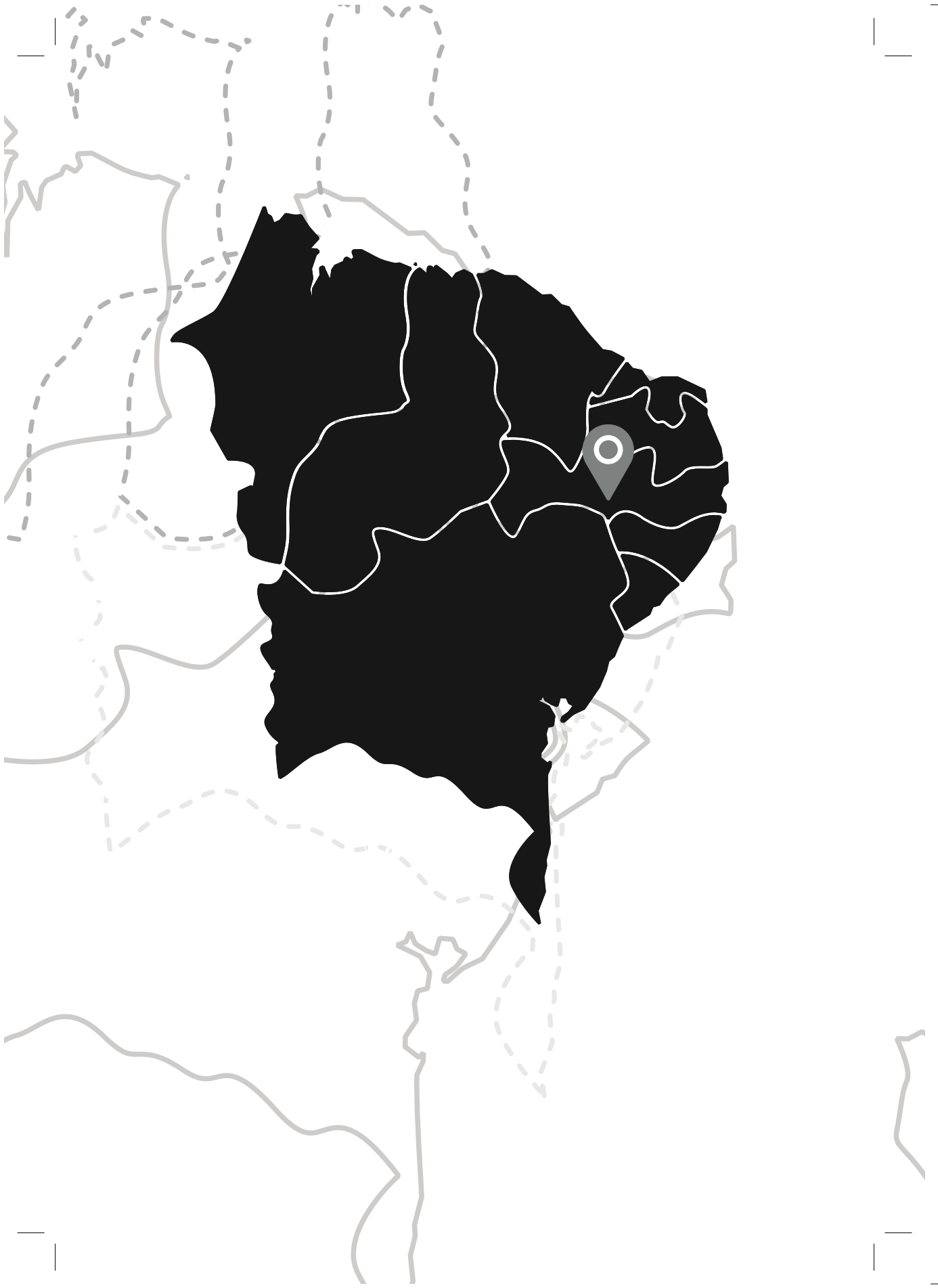
Tanto no Brasil quanto na Região Nordeste, o tópico “políticas linguísticas educacionais” se constituiu no principal interesse dos pesquisadores. Acreditamos que esse resultado se explique devido à implementação de diferentes políticas linguísticas oficiais para o ensino de línguas ao longo dos anos no Brasil, ao surgimento de fenômenos sociais que têm implicações para as políticas linguísticas (e.g.: Mercosul, globalização, criação de blocos econômicos), dentre outros.

A temática “saberes (meta)linguísticos e políticas linguísticas” revelou que, tanto no Brasil quanto na Região Nordeste, esse tópico se caracteriza como um desenvolvimento próprio da PPL nacional, estabelecendo diálogos teóricos entre HIL, AD e políticas linguísticas.

Reconhecemos o potencial do mapeamento realizado neste capítulo no sentido de munir os interessados em PPL de uma visão panorâmica e historicamente fundamentada do campo. Ao tomar conhecimento das diversas possibilidades de exploração temática e teórica na análise das políticas linguísticas, fica mais fácil vislumbrá-las como um poliedro, ou seja, uma figura geométrica de várias faces, na qual, dependendo da posição em que a observamos, identificamos novas oportunidades abertas à investigação.

Ao abordarmos políticas linguísticas, deve ficar claro que a amplitude de temas e de visões teóricas enriquece o debate acadêmico, bem como oferece possibilidades de atuação prática mais fundamentada. Nesse sentido, consideramos como um desafio para a pesquisa nessa área, tanto no Brasil quanto no Nordeste, a ampliação de pesquisas aplicadas²⁹ que tenham a possibilidade de dialogar diretamente com os agentes de política linguística e propiciar intervenções na realidade.

29 Um exemplo da perspectiva aplicada na PPL foi a proposta teórico-metodológica desenvolvida por Jesus (2013) para o ensino do português brasileiro.



ORALIDADE E ESCRITA NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DOS CURSOS DE PÓS- GRADUAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE

Débora Amorim Gomes da Costa-Maciél (UPE)
Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo Barbosa (UFPE)

1. Introdução

Neste artigo¹, resgatamos as produções científicas que tratam sobre o tema oralidade e escrita, desenvolvidas no âmbito dos Programas de Pós-Graduação (PPG) de Universidades²

1 É necessário reservar aqui um espaço para agradecer a alguns(as) docentes que, a nosso convite, leram atentamente o nosso texto. Nossa gratidão a Clécio Bunzen; Fabrini Katrine da Silva Bilro; Lenilton Damião da Silva Junior; Ewerton Ávila dos Anjos Luna, bem como a nossa aluna de Iniciação Científica, Nilma Ferreira de Moura.

2 Documentamos Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado Acadêmico e Mestrado Profissional produzidas nas universidades das referidas regiões, no âmbito Universidade Federal de Alagoas/UFAL–Doutorado em Letras e Linguística; Mestrado em Educação, Letras e Letras e Linguística. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB–Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens; Mestrado Profissional em Letras. Universidade Estadual de Santa Cruz/ UESC–Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal da Bahia/UFBA–Doutorado em Educação; Letras e Linguística; Mestrado em Educação; Letras e Linguística; Mestrado Profissional em Letras. Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Mestrado Profissional em Letras. Universidade Estadual do Ceará/UECE–Mestrado em Linguística Aplicada; Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal do Ceará/ UFC–Doutorado em Educação e Linguística; Mestrado em Educação e Linguística; Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal do Maranhão/UFMA – Mestrado em Educação. Universidade Estadual da Paraíba/UEPB–Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG–Mestrado em Linguagem e Ensino; Mestrado Profissional em Letras. Universidade

Públicas e Particulares, em nível de Doutorado (DO), Mestrado Profissional (MP) e Mestrado Acadêmico (MA) localizadas em 9 (nove) estados da Região Nordeste do Brasil, mais especificamente, Alagoas (AL), Bahia (BA), Ceará (CE), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Piauí (PI), Rio Grande do Norte (RN), Sergipe (SE) e Maranhão (MA).

Assumimos, aqui, a oralidade e a escrita como modalidades distintas de uma mesma língua, as quais são utilizadas em diferentes práticas sociais para fins comunicativos. Ambas convivem de modo não dicotômico em culturas grafocêntricas e, em virtude deste fato, devem ser compreendidas em um contínuo de gêneros textuais/discursivos, com atenção não apenas para os modais em que se materializam, mas também para os diferentes elementos que “operam no interior do contínuo” (ROJO e SCHNEUWLY, 2006).

Acreditamos, assim como Schneuwly (2004, p. 135), que “não existe ‘o oral’, mas ‘os orais’ sob múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender” (SCHNEUWLY, 2004, p. 135). Este oral pode se manifestar de forma integrada, enquanto ferramenta para aprender/ desenvolver capacidades discursivas, que envolvem o dizer, o explicar e o argumentar, nos contextos escolares e nos variados componentes curriculares, bem como, sob a forma do oral autô-

Federal da Paraíba/UFPB – Doutorado em Linguística; Mestrado em Educação, Letras e Linguística; Mestrado Profissional em Letras; Linguística e Ensino. Universidade Federal de Pernambuco/Mestrado e Doutorado em Educação e Letras. Universidade Católica/UNICAP – Mestrado em Ciências da Linguagem. Universidade de Pernambuco/UPE – Mestrado Profissional em Letras. Universidade Estadual do Piauí/ UESPI – Mestrado em Letras; Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal do Piauí/UFPI – Mestrado em Educação e Letras. Universidade Estadual do Rio Grande do Norte/UERN – Mestrado em Letras; Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN – Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal de Sergipe/UFSE – Mestrado em Educação e Letras; Mestrado Profissional em Letras.

nomo, em que os gêneros orais são abordados enquanto objetos de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, não se constituem como meios para a apreensão de comportamentos discursivos associados a outros saberes disciplinares (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004).

Registramos, neste artigo, resultados reveladores de que as produções de teses e dissertações dos PPG, das diferentes regiões do NE, são representativas de uma pluralidade de formas de enxergar a temática oralidade e a escrita, haja vista as diferentes vertentes teóricas e metodológicas as quais se filiam, como veremos no interior do nosso texto.

No que diz respeito a metodologia, o recorte temporal da investigação foi condicionado pelos dados disponíveis no *site* do Banco de Teses e Dissertações da Capes, cuja disponibilidade de trabalhos defendidos no âmbito dos PPG brasileiros compreende o período de 1997 a 2017. Desse modo, contemplamos os dados disponíveis até o ano de 2017, em virtude de que, no período de coleta, o *site* do repositório da Capes não disponibilizava as produções do início do primeiro semestre de 2018. Contudo, no encaminhamento do tratamento das informações, observamos que os dados de 2017, referentes às produções dos PPG, pareciam não constar de forma integral na referida Plataforma³, uma vez que, em todas as áreas investigadas, houve resultado de apenas 1 (um) trabalho, em um PPGE, para o referido ano.

Utilizamos o termo de busca: Oralidade e Escrita e refinamos o uso dos termos para os Programas de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico/Profissional e Doutorado. A partir deste refino, obtivemos como resultado o cenário de 2.283 (duas mil, duzentas e oitenta e três) ocorrências. Os resultados exigiram

3 Acionamos a equipe técnica da Plataforma de Teses e Dissertações da Capes, utilizando o número de contato disponível no sistema, contudo não obtivemos retorno até o encerramento desse artigo.

a leitura dos resumos de cada trabalho para que pudéssemos verificar se os objetos de pesquisa, em questão, tratavam de oralidade e escrita e em que áreas eles apareciam. Nesse processo, restou-nos um total de 133⁴ (cento e trinta e três) trabalhos (entre teses e dissertações)⁵. Após a coleta das informações, importamos os dados para uma planilha *Excel* e seguimos para localização dos arquivos correspondentes a cada tese/dissertação. Constatamos que não estão disponíveis⁶ no *site* do Banco de Teses e Dissertações da Capes (BTD) alguns arquivos completos dos documentos, cujos trabalhos foram anteriores à Plataforma Sucupira⁷.

Nessa direção, visitamos a base de dados do Repositório de cada Programa de Pós-Graduação para tentar localizar os textos. Contudo, percebemos que algumas bases estão desatualizadas em relação às produções defendidas no âmbito dos programas. Outras disponibilizam apenas as produções mais recentes ou apenas os resumos, informações que constam na plataforma Sucupira, como por exemplo, a UFPB. O fato de algumas Universidades não apresentarem as Teses e Dissertações moveu-nos a, inicialmente, acionar o(a) autor(a) do texto. E, caso

4 Supomos que algumas teses e dissertações que tratam do tema investigado podem não ter sido relacionadas em virtude de alguns problemas relativos a fatores, tais como: indisponibilidade dos exemplares na Plataforma de Teses e Dissertações da Capes, possível erro no cadastro dos textos no repositório.

5 Algumas dificuldades foram enfrentadas por nós, dentre elas: erro no *download*; expiração sistemática da página; problemas de integridade referencial quanto ao cadastramento das instituições pesquisadoras, uma vez que encontramos, na base, teses e dissertações associadas, por exemplo, a instituições como hospitais e colégios ou áreas de interesse vagas.

6 Por exemplo, pesquisas realizadas em 2009 e 2012, advindas da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Trabalhos desenvolvidos em 2009, na Universidade Federal de Pernambuco, Recife, no mestrado de Letras. Em sua maioria, todos os trabalhos anteriores a Plataforma Sucupira não estavam disponíveis no BTD da Capes, no período da busca.

7 A Plataforma Sucupira é uma ferramenta *online*, criada em 2014, com objetivo de coletar informações, realizar análises e avaliações e servir de base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG).

não obtivéssemos retorno, o documento não seria tomado para análise integral.

De posse dos resumos e das dissertações completas, o que caracterizou uma pesquisa eminentemente documental (CELLARD, 2008), assumimos um olhar prevalentemente qualitativo, tendo em vista que buscamos “a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato do pesquisador com a situação estudada” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13). Essa escolha também foi influenciada pela diversidade de abordagens conceituais e teóricas seguidas pelas pesquisas, bem como pelo objetivo do nosso artigo, que visou trazer um panorama geral dos trabalhos sobre “oralidade e escrita”.

Na organização deste artigo, iniciamos com um levantamento histórico das investigações sobre a temática oralidade e escrita nos Programas de Pós-Graduação do Nordeste; em seguida, destacamos as vertentes teóricas e analíticas que se destacam nessa área; e, por fim, trazemos uma amostragem de pesquisas realizadas nos últimos 20 anos, no contexto dos mestrados e doutorados das Universidades públicas e particulares.

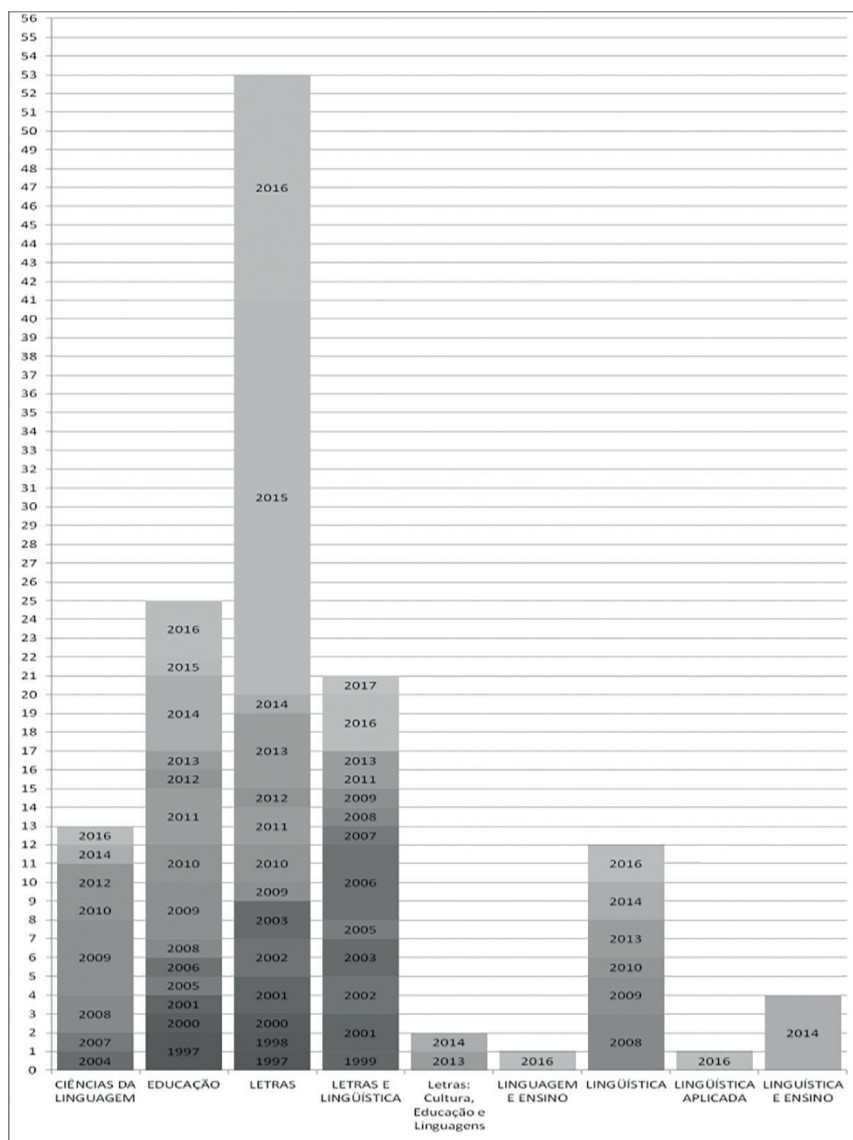
Vejamos a seguir os resultados encontrados.

2. Histórico da área temática nas pesquisas no Nordeste

Neste tópico, historiamos a temática oralidade e escrita, ao longo de 20 anos, nos PPG das Universidades Nordestinas. Nossa imersão nos dados nos permitiu enxergar as ocorrências das produções do ponto de vista da sua distribuição geográfica e temporal nos diferentes Programas de Pós-Graduação.

Vejamos, inicialmente, o recorte temporal das áreas de investigação.

Gráfico 1



Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes, 2018.

Conforme apresenta o gráfico, as produções ocorrem nos PPPG de Ciências da Linguagem; Educação; Letras; Letras e Linguística; Letras: cultura, educação e linguagem; Linguagem e Ensino; Linguística; Linguística Aplicada; Linguística e Ensino. Podemos dividir essa distribuição em 2 (dois) blocos: 1) maior quantitativo; 2) menor quantitativo.

No bloco 1, vemos 5 (cinco) dos 9 (nove) Programas de Pós-Graduação concentrando o maior quantitativo de produções. A saber: PPG de Letras, 53 (cinquenta e três) produções; Educação, 25 (vinte e cinco); Ciências da Linguagem, 13 (treze); Linguística, 12 (doze).

No bloco 2, temos o seguinte cenário: Linguagem e Ensino, 1(uma) produção; Linguística Aplicada, 1(uma); Letras: cultura, educação e linguagens, 2(duas); Linguística e Ensino, 4(quatro).

Os PPG de Letras foram os que mais desenvolveram produção relacionada à temática oralidade e escrita ao longo de 1997 a 2016, havendo intervalos nas produções nos anos de 1999, 2004 a 2008. Nos anos de 2015 e 2016 ocorre uma elevação significativa no quantitativo de produções, possivelmente, em virtude, da produção de Dissertações dos egressos dos Mestrados Profissionais em Letras (PROFLETRAS).

Os PPG em Educação demonstram uma regularidade em suas produções ao longo dos anos, havendo um aumento nos anos de 2011, 2014 e 2016.

As produções dos PPG de Letras e Linguística surgem a partir de 1999. Os anos de 2004 e 2016 são os que mais aparecem produções na temática.

O PPG⁸ de Ciências da Linguagem inicia as suas produções com a oralidade a parti de 2004 e segue até o ano de 2016, contudo há interrupção nas produções no ano de 2003 a 2005, 2011, 2013, e 2015.

Nos Programas de Pós-Graduação de Letras e Linguística as produções são iniciadas a partir de 1999 a 2017, contudo há ausência de produção na temática ao longo dessas duas décadas nos anos de 2000, 2004, 2010, 2012, 2013 a 2015.

Os PPG de Linguística iniciam suas produções na temática oralidade e escrita a partir de 2008. As produções advindas desses programas não aparecem nos anos de 2011, 2012 e 2015.

Os PPG de Linguagem e Ensino e Linguística Aplicada apresentam produções apenas no ano de 2016.

No PPG de Letras: cultura, educação e linguagens as produções ocorrem nos anos de 2013 e 2014.

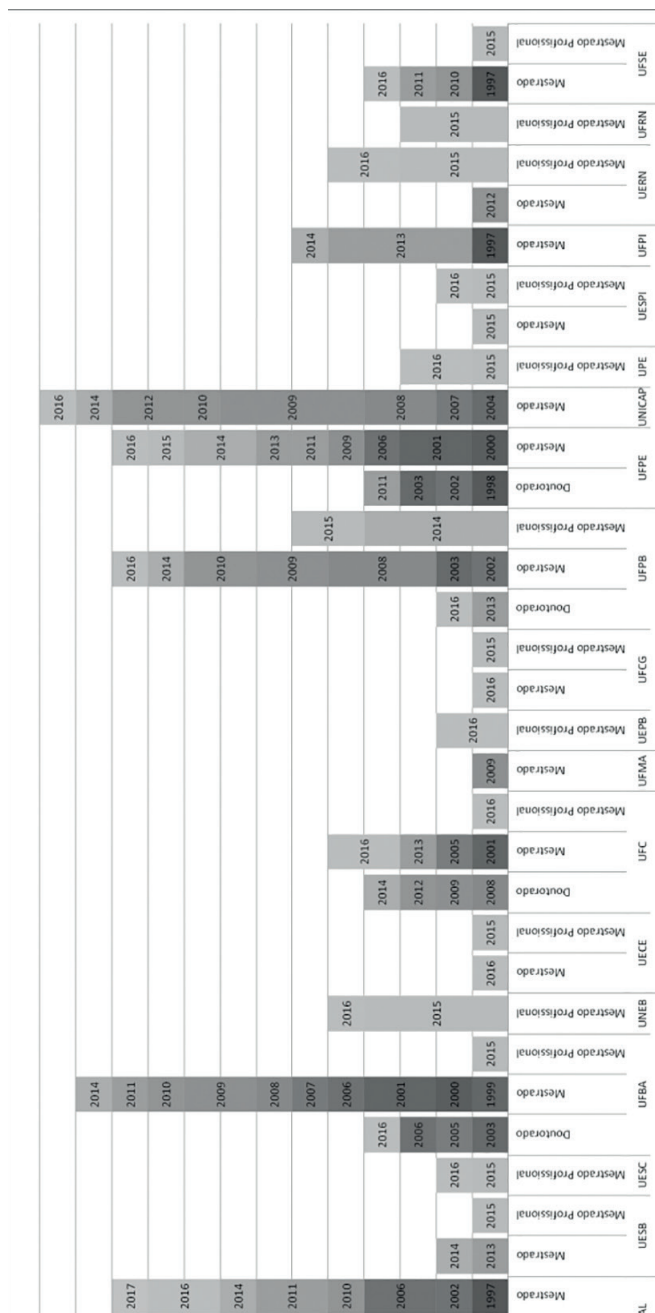
Em Linguística e Ensino a produção data do ano de 2014.

Gostaríamos de destacar que, nesse cenário, algumas variáveis devem ser consideradas, embora não tenhamos nos debruçado sobre elas, como, por exemplo, o ano de criação de cada Programa e a existência de linhas e grupos de pesquisas diferentes, os quais geram impactos no volume de dados obtidos nos Programas.

Em busca de um melhor aprofundamento sobre o histórico de produções no NE, com atenção voltada aos níveis de Doutorado, Mestrado Acadêmico e Profissional, no recorte temporal de 1997 a 2017, analisemos o gráfico a seguir:

8 Este é o Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco.

Gráfico 2



Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes, 2018.

O gráfico revela que dos 18 (dezoito) PPG distribuídos nos estados do NE 05 (cinco) apresentaram no Doutorado (UFAL, UFBA, UFC, UFPB e UFPE), 14 (catorze) no Mestrado Acadêmico (UFAL, UESB, UFBA, UECE, UFC, UFMA, UFCG, UFPB, UFPE, UNICAP, UESPI, UFPI, UERN, UFSE) e 09 (nove) no Mestrado Profissional (UESB, UESC, UFBA, UNEB, UECE, UFC, UFCG, UFPB, UFPE, UFCG, UFPI, UERN, UFRN e UFSE).

Ao todo, temos um quantitativo de 18 (dezoito) teses desenvolvidas no âmbito do Doutorado. Vemos um total de 4 (quatro) teses desenvolvidas em cada um dos seguintes PPG: UFAL, UBA e UFC. No PPG da UFPE foram produzidas 2 (duas).

No âmbito do Mestrado Acadêmico temos uma produção geral de 80 (oitenta) dissertações. Elas estão distribuídas da seguinte forma: UNICAP, 13(treze); UFBA, 12(doze); UFAL, UFPB e UFPE, 11 (onze); UESB, 2 (duas); UECE, UFC, UFMA, UFCG, UESPI, UERN, 1 (uma) em cada Programa.

Nos Mestrados Profissionais foram produzidas 34 (trinta e quatro) trabalhos distribuídos em diferentes instituições: UFPB, 6 (seis); UNEB e UERN, 5 (cinco); UPE e UFRN, 3 (três); UESC, UESPI, UEPB, 2 (duas); UESB, UFBA, UECE, UFC, UFCG, UFSE, 1 (uma).

Observemos a seguir o comportamento das pesquisas sobre “oralidade e escrita” nos Programas de Pós-Graduação nas Universidades do NE.

No Estado de Alagoas, os trabalhos sobre a temática “oralidade e escrita” aparecem na UFAL. Nesta instituição foram produzidos 15 (quinze) textos. 04 (quatro) no DO e 11(onze) no ME.

Na Bahia os textos sobre o objeto desse artigo aparecem em 4 (quatro) instituições. UESB, UESC, UFBA e na UNEB. Sendo assim, observamos o seguinte cenário: UESB, 03 (três). 02 (dois) no ME e 01 (um) no MEP. UESC, 06 (seis). 02 (dois) no MEP e 04

(quatro) no DO. UFBA, 13 (treze) no ME, 01 (um) MEP. Na UNEB, 05 (cinco) no MEP.

No Estado do Ceará a temática aparece na UECE e na UFC. Na UECE, 02 (dois). 01 (um) no ME, 01 (um) no MEP. Na UFC, 10 (dez). 04 (quatro) no DO, 05 (cinco) no ME e 01 (um) no MEP.

No Maranhão temos produção na UFMA. Nesta ocorre 01 (uma) no ME.

Na Paraíba aparecem na UEPB, na UFCG e na UFPB. Na UEPB, 02 (dois). Ambos no MEP. Na UFCG, 02 (dois). 01 (um) ME, 01 (um) MEP. UFPB, 19 (dezenove). 02 (dois), DO; 11 (onze) no ME; 06 (seis) MEP.

Em Pernambuco aparecem trabalhos em 3 (três) instituições: UFPE, UPE e UNICAP. UFPE, 15 (quinze). 04 (quatro), no DO; 11 (onze) no ME; 03 (três) no MEP da UPE. Na UNICAP, aparecem 13 (treze) trabalhos defendidos no ME.

No Piauí os trabalhos são localizados 09 (nove) trabalhos em duas instituições: UESPE e na UFPI. Na UESPI, 03 (três). 01 (um) no ME e 02 (dois) no MEP. Na UFPI, 06 (seis) produções foram desenvolvidas no ME.

No Rio Grande do Norte os trabalhos aparecem na UERN e na UFRN. UERN. Na UERN 03 (três) 06 (seis). 1 (um) no ME; 05 (cinco) no MEP. Na UFRN, 03 (três) no MEP.

Em Sergipe as produções aparecem apenas no UFSE. Nesta instituição ocorreram 05 (cinco) produções. 04 (quatro) no ME; 01 (um) no MEP.

No cenário geral, vemos que os programas de Doutorado apresentam, ao longo dos 20 (vinte) anos, 18 (dezoito) produções. Não há um destaque para uma instituição específica, uma vez que a maior parte delas registra 04 (quatro) produções.

É no âmbito do Mestrado Acadêmico que mais se produz dissertações: 81 (oitenta e um). Os Programas de maior produtividade na temática são: UFAL (11); UFBA (13); UFPB (19); UFPE (11) e a UNICAP (13).

No Mestrado Profissional foram gerados 34 (trinta e três) dissertações. Este quantitativo é pulverizado em muitas Universidades, contudo em três instituições específicas podemos ver o maior investimento no tema: UNEB (05); UFPB (06) e UERN (05).

Vemos a seguir as bases teóricas que alimentam as produções sobre oralidade escrita ao longo de 20 anos.

3. Vertentes teóricas e analíticas da área temática

As diferentes áreas acima apresentadas são constituídas por trabalhos que dialogam com diferentes vertentes teóricas e analíticas. Veremos agora algumas dessas áreas, com exemplificação de como elas aparecem.

A área de estudos da Psicologia, por exemplo, mobiliza vertentes teóricas como o Sociointeracionismo, cuja abordagem se ancora na perspectiva dos estudos histórico-culturais de Vigotsky, bem como na perspectiva da Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro. A tese de doutorado⁹ “O desenvolvimento da oralidade e da escrita em crianças mediante textos narrativos for-

9 O estudo foi desenvolvido no âmbito da linha de pesquisa Desenvolvimento, Linguagem e Educação da Criança (LIDELEC), sob a orientação da professora Doutora Sylvie Ghislaine Delacours Soares Lins. Com enfoque psicogenético e cultural, essa linha de pesquisa volta-se para a investigação de questões relativas ao processo de desenvolvimento da criança nos ambientes educativos. Educação infantil – envolve os diferentes aspectos do desenvolvimento, com interesse especial pelo processo de aquisição da linguagem oral e escrita, visando compreender a evolução conceitual da criança, a formação de professores e a intervenção pedagógica.

mais: investigação longitudinal¹⁰, de autoria de Maria Socorro Silva Almeida, defendida no Programa de Educação Brasileira¹¹, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, em 2012, por exemplo, investigou “a relação entre níveis distintos da oralidade, no período final da creche, e a evolução na reconstituição oral e escrita do texto narrativo em diferentes etapas do desenvolvimento das crianças” (p. 8), tendo como suas principais vertentes teóricas a Psicogênese da Língua Escrita¹² e os estudos histórico-culturais¹³.

A área da Linguística encampa vertentes teóricas como Sociolinguística, Análise da Conversação, Estudos dos Gêneros e Pragmática. Como exemplo de trabalho que se insere na abordagem Sociolinguística, tem-se a dissertação de Maria José de

-
- 10 O estudo foi desenvolvido no âmbito da linha de pesquisa Desenvolvimento, Linguagem e Educação da Criança (LIDELEC), sob a orientação da professora Doutora Sylvie Ghislaine Delacours Soares Lins. Com enfoque psicogenético e cultural, essa linha de pesquisa volta-se para a investigação de questões relativas ao processo de desenvolvimento da criança nos ambientes educativos. Educação infantil – envolve os diferentes aspectos do desenvolvimento, com interesse especial pelo processo de aquisição da linguagem oral e escrita, visando compreender a evolução conceitual da criança, a formação de professores e a intervenção pedagógica.
- 11 O Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará – UFC, nomeado PPGE, é vinculado à Faculdade de Educação – FACED, sendo integrante do Sistema Nacional de Pós-Graduação. Tem como área de concentração a Educação Brasileira. As atividades acadêmico-científicas dos cursos ofertados pelo PPGE são organizadas e desenvolvidas por meio de nove Linhas de Pesquisa, organizadas em eixos temáticos, agrupados em função dos temas e/ou perspectivas teórico-metodológicas dos diversos grupos de pesquisa que compõem essas Linhas de Pesquisa.
- 12 FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. Tradução Horácio Gonzáles (et. al.) São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990. (Citada pela autora).
- 13 VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Psicologia Pedagógica**. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins fontes, 2004. (Citado pela autora)
- _____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998a. (Citada pela autora)
- _____. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998b. (Citado pela autora)
- VYGOTSKI, Lev Semenovitch. **Obras Escogidas III**. Madrid, Espanha: Visor, 1995. (Citado pela autora).

Oliveira Araújo “A variação linguística em sala de aula: uma proposta de intervenção reflexiva sobre o preconceito linguístico”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba (Mestrado Profissional), João Pessoa, sob a orientação da Professora Doutora Roseane Batista Feitosa Nicolau, em 2014. O estudo se ancora na vertente da Sociolinguística Variacionista, de Labov, na qual se baseiam propostas para a área de ensino de Língua Portuguesa (RICARDO-BORTONI, 2005; 2008 e BAGNO, 2005; 2007).

Ao longo dos últimos vinte anos, os estudos que se instauram em domínios da Linguística mobilizam também vertentes teóricas relacionadas com a Análise da Conversação e a Linguística Textual, com vistas a analisar atividades textuais e conversacionais. A dissertação de mestrado “Aspectos Textuais e Conversacionais¹⁴,” de José Nildo Barbosa de Melo Júnior, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística¹⁵, da Universidade Federal de Alagoas, sob a orientação da professora doutora Francisca Maria de Oliveira Santos, em 2016, cujo objetivo foi “analisar atividades textuais e conversacionais na entrevista oral, no radiojornalismo alagoano, considerando o caráter dinâmico, o interacional e o cooperativo/colaborativo do texto falado”. (p. 10), traz em seu objeto de estudo aspectos inerentes às interações conversacionais como as inter-relações entre os interactantes, o nível de simetria/assimetria entre eles, a disposição dos turnos de fala, dentre outros aspectos da conversação, em diálogo com o processamento do texto oral, objeto da Linguística

14 O estudo foi desenvolvido no âmbito da Linha de Pesquisa Estudos Textuais: Oralidade, Leitura e Escrita.

15 O Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas originou-se em 1989, quando foi implantado o Curso de Pós-Graduação *stricto sensu*, o Mestrado em Letras (CML). O Doutorado em Letras foi criado em 1991 e implantado em 1995. A configuração do programa, a partir de 31 de dezembro de 2010, em funcionamento atualmente, é a seguinte: 02 áreas de concentração, Linguística e Estudos literários, e 06 linhas de pesquisa.

Textual. Destacam-se no arcabouço teórico do estudo, em tela, autores como Silva (2005); Marcuschi (2012); Fávero e Aquino (2002); Koch (2010b); Pretti (1993); Kerbrath-Orecchioni (2003), dentre outros.

No conjunto das produções analisadas, verificamos trabalhos que se inscrevem em vertentes teóricas dos “estudos dos gêneros” em suas diferentes abordagens. O trabalho de doutorado “Análise textual-argumentativa de processos de retextualização: um cotejo entre a produção oral e escrita de alunos do curso médio técnico e alunos do PROEJA ensino médio”, defendida por Ricardo Jorge de Souza Cavalcanti, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL (ver nota de rodapé nº12), Maceió, em 2016, sob a orientação da professora Maria Inez Mattoso Silveira, é um exemplo ilustrativo de pesquisa desenvolvida com base em noções de gêneros discursivos que se ancoram na perspectiva interacionista de Bakhtin¹⁶ e de Marcuschi¹⁷. O trabalho em tela focaliza em seu objeto de estudo a argumentação como atividade retórico-discursiva no processo de retextualização de texto opinativo, do oral para o escrito. A tese, em questão, apresenta intersecções de diferentes vertentes teóricas em um mesmo trabalho. No caso em destaque, observa-se que a noção de gênero é adotada com base em Bakhtin e Marcuschi. A perspectiva teórica e analítica no tratamento da argumentação se ancora nos Estudos da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005¹⁸; REBOUL, 2004¹⁹); da Linguística, Teoria da Argumentação na Língua (DUCROT, 1987²⁰).

16 BAKHTIN, Mikail. Gênero do discurso. In: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

17 MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: Atividades de Retextualização. São Paulo: Cortez, 2005.

18 PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. O tratado da argumentação: A nova retórica. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

19 REBOUL, O. Introdução à retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

20 DUCROT, O. O dizer e o dito. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

Ressaltamos ainda, no *corpus* analisado, a influência dos “estudos dos gêneros” para a produção de dissertações e teses, no âmbito de Programas de Pós-Graduação no Nordeste, em uma interface com o Ensino de Língua Portuguesa. Do ponto de vista da área da Linguística Aplicada (LA), merece destaque o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), tendo em vista que esta vertente teórica exerce influência no currículo do ensino de Língua Portuguesa, porquanto têm sido disseminados seus princípios teóricos através dos grupos de pesquisa nas diferentes universidades brasileiras. Ressaltamos também que o ISD, em suas bases epistemológicas e teórico-metodológicas, é uma vertente que muito tem contribuído para o ensino dos gêneros discursivos orais e escritos em virtude de instruir os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999).

Um exemplo significativo de estudo que mobiliza princípios do ISD, particularmente no que se refere ao “Agir docente” (BRONCKART, 2006; 2008, 2012, 2013; MACHADO, 2006, SCHNEUWLY & DOLZ, 2004), é a dissertação “Agir docente no ensino dos gêneros orais: cenas de formação e de atuação em sala de aula”, defendida por Evany da Silva Gonçalves, no Mestrado em Linguagem e Ensino²¹ da Universidade Federal de Campina Grande – PB, sob a orientação da Professora Dra. Maria de Fátima Alves e da Professora Doutora Roziane Marinho Ribeiro, em 2016. O estudo teve como objetivo “investigar o agir de duas professoras em situações de planejamento e de ensino do oral, estabelecendo relações com o curso de formação continuada desenvolvido no percurso da pesquisa”. (p.7) A abordagem dos gêneros textuais se ancora em Schneuwly e Dolz, 2004. Nessa perspectiva, as autoras assumem o ponto de vista de que os gêneros são “instrumentos de agir sociosemióticos estabelecidos historicamente nas relações

21 Não há informações sobre o histórico do Programa em sua página na web. Possui as linhas de pesquisa Ensino de Literatura e Formação de Leitores; Práticas Leitoras e Diversidade de Gêneros Literários; Ensino de Línguas e Formação Docente; e Práticas Sociais, Histórias e Culturas de Linguagem.

de interação e comunicação entre os sujeitos, definindo-se, dessa forma, como pré-construídos orais e escritos, situados em contextos formais ou informais”. (p. 15).

Os “Estudos dos gêneros” (ARAÚJO & SILVA, 2013; BENTES, 2010; 2011; FÁVERO, ANDRADE & AQUINO, 2011; PEREIRA, 2011; MAGALHÃES, 2007; BARROS-MENDES, 2005; MARCUSCHI & DIONÍSIO, 2005; MARCUSCHI, 1997) fundamentam a relação entre gêneros textuais e ensino. Ainda nesta área, observam-se vertentes dos estudos do letramento, conforme mostra a dissertação de mestrado “O trabalho com a oralidade: proposição, aplicação e análise de um debate regrado via *whatsapp*”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, por Francilene Leite Cavalcante, sob a orientação da Professora Doutora Roberta Varginha Ramos Carvalho, em 2016. O trabalho conjuga a Teoria Dialógica da Linguagem (BAKHTIN, 2011), a teoria de gêneros na perspectiva dialógica (BAKHTIN, 2009; 2011), a Linguística Textual (MARCUSCHI, 2004; 2008) e diferentes abordagens sobre os letramentos (GEE, 2008; STREET, 2014; SOARES, 2014; ROJO, 2009). As diferentes vertentes teóricas mencionadas refletem o caráter inter/transdisciplinar das produções na área da Linguística Aplicada.

A seguir, trazemos, em cada área, exemplos de teses e dissertações que vislumbram os conceitos destacados acima, no âmbito das correntes teóricas que lhes são sustentação.

4. Amostragem das produções da área temática no Nordeste, nos últimos 20 anos

Neste tópico, buscamos apresentar um recorte de pesquisas desenvolvidas nos PPG de maior concentração na temática: Letras; Educação; Letras e Linguística; Ciências da Linguagem; Linguística,

bem como as áreas de menor concentração: Linguagem e Ensino; Linguística Aplicada. Não trazemos amostragem para as áreas de “Letras: cultura, educação e linguagem”; e “Linguística e Ensino”, pois, nessas áreas a incidência do número de pesquisa é baixa, como pode ser notado no gráfico 1.

No contexto dos 20 anos de investigação (1997 a 2017) sobre a temática oralidade e escrita, vemos que há um conjunto de trabalhos organizados em diferentes áreas que carregam em si uma diversidade de abordagens teóricas e metodológicas. Vejamos a seguir fragmentos de algumas pesquisas desenvolvidas no âmbito das áreas acima mencionadas.

Na área de **Letras**, os temas de maior recorrência estão atrelados ao trabalho com gêneros (textuais, discursivos, de texto), com a variação linguística e com a abordagem da oralidade e escrita. Esta última, com um olhar sob três vieses: relação entre as modalidades, interação entre oralidade e os letramentos, bem como as interferências da oralidade na escrita. Destacamos duas pesquisas para explicitar um pouco da discussão. A dissertação de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) “Oralidade na sala de aula com o gênero debate”, de autoria de Maria Lucia Jesus de Oliveira dos Santos, desenvolvida na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), defendida no ano de 2016. A pesquisa teve como objetivo desenvolver as competências comunicativas orais dos estudantes do 9º ano em uma situação formal de uso da linguagem na produção do gênero debate. Estiveram envolvidos na pesquisa 9 (nove) professores que atuavam em turmas de 8º ano e 34 alunos. Em parceria com os voluntários, a pesquisadora realizou uma sondagem do objeto de investigação, aplicou um questionário e atividades diagnósticas para definir qual seria o gênero de maior demanda, com vistas a elaborar a intervenção pedagógica. Nesse contexto, o debate foi eleito como gênero a ser explorado, a partir da organização de atividades através da Sequência Didática.

Ancorada nessa dinâmica, a autora definiu a pesquisa como sendo uma pesquisa-ação (LEWIN, 1965; THIOLENT, 2000). No aporte teórico, enxergamos um diálogo com aspectos da teoria histórico-cultural (VYGOTSKY, 2010), sociointeracionismo (BAKHTIN, 2011) e do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999, DOLZ e SCHNEUWLY, 2004). Nesse campo de macro-teorias, a autora dialoga com Marcuschi (2000, 2001), Bezerra (2007), Dionísio (2007), Preti (1993), Koch (1984), Guimarães (2009), Ribeiro (2009), Leitão (2011), Grácio (2016) e Fiorin (2016).

Outro tema recorrente na área de **Letras** foi a variação linguística, que ilustramos com a pesquisa “A variação linguística no livro didático e na sala de aula”, de autoria de Ana Paula Lima de Carvalho, desenvolvida na Universidade Federal do Piauí, defendida no ano de 2013. A pesquisadora analisou o tratamento dado à variação linguística na prática de 2 (duas) professoras de língua portuguesa e no Livro Didático “Português: contexto, interlocução e sentido” de Maria Luíza M. Abaurre (2010), direcionada ao ensino Médio. Nessa investigação, alguns objetivos foram destacados: analisar as terminologias relacionadas à variação linguística; observar se a variação linguística era tratada nos diversos níveis (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e estilístico-pragmático) e no comportamento linguístico individual do falante; observar se havia representatividade da pluralidade de línguas e de dialetos existentes no país; assim como, se havia proposição de reflexão sobre as variedades que poderiam suscitar alguma avaliação social negativa. Como aporte metodológico, a pesquisadora utilizou três instrumentos: observação participante, filmagens de aulas, produção de notas de campo. O aporte teórico da pesquisa está filiado com o postulado Sociolinguístico, em diálogo permanente com Bagno (2003, 2007, 2001), Bortoni-Ricardo (2001, 2004, 2005), Bunzen (2005, 2009) e Faraco (2008, 2009).

Na área de **Educação**, vemos um cenário diversificado em relação aos aspectos abordados pelas pesquisas. As investigações que apresentam maior quantidade de trabalhos são aquelas relacionadas à análise da interferência da oralidade na escrita (3); a análise de documentos, sejam eles livro didático ou algum documento norteador do currículo (3); investigações envolvendo a discussão sobre gêneros orais (2); e aquelas que tratam da oralidade enquanto prática discursiva na formação do indivíduo (4). Para amostragem da área, exemplificaremos a dissertação “A oralidade como exercício do dizer de estudantes trabalhadores da EJA”, de autoria de Jardelina Oliveira Passos Moura, desenvolvida junto à Universidade Federal da Bahia, defendida no ano de 2017. A pesquisadora tratou da compreensão que estudantes trabalhadores da Educação de Jovens e Adultos têm a respeito de seu desempenho comunicativo oral, nas interações sociais ocorridas no contexto escolar – e fora dele –, e de que modo essa compreensão interfere em sua atuação como falantes da modalidade oral da língua, nos diferentes espaços de produção da linguagem. Além disso, buscou compreender a prática de ensino de uma professora e as relações que podem ser estabelecidas entre o fazer pedagógico e o desempenho da competência comunicativa oral dos alunos nas classes de EJA. A autora classifica a sua pesquisa como etnográfica, pois acompanhou *in loco* 15 (quinze) aulas geminadas de Língua Portuguesa em uma turma de EJA. Como instrumento de coleta de dados, ela utilizou a entrevista e o questionário, além de realizar grupo focal e grupo de discussão como estratégias metodológicas. O percurso teórico foi aportado na concepção interacionista da linguagem (BAKHTIN, 2009; FIORIN, 2006; KOCH, 2002) e na concepção de fala, oralidade e escrita de Marcuschi (2010). Para tratar os dados, utilizou a análise do discurso (ORLANDI, 1987).

Na área de **Linguística**, vemos com maior prevalência a discussão a respeito dos gêneros orais, seguidos de trabalhos direcionados a análise de documentos norteadores para o ensino da oralidade. Vamos ilustrar essa área com a tese de Doutorado “Didática da oralidade na formação inicial do professor de português: um olhar sobre documentos curriculares e discursos docentes e discentes de instituições de ensino superior”, desenvolvida pelo pesquisador Ewerton Ávila dos Anjos Luna, na Universidade Federal da Paraíba/ João Pessoa, defendida no ano de 2016. Na tese, o pesquisador buscou identificar como a didática da oralidade é contemplada no processo inicial de formação docente. Para tanto, investigou os programas de ensino de componentes curriculares formativos de metodologias, práticas de ensino, didática da língua e estágios, bem como os discursos de formadores e licenciandos em letras na Universidade Federal e Federal Rural de Pernambuco. Para captura dos dados, ele utilizou como instrumentos de coleta a entrevista, aplicada com professores formadores e o questionário, aplicado com os licenciandos (alunos formandos). A pesquisa assume, em uma perspectiva transdisciplinar, duas frentes teóricas: uma no estudo Linguístico e outra na Educação. Na primeira dialoga com Marcuschi (2001), Street (2014, 1988), Núñez Delgado (2002), Schneuwly e Dolz (2004), cujas vertentes teóricas, em sua maioria, foram discutidas no tópico 3 desse artigo; na segunda, conversa com Tardif (2000, 2012), Zeichner (1993), Sacristán (2000) e Gatti & Nunes (2008).

Na área de **Linguística e Ensino**, temos uma maior ocorrência de trabalhos com os gêneros da oralidade e na interface oralidade-escrita. Traremos como amostragem a Dissertação “A construção do gênero entrevista por crianças de 03 e 04 anos na educação infantil da rede municipal de ensino de João Pessoa”, de autoria de Rosa Nubia de Vasconcelos Lins, concluída no ano de 2014. A autora analisa a entrada da criança no gênero entre-

vista, com atenção para a utilização dos aspectos linguísticos e não verbais para compreender o uso da oralidade em seus multissistemas. Para coleta dos dados, utiliza a entrevista individualizada com 10 (dez) crianças, previamente selecionadas na Rede Municipal de Ensino de João Pessoa (HOFFNAGEL, 2003). Como fundamentação, se ancora nas teorias sócio-discursivas, sociointeracionista e no Interacionismo Sociodiscursivo, convidando para o debate Bakhtin (2002), Marcuschi (2003), Travaglia (1997), Faria (2013), Melo e Cavalcante (2006) e Dolz e Schneuwly (2004).

Na área de **Ciências da Linguagem** há uma recorrência maior da temática de gêneros textuais e variação. Esta última destaca-se em três trabalhos. Nesse sentido, ilustraremos a área com a dissertação “Variação Linguística nos textos escritos de alunos do 5º ano da rede Pública”, de autoria de Karla Epiphania Lins de Góis, desenvolvida na Universidade Católica de Pernambuco e defendida no ano de 2010. A dissertação analisa a presença da Variação Linguística nas produções textuais em uma turma do 5º ano, considerando a concepção de língua, o tratamento dado pelo LDP a VL e a concepção de texto; com vistas a “i) identificar na retextualização de tiras da História em Quadrinho e nas cartas, palavras cuja grafia não corresponde à ortografia oficial; ii) identificar os fenômenos linguísticos que são de interferência oral, utilizando a classificação de Bortoni-Ricardo (2005, 2004); iii) diagnosticar os fenômenos linguísticos mais ocorrentes; iiiii) analisar os direcionamentos à luz da Sociolinguística Educacional para a superação dos fenômenos”. Participaram da pesquisa 12 (doze) alunos que cursavam o 5º ano do Ensino Fundamental. Eles participaram de 36 (trinta e seis) retextualizações de tiras do Menino Maluquinho, de Ziraldo e Barô Barata; de Jarbas e Chico Bento, de Maurício de Sousa; bem como de 12 (doze) cartas. Como aporte teórico, a autora chama para o diálogo autores como Labov (2008), Mollica (2003), Cagliari (1996), Bortoni-Ricardo (2005; 2004), Geraldi

(1995); Koch (2008; 2005; 2003), Koch e Elias (2009) e de Geraldi e Citelli (1997), bem como Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa (1997).

Na área de **Letras e Linguística** há uma projeção de trabalhos que visam tratar das interfaces entre oralidade e escrita. Nessa direção, podemos ilustrar com a tese “Análise textual-argumentativa de um processo de retextualização: um cotejo entre a produção oral e escrita de alunos do curso médio técnico e alunos do PROEJA ensino médio”, de Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti, desenvolvida na Universidade Federal de Alagoas/Maceió e defendida no ano de 2016, já mencionada no tópico 3, cujo foco de discussão são as vertentes teóricas e analíticas da área temática. Na tese em foco, Cavalcanti analisa os processos de Retextualização – práticas de produção textual/discursiva na transposição do oral ao escrito – de alunos recém-chegados ao Nível Médio Integrado ao Técnico e ao Nível Médio com Qualificação Profissional PROEJA–FIC. Participaram da investigação 30 (trinta) sujeitos/colaboradores. Os instrumentos de pesquisa compreenderam o questionário-perfil dos colaboradores; atividade de verbalização de opinião; retextualização do texto oral (transcrito) ao texto escrito; uma entrevista não-estruturada. A pesquisa foi aportada teoricamente nos estudos de Bakhtin (2003 [1992]); Marcuschi (2001, 2002, 2005, 2008; 2012[1983]), Fávero (1991; 2007), Koch (2007; 2009; 2014), Miller (1994), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) Reboul (2004, [1998]); e da Argumentação linguística de Ducrot (1987) e Koch (1987).

Esses recortes de pesquisas são apenas amostragens do cenário de temáticas, de metodologias e de teorias empregadas nas teses e dissertações, que não esgotam a diversidade de materiais produzidos nas diferentes áreas de concentração distribuídos pelos PPG das Universidades nordestinas.

5. Conclusão

Conforme mostramos neste artigo, a produção acumulada na esfera da “oralidade e escrita”, no período entre 1997 e 2017, nos estados da região Nordeste, em Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, Acadêmico e Profissional, revela um panorama multifacetado em que o tema em tela é tratado sob diferentes aspectos, considerando áreas como Psicologia, Linguística, Linguística Aplicada e as relações inter/transdisciplinares dos seus objetos de estudo. A pesquisa realizada por nós em caráter de ‘Estado da Arte’ daquela produção, no marco temporal e geográfico aludidos, mostra que as áreas investigadas mobilizam uma diversidade de conceitos a partir de suas vertentes teóricas, ressaltando-se noções do interacionismo, ancoradas, por exemplo, em vertentes como as dos Estudos Culturais e da Psicogênese da Língua Escrita.

A área da Linguística abriga diferentes domínios de estudos com perspectivas linguísticas, textuais, enunciativas e discursivas que, embora reflitam a heterogeneidade em suas bases teóricas e metodológicas para o tratamento da oralidade e escrita, convergem no projeto de língua ao romperem com a visão de língua como estrutura, conjuntamente à adoção de um projeto de língua como interação. Evidencia esse aspecto a visibilidade nos trabalhos investigados, porquanto se filiam a conceitos e vertentes teóricas como a Sociolinguística, Pragmática, Análise da Conversação e Estudos dos Gêneros. No âmbito dessas vertentes, ao mesmo tempo em que observamos uma diversidade no que se refere às suas ancoragens teóricas, percebemos também um diálogo inter/transdisciplinar na perspectiva de tratar um mesmo objeto de estudo. É nesse sentido que identificamos o diálogo entre diferentes vertentes do interacionismo no trato da língua como objeto de ensino, na Linguística Aplicada, cujos estudos se ancoram, de modo evidente,

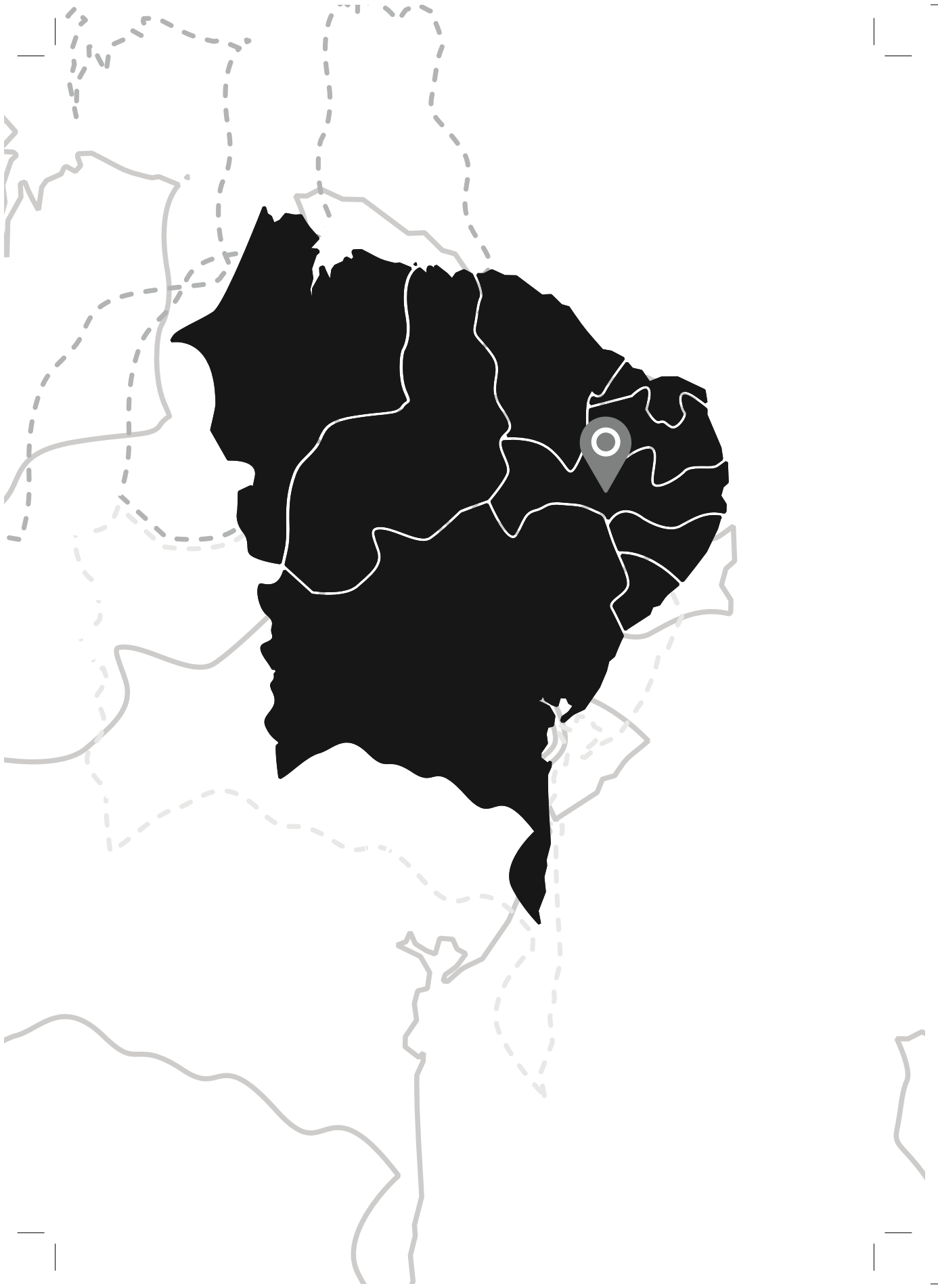
no interacionismo da Psicologia vigotskyana e no ISD, ambos inscritos na proposta bakhtiniana de língua e discurso.

Este estudo nos provoca a suposição de que não temos um pensamento hegemônico em relação às perspectivas e abordagens da oralidade e escrita, em virtude de diferenças nos objetivos, nas linhas de pesquisa, nas afiliações teóricas e metodológicas, dos PPG que tratam sobre esse tema em instituições localizadas na região Nordeste.

Em virtude do objetivo da nossa investigação, nesta etapa preliminar do estudo, não afunilamos a pesquisa no que se refere a um levantamento mais minucioso dos PPG, das suas linhas de pesquisa e respectivos objetos de estudo, porém a amostra por nós analisada nos permite inferir que há uma representatividade do ISD nos trabalhos que se encontram na interface entre o ensino de oralidade e escrita, sobretudo no que concerne ao ensino dos gêneros discursivos e a proposta de instrumentos didáticos com esse fim.

Ressaltamos a presença do ilustre professor e pesquisador Antônio Luiz Marcuschi nas pesquisas por nós analisadas na área de oralidade e escrita, no que se refere às suas contribuições em diferentes vertentes teóricas, destacando-se a Linguística de Texto e a Análise da Conversação. Atento aos estudos dos gêneros em uma perspectiva cognitiva e interacional, deixou um legado de contribuições para a construção de conhecimento sobre oralidade e escrita tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista da sua aplicabilidade, sobretudo no campo do ensino de Língua Portuguesa, tanto nos Programas de Mestrado e Doutorado Acadêmicos como nos Programas de Mestrado Profissionais.

Em virtude da abrangência do tema em questão, vislumbramos a necessidade de investimentos que visem ao seu estudo, considerando a sua importância no cenário das Pesquisas dos PPG de instituições públicas e particulares da região Nordeste.



LIBRAS E SURDEZ – ENTRE INVESTIGAÇÕES E DESCOBERTAS: PESQUISAS NO NORDESTE DO BRASIL

Gláucia Renata Pereira do Nascimento (UFPE)
Jurandir Ferreira Dias Jr.(UFPE)

1. Introdução

Este capítulo tem por objetivo apresentar o estado da arte de pesquisas acadêmicas realizadas em programas de pós-graduação de universidades do Nordeste brasileiro vinculadas à libras, à surdez, como fenômeno interveniente da aquisição/produção da linguagem, e a temas afins a estes. O levantamento de dissertações e de teses foi realizado considerando-se a produção dos últimos 20 (vinte) anos. Fizemos o levantamento em programas de pós-graduação stricto sensu, que estão inscritos nas grandes áreas definidas pela CAPES, Linguística e Letras. Identificamos os programas por meio da Plataforma Sucupira. Esses programas funcionam tanto em instituições de ensino superior do setor público quanto do setor privado e mantêm sites ou portais ativos na internet. Os programas que não constam deste levantamento são os que não apresentam registros de pesquisas sobre os temas aqui enfocados, ou que não dispunham até o momento final da coleta – que se deu de agosto de 2018 a janeiro de 2019 – de repositórios virtuais ativos para os trabalhos de conclusão dos es-

tudantes egressos. Procedemos a uma análise de natureza qualis-quantitativa dos trabalhos identificados, buscando averiguar os temas e verificando os já bem desenvolvidos, o que nos permitiu refletir sobre outros que ainda carecem de maior investimento por parte de pesquisadores. Foram identificados 62 (sessenta e dois) trabalhos, sendo 46 (quarenta e seis) dissertações de mestrado e 16 (dezesesseis) teses de doutorado, distribuídas em 11 (onze) programas de pós-graduação, que funcionam em 7 (sete) estados do Nordeste brasileiro. O capítulo está organizado em 4 (quatro) partes. Além da introdução, em que apresentamos o resultado da análise quantitativa, há a seção em que expomos um breve histórico das pesquisas que envolvem as áreas de interesse deste capítulo no país. Na sequência, discorreremos sobre 9 (nove) subáreas temáticas nas quais as pesquisas identificadas estão inscritas. Vamos partir de uma reflexão acerca dos dados do Censo de 2010 (BRASIL, 2010).

Os processos de recenseamento populacional têm cumprido importante papel para o planejamento e implementação de políticas públicas no Brasil. É por meio dos Censos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizados periodicamente no país que as autoridades têm acesso a dados da população, indicadores de necessidades dos diferentes grupos sociais, entre os quais estão os grupos de pessoas que apresentam diferentes tipos de deficiência. No que respeita à deficiência auditiva, o resultado do último Censo, realizado no ano de 2010, baseou-se na seguinte pergunta: “Tem dificuldade permanente de ouvir?”. A essa pergunta, havia o seguinte adendo: “(se utiliza aparelho auditivo, faça sua avaliação quando o estiver utilizando)”. No questionário, apresentavam-se quatro opções para a indicação de uma resposta: “1- Sim, não consegue de modo algum; 2- Sim, grande dificuldade; 3- Sim, alguma dificuldade; 4- Não, nenhuma dificuldade”. Àquela época, 9.717.318 pessoas declararam ter dificuldade permanente

em ouvir. Esse é o número geralmente informado pela imprensa em diferentes mídias e por autores de trabalhos acadêmicos que enfocam o universo da surdez, como, por exemplo, Cunha (2015), citado neste capítulo. Entendemos que é da mais alta relevância que o Censo populacional levante dados acerca das pessoas com todo tipo de deficiência, uma vez que esses dados são os que embasam políticas públicas. No caso da dificuldade permanente em ouvir, chamou-nos à atenção, entretanto, o adendo à pergunta do questionário aplicado em 2010, que indicava o uso de aparelho auditivo para a autoavaliação da condição do indivíduo para este dar a resposta. Esse elemento provocou-nos uma inquietação que nos levou a questionar a precisão desse resultado. Sabendo que é considerada surda a pessoa com surdez profunda, seja congênita ou não, isto é, aquela pessoa que não consegue ouvir de modo algum, nos dispusemos a revisitar os dados e concluímos que a população de pessoas surdas no ano desse levantamento seria de 344.206, quantidade de pessoas que indicaram como resposta a opção 1.

Mesmo que a interpretação dos dados feita por nós para este trabalho tenha resultado na identificação de uma população quantitativamente bem menor do que o total geral de quase 10 milhões, recorrentemente divulgados em diferentes meios da imprensa e da produção acadêmica, entendemos que essa nossa iniciativa é indiscutivelmente relevante, uma vez que esse é o número de pessoas – uma expressiva quantidade – que mais precisa de políticas públicas específicas que lhes assegurem adequada acessibilidade, como o acesso à língua brasileira de sinais.

Reiteramos o reconhecimento da relevância do levantamento do Censo, apesar da crítica que fizemos ao modo de coleta dos dados, contudo acrescentamos mais uma: no nosso entendimento, poderia ter havido um maior detalhamento nessa apuração, incluindo-se o questionamento acerca do uso, por parte dessas

peçoas, da libras, nome da língua de sinais mais usada pelas comunidades surdas brasileiras, que tem origem na sigla LIBRAS do termo 'Língua Brasileira de Sinais'. Essa é uma língua visuoespacial, já que se concretiza por meio de sinais corporais produzidos principalmente com as mãos, no espaço na frente do corpo, que são captados pela visão pelo interlocutor. Os sinais equivalem às palavras das línguas oral-auditivas, que se concretizam por meio de sons produzidos pela voz articulada. Essa língua é um importante meio para a interação social de pessoas surdas entre si e dessas pessoas com indivíduos ouvintes. Como já dissemos, é a língua mais usada pelas comunidades surdas brasileiras.

Embora não tenhamos dados censitários sobre o uso da libras no país, vivências cotidianas nos colocam em contato com usuários dessa língua em diferentes espaços sociais atualmente. Além disso, tem sido cada vez mais frequente a presença de tradutores-intérpretes de libras nos mais diferentes eventos públicos e na mídia em geral. É inegável que a ampliação do acesso à internet também tem contribuído para dar visibilidade à libras, o que é bastante desejável. Entendemos que essa visibilidade é reflexo dos resultados das lutas das comunidades surdas, que ainda precisam de atenção das instâncias governamentais para que estas deem possibilidades de mais o acesso das pessoas surdas e ouvintes a essa língua de sinais, por meio das redes de ensino público regular, em todas as séries da educação básica. Também é desejável a ampliação da quantidade de escolas bilíngues para pessoas surdas, em que a libras seja a língua de instrução. Além disso, são necessários mais incentivos para a realização de estudos e pesquisas sobre essa língua, cujos resultados podem melhorar a qualidade de seu ensino e de sua difusão.

A depender do tipo, do grau e do momento em que surge na vida de uma pessoa, a surdez pode dificultar mais ou menos a aquisição e a expressão/compreensão de uma língua oral-audi-

tiva, o que levará a pessoa surda a formas de expressão linguística visuoespacial. Em contato com usuários da língua de sinais, é comum que as pessoas surdas adquiram/aprendam a libras de modo natural, sem enfrentar as dificuldades que costumam ser muitas para eles no processo de aquisição/aprendizagem de uma língua oral-auditiva, como o português. Por isso, a libras é atualmente considerada a língua natural de pessoas surdas¹.

A aquisição/aprendizagem da libras é muito importante para as pessoas surdas, porque dá a estas possibilidades de outras aprendizagens, além da interação social. A não aquisição de uma língua provoca alterações significativas no desenvolvimento geral dos processos cognitivos (FERNANDES, 2003). Muitas pessoas surdas “geralmente só têm acesso à língua de sinais no primeiro ano do ensino fundamental” (SOUSA, 2015, p. 69), isso quando a surdez é precocemente descoberta pela família. A dificuldade para aprender a língua oral-auditiva é um dos fatores que evidenciam a surdez, que, por vezes, não é imediatamente identificada pelas famílias, que tendem a achar que a criança tem algum problema de natureza cognitiva. Não é raro que as famílias demorem a descobrir a surdez de uma criança e, por isso, é relativamente frequente que pessoas surdas não adquiram uma língua no tempo normal. Uma vez descoberta a surdez, dar à pessoa surda a possibilidade de aquisição da libras é o que poderá ajudá-la inclusive à aprendizagem do português na modalidade escrita.

No mesmo trabalho já citado aqui, Sousa (2015) discorre sobre a alta relevância da aquisição da língua de sinais por parte de pessoas surdas para a aprendizagem da língua portuguesa.

1 “A Libras é considerada, portanto, a língua natural dos surdos, pois eles apresentam plenas possibilidades de desenvolvê-la sem dificuldades. Por isso, concordamos com outros autores em afirmar que a Libras é L1 para a maioria dos surdos brasileiros (QUADROS, 1998, 2008; FERNANDES, 1990; SKLIAR, 1998).” (DIAS JÚNIOR, 2015, p. 80).

Precisamos considerar que, geralmente, quando a pessoa surda inicia a sua vida escolar, ela não tem fluência nem conhecimento suficiente da língua portuguesa para ser alfabetizada nesta língua, nem consegue entender a língua portuguesa oral, devido à falta de audição. Além disso, falta-lhe uma prévia compreensão do que seja uma língua, pela falta de acesso à língua de sinais desde o nascimento. Diante disto, a aquisição de uma primeira língua de forma natural, apenas por meio do contato com falantes proficientes, é condição *sine qua non* para aprender uma nova língua. Logo, quanto mais fluência ele tiver na L1, mais informações de mundo terá para aprender a L2 (SOUSA, 2015, p. 68).

Sousa (2015, p. 67) também menciona que a “surdez é considerada como uma experiência visual, já que a pessoa surda percebe e compreende o mundo por meio da visão”. Por esse motivo, defendemos políticas públicas que resultem ações para a acessibilidade das pessoas surdas em todos os espaços da sociedade, considerando-se a experiência visual delas para sua adequada inserção social. Logo, garantir o acesso à libras a esse grupo social é, de fato, uma necessidade, assim como ampliar o ensino da libras também para ouvintes. Paralelamente, é indispensável incentivar e fomentar mais estudos e pesquisas sobre essa língua de sinais.

Ainda há muito a se descobrir sobre os mecanismos léxico-gramaticais e pragmáticos da libras. Ademais, como toda língua, a libras carrega um patrimônio imaterial, o qual inclui modos de ser, de agir, de ver e significar o mundo condicionados pela surdez. Pelo fato de a surdez ser uma experiência visual, é inegável, por exemplo, que as pessoas surdas valorizem mais os aspectos

imagéticos da realidade, uma vez que apreendem essa realidade principalmente pelo sentido da visão.

As práticas de letramento também são afetadas em maior ou menor grau pela surdez. Lodi *et al.* (2009), Lodi; Lacerda (2009), Ribeiro; Silva (2015), Nascimento; Dias Jr (2015), entre outros, informam que pessoas surdas apresentam dificuldades na leitura e, em especial pessoas surdas não oralizadas e usuárias da libras há mais tempo, produzem textos escritos com superfícies atípicas (NASCIMENTO, 2008; 2015), (SILVA, 2018), entre outros. Portanto, divulgar a libras e entender melhor essa língua, ampliar seu ensino e investir em mais estudos e pesquisas também sobre a surdez como um fenômeno interveniente na aquisição/produção da linguagem, além dos temas que estão no entorno da libras e da surdez, é condição necessária para que possamos contribuir, em última instância, para a melhoria da qualidade da acessibilidade para as pessoas surdas, nos diferentes contextos sociais.

Quando iniciamos o trabalho de cartografar pesquisas para este capítulo, nos envolvemos na atividade com a expectativa encontrar uma quantidade mais expressiva de pesquisas do que a que encontramos. Essa expectativa adveio da constatação de que, aproximadamente, nos últimos 20 anos, os espaços de inserção social de pessoas surdas foram ampliados. Essa ampliação se deve, primeiramente, à promulgação da Lei 10.098/00, que estabelece, em seu Artigo 1º, nas disposições gerais, “normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.” (BRASIL, 2000). A população surda, porém, ganhou mais visibilidade com a promulgação da Lei 10.436/02, Lei de Libras. Em 2011, outro ganho se deu com a implementação do Programa do Governo Federal Viver sem Limites, a partir do qual foram criados 27 cursos de licenciatura presenciais em Letras-Libras em diferentes estados do Brasil. Salientamos que,

antes da criação desses cursos presenciais, havia cursos de graduação – bacharelado e licenciatura em Letras-Libras – na modalidade a distância, oferecidos pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Esses cursos foram oferecidos a partir de 2006.

Não obstante tenha crescido nas últimas duas décadas, neste país, a quantidade de estudos e pesquisas sobre os temas de interesse deste capítulo, ainda há muito o que pesquisar. O levantamento que realizamos para esta obra de referência, considerando trabalhos sobre a libras, a surdez e temas afins, pretendia mapear trabalhos publicados nos últimos 20 anos em repositórios de programas de Pós-graduação em Linguística e Letras de universidades situadas em estados do Nordeste brasileiro.

O levantamento geral resultou na identificação de 62 (sessenta e dois) trabalhos, sendo 46 (quarenta e seis) dissertações e 16 (dezesesseis) teses. Apesar da nossa expectativa de encontrar uma quantidade maior de pesquisas nos últimos 20 anos, identificamos pesquisas concluídas apenas a partir do ano de 2004, no intervalo de 14 anos, portanto. A tabela 1 detalha a quantidade e o tipo de trabalhos por ano no intervalo de tempo supramencionado.

TABELA 1 – Dissertações de mestrado e teses de doutorado identificadas por ano de 2004 a 2018.

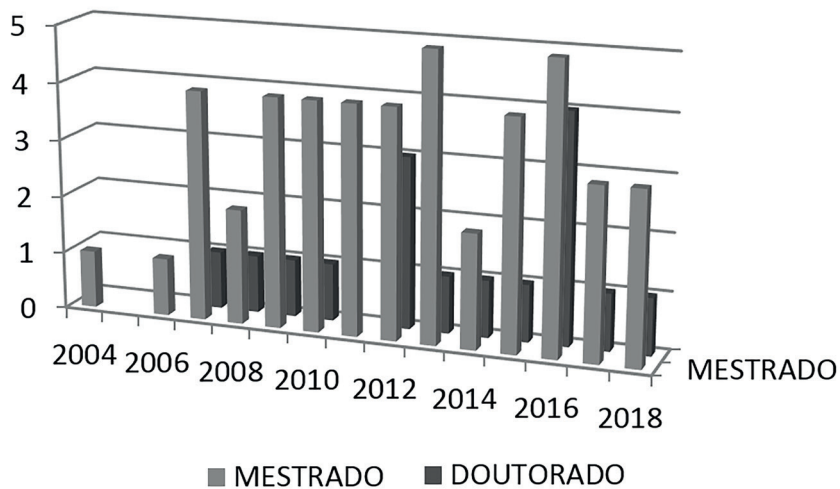
| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | Σ |
|-----------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-----------|
| MESTRADO | 1 | - | 1 | 4 | 2 | 4 | 4 | 4 | 4 | 5 | 2 | 4 | 5 | 3 | 3 | 46 |
| DOUTORADO | - | - | - | 1 | 1 | 1 | 1 | - | 3 | 1 | 1 | 1 | 4 | 1 | 1 | 16 |
| | 1 | - | 1 | 5 | 3 | 5 | 5 | 4 | 7 | 6 | 3 | 5 | 9 | 4 | 4 | 62 |

Fonte: Pesquisa direta, 2019.

Percebemos uma variação no aumento de quantidade de 5 a 7 pesquisas entre os anos de entre os anos de 2007 e 2012 e

um aumento atípico de 6 pesquisas para 9, no intervalo de 2013 a 2016. Nos dois anos seguintes, houve o decréscimo de 5 pontos. Observamos que as variações ascendentes na produção de pesquisa nos dois intervalos supramencionados ocorreram logo após os momento da criação dos cursos de Letras-Libras, sendo o primeiro intervalo ocorrido logo após a criação dos cursos na modalidade EaD, e o segundo intervalo, logo após à criação dos cursos na modalidade presencial. O gráfico 1 ilustra essa a variação quantitativa de produção no intervalo de tempo definido.

GRÁFICO 1 – Variação quantitativa de dissertações de mestrado e teses de doutorado identificadas por ano de 2004 a 2018



Fonte: Pesquisa direta, 2019

Os trabalhos por nós identificados foram enquadrados em 9 (nove) subáreas temáticas, a saber: (1) análise e descrição linguística, (2) ensino de português para pessoas surdas, (3) literatura surda, (4) tradução-interpretação português-libras-português, (5) educação de surdos, (6) ensino de língua estrangeira para pessoas surdas, (7) abordagem discursiva da e sobre a libras/pessoas

surdas e surdez, além da (8) aquisição da linguagem e (9) ensino de libras. Vejamos o detalhamento na tabela 2.

TABELA 2 – Categorias temáticas em que foram enquadrados os trabalhos identificados

| | SUBÁREAS TEMÁTICAS | M | D | Σ |
|-------|--|----|---|----|
| 1 | ANÁLISE E DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA | 3 | 4 | 7 |
| 2 | ENSINO DE PORTUGUÊS PARA PESSOAS SURDAS | 17 | 4 | 21 |
| 3 | LITERATURA SURDA | 1 | - | 1 |
| 4 | TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO PORTUGUÊS-LIBRAS-PORTUGUÊS | 7 | 2 | 9 |
| 5 | EDUCAÇÃO DE SURDOS | 5 | - | 5 |
| 6 | ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA PESSOAS SURDAS | 3 | 1 | 4 |
| 7 | ABORDAGEM DISCURSIVA DA E SOBRE A LIBRAS/ PESSOA SURDA E SURDEZ | 5 | 3 | 8 |
| 8 | AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM | 5 | 1 | 6 |
| 9 | ENSINO DE LIBRAS | - | 1 | 1 |
| TOTAL | | | | 62 |

Fonte: Pesquisa direta, 2019

Chama a nossa atenção a disparidade quantitativa entre as categorias ‘ensino de língua portuguesa para pessoas surdas’, que aparece com 21 (vinte e um) trabalhos identificados, e ‘ensino de libras’, que encerra apenas 1 (um) trabalho. Esses trabalhos estão distribuídos em 11 (onze) programas de pós-graduação, que funcionam em 7 (sete) estados do Nordeste brasileiro, tendo sido o Maranhão e o Rio Grande do Norte os estados nordestinos em que não identificamos dissertações ou teses sobre o tema de interesse deste capítulo. Reiteramos que a coleta se deu nos repositórios institucionais, localizados a partir da Plataforma Sucupira. Não es-

tão registrados aqui trabalhos que não se encontravam disponíveis para acesso no período da coleta.

2. O desenrolar das pesquisas

O reconhecimento do estatuto linguístico da libras é muito recente: data de 24 de abril de 2002, tendo se efetivado por meio da Lei 10.436, já mencionada neste capítulo. Nesta normativa, temos acesso à regulamentação da libras como meio legal de comunicação e expressão, entendida como um sistema linguístico dotado de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, por meio do qual são transmitidos ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (cf. Lei 10.436/02).

Até que se chegasse a esta fase de que trata a lei, um bom caminho foi percorrido, iniciado com os estudos de Willian Stokoe (1960/1965) sobre a fonologia da língua americana de sinais – ASL. Este ponto de partida foi decisivo para que estudos posteriores sobre outras línguas de sinais tomassem maior vulto em diversas partes do mundo. As investigações acerca da libras, da surdez e de demais temas afins têm trazido importantes contribuições para todos aqueles que trabalham nesta seara, embora sejam, ainda, muito recentes. Estudiosos brasileiros têm demonstrado interesse sobre esses temas desde o final da década de 1980. Os estudos descritivos iniciais da libras tiveram aporte numa pesquisa preliminar da Estrutura sublexical da LSCB², Língua dos Sinais dos Centros Urbanos do Brasil, de Lucinda Ferreira-Brito, em 1986, apresentado no primeiro encontro Latino-Americano de Investigadores das

2 Língua dos Sinais dos Centros Urbanos do Brasil – LSCB, foi a primeira nomenclatura para a Libras. Por analogia às demais línguas de sinais pelo mundo, tais como ASL (American Sign Language); LFS (Langue Française de Signes); DGS (Deutschgebärdensprache), empregou-se por um bom tempo LSB (Língua de Sinais Brasileira), mas com o uso já consagrado da sigla Libras, tem-se feito opção pela maioria dos pesquisadores em adotar este última opção.

Linguagens dos Sinais dos Surdos, entretanto, não há acesso a este trabalho. Apenas tomamos conhecimento no seu próximo estudo de 1995, “Por uma gramática das línguas de sinais”, um estudo realmente pioneiro, que encontrou seu aporte teórico nos estudos de L. Friedman: *The Manifestation of subject, object, and topic in American Sign Language*. Ferreira-Brito (1995) trata da Morfofonologia e Sintaxe da libras, com destaque no uso dos classificadores e uma proposta de transcrição de enunciados e textos de línguas de sinais. Ainda há o trabalho de Gesueli (1988), uma dissertação de mestrado intitulada “A criança não ouvinte e a aquisição da escrita”. Em 1988, também foi defendida a dissertação de mestrado de Tanya Felipe, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), analisando o signo gestual e sua estrutura frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos do Brasil (LSCB). Embora tenha grande importância para os estudos sobre a libras e tenha sido realizado numa instituição do Nordeste, esse trabalho não consta do cômputo dos que analisamos, porque não está disponível para acesso. Tal trabalho investigativo focou nos estudos morfossintáticos da língua de sinais, sendo principal aporte para que fosse publicado o livro ‘Libras em Contexto’ (2001), que foi usado como material didático em um curso de libras proposto pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Em 1995, Felipe amplia sua pesquisa com a conclusão do doutorado, descrevendo com mais detalhes a libras, quando utiliza Friedman (1976) e Padden (1980) como aportes teóricos. Consideramos, também, importante citar, na década de 1990, as coletâneas organizadas por Skliar (1998, 1999), que são dois outros bons exemplos de obras que fizeram parte desse momento e que ajudaram a divulgação de especificidades da libras e aspectos da surdez ligados à aquisição/desenvolvimento da linguagem, numa época em que a internet ainda não tinha uma boa abrangência.

O início dos anos 2000 também foram férteis, tendo assistido à publicação das obras já consideradas clássicas, o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira de Capovilla; Raphael (2001); e do livro Língua de Sinais Brasileira, de Ronice Müller de Quadros; Lodenir Becker Karnopp (2004). Todos esses trabalhos constituem a base para muitas das pesquisas que emergiram na esteira deles e precisam ser reconhecidos como inspiradores e propulsores dos trabalhos a que atualmente temos acesso.

3. Amostragem das produções das subáreas temáticas no Nordeste, pelo menos dos últimos 20 anos

Procedemos a um levantamento de todos os programas de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística e Letras, por meio da Plataforma Sucupira, que funcionam tanto em instituições de ensino superior públicas quanto em instituições privadas e que mantêm sites ou portais ativos na internet. Os programas que não constam deste levantamento são os que não apresentam registros de pesquisas realizadas na área de libras e em áreas afins, ou que não dispunham até o momento final da coleta (janeiro de 2019) de repositórios virtuais ativos para os trabalhos de conclusão dos pós-graduandos. Identificamos 11 (onze) programas de pós-graduação em 7 (sete) estados do Nordeste brasileiro em que foram realizadas pesquisas envolvendo temas vinculados à libras e áreas afins. Não encontramos registro de trabalhos apenas no estado do Maranhão e no Rio Grande do Norte. Listamos, a seguir, os nomes desses programas, relacionados aos estados em que se situam, em que foram identificadas pesquisas na área de interesse deste trabalho.

No Piauí, existe 1 (um) programa: o Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGL-UFPI).

No Ceará, estão 3 (três) programas: o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL-UFC); o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, também da Universidade Estadual do Ceará (PPGET-UFC); e o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA-UECE). No estado da Paraíba, encontram-se 2 (dois) programas: o Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL-UFPB) e o Programa de Pós-graduação em Linguística também da Universidade Federal da Paraíba (PROLING-UFPB). Em Pernambuco, há 2 (dois) programas em que encontramos pesquisas de interesse nosso: o Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL – UFPE) e o Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGLC- UNICAP). Já no estado das Alagoas, está o 1 (um), o Programa de Pós-Graduação em Letras e em Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL-UFAL). Em Sergipe, encontra-se também apenas 1 (um) programa, o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL-UFS). No estado da Bahia, há três programas de pós-graduação, entretanto, só encontramos pesquisas de interesse nosso no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin-UESB).

Dos 11 (onze) programas em que identificamos trabalhos sobre o tema de interesse deste capítulo, apenas 1 (um) é de uma instituição de ensino privada, no caso, a UNICAP, uma instituição do estado de Pernambuco, o PPGCL, que apresenta a maior quantidade de pesquisas realizadas no intervalo de tempo aqui investigado, a saber, 16 (dezesesseis) dissertações de mestrado e 1 (uma) tese de doutorado. Os programas de pós-graduação que menos pesquisas realizaram no mesmo intervalo de tempo foram o PPGL da UFPB, com 2 (duas) pesquisas, o PPGLL da UFAL e o PPGLin da UESB; com apenas 1 (um) trabalho, está o PPGET, da UFC.

Reiteramos que nosso objetivo era proceder a um levantamento de dissertações e teses defendidas nos últimos 20 anos. Identificamos trabalhos publicados e disponíveis para acesso apenas a partir de 2004 até 2018. Ao todo, são 62 pesquisas realizadas nos últimos 14 anos, sendo 46 dissertações de mestrado e 16 teses de doutorado.

Constatamos que, no escopo das temáticas relacionadas à libras, detalhadas na tabela 2, 'o ensino do português para pessoas surdas' é o tema que mais atraiu a atenção de pesquisadores do Nordeste brasileiro no período de tempo circunscrito para este trabalho. Também sobressai, nesse período, a quantidade de trabalhos acerca da subárea 'tradução/interpretação português-libras-português'. Nossa expectativa era a de encontrar mais estudos de temas da subárea 'análise descrição linguística' sobre a libras, que conta, no intervalo de tempo que investigamos, com 7 (sete) pesquisas realizadas. Entendemos que o fato de a subárea 9, que trata do 'ensino de libras', dispor de apenas (uma) pesquisa no nosso levantamento pode se dever à baixa quantidade de trabalhos descritivos sobre essa língua de sinais. Além da subárea sobre o ensino da libras, a que têm menos trabalhos é 'literatura surda. Chama a atenção o fato de não haver estudos sobre o ensino da LIBRAS.

Procederemos à análise qualitativa dos trabalhos identificados para dar continuidade a este artigo. Os trabalhos coletados serão analisados, primeiramente, adotando a ordem dissertações, depois as teses, levando em consideração o ano de defesa.

4. Análise das subáreas

Subárea 1 – Análise e descrição linguística

A análise e descrição linguística constitui necessário, importante e basilar campo investigativo de toda e qualquer língua, pois

deste cenário decorrem demais possibilidades de pesquisas e estudos que tangenciam o universo da linguagem. Neste panorama, encontra-se a libras, objeto de reflexões nos seus diferentes níveis constitutivos, quais sejam: fonológico, morfológico ou sintático e suas interfaces. Dos 62 (sessenta e dois) trabalhos coletados, apenas 07 (sete) se inscrevem nesta categoria, sendo 03 (três) dissertações de mestrado e 04 (quatro) teses de doutorado. Consideramos este quantitativo não muito expressivo, tendo em vista a carência existente para com o conhecimento do sistema da libras.

O primeiro trabalho localizado no nosso levantamento foi o Ione Barbosa de Oliveira Silva, defendido em 2015, no Programa de Pós-graduação em Linguística da UESB. O título é “A categoria dos verbos na Língua Brasileira de Sinais”, fundamentando seu trabalho no Gerativismo de Chomsky. O objetivo foi investigar a categoria verbal em libras.

Defendida em 2016, a dissertação “Fonologia da Libras: Estatuto da Mão não dominante”, de Nídia Nunes Máximo, é o segundo trabalho por nós identificado, tendo sido desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, se aporta em teoria funcionalista. Seu objetivo foi “analisar o estatuto fonológico da mão não dominante na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) por meio da realização de um mapeamento lexical com vistas a descrevê-la, considerando as restrições no tocante aos parâmetros fonológicos, os tipos de sinais em que ela aparece, os espaços, a obrigatoriedade e/ou opcionalidade do seu uso e a iconicidade” (MÁXIMO, 2016, p. 08).

Também em 2016, “O fenômeno dêitico e os verbos direcionais e não direcionais da língua de sinais brasileira – LSB: uma abordagem sintático-semântica” é o título da dissertação de Ediane Silva Lima, no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPI. A pesquisa buscou “analisar como o surdo atribui significados a partir

dos sinais dêiticos, especificamente, quando se utiliza de verbos não direcionais para marcar e/ou localizar seus referentes” (LIMA, 2016, p. 08).

Passemos às teses de doutoramento contempladas nesta subárea.

Registramos a tese “A construção da argumentação na língua brasileira de sinais: divergência e convergência com a língua portuguesa”, defendida em 2009. A autora é Wilma Pastor de Andrade Sousa, que desenvolveu seus estudos no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. O objetivo geral da pesquisa foi “explicitar como se processa a construção da argumentação na língua brasileira de sinais (LIBRAS), baseada em um corpus constituído por 12 filmagens em vídeo” (SOUSA, 2009, p. 11), das quais foram selecionadas quatro episódios para análise. O respaldo teórico para a análise teve como base propostas da linguística cognitiva e linguística interacional. A autora conclui que A argumentação emerge na libras, também como nas línguas orais.

No ano de 2012, com o título: “Uma análise estilística da língua brasileira de sinais: Variações de seu uso no processo interativo”, defendeu seu trabalho Isabelle Cahino Delgado, no programa de Pós-graduação em Linguística, da UFPB, que teve como objetivo “analisar os aspectos de estilo da língua brasileira de sinais em uso nos municípios de João pessoa e de Recife, considerando seu aspecto variacionista em um contexto sociolinguístico” (DELGADO, 2012, p. 10).

Em 2013, Wagner Teobaldo Lopes de Andrade defendeu, pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB, a tese com título: “Variação fonológica da LIBRAS: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba”. “Este trabalho foca na variação (baseada nos pressupostos labovianos) no nível fonológico da

libras, considerando seus parâmetros de configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma da mão” (LOPES, 2013, p. 09).

O último trabalho desta categoria tem data de 2016, quando Jurandir Ferreira Dias Júnior apresentou tese com o seguinte título: “Os verbos nos espaços mentais em Língua Brasileira de Sinais”, pelo Programa de Pós-graduação em Letras na UFPE. O “objetivo geral desta pesquisa foi verificar as restrições lexicais com suas propriedades formais (tipo de sinais) que condicionam a ocorrência de predicados verbais no espaço mental sub-rogado e no espaço *token* na LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)” (DIAS JR., 2016, p. 09).

Essa subárea encerra apenas 07 trabalhos, com já mencionamos, totalizando um número realmente pequeno ao que deveria existir. Uma língua bem descrita e analisada é também bem ensinada, detém materiais didáticos condizentes com um bom ensino etc.

Subárea 2 – Ensino de português

No currículo escolar, ganha relevo o ensino do idioma oficial do país, considerando-se o desenvolvimento de habilidades e competências linguístico-interacionais, em particular, aquelas ligadas aos usos mais formais públicos da língua. Aquelas que têm potencial para possibilitar a plena participação da pessoa nos diferentes contextos sociais. Entre essas habilidades e competências, estão as ligadas a leitura e a escrita. Para as pessoas surdas usuárias de libras, embora a maioria delas tenham entrado em contato primeiro com o português, já que que essa maioria se constitui de filhos de pessoas ouvintes, o português é uma segunda língua. Por esse motivo, existe a necessidade de desenvolvimento de estudos so-

bre aspectos do ensino do português como segunda língua, a fim de que conheçam as especificidades de leitura e de escrita dessa população, considerando-se a compreensão que têm da gramática do português com vistas à melhoria da sua assistência escolar às pessoas surdas.

Ou seja, há uma diversidade de temas potenciais diretamente ligados ao ensino do português para pessoas surdas que precisam ser investigados. Apesar disso, chama a atenção o fato de que entre os 21 (vinte e um) trabalhos desenvolvidos sobre o ensino do português por nós identificados em repositórios de programas de pós-graduação de universidades do Nordeste, 7 (sete) abordem peculiaridades da escrita de pessoas surdas, sendo 17 (dezessete) dissertações e 4 (quatro) teses. Chama mais atenção ainda no fato de que, por caminhos diferentes, os autores tenham chegado a resultados aproximados entre si, sem que tenham tido acesso aos demais trabalhos sobre o mesmo tema. Essa nossa afirmação última se prende ao fato de que não há registro dos trabalhos de mesmo tema nas referências das dissertações. Esses trabalhos foram defendidos e publicados entre os anos de 2007 e 2018. Esses são os trabalhos que constituem um primeiro bloco desta subárea, que passamos a identificar a seguir, considerando, primordialmente, a ordem cronológica de suas publicações.

O primeiro dos trabalhos a serem comentados aqui é a dissertação de mestrado intitulada “A construção de textos na escrita de surdos: estratégias do sujeito na transição entre sistemas linguísticos”, de autoria de Maria Janaína Alencar Sampaio. O trabalho, publicado em 2007, está fundamentado nos pressupostos da Linguística Interacional, tendo sido desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Os resultados dão conta de que pessoas surdas conseguem produzir textos coesos e coerentes, apesar das peculiaridades criadas em virtude de os surdos lançarem mão de ele-

mentos coesivos diferentes daqueles usados por ouvintes, estes que se apoiam na língua falada. A mesma autora desenvolveu tese de doutorado em 2012, mas no Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) também da UFPB, intitulada “Um olhar sobre a efetivação das políticas públicas na educação de surdos: foco na produção textual”. A fundamentação teórica se apoia em estudos sobre as políticas públicas educacionais para surdos na contemporaneidade; aquisição/aprendizagem de segunda língua (L2); educação bilíngue (L1 – Libras, L2 – Língua Portuguesa escrita) para surdos e na concepção sociointeracionista da linguagem. A autora concluiu que os professores de turmas inclusivas voluntários da pesquisa aplicam a mesma metodologia de ensino para pessoas ouvintes e pessoas surdas, o que pode acarretar prejuízos na aprendizagem da escrita pelo aluno surdo. Há, ainda, publicada em 2007, a dissertação de mestrado de Flávia Abdon Tavares da Costa Silveira, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, cujo título é “Narrativas de professores de ensino superior sobre o uso da língua portuguesa escrita por surdos”. A pesquisa foi fundamentada em trabalhos de Quadros e Karnopp no que diz respeito a libras e ao universo da surdez. A autora discorre sobre a visão dos professores em relação à escrita de pessoas surdas, que identificam as peculiaridades da escrita dessas pessoas, já mapeadas por diferentes pesquisadores, o que leva a entender a necessidade de adoção de estratégias de ensino do português como segunda língua.

Já no ano de 2008, Gláucia Renata Pereira do Nascimento publica a tese de doutorado intitulada “Aspectos da organização de textos escritos por universitários surdos”, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. A autora descreve peculiaridades da escrita de universitários surdos, tendo como base a Linguística de texto. Conclui que o hibridismo estrutural desses textos se dá em função da influência da libras

sobre o português escrito. Apesar dessas especificidades, segundo a autora, é possível atribuir sentido aos textos escritos por pessoas surdas.

Em 2011, Mônica de Gois Silva Barbosa defendeu a dissertação intitulada “O mecanismo da coerência na produção escrita de surdos: foco no vestibular 2011 da UFS!”. Esse trabalho foi desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. A autora procedeu ao estudo tendo como base discussões da Linguística de Texto. Constatou, tal como outros autores, que a escrita da pessoa surda usuária de libras apresenta marcas dessa língua em sua escrita, embora essas marcas não impeçam o estabelecimento da coerência nesses textos. Também em 2011, Marie Gorett Dantas de Assis e Medeiros Batista concluiu a dissertação intitulada “Descrição de singularidades na escrita de surdos”. Essa na dissertação foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba e a autora conclui que as singularidades da escrita das pessoas surdas são decorrentes da influência da libras no português escrito. No ano de 2012, há a dissertação de mestrado intitulada “Textos escritos de alunos surdos e ouvintes sob o olhar da linguística textual”, da autoria de Sandra Maria de Lima Alves, defendida no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP. O trabalho, que teve como base os pressupostos da Linguística de Textos, conclui que, apesar das atipificadas, os textos escritos por pessoas surdas são inteligíveis. Como afirmamos, resultados muito semelhantes obtidos por meio de caminhos teórico-metodológicos diferentes.

Além desses trabalhos, identificamos, acerca dos temas ‘escrita’, ‘letramento’, ‘leitura’, ‘práticas de ensino de português’, os seguintes trabalhos, apresentados em ordem cronológica de publicação: no ano de 2004, temos o trabalho “A metáfora na construção de sentidos pela criança com perda auditiva de grau moderado”, da

autoria de Kátia Maria Gomes de Albuquerque, que desenvolveu essa dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. O objetivo da pesquisa foi averiguar se a limitação receptiva provocada pela surdez moderada acarreta perdas nas trocas interativas que interfiram na compreensão metafórica. Tendo como base teórica trabalhos de Lakoff e Johnson (1980, 2002), a autora concluiu que mesmo a surdez moderada dificulta a compreensão de metáforas.

No ano de 2006, encontramos a dissertação de mestrado intitulada “Era uma vez... um chapeuzinho, seis surdos, seis histórias”. A autoria é de Juliana Brito Marques dos Santos. A autora desenvolveu seu trabalho no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Esse trabalho teve como objetivo geral “a investigação da singularidade da escrita de surdos, observando e analisando como a história de vida de cada um influencia no português escrito.” A autora assumiu a concepção sócio-interacionista da linguagem como base de seu trabalho, apoiando-se em trabalhos de Vygotsky e de Bakhtin.

Em 2007, identificamos a tese intitulada “Letramento em comunidades de surdos”. Esse trabalho foi desenvolvido no Âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE por Denise Costa Menezes. A pesquisa objetivou “investigar uso social da escrita em uma comunidade de surdos na cidade do Recife.” A base teórica se apoiou em estudos sobre o letramento e “na concepção de surdez como determinante na formação de indivíduos integrados em comunidades linguísticas (surdos bilíngues, usuários da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e do Português escrito).” Ainda em 2007, há o trabalho de Wagner Teobaldo Lopes de Andrade, intitulado “A relação entre oralidade e escrita em língua portuguesa no surdo.” Essa dissertação de mestrado foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP e teve como objetivo “caracterizar a ocorrência de marcadores discursivos, repe-

tições e parafraseamento em surdos oralizados e não-oralizados e confronta esses dados entre si e com ouvintes também estudantes do Ensino Médio.” Os resultados mostram a presença de marcas de oralidade na escrita dos surdos, o que indica a relação oralidade/escrita na escrita dos voluntários, o que se dá de modo semelhante na escrita de ouvintes.

Também em 2007, há a dissertação de mestrado de autoria de Diana Balbini Lapa de Albuquerque, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, intitulado “Compreensão leitura e habilidades de processamento auditivo em crianças.” O objetivo deste trabalho foi o de “investigar a relação entre a compreensão leitora e as habilidades de processamento auditivo em crianças.” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 7) A autora se baseou, entre outros, em estudos de Brandão (1994), Dias, Morais e Oliveira (1995). Os resultados sugerem que a compreensão de leitura é um processo independente das habilidades de processamento auditivo e que as habilidades relacionadas ao processamento auditivo podem apresentar diferentes resultados. Ainda em 2009, “Elementos microestruturais para um vocabulário didático dos termos das ciências biológicas para alunos surdos do ensino fundamental”. Essa dissertação foi defendida por Francisco Edmar Cialdine Arruda, no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE (Universidade Estadual do Ceará). O objetivo da pesquisa foi a criação de um vocabulário de termos da área da ciência, a fim de contemplar a necessidade de aprendizagem de terminologias existentes nos livros didáticos de ciências de estudantes surdos do Ensino Fundamental. O estudo se fundamentou em Welker (2004), Kress; van Leewen (1996) Krieger; Finatto (2004) e Quadros; Karnopp (2004). No mesmo ano, 2009, há a dissertação de mestrado de Conceição Marinho dos Santos, defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). O tí-

tulo da dissertação é “O olhar do professor do ensino fundamental e médio sobre o texto escrito pelo surdo”. A autora adotou como base teórica de sua pesquisa, entre outros, trabalhos de Garrido (1995) e Skliar (1997). Como resultado, a autora informa que professores de salas especiais, apesar de terem uma formação especializada, não estão conseguindo melhorar a escrita de estudantes surdos.

Já em 2010, encontramos três dissertações de mestrado. Uma delas é “O uso do gênero multimodal (anúncio publicitário) no ensino-aprendizagem de leitura em L2 para surdos: por uma proposta bilíngue”. A autoria é de Marina Sampaio Montenegro, que realizou seu mestrado no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE. O objetivo da pesquisa foi “propor um trabalho de ensino em Português que respeitasse a condição do surdo enquanto sujeito bilíngue, usuário da Libras como primeira língua e da Língua Portuguesa como segunda língua”. A base teórica do trabalho se apoiou em Kress e van Leeuwen (1996) e os resultados da metodologia proposta foram positivos. A segunda foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGLC) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) por Jurandir Ferreira Dias Júnior. O título é “Ensino da língua portuguesa para surdos: contornos de práticas bilíngues”. O objetivo da pesquisa foi “analisar as estratégias e métodos empregados por professores de língua portuguesa para surdos que estudam no nível fundamental e médio em escolas de Recife que oferecem salas de aula bilíngues, verificando a adequação aos objetivos pedagógicos”. A base teórica se assenta em trabalhos de Krashen (1984, 1995), Selinker (1972, 1978, 1994) e Brochado (2003). O autor chegou à conclusão de que o ensino do português não se dá considerando esta a segunda língua das pessoas surdas, fato que deixa a pessoa surda como “um mero expectador de um evento de que não participa”.

Em 2013, encontramos a dissertação intitulada “O desempenho da escrita de palavras de alunos surdos da rede pública munici-

pal de Bayeux PB”, da autoria de Cleoneide Jerônimo de Souza, no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB (Universidade Federal da Paraíba). O objetivo geral deste trabalho foi o de “averiguar o nível de desempenho da escrita de palavras do português como L2 de 16 alunos surdos do Ensino Fundamental da Rede pública Municipal de Bayeux-PB, com perda auditiva severa e/ou profunda, que sejam sinalizadores, aplicando o Protocolo de Avaliação do Desempenho da Escrita de Palavras por Aprendizes Surdos (PADEPAS) para observar se há evolução no nível de aprendizagem dos alunos do 6º ao 9º anos. Os resultados indicam pouco domínio na escrita de palavras. Também no PROLING, ainda no ano de 2013, foi defendida a tese de doutorado intitulada “Desempenho da Escrita de Palavras do português por aprendizes surdos: construção e avaliação de protocolo”. A autora é Adriana Di Donato Chaves, também enfoca o PADEPAS. O trabalho teve como objetivo descrever o processo de construção do Protocolo de Avaliação do Desempenho da Escrita de Palavras por Aprendizes Surdos, o PADEPAS, e suas etapas de avaliação e fidedignidade. Como resultado, a autora afirma que o “PADEPAS se apresentou como um instrumento consistente com alto grau de confiabilidade.

No ano de 2015, encontramos no repositório da pós-graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, a dissertação de mestrado intitulada “A melhoria do capital linguístico de surdos associados da comunidade religiosa das Testemunhas de Jeová”. O objetivo geral deste trabalho, de autoria de Alexcina Oliveira Cirne Vieira da Cunha, foi o de “analisar se os surdos quando expostos a rotinas de leitura constante de textos de ‘boa qualidade’ atrelada a discussões e apresentações públicas nas reuniões das Testemunhas de Jeová podem trazer melhoria do capital linguístico”. A pesquisa se apoiou em trabalhos de, entre outros, Kleiman e Coscarelli. A pesquisadora constatou que a melhoria do capital linguístico dos surdos é evidente.

Em 2017, localizamos a tese de doutorado de autoria de Liliane Correia Toscano de Brito Dizeu, intitulada “A escrita do surdo na clínica fonoaudiológica: a demanda por uma alternativa à noção de representação”. Essa tese foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. O objetivo do trabalho foi o de “analisar a relação oralidade/escrita a partir de textos produzidos por sujeitos surdos na clínica fonoaudiológica, refletindo sobre como essa escrita revela e permite pensar características da escrita alfabética.” A pesquisa tem como base discussões sobre aquisição da linguagem escrita, tendo como sustento trabalhos de Borges (2006) e Bosco (2009). A autora conclui que havia cruzamento entre a oralidade e a libras, mas há mais aspectos envolvidos na escrita dos surdos.

No ano de 2018, a dissertação intitulada “A interlíngua português-libras na produção textual escrita de pessoas surdas adultas usuárias de libras aprendizes do português escrito como segunda língua” foi defendida por Camila Michelyne Muniz da Silva, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE. O objetivo geral do trabalho foi o de analisar a interlíngua português-libras em textos escritos de pessoas surdas adultas, com enfoque particular a peculiaridades do uso de verbos.

Subárea 3 – Literatura surda

O trabalho com a literatura em libras constitui uma área ainda mais nova dentro dos estudos no universo da surdez. Seja por meio de adaptação para a língua de sinais de obras consagradas, seja a produção pessoal, sobretudo textos mais líricos e/ou outros gêneros narrativos, este campo tem emergido reflexões bastante significativas. Entretanto, no Nordeste brasileiro, até a data de coleta para este mapeamento, encontramos apenas uma dissertação, cujo título é: “O suporte digital no ensino de Língua Portuguesa para

a Comunidade Surda: O caso da obra “As aventuras de Pinóquio” em Língua de Sinais/Português”, de Almir Barbosa dos Santos, defendido em 2016, no Programa de Pós-graduação em Letras pela UFS. Neste trabalho, a “análise documental baseou-se nos relatórios de avaliação do projeto “Coleção Clássicos da Literatura em LIBRAS/Português (SANTOS, 2016, p. 06)” e seus anexos, que reúnem as discussões de uma equipe de cerca de 200 profissionais envolvidos na produção da coleção”.

Subárea 4 – Tradução/interpretação

A presente categoria encerra 07 (sete) dissertações de mestrado e 02 (duas) teses de doutorado. No rol dos trabalhos encontrados, há os que tratam da formação, a atuação, o trabalho de legendagem e de adaptação de textos literários. Por muito tempo, falar de tradutor-intérprete de língua de sinais é tratar de acessibilidade, no entanto esses profissionais têm garantido maior reconhecimento e legitimidade onde quer que atuem, fazendo vir a toda questões de ontologia, formação inicial e continuada, legislação etc.

Como exemplares desta categoria, passemos aos trabalhos. Em 2008, Karla Patrícia Ramos da Costa no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP, defendeu a dissertação com título: “O texto do intérprete de libras no contexto do bilinguismo e o pretexto da inclusão”. Esta investigação “versa sobre a atuação do intérprete de libras no contexto educacional inclusivista adotado no Brasil diante da necessidade de conhecer melhor os resultados da participação desse profissional na vida escolar e social do surdo” (COSTA, 2008, p. 10).

Somente um quadriênio depois chegam dois trabalhos. O primeiro de Andréa Michiles Lemos, do Programa de Pós-graduação em linguística da UFC, cujo título é “As estratégias de interpretação

de unidades fraseológicas do português para Libras em discursos de políticos”, em 2012. O objetivo desta pesquisa foi “investigar as estratégias de interpretação utilizadas no processo tradutório da língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), em situações interpretativas que envolvem unidades fraseológicas (UFs) utilizadas por deputados estaduais em seus discursos nas Sessões Plenárias da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará” (LEMOS, 2012, p. 8); e o segundo trabalho é de Élide Gama Chaves, com título: “Legendagem para surdos e ensurdecidos: um estudo baseado em corpus da segmentação nas legendas de filmes brasileiros em DVD”, defendido no Programa de Pós-graduação e Linguística Aplicada da UECE. Através dos resultados, “foi possível vislumbrar que os problemas de segmentação podem ser sanados a partir do desenvolvimento de estratégias de segmentação fundamentadas nas categorias linguísticas encontradas no *corpus*, que por sua vez podem servir de parâmetros para pesquisadores e legendistas realizarem análises mais conscientes” (CHAVES, 2012, p. 7).

Também no Programa de Pós-graduação e Linguística Aplicada, na UECE, houve duas defesas de dissertação sobre o tema em tela. A primeira, em 2013, de Ana Katarinna Pessoa do Nascimento, cujo título é: “Linguística de corpus e legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): uma análise baseada em corpus da tradução de efeitos sonoros na legendagem de filmes brasileiros em DVD”, no ano de 2013. Neste trabalho, observou-se que “Os dados revelaram que os efeitos sonoros foram traduzidos sem preocupação com a significação fílmica, já que muitas legendas traduziram os efeitos sonoros de forma aleatória sem se atentar para sua importância ou evolução dentro do filme” (NASCIMENTO, 2013, p. 06).

A segunda é de Maria Helena Clarindo Gabriel, em 2015, defendeu sua dissertação: “Problemas de segmentação linguística na legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) de ‘Cheias de

Charme': uma análise baseada em *corpus*". Este trabalho teve como objetivo principal "identificar os problemas de segmentação linguística (PROSEGL) na LSE da telenovela brasileira 'Cheias de Charme', via Linguística de *Corpus* (LC) e tendo como base teórico-metodológica os estudos da tradução, mais especificamente a tradução audiovisual (TAV)" (GABRIEL, 2015, p. 08).

Em 2016, Daniel Jorge Alves de Alcântara apresentou a dissertação: "Metáforas conceituais baseadas em vida, morte e ressurreição e sua tradução para Libras", no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da UFC. "A pesquisa desta dissertação conecta os Estudos da Tradução à Linguística Cognitiva e alguns dos resultados sugerem que uma mesma experiência corporificada pode gerar metáforas conceituais distintas em duas culturas também distintas" (SANTOS, 2016, p. 10).

Também em 2016, pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE, Ítalo Alves Pinto de Assis defendeu sua dissertação, de título: "Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE): análise baseada em corpus da segmentação linguística em *Amor Eterno Amor*". Essa dissertação teve por objetivos: "i) descrever-classificar os problemas de segmentação linguística da LSE do tipo *closed caption pop-on* de 5 capítulos da telenovela *Amor Eterno Amor* e ii) propor a relegendagem da LSE de um trecho dessa telenovela, enfatizando o parâmetro da segmentação linguística no âmbito desse processo tradutório" (ASSIS, 2016, p. 09).

Ainda nesta categoria, mas no nível de doutorado, encontram-se as duas teses, no ano de 2016, ambas apresentadas no Programa de Pós-graduação e Linguística Aplicada da UECE. A primeira é: "A influência da segmentação e da velocidade na recepção de Legendas para Surdos e Ensurdidos LSE", de Patrícia Araújo Vieira, que teve "por objetivo principal investigar a influência da velocidade das legendas e da segmentação linguística na recepção

da LSE por espectadores surdos e ouvintes” (VIEIRA, 2016, p. 09); a segunda tem por título “Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) e legendagem para ouvintes: um estudo sobre a segmentação e a velocidade na legendagem da campanha política de 2010”, de Silvia Malena Modesto Monteiro, que “analisa a recepção de dois grupos de participantes à legendagem de programas políticos brasileiros, tendo como principal foco dois parâmetros técnicos da legendagem: a segmentação linguística (divisão das falas em blocos semânticos, baseada nas unidades semânticas e sintáticas) e velocidade da legenda” (MONTEIRO, 2016, p. 09).

Subárea 5 – Educação de pessoas surdas

A educação de pessoas surdas usuárias de libras tem trazido discussões bastante pertinentes para a demanda existente, e percebe-se que muito já foi diagnosticado, mas, infelizmente, pouquíssimo foi implementado. Existe um hiato entre tudo aquilo que a academia percebe como adequado ao contexto educacional e aquilo que realmente acontece. O sentimento é de insatisfação, contudo é dever investigativo propor estratégias quem levem à melhoria da educação, como é o caso da educação de surdos.

Não identificamos teses de doutorado nesta subárea e, entre as 05 (cinco) dissertações que se inserem nesta categoria, a primeira apresentada é do ano de 2010, na UFPB, PROLING Teresa Cristina Hitomi Kikuchi Bueres defendeu dissertação com título: “Um estudo sobre a formação linguística dos instrutores de Libras em Palmas – Tocantins”, que investigou “a formação linguística dos educadores surdos para o ensino da Língua Brasileira de Sinais na condição de L1, em Palmas – TO” (BUERES, 2010, p. 07); por sua vez, Thereza Sophia Jácome Pires, também na UFPB, PROLING defendeu em 2013, a dissertação: “Aquisição de escrita por surdos: um olhar so-

bre a adaptação curricular”, neste trabalho, “os resultados demonstram que, apesar de não existir uma metodologia específica para o trabalho com adaptações curriculares, é necessário que essa prática seja baseada em pilares que sustentem a condição do aluno enquanto aprendiz, respeitando o currículo proposto em sala de aula e fazendo as devidas modificações” (PIRES, 2013, p. 09). Ambas dissertações foram defendidas no Programa de Pós-graduação em Linguística.

Bernardo Luís Torres Klimsa, em 2013, defendeu a dissertação: “Narrativas de alunos universitários sobre o professor surdo e o ensino de libras”, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, na UNICAP. Nesta pesquisa, “os resultados apontaram para um contexto bastante favorável à presença desse professor surdo, embora, no momento inicial, tenha provocado certo temor dos alunos de que a aprendizagem da libras não ocorresse” (KLIMSA, 2013, p. 08).

Ainda pelo mesmo programa, mas em 2015, o trabalho: “Libras, prá que te quero?: a apropriação dos multiletramentos por alunos surdos do Letras/Libras”, foi defendido por Ana Maria Zulema Pinto Cabral da Nóbrega, que teve como “referencial teórico os estudos enunciativos de Bakhtin, os estudos socioculturais de letramento de Rojo, Street, Lemke, além das pesquisas acerca da aquisição tardia da libras como L1 para os surdos, bem como do ensino bilíngue para estes, desenvolvidas por Souza e Quadros” (NÓBREGA, 2015, p. 09).

Com título: “Práticas pedagógicas na educação de surdos: Análise crítica do discurso de professores da educação básica”, Alecrisson da Silva apresentou dissertação ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFS, no ano de 2017. O objetivo deste trabalho foi “analisar como os discursos dos professores que experienciaram contato com alunos surdos, sem conhecimento da

Libras, retratam suas práticas pedagógicas e os compromissos sociais deles, da escola, da família e do governo, através dos discursos dos professores que estão cotidianamente com os alunos surdos, no município de Coronel João Sá-BA” (SILVA, 2017, p. 07).

Subárea 6 – Ensino de língua estrangeira para pessoas surdas

O ensino de línguas estrangeiras modernas a surdos tem sido um tema que, aos poucos, tem feito emergir pesquisas bastante contundentes sobre o processo de aprendizagem-aquisição-ensino de segunda língua. Nesta subárea de pesquisas, foram identificadas 03 dissertações de mestrado e 01 tese de doutorado.

A dissertação com título: “Surdos brasileiros escrevendo em inglês: uma experiência com o ensino comunicativo de línguas”, pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada na UECE, em 2008, de Aline Nunes de Sousa, teve por objetivo “analisar o desenvolvimento da escrita de surdos de Fortaleza em uma terceira língua (L3), o inglês, quando expostos ao Ensino Comunicativo de Línguas (ECL)” (SOUSA, 2008, p. 07).

Em 2012, encontramos o trabalho com título: “Descrição de desenvolvimento linguístico em língua inglesa por seis surdos: novos olhares sobre o processo de aquisição de uma língua”, de Antonio Henrique Coutelo de Moraes, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP, cujo objetivo é “investigar a possibilidade de fluência no inglês em seis sujeitos surdos, sendo necessário então observar o seu processo de aquisição e aprendizagem de LE em um contexto educacional inclusivista multi(bi)linguista” (MORAES, 2012, p. 08). Também no mesmo programa este pesquisador defendeu sua tese de doutoramento, no ano de 2018, com título: “A triangulação Libras-português-inglês: relatos sobre a

dinâmica de aulas inclusivas de língua estrangeira pelo professor bilíngue e pelo intérprete de Libras”. Neste trabalho, o objetivo foi “de analisar o efeito de praticas pedagógicas empregadas e interações em aulas de língua inglesa mediadas por Libras/Português, nos Ensinos Fundamental e Médio, a partir dos relatos de tradutores e interpretes e de professores bilíngues ou não” (MORAES, 2018, p. 08).

Em 2015, o trabalho de Marília Silva Dias, com título: “Letramento de surdos em Língua Espanhola: Uma construção possível?”, foi defendido no Programa de Pós-graduação em Letras da UFS. “A principal contribuição desta pesquisa visa possibilitar a construção de novas práticas de ensino que insiram o aluno surdo, ativamente, nas atividades que envolvam a língua adicional, buscando favorecer a implementação de novas metodologias de ensino que englobem a multimodalidade, em especial, baseadas no uso das imagens como ferramenta de ensino, a fim de tentar diminuir as disparidades em que a educação de surdos se insere” (DIAS, 2015, p. 05).

Subárea 7 – Abordagem discursiva da e sobre a libras/ pessoas surdas e surdez

A subárea de número sete contempla 08 trabalhos de pós-graduação, sendo 05 de mestrado e 03 de doutorado. O primeiro trabalho foi do ano de 2010, de Luiz Carlos Souza Bezerra, com título “A criança surdo/cega e a linguagem no contexto escolar e familiar”, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP. Em suas análises, “os dados indicam que a interação mãe-filho surdocego envolve questões de aceitação, de adoção, de se ver como semelhante, conseqüentemente, interfere na relação da criança com a linguagem uma vez que, para ser imersa do simbólico, depende do outro” (BEZERRA, 2010, p. 08).

Já na UECE, no Programa de pós-graduação de Linguística Aplicada, em 2011, Nilton Câmara de Oliveira defendeu sua dissertação, cujo título é “*Grito silenciado: conceitualizações de violência na comunidade surda de fortaleza*”. Este trabalho investigativo “teve como base os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), proposta por Lakoff (1987) e seus colaboradores, bem como, a concepção de *Mente Corpórea*” (OLIVEIRA, 2011, p. 09).

Em 2013, com título: “*Aquisição da linguagem oral e de sinais por uma criança ouvinte filha de pais surdos: conhecendo caminhos*”, Michelle Melo Gurjão defendeu dissertação no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, da UNICAP. “O objetivo desta pesquisa foi analisar o processo de aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da Língua Portuguesa na modalidade oral em uma criança ouvinte, filha de pais surdos” (GURJÃO, 2013, p. 13).

Com título, “*TV Globo e a surdez: compreensões acerca do discurso sobre o implante coclear*”, no ano 2018, Clevisvaldo Pinheiro Lima defendeu sua dissertação no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPI. Neste trabalho, o autor procurou “compreender os efeitos de sentido produzidos pela veiculação do discurso sobre o Implante Coclear pela Rede Globo de televisão através de seus programas matinais destinados, em geral, à mulher, a quem é delegada, com base no imaginário coletivo, a responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos, sobretudo, quando estes têm alguma deficiência” (LIMA, 2018, p. 04).

Também em 2018, foi defendida a dissertação: “*Discurso do sujeito surdo sobre sua educação: contribuições da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso*” por Maiane Vasconcelos de Brito, no Programa de Pós-graduação em Letras da UFS. “Os resultados revelaram que, entre a inclusão defendida pela lei e por muitos especialistas e o bilinguismo, o segundo método é defendi-

do unanimemente pelos surdos, por proporcionar de fato uma inclusão social e política dessa comunidade” (BRITO, 2018, p. 08).

Três teses se abrigam nesta subárea. A primeira é do ano de 2014, de Dannytza Serra Gomes. Seu trabalho tem título: “Língua Brasileira de Sinais: fala-em-interação entre surdos” e foi defendido no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC. O objetivo desta pesquisa é “observar interações realizadas com pessoas surdas utentes em língua de sinais com o fito de analisar de que maneira ocorre o desenvolvimento do tópico discursivo em ambientes naturais de uso dessa língua” (GOMES, 2014, p. 09).

Em 2015, Viviane da Silva Gomes apresentou tese no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB, com título: “Docente surdo: o discurso sobre sua prática”. Seu objetivo principal foi “identificar na fala de uma professora surda o interdiscurso marcado pelas autoridades políticas, educacionais e maternas nas formulações de leis, abordagens de ensino e orientações cujo fim remete ao processo de inclusão das instituições acadêmicas” (GOMES, 2015, p. 09).

Em 2017, localizamos a tese de doutorado de autoria de Liliane Correia Toscano de Brito Dizeu, intitulada “A escrita do surdo na clínica fonoaudiológica: a demanda por uma alternativa à noção de representação.” Essa tese foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. O objetivo do trabalho foi o de “analisar a relação oralidade/escrita a partir de textos produzidos por sujeitos surdos na clínica fonoaudiológica, refletindo sobre como essa escrita revela e permite pensar características da escrita alfabética.” A pesquisa tem como base discussões sobre aquisição da linguagem escrita, tendo como sustento trabalhos de Borges (2006) e Bosco (2009). A autora conclui que havia cruzamento entre a oralidade e a libras, mas há mais aspectos envolvidos na escrita dos surdos.

Categoria 8 – Aquisição da linguagem

A oitava subárea é destinada aos trabalhos que versam sobre a aquisição da linguagem, na qual foram arroladas 05 dissertações de mestrado e 01 tese de doutorado. Seja aquisição da libras ou do português falado ou escrito

O primeiro trabalho desta subárea tem data de 2009, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP, quando Camilla Porto Campello defendeu dissertação com título: “Análise dos conceitos teóricos empregados na clínica fonoaudiológica para aquisição da linguagem em surdos”, cujo objetivo foi “analisar os conceitos teóricos que estão sendo empregados no trabalho fonoaudiólogo com surdos, articulando com as filosofias de reabilitação. Para tal (...) foi observada a coerência entre o discurso e a prática clínica tomando como base as respostas oferecidas por duas terapeutas que trabalham com surdos e dois estudos de caso de crianças que apresentam surdez bilateral” (CAMPELLO, 2009, p. 08).

No mesmo ano de 2009, o trabalho: “Língua Brasileira de Sinais: Escolhas Lexicais e Desenvolvimento do Tópico Discursivo” foi defendido por Dannytza Serra Gomes, no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC. Cujo objetivo foi de “analisar as escolhas lexicais utilizadas pelo surdo para criar e desenvolver condições adequadas de interação e identificar as estratégias de inserção, reformulação e retomada do tópico discursivo que ocorrem durante o ato comunicativo realizado em língua de sinais” (GOMES, 2009, p. 08).

Em 2011, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP, Sueli Fernandes da Silva Rached defendeu sua dissertação: “Ver e ouvir a surdocegueira: o emergir da comunicação”. A fundamentação teórica deste trabalho encontra aporte

em Nas contribuições de Vygotsky, Bruner, Tomasello e Chomsky, dentre outros que oferecem subsídios para melhor entendimento das peculiaridades da aquisição da linguagem da criança surdocega (RACHED, 2011, p. 08).

Com título: “Aquisição da estrutura frasal na Língua Brasileira de Sinais”, no ano de 2013, Maria Antonieta Pereira Tigre Almeida defendeu sua dissertação no Programa de Pós-graduação em Linguística da UESB. Este trabalho “tem como objetivo apresentar uma análise da aquisição da libras por surdos que tiveram seus processos de aquisição estabelecidos em três contextos diferentes: a) *aquisição natural na infância* (ANI), tendo como *input* a libras como primeira língua (L1) desde o nascimento; b) *aquisição na infância de família ouvinte* (IFO), tendo como *input* a libras de falantes de segunda língua (L2), a partir dos 4 anos de idade; e c) *aquisição tardia* (AT), tendo como *input* a libras de falantes de segunda língua (L2) e seus colegas surdos, a partir dos 8 anos de idade” (ALMEIDA, 2013, p. 10).

A sexta dissertação desta subárea é do ano de 2017: “Aquisição da linguagem e surdez: pronúncia e ritmo prosódico na fala de surdos oralizados”, de Jonnia Maria Carneiro Aguiar, defendida no Programa de Pós-graduação em Letras, da UFPI. Este trabalho “descreve a Aquisição da Linguagem de dois surdos oralizados, ressalta os fatores que prejudicam o desenvolvimento da prolação e prosódia e verifica se o *bootstrapping* fonológico pode ser uma das possíveis chaves que abrem as portas para o caminho da Aquisição da Linguagem” (AGUIAR, 2017, p. 07).

A única tese que se inscreve nesta subárea é do ano de 2010, tem por título: “A fala materna dirigida ao bebê surdo implantado: entre o ouvinte suposto e o aprendiz de ouvinte” e foi defendida por Lavínia Wanderley Pinto Brandão, no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB. Esta tese “tem como objetivo analisar a

interação entre uma mãe ouvinte e o seu filho portador de perda auditiva, diagnosticado desde os dois meses de vida e observar a influência da fala materna no seu processo de aquisição de linguagem oral, assim como observar as modificações do bebê em seu funcionamento imperativo a partir das modificações da fala materna” (BRANDÃO, 2010, p. 11).

Subárea 9 – Ensino de LIBRAS

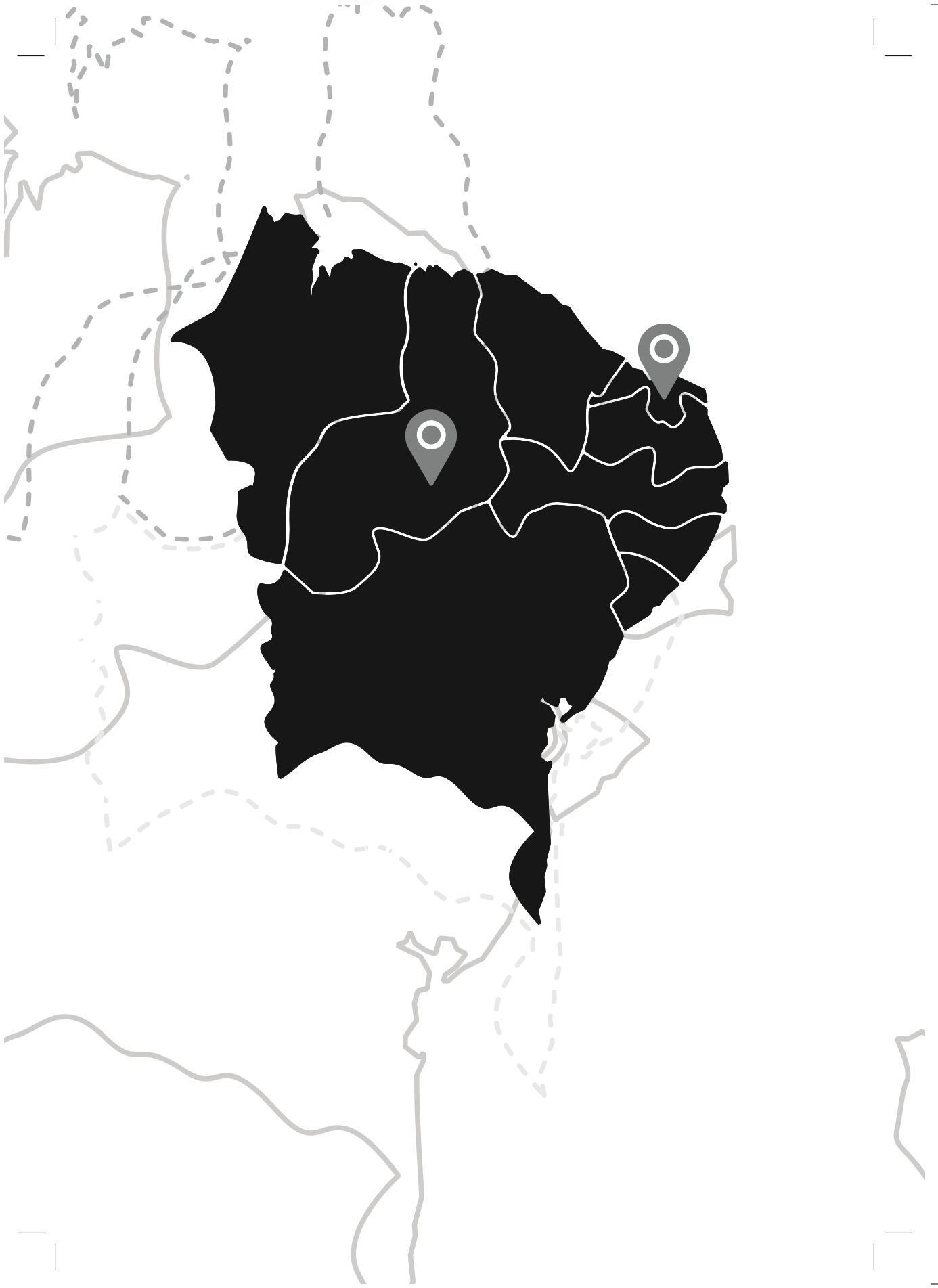
O ensino de libras para surdos como L1 ou para ouvintes como L2 ainda requer uma maior quantidade de pesquisas que possibilitem aos professores desta língua suportes adequados para o desempenho de sua atividade docente. No Nordeste, por exemplo, a existência de materiais: livros, apostilas, vídeos e outros recursos didáticos para a sala de aula. O que se vê, de fato, na maioria dos casos, é a improvisação no ensino nos diversos níveis.

Uma prova disto está na quantidade de trabalhos que se inserem nesta subárea: apenas uma tese de doutorado no ano de 2016, de Severina Batista de Farias Klimsa, que desenvolveu a pesquisa intitulada “Proposta de dicionário infantil bilíngue libras/português”, no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB. Este trabalho teve por objetivo, como já vimos no título, propor um modelo de dicionário bilíngue para crianças surdas no processo de alfabetização. A base teórica se aporta em Biderman (1998), Carvalho (2001) e Karnopp e Quadros (2004).

5. Conclusão

A iniciativa de elaboração de uma cartografia da pesquisa em Letras e Linguística no Nordeste do Brasil é de grande valia para que os pesquisadores possam tomar ciência e construir de maneira

eficiente o estado da arte de suas áreas de interesse investigativo. Desta forma, esta obra de referência encontra destacado relevo na academia, uma vez que apresenta um panorama científico a fim de situar e estimular a produção de saberes. Ao nos debruçarmos por sobre tantos trabalhos acerca da Libras e suas subáreas, mesmo sabendo de sua incipiência e até carência de bibliografia especializada, tínhamos expectativas de encontrar mais estudos neste campo. Isso nos leva a crer que mais esforços precisam ser envidados para que muito mais seja observado, investigado e descrito. É bem verdade que a libras e seus desdobramentos têm feito emergir nos programas de pós-graduação considerável empenho nos pesquisadores. Isso não se deve apenas ao impulso e determinações de dispositivos legais, mas, sobretudo, pelo encantamento e satisfação que este tema tem trazido àqueles que se dedicam a este campo, bem como o profícuo campo para pesquisas, pois muito ainda precisa ser observado. Neste sentido, 20 anos de descobertas é apenas o começo de uma grande jornada científica a ser realizada. Muito ainda precisa ser dito, muito mais ainda necessita ser revisito e redito. Desta forma, vai se construindo uma grande riqueza na área das Letras e Linguística do Nordeste brasileiro. Registramos aqui nossa satisfação em fazer parte desse projeto.



PANORAMA DOS ESTUDOS EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E ENSINO NO NORDESTE BRASILEIRO

José Ribamar Lopes Batista Júnior (UFPI)
Vicente de Lima-Neto (UFERSA)

1. Introdução

1995. Este ano é importante não só para o Brasil, mas também para o mundo como o ano em que o serviço de internet foi popularizado, saindo, portanto, da exclusividade dos meios científico e militar e chegando às casas dos cidadãos comuns. Partimos daqui, porque arriscamo-nos a dizer que esse novo serviço é um divisor de águas na história da humanidade. Naturalmente isso também terá impacto na educação, como veremos.

Não vamos nos ater aqui a discutir sobre todas as mudanças sociais, econômicas e culturais causadas pela chegada da internet no mundo, pois este espaço jamais seria suficiente para isso, mas nos cabe fazer um recorte para o que tem acontecido no meio acadêmico/ educacional nordestino brasileiro, pelo menos nos últimos vinte anos.

Como a nossa educação está amparada sobretudo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/ 1996), é interessante voltar para ela e perceber que expressões como “tec-

nologia digital”, “*novas tecnologias*”, “*tecnologias e ensino*” sequer aparecem¹. Não havia tais preocupações, a não ser com a chamada “*educação a distância*”, que não necessariamente era feita por meios digitais. Já com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), as *tecnologias de comunicação e informação* – dentre elas o computador – já têm certo protagonismo, ganhando, inclusive, um tópico² no documento.

Trazemos aqui o link com os documentos que norteiam a educação no Brasil, porque eles são o *input* para o que se tem feito na academia, quando se trata de tecnologias digitais. É quase que um senso comum de se saber a importância do trabalho com esses elementos em sala de aula e como eles são importantes para o processo de ensino-aprendizagem, mas, mesmo vinte anos depois, ainda se encontram grandes dificuldades para a execução das propostas com envolvimento de tecnologias digitais no ensino, embora os fundamentos epistemológicos estejam muito bem engendrados há décadas.

Há centenas de propostas acadêmicas com a relação entre tecnologias digitais e ensino, e é este o tema deste artigo. Nosso intuito aqui então é *fazer um levantamento de teses e dissertações desenvolvidas na região Nordeste do Brasil nos últimos dez anos, cuja temática seja a estreita relação entre tecnologias digitais e ensino*. Trata-se de um estudo exploratório, em que utilizaremos como corpus os títulos e os resumos das teses e dissertações encontradas nas bibliotecas digitais de vinte universidades da re-

1 Araújo (2012) aponta que a relação entre educação e tecnologia já era prevista no Decreto 70.185/ 1972, que criou o Programa Nacional de Teleeducação (PRONTEL), mas, na ocasião, era sugerido o uso de rádio e televisão para as tratativas das atividades didáticas e educativas, modelo largamente utilizado até meados dos anos 2000. Neste trabalho, vamos focalizar os estudos com tecnologias digitais, sobretudo com a internet.

2 Nos PCN de Língua Portuguesa, por exemplo, as *Tecnologias da comunicação e informação* são uma preocupação importante no terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental.

gião Nordeste (de agora em diante, NE), sendo dez federais, nove estaduais e uma particular. Propomos aqui então apenas traçar um panorama do que foi feito nesse período e elencar os principais conceitos que têm sido foco de trabalho nas universidades nordestinas e, conseqüentemente, na educação básica brasileira.

Para além desta introdução, dividimos o trabalho em outros cinco subtópicos, uma metodológica e quatro seções de resultados da pesquisa.

2. Da metodologia da pesquisa

Neste subtópico, detalharemos a trajetória metodológica que dispusemos para atender ao nosso objetivo. Destacamos, portanto, o tipo de pesquisa, com sua abordagem, sua natureza, seus objetivos e seus procedimentos; depois descrevemos como fizemos a coleta do *corpus* e, por fim, os procedimentos analíticos utilizados.

2.1 Da caracterização da pesquisa

No que diz respeito à abordagem que utilizamos, caracterizamos esta pesquisa como quanti-qualitativa. De um lado, o viés qualitativo se manifesta tanto pela categorização de dados quanto por sua interpretação, ao passo que o viés quantitativo se destaca pelo fato de tomarmos um grande número de dados que são representativas de uma população, constituindo um retrato real do que é alvo da pesquisa. Bauer, Gaskell e Allum (2003, p. 21-22) apontam que “a pesquisa quantitativa lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados”, traço que marcará a análise de dados também, uma vez que contabilizaremos a quantidade de trabalhos que tratam da temática em tela.

Já a natureza da pesquisa se destaca por ter cunho eminentemente exploratório, que, segundo Gil (2008, p. 25), tem como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Ora, a questão que nos fazemos neste artigo é: *quantas teses e dissertações, produzidas na região Nordeste do Brasil nos últimos dez anos, trazem como temática a relação entre tecnologias digitais e ensino?* É razoável, então, que, para fazer um mapeamento destes trabalhos, explorar o ambiente parece ser mais propício para responder à questão.

O procedimento de pesquisa será de cunho *bibliográfico*, uma vez que vamos nos deter sobre o levantamento de referências – no caso, dissertações e teses defendidas – com o objetivo de “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2008, p. 50).

2.2 Do detalhamento do corpus

O *corpus* de nossa pesquisa resume-se aos títulos e resumos de dissertações e teses defendidas no período de dez anos, entre 2008 e 2018, em 28 programas de pós-graduação da região Nordeste do Brasil. Chegamos a esses números seguindo dois grandes refinamentos. O primeiro, cujo resultado está sumarizado na tabela 1 (na subseção analítica) foi o seguinte:

a) Mapeamos os programas pelo site da Plataforma Sucupira³, refinando a pesquisa a *mestrados acadêmicos* em funcionamento das áreas de Linguística e Literatura. Primeiro, acessamos o sítio, depois fomos ao item *Cursos Avaliados e Reconhecidos*. A área de avaliação foi *Linguística e Literatura*.

3 Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Figura 1: Site Sucupira > Cursos avaliados e reconhecidos



Fonte: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>

b) Uma vez selecionada a área de avaliação, limitamo-nos a recortar os dados cuja área de conhecimento são *Letras e Linguística*. Eliminamos também da análise a categoria de MP – Mestrado Profissional.

Figura 2: Tabela Sucupira sobre áreas de conhecimento de *Letras e Linguística*

INÍCIO >> Cursos Avaliados e Reconhecidos >> Área de Avaliação >> Área de Conhecimento

| Cursos Avaliados e Reconhecidos | | Total de Programas de pós-graduação | | | | | Totais de Cursos de pós-graduação | | | |
|---------------------------------|--------------------------|-------------------------------------|----|----|----|-------|-----------------------------------|-----|----|----|
| Nome | Área de Avaliação | Total | ME | DO | MP | ME/DO | Total | ME | DO | MP |
| LETRAS | LINGUÍSTICA E LITERATURA | 120 | 50 | 1 | 3 | 66 | 186 | 116 | 67 | 3 |
| LINGUÍSTICA | LINGUÍSTICA E LITERATURA | 35 | 7 | 0 | 4 | 24 | 59 | 31 | 24 | 4 |
| Totais | | 155 | 57 | 1 | 7 | 90 | 245 | 147 | 91 | 7 |

ME: Mestrado Acadêmico
DO: Doutorado
MP: Mestrado Profissional
ME/DO: Mestrado e Doutorado

Fonte: <http://twixar.me/0dPn>. Disponível em: 19 jul. 2018.

c) A partir dessa informação, entramos nos sites de cada um desses programas e resgatamos de lá todas as dissertações e teses produzidas no período supracitado.

d) Em cada programa, elencamos a Área de Concentração e as *linhas de pesquisa básicas*, com o objetivo de verificar se essas tais linhas já tinham preocupações com tecnologias digitais e ensino.

Já com todos os títulos e resumos catalogados, que totalizou um número de **3076** dissertações/teses, passamos para o segundo refinamento da pesquisa, em que definimos uma (ou mais) das cinco palavras-chave que constituíssem o título do trabalho, que são: ***letramento digital; ensino; tecnologias digitais; redes sociais; TIC/TDIC***. O resultado deste refinamento gerou a tabela 2, na subseção analítica. Por fim, o último procedimento metodológico foi verificar quais desses trabalhos possuíam estreita relação com o ensino.

3. Dos resultados

Dividiremos os resultados encontrados em dois momentos: o primeiro consiste em fazer um mapeamento sobre os programas onde as dissertações e as teses estão sendo produzidas. Aqui investigaremos a qualidade dos programas à luz da última avaliação quadrienal, disponível na Plataforma Sucupira, e as linhas de pesquisa disponíveis na área de Linguística e Literatura no Nordeste brasileiro. O segundo momento será dedicado à análise dos trabalhos acadêmicos propriamente ditos.

3.1 Mapeamento dos programas de pós-graduação

O primeiro refinamento feito nos levou à tabela abaixo, que faz um recorte dos programas de pós-graduação disponíveis na região NE em funcionamento, na área de Letras ou Linguística.

Tabela 1: Programas de Pós-graduação consultados

| ESTADO | INSTITUIÇÃO | PROGRAMA | ÁREA BÁSICA | SITE | M | D |
|--------|-------------|--|------------------|---|---|---|
| RN | UERN | Ciências da Linguagem | Letras | http://propeg.uern.br/ppcl | 3 | - |
| | | Letras | Letras | http://propeg.uern.br/ppgl | 4 | 4 |
| | UFRN | Estudos da Linguagem | Letras | http://www.posgraduacao.ufrn.br/ppgel | 5 | 5 |
| CE | UFC | Estudos da Tradução | Letras | http://www.ppgpoet.ufc.br | 3 | - |
| | | Letras | Letras | http://www.ppgletras.ufc.br | 4 | 4 |
| | | Linguística | Linguística | http://www.ppgling.ufc.br | 5 | 5 |
| | UECE | Linguística Aplicada | Letras | http://www.uece.br/posla | 5 | 5 |
| BA | UNEB | Crítica Cultural | Letras | https://portal.uneb.br/poscritica/ | 4 | - |
| | | Estudo de Linguagens | Letras | https://portal.uneb.br/ppgel/ | 4 | - |
| | UEFS | Estudos Literários | Letras | http://www.progel.uefs.br/ | 4 | - |
| | | Estudos Linguísticos | Linguística | http://www.mel.uefs.br/ | 4 | - |
| | UESB | Letras: Cultura, Educação e Linguagens | Letras | http://www.uesb.br/ppgcel/ | 4 | - |
| | | Linguística | Linguística | http://www.uesb.br/ppglin/ | 4 | - |
| | UESC | Linguagens e Representações | Letras | http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/letras/ | 4 | - |
| | UFBA | Língua e Cultura | Letras | http://www.ppglitcult.letas.ufba.br | 4 | 4 |
| | | Literatura e Cultura | Teoria Literária | http://www.ppglitcult.letas.ufba.br | 5 | 5 |
| SE | UFS | Letras | Letras | http://www.posgraduacao.ufs.br/ppgl | 4 | 4 |

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA E LITERATURA
VOLUME II

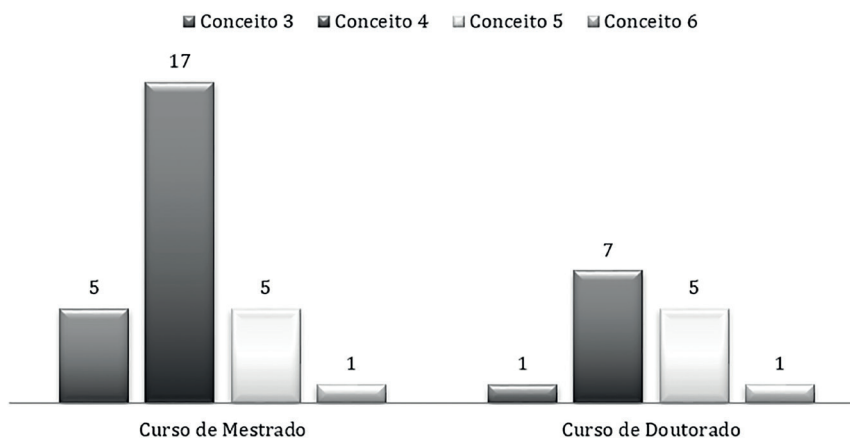
| | | | | | | |
|----|--------|---------------------------------|------------------|---|---|---|
| PE | UNICAP | Ciências da Linguagem | Psicolinguística | http://www.unicap.br/ppgcl/ | 5 | 5 |
| | UFPE | Letras | Letras | http://www.pgletras.com.br | 4 | 4 |
| PB | UFPB | Letras | Letras | http://www.cchla.ufpb.br/ppgl | 4 | 4 |
| | | Linguística | Linguística | http://www.cchla.ufpb.br/proling | 6 | 6 |
| | UFCG | Linguagem e Ensino | Letras | http://posle.ufcg.edu.br | 4 | - |
| | UEPB | Literatura e Interculturalidade | Teoria Literária | http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/ | 4 | 4 |
| MA | UEMA | Letras | Letras | http://www.mestradoletras.uema.br | 3 | - |
| | UFMA | Letras | Letras | http://www.pggi.ufma.br/ | 3 | - |
| PI | UFPI | Letras | Letras | http://www.posgraduacao.ufpi.br/pgel | 4 | - |
| | UESPI | Letras | Letras | http://www.uespi.br/mestradoemletras/ | 4 | - |
| AL | UFAL | Letras e Linguística | Letras | http://www.fale.ufal.br/posgraduacao/ppgl | 3 | 3 |

Fonte: Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=41>. Acesso em: 20 jul. 2018.

De um universo de 155 programas de pós-graduação na área de Linguística e Literatura no país, a região Nordeste oferta 28 programas, distribuídos em vinte universidades, das quais dezenove são públicas (estaduais ou federais)⁴. A Bahia é o estado que mais oferta programas na área, com nove, distribuídos em cinco universidades, enquanto Sergipe e Alagoas são os que menos ofertam, com um programa presente em cada estado. Tentemos avaliar qual é o perfil dos programas de onde os trabalhos procedem.

⁴ A única privada neste ranqueamento é a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Gráfico 1: Notas dos programas



Fonte: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=41>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Os 28 programas têm 28 cursos de Mestrado e 14 cursos de Doutorado. O gráfico 1 representa o perfil desses programas: dos cursos de Mestrado, 5 (ou 17,85%) têm nota 3, 17 (ou 60,71%) têm nota 4, 5 (ou 17,85%) têm nota 5 e 1 programa (ou 3,57%) apresenta nota 6. Quanto ao Doutorado, o percentual se assemelha: 7 (ou 50%) têm nota 4; 5 (ou 35,71%) têm nota 5 e 1 (ou 7,14%) tem nota 6. Não há cursos na área com nota máxima na região Nordeste⁵. Em sua maioria, os programas da região Nordeste têm um **bom desempenho**, uma vez que mais da metade deles têm nota 4 no conceito CAPES.

Foi também foco deste trabalho uma análise mais minuciosa das linhas de pesquisa de tais programas. O propósito foi o de verificar como elas se relacionam com a temática das tecnologias, tecnologias digitais e suas nuances.

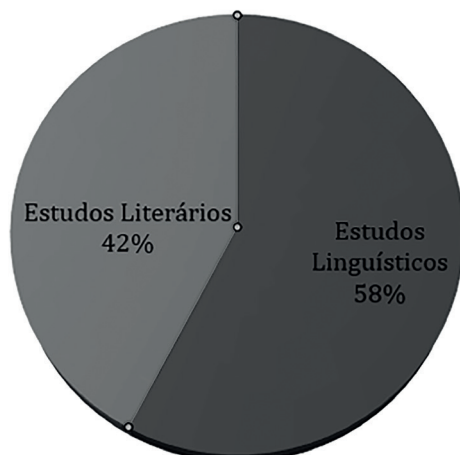
5 É importante salientar que a nota máxima para programas que possuem apenas Mestrado é nota 5. No caso em tela, todas as notas 5 de cursos de Mestrado não são máximas, pois os programas possuem doutorado.

3.2 Levantamento das linhas de pesquisa

Nos 28 programas de pós-graduação, as dissertações e teses são divididas em 104⁶ linhas de pesquisa diferenciadas, organizadas sob a seguinte proporção:

Gráfico 2: Orientação epistemológica das linhas de pesquisa disponíveis na região NE

Linhas de Pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

São sessenta as linhas de pesquisa que envolvem searas dos estudos linguísticos, enquanto as outras 44 são voltadas para os estudos literários. É importante frisar que é comum e coerente que muitos desses programas reúnam a Linguística e a Literatura em uma única área de concentração, como é o caso de *Estudos da*

6 O site do Programa de Pós-graduação em Letras da UFMA (<http://www.pgletras.ufma.br/>) estava fora do ar quando de nossa consulta. Tivemos acesso às linhas de pesquisa pelo último edital da seleção, disponível em <http://www.ufma.br/portalUFMA/edital/jvD21EmKMvaaQaL.pdf>. Acesso em: 1º ago. 2018.

Linguagem (UFRN, UFMA, UESC), *Linguagens: práticas e contextos* (UNEB), *Linguagens e Sociedade* (UERN), *Estudos do Discurso e do Texto* (UERN), mas a grande maioria das instituições preferem que tais áreas funcionem em áreas de concentração distintas.

Fizemos a opção de começar a buscar, logo pelo nome da linha, as palavras-chave que buscamos em títulos de trabalhos. O termo *letramento* ou *letramentos*, por exemplo, faz parte do título de três linhas de pesquisa:

Quadro 1 – Uso da palavra-chave *Letramento(s)* do título de linhas de pesquisa

| PROGRAMA | LINHA DE PESQUISA |
|--|--|
| Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (UNEB) | <i>Letramento</i> , Identidades e Formação de Educadores |
| Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN) | <i>Letramentos</i> e contemporaneidade |
| Programa de Pós-graduação em Letras (UFPI) | Variação/diversidade linguística, oralidade e <i>letramentos</i> |

Fonte: Elaboração própria

O uso do termo *ensino* faz parte do título de 8 programas:

Quadro 2: Uso da palavra-chave *Ensino* no título de linhas de pesquisa

| PROGRAMA | LINHA DE PESQUISA |
|--|---|
| Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (UFCG) | <i>Ensino</i> de literatura e formação de leitores: |
| Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (UFCG) | <i>Ensino</i> de línguas e formação docente |

| | |
|--|--|
| Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (UECE) | Linguagem, tecnologia e <i>ensino</i> |
| Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN) | <i>Ensino</i> e aprendizagem de línguas estrangeiras |
| Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN) | Leitura do texto literário e <i>ensino</i> |
| Programa de Pós-graduação em Letras (UFPI) | Gramática e léxico: descrição e <i>ensino</i> |
| Programa de Pós-graduação em Letras (UFPE) | Análise de práticas de linguagem no campo do <i>ensino</i> |
| Programa de Pós-graduação em Letras (UFC) | Literatura e <i>Ensino</i> |

Fonte: Elaboração própria

É baixo o número de ocorrências do termo *ensino* constituindo títulos de linhas de pesquisa. A palavra aparece apenas em 7,69% dos nomes das linhas, o que não significa que tais preocupações não ocorram nos programas.

Chama a atenção que, de todas as linhas de pesquisa disponíveis, apenas uma delas apresenta o termo *tecnologia* em sua constituição: trata-se da linha *Linguagem, Tecnologia e Ensino*, do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (POSLA-UECE). Trazemos aqui sua descrição:

Esta linha de pesquisa tem como objetivo estimular projetos e congregar estudos sobre multiletra-

mentos e ensino de línguas, abordando continuidades e transformações nos modos de interagir, de ler/escrever, de pesquisar e de ensinar numa sociedade cada vez mais em rede. Investiga a compreensão e a produção do texto em diferentes contextos de uso e de época, modalidades, interfaces e mídias, focalizando gêneros impressos e digitais. Os estudos desenvolvidos no âmbito desta linha consideram a multiplicidade cultural, linguística e discursiva, as relações letramento/tecnologia e as esferas educativas, incluindo o trabalho docente, as propostas pedagógicas e os recursos instrucionais.

Como se vê, as preocupações com os estudos que saíram e sairão desta linha se dirigem às relações entre linguagem e tecnologia, sobretudo em sala de aula. É, portanto, a única, dentre mais de cem disponíveis (ou seja, menos de 1%), que já demonstra preocupações com a digitalidade em seu título.

Os termos *TIC*, *TDIC* ou *Digital* não aparecem. Com base nesses dados, algumas interpretações são possíveis: vê-se que a relação linguagem/ tecnologia vem sendo estudada a partir de orientações epistemológicas mais amplas, como funcionamento da linguagem, organização linguística, identidade, práticas discursivas, cognição etc. Não há, além do POSLA da UECE, linhas de pesquisa que tenham preocupações cujo foco seja os fenômenos da linguagem no/ do meio digital. É possível que isso tenha a ver também com o fato de tais discussões terem sido construídas apenas do início da década passada para cá, sempre inseridos em questões mais amplas.

O estatuto da novidade não pode ser dito em relação aos termos *letramento(s)* (presente em três títulos, o que correspon-

de a 2,88%), e ao termo *ensino* (7,69% das linhas de pesquisa têm a palavra na constituição de seu nome). Uma hipótese é que as preocupações pedagógicas foram arroladas no espectro da Linguística Aplicada (LA) ao longo da história dos programas, presente com certa recorrência no NE. Essa hipótese pode ser corroborada na descrição de linhas que têm essa perspectiva. Por exemplo, na linha de pesquisa *Linguística Aplicada*, do PPGL/UFC, a descrição é a seguinte:

Aplicação dos resultados da pesquisa desenvolvida pelas diferentes disciplinas linguísticas à resolução de problemas relacionados à produção, percepção, aquisição ou processamento computacional da linguagem natural, ao ensino/aprendizagem de línguas e à elaboração de dicionários, glossários e gramáticas pedagógicas⁷.

O mesmo se pode ver na descrição da linha de mesmo nome no PROLING/ UFPB:

Esta linha congrega estudos que focalizam **processos de ensino-aprendizagem de línguas**, investigações em **torno de práticas de letramento**, trabalho e formação socioprofissional, políticas linguísticas, bem como o impacto da história das ideias sobre a linguagem no ensino de línguas⁸.

Logo, trabalhos nas áreas de *ensino* e de *letramento* tendem a ser vinculadas a essas linhas de pesquisa, muito provavelmente porque, como afirmam Rocha e Daher (2015, p. 123), “A quase

7 Disponível em: <http://www.ppgl.ufc.br/programa/linhas-de-pesquisa/>. Acesso em: 2 set. 2018.

8 Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/proling/areas-de-concentracao/>. Acesso em: 2 set. 2018.

sinonímia entre linguística aplicada e ensino/ aprendizagem de línguas foi uma realidade nos primórdios dos trabalhos na área. [...] Este foi o sentido daquela disciplina que se inaugurava na Universidade de Michigan, nos anos 1940”. Os próprios autores chegaram à conclusão de que, embora hoje haja outros interesses nos trabalhos de LA, a hegemonia ainda se dá em pesquisas que envolvam o campo do ensino e de aprendizagem de línguas, áreas que abrangem também as pesquisas em letramento(s).

Em suma, uma das conclusões a que chegamos é que centenas de trabalhos cujos objetos têm relação com tecnologias digitais são desenvolvidos em linhas de pesquisa que têm preocupações mais amplas. Embora já permeie os estudos linguísticos e literários no país há mais de vinte anos, a relação linguagem/ tecnologia parece ainda estar longe de ganhar um espaço específico ou mesmo uma identidade, mesmo com a criação do Grupo de Trabalho Linguagem e Tecnologia⁹. Também isso deve ser relativizado, uma vez que as teorias que norteiam os estudos da linguagem foram pensadas muito antes da existência de computadores, *tablets*, celulares e internet.

3.3 Levantamento das dissertações e teses defendidas cuja temática envolve tecnologias digitais e ensino

Para levantar esses dados, pesquisamos as dissertações e teses defendidas no período de 2008-2018 nos 28 programas a que já nos referimos acima. A tabela a que chegamos foi a seguinte:

⁹ Apenas em 2010, a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) deu parecer favorável à criação do Grupo de Trabalho Linguagem e Tecnologias, que hoje envolve dezenove programas de pós-graduação e 25 pesquisadores espalhados pelo país. Informação disponível em: <http://anpoll.org.br/gt/linguagem-e-tecnologias/>. Acesso em: 15 set. 2018.

Tabela 2: número de dissertações e teses pesquisadas

| ESTADO | INSTITUIÇÃO | PROGRAMA | DISSERTAÇÕES | TESES |
|--------|-------------|--|------------------|-------|
| RN | UERN | Ciências da Linguagem | 2 | - |
| | | Letras | 180 | - |
| | UFRN | Estudos da Linguagem | 388 | 213 |
| CE | UFC | Estudos da Tradução | 9 | - |
| | | Letras | ND ¹⁰ | ND |
| | | Linguística | ND | ND |
| | UECE | Linguística Aplicada | 214 | 33 |
| BA | UNEB | Crítica Cultural | 31 | - |
| | | Estudo de Linguagens | 183 | - |
| | UEFS | Estudos Literários | ND | - |
| | | Estudos Linguísticos | 71 | - |
| | UESB | Letras: Cultura, Educação e Linguagens | 68 | - |
| | | Linguística | 87 | - |
| | UESC | Linguagens e Representações | 72 | - |
| | UFBA | Língua e Cultura | 33 | 12 |
| | | Literatura e Cultura | 91 | 39 |
| SE | UFS | Letras | 221 | - |
| PE | UNICAP | Ciências da Linguagem | SD ¹¹ | SD |
| | UFPE | Letras | 86 | 46 |

10 ND = não disponível.

11 SD = Sem diferença. A Unicap não separa a produção de dissertação e tese, apenas lista em ordem alfabética totalizando 192 trabalhos.

| | | | | |
|---------------------------|-------|---------------------------------|------|-----|
| PB | UFPB | Letras | 98 | 76 |
| | | Linguística | 192 | 110 |
| | UFCG | Linguagem e Ensino | 162 | - |
| | UEPB | Literatura e Interculturalidade | 138 | 25 |
| MA | UEMA | Letras | ND | - |
| | UFMA | Letras | ND | - |
| PI | UFPI | Letras | 196 | - |
| | UESPI | Letras | ND | - |
| AL | UFAL | Letras e Linguística | ND | - |
| TOTAL DE TRABALHOS | | | 2522 | 554 |

Fonte: Elaboração própria

Foram contabilizados 2522 dissertações e 554 teses, totalizando **3076** trabalhos pesquisados no período de dez anos. É em cima deste número final que as tabelas seguintes serão correlacionadas.

É visível que o número de pesquisas é bem maior, uma vez que sete programas não disponibilizaram na internet a quantidade de teses e dissertações defendidas. Mesmo assim, o montante restante permitirá que tenhamos dados consistentes, cumprindo o propósito de que apresentar um panorama do que é feito na região Nordeste.

Seguindo o procedimento metodológico de visualizar palavras-chave como **letramento digital; ensino; tecnologias digitais; redes sociais; TIC/TDIC** no título do trabalho, chegamos às seguintes tabelas:

Quadro 3: Palavra-chave TIC e suas variantes, redes sociais e suas variantes em títulos de dissertações e teses do NE

| PALAVRAS-CHAVE | OCORRÊNCIAS | RELAÇÃO COM ENSINO |
|---|-------------|--------------------|
| TICs | 4 | 1 |
| TDICs | 1 | 0 |
| Tecnologias digitais/tecnologia digital | 14 | 7 |
| Redes sociais/rede social | 17 | 5 |
| Era digital | 1 | 0 |
| Cibercultura | 2 | 1 |

Fonte: Elaboração própria

Como se vê, os dados apresentaram pouca recorrência com as palavras-chave específicas que escolhemos. Num universo de 3076 trabalhos pesquisados, apenas 17 deles tratam de *redes sociais/ rede social*, o que corresponde a apenas 0,55% das pesquisas. Termos como TIC e suas variantes, como TDIC e tecnologias digitais, apresentam um resultado ainda menor, o que apenas simboliza o quão pouco ainda se pesquisa sobre a temática no país.

Curioso ainda é verificar que nem todos os trabalhos têm um viés com a educação e/ ou ensino de línguas. Veja-se, por exemplo, que as palavras-chave que apresentam maior relação com o **ensino** são *tecnologias digitais/ tecnologia digital*, que, dos 14 trabalhos cujo tema é este, 50% deles têm fortes relações com o ensino. Esses dados apontam que, se já são poucos os trabalhos que investigam tais questões relacionadas aos fenômenos da linguagem, menor ainda é o índice de pesquisas que têm como fim a sala de aula, pelo que não se deve estranhar o gigantesco espaço que há entre a teoria e a prática do uso de tecnologias em sala de aula.

Ainda com base nesses dados, apoiados na pequena representatividade de trabalhos na área, fizemos a opção por alargar o escopo terminológico, trazendo, por exemplo, os nomes das possíveis tecnologias digitais a serem estudadas, como os nomes dos sites de redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Orkut) ou dos aplicativos utilizados nas pesquisas (Whatsapp), e chegamos à seguinte tabela:

Quadro 4: Palavras-chave com possíveis nomes atribuídos a tecnologias digitais em títulos de dissertações e teses do NE

| PALAVRAS-CHAVE | OCORRÊNCIAS | RELAÇÃO COM ENSINO |
|-----------------------|--------------------|---------------------------|
| Facebook | 16 | 4 |
| Instagram | 2 | 0 |
| YouTube | 4 | 1 |
| Whatsapp | 3 | 3 |
| Twitter | 8 | 1 |
| Orkut | 2 | 1 |

Fonte: Elaboração própria

Mesmo dando nome às possíveis tecnologias utilizadas nas pesquisas, o número ainda é sumariamente baixo: totalizam 35 dissertações/ teses que trazem em seu título os nomes de sites de redes sociais ou aplicativos, o que totaliza 1,13% do total de trabalhos defendidos no período. Destes, apenas 10 (ou 0,33%) dedicam-se ao ensino.

A conclusão a que se chega é evidente: os números apontam que são muito poucas as pesquisas com a temática das redes sociais na escola. Embora se veja nelas um gigantesco universo de pesquisa, não haveria melhor pergunta do que a que Araújo e Leffa (2016) fazem na capa de seu livro: *redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* Respondendo aos autores, pelo visto, ainda não aprendemos nem 2% do que deveríamos.

É claro que tais tecnologias digitais são, realmente, muito recentes: Orkut e Facebook, por exemplo, são os mais “velhos”, tendo nascido em 2004. O primeiro inclusive chegou apenas ao seu décimo ano de vida, tendo sido encerrado em 30 de setembro de 2014¹². Já o segundo, como mostram os dados, é o ambiente preferencial para pesquisa científica, alcançando 45,71% dos trabalhos que se dedicam às investigações nesses sites.

O termo *letramento digital* foi uma escolha importante para nós como palavra-chave, pois pressupúnhamos que o lexema estaria necessariamente atrelado às práticas do ensino, uma vez que o termo *letramento* teve seus primeiros estudos na área de Educação. Essa hipótese logo se demonstrou frágil, uma vez que nem todos os trabalhos tinham esse viés. Vejamos:

Quadro 5: Palavra-chave *letramento* e suas variantes em títulos de dissertações e teses do NE

| PALAVRAS-CHAVE | OCORRÊNCIAS | RELAÇÃO COM ENSINO |
|---|--------------------|---------------------------|
| Letramento | 100 | 57 |
| Letramento digital/letramentos digitais | 11 | 7 |
| Multiletramentos | 17 | 12 |
| Letramento multimodal | 3 | 3 |
| Letramento visual | 3 | 3 |
| Práticas de letramento | 15 | 6 |
| Letramento escolar | 2 | 2 |
| Letramento literário | 7 | 6 |
| Letramento acadêmico | 6 | 4 |
| Projetos de letramento | 1 | 1 |

Fonte: Elaboração própria

12 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>. Acesso em: 24 set. 2018.

São 165 os trabalhos de nosso universo que tratam dos *letramentos* (ROJO, 2009; STREET, 2014), totalizando 5,36% das pesquisas feitas no NE sobre a temática. Destes, 100 deles (ou 60,6%) tratam exclusivamente da temática do **letramento**, que, ao que tudo indica, trata-se de uma perspectiva clássica da questão, enquanto outros tipos de letramento, como o multimodal, o visual, o acadêmico, o escolar, por exemplo, são uma parte muito pequena ainda do corpus, com menos de 1% das pesquisas.

As hipóteses que levantamos são as seguintes: primeiramente, o alto número de trabalhos que contemplam o letramento se justifica por já ser uma temática explorada desde os anos 1980 no Brasil e jamais ter perdido força. Eis uma questão tradicional na pesquisa brasileira, cuja abordagem nem sempre se dá na sala de aula. Isso é corroborado pelo fato de 15 pesquisas falarem de *práticas de letramento*, também terminologia já consolidada na área.

O fato de os letramentos serem múltiplos, como já anunciara os *New Literacies Studies* (BARTON, HAMILTON, 1998; STREET, 2014), apontam que, desde o fim da última década, outros letramentos têm sido objeto de pesquisa, embora de maneira muito tímida.

A perspectiva que mais se aproxima da questão é a Pedagogia dos Multiletramentos (NLG, 2000), que propõe que o letramento grafocêntrico não é mais suficiente para dar conta das mudanças porque passam as sociedades, tanto num plano local quanto no global. São 17 os trabalhos que tratam dessa abordagem, o que totaliza 10,3% das pesquisas que se relacionam às temáticas do letramento e seus desdobramentos, dos quais 12 (ou 70,5%) se relacionam diretamente ao **ensino**. Como se vê, mesmo sendo uma abordagem que foi pensada para a sala de aula, ainda

há trabalhos que se utilizam de categorias trazidas pelo Grupo de Nova Londres com outros fins, que não a educação.

Em resumo, trabalhos vinculados ao **letramento** são ainda maioria, por serem tradição acadêmica e trazerem um conceito caro à educação e aos estudos linguísticos, mas já se vê um grande crescimento da abordagem dos *Multiletramentos*, área que vem ganhando força desde fins da última década no país. Mesmo assim, do universo de 3076 trabalhos defendidos no NE, menos de 6% representa um índice pequeno de pesquisadores que têm preocupações com os letramentos.

4. Conclusões

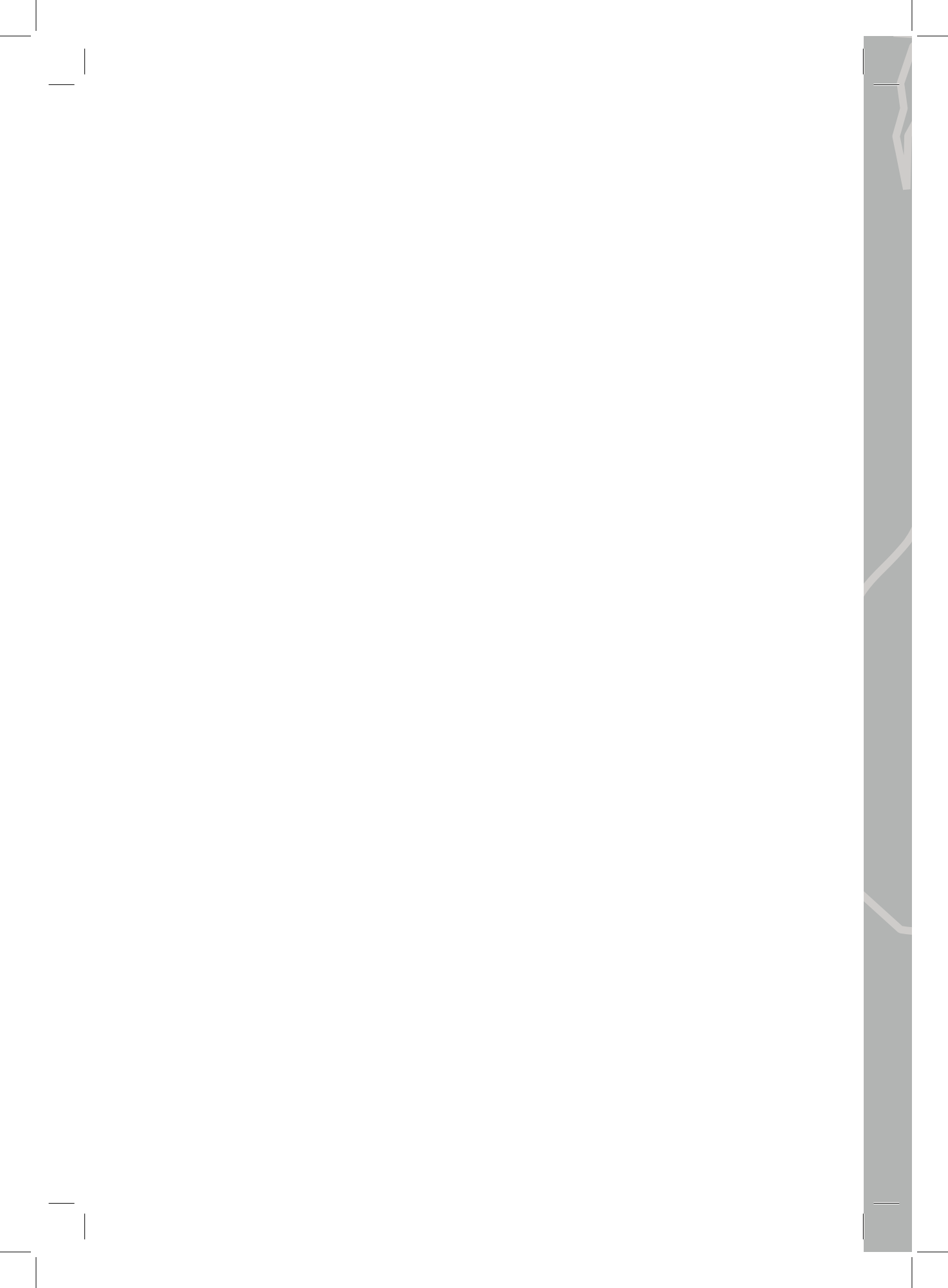
Considerando palavras-chave presentes em títulos de dissertações e teses que poderiam representar o universo de pesquisas da área de tecnologias digitais, chega-se à conclusão de que o número de pesquisas que se dedicam a essas temáticas não chega a 2% no NE brasileiro. Se considerarmos quais são as pesquisas que atrelam as tecnologias digitais ao **ensino**, o número ainda é mais baixo, chegando a 0,45%.

As hipóteses para a questão são muito variadas: primeiro, embora haja um grande crescimento factual de pesquisadores que se interessam por tais questões, o que parece é haver certo conservadorismo a começar pelas próprias instituições. Como vimos, apenas um programa de pós-graduação tem uma linha de pesquisa que claramente tem preocupações com tecnologias digitais e ensino, que é o Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, da UECE, com a linha de pesquisa *Linguagem, Tecnologia e Ensino*. Os programas restantes são constituídos por linhas mais clássicas, que contemplam os estudos de tecnologias e ensino em questões mais amplas, como “Linguística Aplicada”; “Estudos

da Linguagem” etc. Segundo, linhas de pesquisa dedicadas ao **ensino** propriamente dito representam menos de 10% das mais de cem linhas disponíveis na região NE, o que já contribui para que a questão ainda não seja necessariamente focal.

Além disso, os estudos de tecnologias digitais e ensino de línguas são muito recentes não só na história do Brasil, mas na história do mundo. A própria internet popularizou-se apenas em 1995; os primeiros estudos de hipertexto no Brasil são do início dos anos 2000, o que significa que a área não tem duas décadas. Como já dissemos, apenas em 2010 um grupo de Linguagem e Tecnologia conseguiu aprovação na ANPOLL. Até então, as pesquisas que se voltaram para essas questões tinham de figurar em outras áreas mais consolidadas na Linguística brasileira, como Linguística Aplicada, Linguística de Texto, Letramentos etc.

Com base nesse universo, quando ajustamos a lupa para as teses e dissertações defendidas nos últimos dez anos, não é de se surpreender que tenhamos um percentual de menos de 2% de pesquisas destinadas à área. Fica, portanto, o convite para que possamos, cada vez mais, desvendar os ainda conflitantes e nebulosos caminhos das tecnologias digitais na escola, fazendo com que saibamos, a cada dia, saber responder a questões como: “de que maneira eu posso usar essas tecnologias digitais na sala de aula”?



The background of the page is a light gray map of Brazil. A white rectangular box is centered on the map, containing the text. The text is in a bold, black, sans-serif font. The box has a dashed white border on its left side, suggesting it might be a page from a binder.

PARTE II

**ESTUDOS
LITERÁRIOS E
INTERARTES
NO NE**



PLATÔ DE CRÍTICA CULTURAL NA BAHIA: POR UM ROTEIRO DE TRABALHO CIENTÍFICO TRANSGRESSOR

Osmar Moreira dos Santos (UNEB)

1. Introdução

Trata-se de resultados parciais de uma investigação sobre língua, literatura e crítica cultural, situando falsos problemas concernentes à crítica da representação mediada pela vocação disciplinar do campo literário (teoria, crítica, historiografia e obras de criação em sua multiplicidade de gêneros) em oposição ao campo linguístico e vice-versa. O objetivo é estabelecer condições para se reter e avaliar as descobertas linguístico-literárias ao longo do século XX, bem como situar os crivos interpretativos desenvolvidos, regionalmente, com força para se combater formas de colonização epistemológicas. A metodologia, aqui, identifica e anula dispositivos do pensamento arborescente (a fixação de um “eu” identitário, a imposição de um sistema de representação e uma mediação do aparelho institucional e seus dispositivos) praticado na periferia do sistema, a saber, o teológico, o positivismo matemático, o naturalismo cientificista, o estruturalismo, além do jurídico-policial como anomia e estado de exceção. Os resultados: a) um mapa de práticas linguístico-literárias que problematizam o localismo ingênuo e as armadilhas de um universalismo excludente

e alienante; b) o estabelecimento de um aparato científico menor e lateral capaz de fazer falar o silenciado.

É a partir do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, implantado em agosto de 2009 no Departamento de Educação do Campus II da UNEB em Alagoinhas, mas em fase de lotação no novo Departamento de Linguística, Literatura e Artes, que constituímos esse platô tanto para uma avaliação dos estudos de Literatura e Crítica da Cultura, como uma variante dos estudos no campo literário, quanto uma proposição epistemológica de longo alcance no interior do campo linguístico-literário como um todo.

Sendo um programa disciplinar, localizado na grande área de Estudos Linguísticos e Estudos Literários, com duas linhas de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida e Letramentos, Identidades e Formação de Educadores, e com área de concentração em Crítica Cultural, só podemos credenciar, por força do Documento de Área da Capes, apenas 20% de pesquisadores de outras áreas, embora possamos acolher estudantes com formação graduada em qualquer área do conhecimento interessados em questões de língua, linguagens, literatura, cultura e processos de letramento e de educação.

Considerando que um programa de crítica cultural pode ser implantado em qualquer grande área e subáreas do conhecimento, e sendo o nosso em Letras, que vislumbra ser um programa conceito 7, nossos principais desafios epistemológicos têm sido: a) estabelecer um foco de investigação que articule língua e literatura, na interface com outros signos; b) não nos fecharmos nem em crítica literária, nem em estudos culturais, mas fazermos da arqueologia do signo e sua reverberação pelas ciências humanas, uma plataforma de trabalho científico e a condição para superarmos a rivalidade com antropólogos, filósofos, historiadores, psicanalistas, pesquisadores do campo de comunicação, entre outros.

Dito isto, no capítulo 1 - Literatura e crítica cultural: uma história constelar, em vez de levantar todos os projetos de pesquisa credenciados em programas da grande área dos Estudos Literários no Nordeste, criados desde os anos de 1970 aos mais atuais e, daí, constituir gráficos sobre os principais temas da literatura e da cultura nordestina, bem como apontar os seus principais resultados em termos de afirmação e representação, decidimos rastrear os efeitos de livros seminais como a *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido, localizar a força da nucleação dos primeiros programas de Pós-Graduação *stricto sensu* no Brasil, e problematizar o lugar do campo linguístico-literário no sistema científico brasileiro. Isso nos permite compreender porque os estudos linguísticos devem estar separados dos estudos literários, bem como, porque as questões linguístico-literárias, no âmbito da alfabetização e do Ensino Fundamental, serem questões do campo da educação e não da nossa área de Letras.

No capítulo 2 - Literatura e crítica cultural: noções e conceitos, situando a contemporaneidade da *Formação da Literatura Brasileira*, mencionado acima, em relação aos Estudos Culturais, desenvolvidos no final dos anos de 1950 e ao longo dos anos de 1960 e de 1970, na Inglaterra e nos Estados Unidos, destacamos o papel da emergência de associações científicas da área, a exemplo da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada) e da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Linguística e Literatura), não só porque, no caso da primeira, vai se problematizar as noções de fonte e de influência em relação às literaturas nacionais e, no caso da segunda, vai se prescrever aos programas de pós-graduação o que o sistema científico quer, em termos de controle e das informações precisas e qualificadas, mas, principalmente, porque, de um ponto de vista da crítica cultural, situada no interior do campo linguístico-literário, não são suficientes nem metateorias, para se avaliar o valor no interior do campo literário

(obras de criação, historiografia, crítica e teoria), nem fechamento disciplinar, tratando-se das várias vertentes da linguística.

É por isso que no capítulo 3 - Literatura e crítica cultural: uma máquina de guerra contra o pensamento arborescente, iremos descrever porque o nosso objeto língua e literatura não nos pertence como condição de uma ideia libertária e com expressão efetivamente política. A menos que, a exemplo dos círculos de cultura postos em movimento por Paulo Freire, façamos a maquinaria linguístico-literária funcionar em todos os rincões da sociedade brasileira, como condição para que os falantes de língua portuguesa, de fato e de direito, tornem-se sujeitos de sua história, contribuindo, assim para a reinvenção do Brasil como uma sociedade sem desigualdade social, econômica, cultural e política, com cidadania cultural plena.

2. Literatura e crítica cultural: uma história constelar

Em atividades científicas do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, do Campus II da UNEB, em Alagoinhas, a noção de crítica, colocada em movimento por projetos de pesquisa, eventos científicos, laboratórios em sala de aula, atos públicos, entre outras atividades estético-políticas, não é nem Crítica Literária, nem Estudos Culturais, mas uma forma coletiva de se retomar, direta ou indiretamente, a descoberta do signo linguístico, em final do século XIX, como um acontecimento epistemológico de longo alcance, mapear a ressonância dessa descoberta nas ciências humanas, bem como, também, mapear o retorno e o impacto das contribuições das ciências humanas, após suas viradas linguístico-literárias, na definição de uma zona de fronteiras epistemológica, multidisciplinar.

Uma primeira amostra de que a Crítica Literária não é Crítica Cultural tem por fundamento o argumento de que se a crítica literária, focando o seu objeto, que é a literatura, busca avaliar o valor da obra, em quaisquer de suas vertentes, em sua composição simbólica, suas tensões verbais, seu desdobramento na expressão dos leitores, seus gêneros e produtos, sua distribuição mercadológica, seus suportes, seus arquivamentos institucionais, entre outros sinais de existência da série literária, ela dificilmente (a crítica literária) se deixa embaralhar pela historiografia literária, pela teoria literária ou mesmo pela obra literária. Cada elemento no seu quadrado. Cada elemento cumprindo a sua função disciplinar, conforme estabelecido pela lógica do sistema científico burguês ou neoliberal.

Se a Crítica Literária, desenvolvida em países socialistas, deixa de lado essa lógica disciplinar estabelecida pelo sistema científico burguês, e propõe uma lógica contradisciplinar, fundada numa perspectiva materialista e socialista, o objeto literário não muda, a disciplinaridade também não, mas se descobre um abismo que assombra o estado revolucionário e sua relação com a classe trabalhadora: os milhões de analfabetos precisam, antes, aprender a ler, e contar com uma pedagogia revolucionária que os façam extrair das obras literárias, produzidas no mundo capitalista (TROTSKI, 2007), uma imagem da sua exploração, como sujeito, e, na organização de uma luta coletiva e revolucionária, fazerem avançar a tomada do poder político da burguesia e construir um estado proletário, que os represente e, se bem sucedido, suprimir a luta de classes. Ou então, se o caminho para o desenvolvimento do socialismo não for o esvaziamento do sentido do mundo burguês, no interior e através dos signos da própria obra literária burguesa, elege-se o realismo socialista, em que tanto os escritores como as suas obras são forçados a fazer propaganda de um socialismo em decomposição.

Mas é em países periféricos como o Brasil, nem capitalista, nem socialista, quase escravista e ainda colonial, que a crítica literária toma para si, desde os seus primórdios, a tarefa de empenhar o sistema literário na preparação de um espírito político socialista, democrático, para se enfrentar a ocupação dos países capitalistas, desde o século XVI aos nossos dias.

Em Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos - 1750 – 1880 (CANDIDO, 1959), temos uma proposta de sistema literário que se compõe de três elementos estruturantes e decisivos: o autor, que produz suas obras; a obra, e sua literariedade; o público, que a consome e multiplica seus sentidos, mesmo sendo este público especializado, a exemplo de outros escritores, os historiadores (que descrevem o acontecimento da obra e a posicionam sincrônica e/ou diacronicamente), os teóricos (que avaliam se a natureza é mesmo literária e se sua função é a de alimentar os processos de ficcionalidade), e os críticos, que julgam o valor da obra. Ou seja, um autor que, em algum momento da vida social, produziu uma obra, mas que essa obra não tenha sido inserida no circuito da recepção, e no tempo de sua emergência, não entra de igual para igual no sistema literário.

Através desse critério, Antonio Candido identifica que os escritores do Arcadismo, com suas formas literárias (o rondó, o madrigal, o romance, a écloga, entre outras) empenham-se para implantar a literatura no Brasil, embora o conteúdo estivesse longe de ser nacionalista, e por razões óbvias: todos os escritores viviam num período em que o Brasil era colônia de Portugal, que, por sua condição de colonizador, este mantinha a ferro e fogo, e muita repressão, qualquer movimento de separação e ruptura entre colônia e metrópole.

É apenas no Romantismo (1836 – 1880) que, além daquelas formas literárias transplantadas pelos escritores árcades se

fundirem noutras formas mais complexas, o conteúdo dessas obras vai tematizar a nação emergente e projetá-la quanto a seu futuro. Nesse momento, sim, forma-se uma comunidade de escritores, orientados para compor uma obra, propriamente literária, além de dispor de um público para consumi-la e se orientar quanto ao gosto prescrito pelo sistema literário.

Além disso, desenvolvem-se, também, as condições para a emergência da historiografia e da crítica literária não ainda na forma que conhecemos hoje – no interior das instituições universitárias, sobretudo a partir dos anos de 1940 – mas comandadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838, no regime monárquico, com dois objetivos “a coleta e publicação de documentos relevantes para a história do Brasil e o incentivo, ao ensino público, de estudos de História”, cujo passado, para se constituir a nação, “deveria surgir como fruto de uma civilização branca e europeia nos trópicos” (CAIRO, 2011).

Nessa linha, o esforço intelectual para se compor o cânone tem a seguinte imagem:

Na primeira etapa, são os esboços de Magalhães, Norberto, Pereira da Silva; as antologias de Januário, Pereira da Silva, Norberto-Adet, Varnhagen. Na segunda etapa, as biografias em série ou isoladas de Pereira da Silva, Antonio Joaquim de Melo, Antonio Henriques Leal, Norberto; são as edições de Varnhagen, Norberto, Fernandes Pinheiro, Henriques Leal, etc. Na terceira, os “cursos” de Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis, os fragmentos da história da história que Norberto não chegou a escrever. (CANDIDO, 2000:vol. 2, p. 311)

Os esboços, as antologias, as biografias em séries ou isoladas, as edições, os cursos e os fragmentos de história da história, produzidos até o final de 1850, combinados com as polêmicas envolvendo os escritores mais representativos do romantismo, além da produção literária do final do século XIX, emergentes sob o crivo de outras escolas literárias, tudo isso vai se constituir no objeto da crítica de Sílvio Romero (1980), José Veríssimo (1969) e Araripe Júnior (1963) e, com isso, estabelecer condições, através do sistema literário, para se pensar e debater o Brasil como uma nação em formação.

Se Sílvio Romero, adotando uma referência teórica alemã, mobiliza todos os tipos de saber para o interior da literatura ou encara todos os tipos de saber como uma forma de literatura, para, com os conceitos de raça e o de determinismo do meio (encarado biologicamente), julgar os escritores e suas obras; em contraponto, temos em José Veríssimo, adotando uma referência teórica francesa, que foca a obra literária como o único lugar para se estabelecer seu valor estético, bem como suas vinculações com a tradição, seja ela europeia ou brasileira.

A obra fragmentada e inacabada de Araripe Júnior, em suas prospecções, constrói perfis literários, sob o crivo de uma história literária descontínua, mas de forte impacto para se ler os percalços envolvendo a definição de um sistema intelectual marcado, desde sempre, pela violência epistemológica, a precariedade das instituições, a incomunicabilidade dos elementos que comporiam essa tradição, e a usurpação das riquezas materiais da nação, tanto no período colonial, quanto na sua vinculação ao sistema da dívida, pós-independência.

Estabelecidas essas condições de uma genealogia permanente da literatura e da civilização brasileira, em função desse sistema literário em movimento, é que teremos a emergência da

obra de Machado de Assis (1872 – 1908), *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, a obra de Lima Barreto (1909 – 2017), entre outros, cujos resultados estético-políticos principais, dessa genealogia, são um mapa dos problemas econômicos, sociais, culturais e políticos do Brasil, bem como um roteiro para a aquisição de uma linguagem que fosse capaz não apenas de realizar uma crítica da realidade asfixiante da sociedade brasileira, em seu percurso histórico, mas de se mostrar, a si mesma, como o limiar de uma reviravolta nos processos criativos envolvendo os elementos constitutivos do sistema literário, o autor, a obra, o público, a partir do modernismo, iniciado na Semana de Arte moderna, de 1922, em São Paulo.

Com o modernismo (1922 – 1964), além de uma multiplicidade de correntes da crítica e da historiografia literária, em rodapés de jornais, ou no interior das universidades (LIMA, 1997) que se multiplicam a partir de 1940, temos também o desenvolvimento da teoria literária e, principalmente, de um conjunto de obras literárias que além de levar seu público a uma consciência e exercício de uma língua propriamente literária, também promove uma consciência e um exercício de interpretação e reinvenção do Brasil.

3. Literatura e crítica cultural: noções e conceitos

Vale destacar, aqui, que a língua propriamente literária a que os escritores modernistas têm acesso e exercitam em seus laboratórios de escritores ou como jornalistas, indica não apenas um diálogo com as chamadas vanguardas europeias (futurismo, dadaísmo, cubismo, surrealismo, expressionismo), mas uma sintonia com a principal descoberta do campo linguístico-literário, entre o final do século XIX e a publicação, pela Payot, em 1916,

do Curso de Linguística Geral (SAUSURRE, 2012, 1879), a saber: o signo linguístico, com sua duplicidade radical, o significado e o significante.

Do ponto de vista da literatura, como da arte em geral, nas duas primeiras décadas do século XX, o significante, em sua materialidade, passa a ser a matéria do artista, em seus processos de criação e apropriação de seus meios de expressão, bem como passa a ser, também, um dos elementos chave para o desenvolvimento científico do campo linguístico-literário, como um todo (a linguística e suas correntes, a teoria, a crítica e historiografia, e suas correntes) e a reverberação desse desenvolvimento em todas as ciências humanas: antropologia, filosofia, psicanálise, sociologia, história, educação, entres outras áreas.

Uma primeira constatação relevante que podemos fazer aqui, e agora, é que através do sistema literário, tal como acabamos de descrever, foi possível a Antonio Candido e sua geração, iniciada lá no início dos anos de 1940, com a revista *Clima* (CEVASCO, 2003), realizar um projeto de investigação, no final dos anos de 1950, que é contemporâneo e similar ao projeto de investigação do Centro de Cultura Contemporânea de Birmingham, que teve como principais expoentes Richard Hoggart, Raymond Williams, E. P. Thompson, Perry Anderson, Erick Hobsbawm, Christopher Hill e, poucos anos mais tarde, Stuart Hall.

Se os pesquisadores do Centro de Cultura Contemporânea de Birmingham criam os Estudos Culturais (HALL, 2003), cuja noção de cultura envolve uma revisão crítica do princípio marxista clássico, e desviado pelo stalinismo, de que a infraestrutura econômica determina a superestrutura cultural, mostrando que, a partir de um mapeamento da cultura da classe trabalhadora na Europa, principalmente na Inglaterra, é possível desbancar a considerada alta cultura erudita e de elite; a formação do sistema li-

terário, no Brasil, além de tornar visível a anomalia ou a ausência da classe trabalhadora na representação literária e cultural do país, no recorte temporal da Formação da Literatura Brasileira, é também uma denúncia das elites econômicas e dirigentes, além do estabelecimento de parâmetros para uma pauta política, em final dos anos de 1950, que mobilize os intelectuais brasileiros, do campo literário, para se repensar o conceito de nação no embate envolvendo novas formas de internacionalismo político, com a crise do stalinismo, a partir da entrada em cena de Nikita Khrushchev (1953 – 1964), especialmente após seu relatório sobre os crimes de Stalin divulgado no 20º Congresso do Partido Comunista da URSS em 1956 (DEUTSCHER, 2006).

Se de um lado os intelectuais britânicos, através do Centro de Cultura Contemporânea de Birmingham, vão, a partir de uma virada linguístico-literária nos estudos de história, sociologia, filosofia, redimensionar o conceito de cultura em condições de acolher como problemática, além da cultura do trabalhador, também os estudos de gênero e de raça, e se distribuir, como parâmetro e epistemologia internacional, durante as décadas de 1960 até 1980; por outro lado os intelectuais brasileiros, a partir da Formação da Literatura Brasileira, e sua reorientação para os estudos do modernismo na periferia do capitalismo, vão estabelecer outras condições epistemológicas para a questão da dependência e subdesenvolvimento envolvendo o Brasil, a América Latina e a África, bem como, para as questões envolvendo o trabalho micropolítico e de enfrentamento do estado de exceção que assaltou o poder político institucional no Brasil, entre 1964 e 1985.

Isso quer dizer que, enquanto os intelectuais britânicos, pela via da crítica ao economicismo marxista e sua noção de infraestrutura determinando a superestrutura, já haviam superado essas contradições e, no embate com o estruturalismo, também no interior das pesquisas do Centro, abriam e contemplavam outras pau-

tas políticas num plano internacional; os intelectuais brasileiros, latino-americanos, africanos, além de antenados quanto a esses estudos britânicos, tinham outras tarefas mais urgentes: reunir todas as formas de esquerda no enfrentamento à ditadura militar, na afirmação e engajamento às lutas de libertação coloniais, na construção e ou reconstrução do projeto de nação ou, simplesmente, e de forma mais radical, na construção e proliferação de uma palavra de desordem: nem valores universais, derivados de um humanismo suspeito, nem valores nacionais, em tempos de agonia, de pós-utopia, e com cheiro e ameaça de bomba nuclear por todos os lados, mas uma literatura, com sua linguagem extraída dessas ruínas, focando um conteúdo voltado à dramatização da vida, do corpo, da sexualidade, da loucura, da tortura, e do desejo de cotidianizar a política e politizar o cotidiano.

Entretanto, os limites para os Estudos Culturais como para a Crítica Literária podem ser traçados a partir de alguns estudos muito importantes: a) em *Estudos culturais e seus legados teóricos*, Stuart Hall (2011) adverte a todos quanto à institucionalização desse campo de conhecimento nas universidades e centros de estudos nos EUA, tomando essa possibilidade de disseminação de estudos culturais como uma interrupção, ou apropriação pelo sistema, do debate permanente e concernente à política intelectual, bem como um esvaziamento ou destruição de instituições, organizações, mundo do trabalho envolvendo a crítica literária, a literatura, e o “sistema literário” como um todo; b) num outro texto, *Estudos culturais: dois paradigmas*, também de Stuart Hall (2011), ao tratar dos dilemas abertos pelas (nem sempre) saudáveis tensões entre culturalismo e estruturalismo, no interior do Centro de Cultura Contemporânea de Birmingham, podemos identificar uma série de questões que, se não apontam para a superação do campo dos Estudos Culturais, tal como ele se deu a ver e se pôs em movimento em e a partir de Birmingham, ao menos apontam para

a emergência de um outro campo de estudo, a partir das seguintes necessidades: a necessidade de uma síntese (diríamos não hegeliana) a partir da disputa incontornável entre culturalismo, em viés marxista, e estruturalismo, também de viés marxista, mas sem perder de vista os estudos gramscianos e as proposições chave do pensamento de Marx, ou seja, apesar das ressalvas, é preciso continuar estudando a obra de Marx e o marxismo; a necessidade, implícita, de se retomar autores, como Derrida, em *Espectros de Marx*, como Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, entre outros, mesmo Michel Foucault, um pouco deixados de lado, mas agora conectando-os, numa outra chave, com intelectuais da periferia do mundo; por fim, a necessidade, de se retomar, na periferia do capitalismo, certas linhas de força do chamado marxismo vulgar (HOBSBAWM, 2013), superado no centro do sistema do pensamento, a exemplo da França, com a Escola dos *Annales* (HOBSBAWM, 2013; BURKE, 2010), e da Inglaterra, com a historiografia marxista emergente nos Estudos Culturais de Birmingham, mas inteiramente vivo (esse marxismo vulgar), e em movimento, em países como o Brasil, cuja historiografia mais relevante, em que pese a influência dos estudos de Antonio Candido, tem seus fundamentos nesse tipo de marxismo.

Já os limites da Crítica Literária, concebida nos termos do sistema literário de Antonio Candido, podem ser identificados a partir desses estudos: a) em *Apesar de dependente, universal* (1980), *O entre-lugar do discurso latinoamericano* (1971), e em *A permanência do discurso da tradição no modernismo* (1985), textos do crítico cultural Silviano Santiago, temos, respectivamente, uma reversão dos conceitos de fonte, influência e modelo atribuídos, pela crítica literária, às literaturas europeias em relação às literaturas produzidas nas colônias ou ex-colônias: o principal resultado dessa reversão é um texto radical que, em vez de seguir a tradição, trai a memória cultural, esvazia o sentido de fonte ou

origem, e, como uma espécie de cópia degradada, põe a nu as regras de todo o modelo colonial ou estabelecido pela modernidade em seu sentido histórico, filosófico ou estético; o entrelugar desses discursos de literatura segunda se configura em expor ou fazer falar a ficcionalidade do campo historiográfico, teórico e crítico, a partir das metáforas literárias transformadas em conceitos; confrontando as duas tradições de modernismo, a francesa, em sua tradição de ruptura e a anglo-saxônica, em sua forma de ver e estudar a tradição no novo, além de articular a antropofagia oswaldiana, e sua noção de revolução caraíba, como uma caixa de ferramentas da crítica cultural para se fazer retornar, em diferença, o matriarcado de pindorama: nações e sociedades com e contra o estado no cerne do mundo globalizado.

Esses estudos de Silviano Santiago desenvolvidos nos anos de 1970 e início dos anos de 1980, e pondo em movimento uma daquelas necessidades flagrada em Stuart Hall (2011), ou seja trazer para o debate teórico da periferia a obra de Jacques Derrida, são estudos decisivos tanto para estabelecer uma reviravolta na crítica da representação como para se repensar as instituições universitárias e acadêmicas, a exemplo dos programas de estudos pós-graduados emergentes e em funcionamento na PUC-RJ, na USP e em Universidades Federais como a UFRJ, UFMG, UFBA, UFSC, entre outros.

Uma consequência decisiva desses debates, nos anos de 1990, e já envolvendo associações científicas de peso como a ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), criada em 1985 durante o XI Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, realizado na antiga Sorbonne, em Paris, foram a publicação de dois textos seminais, o *Que fim levou a crítica literária?*, de Leyla Perrone-Moisés, publicado no Suplemento Mais da Folha de São Paulo, em agosto de 1996, e o *Projeções de*

um debate, de Wander Melo Miranda, publicado no volume 4 da Revista de Literatura Comparada, publicado em 1998.

Em o *Que fim levou a crítica literária?*, além de um mapa de eventos, promovidos na década de 1990, que, segundo a autora, diluem a literatura nos estudos culturais, redefinem-na como mera depositária da memória, tomam a crítica literária como uma espécie de terra arrasada sem objeto e sem função mediadora, denuncia ainda os estragos que os Estudos Culturais e as práticas pós-modernistas e da desconstrução vão fazer quanto à institucionalidade da literatura e sua força revolucionária. Considera, ainda, que não cabem no campo literário, a destruição do cânone literário ocidental para se colocar outro, o da periferia, o das minorias ou de nações subalternas. A condição pós-moderna, portanto, segundo Leyla Perrone-Moisés, se não for reavaliada, com o crivo da alta literatura, e também com os pressupostos dos próprios autores pós-modernos, a exemplo de Derrida, Lyotard, entre outros, corre-se o risco de não se ter mais parâmetros para se enfrentar os efeitos das novas tecnologias, e seus produtos, sobre o espírito e o comportamento dos consumidores e produtores de literatura.

Em diálogo com Leyla Perrone-Moisés, MIRANDA (1998), em *Projeções de um debate*, argumenta que é preciso eleger a literatura comparada, como metateoria pela qual se possa questionar o campo, tal como estabelecido pelos comparatistas europeus, e abrir o objeto, a literatura, a teoria, a historiografia e a crítica literária, como condição para se pensar e praticar uma alteridade radical, isto é, que a entrada em cena da lógica suplementar, da literatura menor, das enunciações subalternas e pós-coloniais, não só serão fundamentais para os debates acerca de outra responsabilidade ou política da forma, mas, também para se pensar a nação como uma multiplicidade de locais em tensão permanente com o global. Os Estudos Culturais, mesmo nos Estados Unidos, e sob o olhar de um dominicano do quilate de George Yúdice (1997)

consiste no “estudo da formação de critérios de valor”, além de em relação à literatura tomar a “performance como prática e a performatividade como princípio de análise”. Retomando Silvano Santiago, em *Declínio da arte e ascensão da cultura* (1998), que recorta os anos de 1979 – 1981, para avaliar os processos de luta pela redemocratização no Brasil, Miranda vai destacar, ainda, o lugar da arte multicultural como o único lugar, à época, para se acolher o debate sobre “patrulhas ideológicas”, memórias de guerrilheiros e exilados, dramatizar as tensões no interior da esquerda política brasileira, além de temas e questões fora da série literária (o samba, a música popular, entre outros) para a pesquisa em programas de pós-graduação da área de Letras.

4. Literatura e crítica cultural: uma máquina de guerra contra o pensamento arborescente

A essa altura da discussão sobre os pressupostos para o entendimento da literatura e crítica cultural no Nordeste, mobilizamos uma série de sentidos e argumentos acerca de sistema literário, crítica literária e estudos culturais. Mas onde estaria a crítica cultural entre a crítica literária e os estudos culturais? A Literatura Comparada já não seria uma Crítica Cultural? Os Estudos Culturais, sua multiplicidade de objetos, e de enfoques, já não seriam também uma Crítica Cultural?

Se recorrermos às preocupações dos principais críticos literários, comparatistas, pesquisadores dos estudos culturais e filósofos contemporâneos, quanto à inserção da língua, como fenômeno social, sistema de códigos, instrumento de enunciação, entre outros valores, no campo e trabalho literários, veremos que essa espécie de obviedade faz toda a diferença: primeiro, e como um parâmetro e platô crítico-cultural, unifica-se, na multi-

plicidade, língua e literatura, campo linguístico e campo literário; segundo, e como um trabalho conjunto, para além de programas de pós-graduação, insere-se língua e literatura, como recepção e instrumento de criação, no interior das salas de aula; terceiro, e como trabalho realmente multidisciplinar e revolucionário, possibilita-se organizar uma nova pedagogia, da escola básica à pós-graduação, que estimule a pesquisa e o trabalho político relativos à repercussão da descoberta do signo linguístico-literário nas ciências humanas, seus impactos epistemológicos, suas viradas linguístico-literárias, suas novas descobertas e seus rebatimentos, em contrapartida, nos estudos de língua e literatura, para, em conjunto e coletivamente, se reinventar, sobretudo na periferia capitalista, o sentido de democracia e abrir possibilidades para a prática efetiva da cidadania cultural.

Enquanto houver estudos linguísticos separados dos estudos literários e vice-versa, como imposição e estratégia do sistema científico, sem a existência, na área, de uma zona de fronteiras para a crítica permanente dessa separação, e, ao mesmo tempo, para o acolhimento das outras áreas de conhecimento que tenham realizado sua virada linguístico-literária, não será suficiente nem metateoria, em linguística e em literatura, nem abertura dos objetos língua e literatura, para o trabalho em Estudos Culturais, pois, ainda assim, além de perder paulatinamente seus objetos, seriam campos de conhecimento incontornavelmente confinados em sua disciplinaridade, sem consciência da história de suas interfaces multidisciplinares, nem poder estratégico para fazer a gestão desse trabalho multidisciplinar (ou mesmo disciplinar) nos embates com o Estado e o capital ou com o que é ainda bem pior: o Estado como servo e gerente do capital, e na periferia do mundo.

Nessa linha de comentários e de exigências, vejamos o que pensam alguns intelectuais do campo linguístico-literário. Em “A praga do beletismo”, Luiz Costa Lima (2013) argumenta que os cursos de Letras são cursos de pedagogia impostos pelo sistema e que se se perguntar a um egresso desses cursos de Letras quais teriam sido as principais descobertas, no campo, nos últimos 50 anos, poucos ou nenhum teria(m) condições ou a formação adequada para responder a essa questão. Os Estudos Culturais, na forma em que são praticados no Brasil, seriam, ao contrário do que se pensa, um dos principais redutos desse beletismo reacionário; em “No jardim das Letras, o pomo da discórdia”, Marisa Lajolo (2013) assevera que a questão institucional não é a de reforma curricular, mas a de como o sistema impõe uma estrutura de funcionamento e de gestão; em “A formação intelectual do estudante de Letras”, Marcuschi (2010) aponta a fraqueza filosófica do curso, isto é, sem força para articular e ter uma ideia, a partir de estudos de língua e literatura, que encarnem práxis e enunciações libertárias e emancipadoras; em “Outubro retalhado”, Silviano Santiago (2004) faz um duro ataque aos falantes de língua portuguesa por estes não terem pautado, de forma abrangente e no tempo certo, a Queda do Muro de Berlim e suas consequências na vida política e cultural brasileira. Tudo ocorreu como se o Brasil não existisse nessa relação de forças envolvendo o (des)concerto das nações; já *Em tempos de Pós-crítica: ensaios*, Eneida de Souza (2007) descreve as tensões acadêmicas provocadas pelas disputas de poder entre os partidários dos Estudos Culturais e os partidários da Teoria Literária, ainda com o foco no fenômeno literário, perdendo, assim, de vista, uma questão mais crucial e urgente, que é como tematizar nossa pobreza e criatividade, nossa potência de resistir à barbárie a partir de uma perspectiva da modernidade alternativa e vernacular.

Numa reflexão mais local, e numa dissertação defendida no Programa de Crítica Cultural, de Alagoinhas, sob minha orientação, intitulada *Cursos de Letras, políticas institucionais e (des) ativação de dispositivos*, Evanildes Teixeira (2014), comparando o curso de Letras de Alagoinhas com o da UFMG, entrevista vários intelectuais importantes da área, e com atuação na Capes e no CNPq, da qual se pode destacar um dos depoimentos: “associações científicas, bem sucedidas do ponto de vista de aquisição de recursos, definição de políticas e editais específicos, tomadas como estratégicas pelo sistema, só o são por que seus eventos institucionais não são concebidos para apresentação de trabalhos científicos, apenas, mas para intervirem, diretamente, na definição e decisão das políticas públicas e sua liberação de recursos”. Isso mostra que, uma coisa é organizar um evento em que se encena e dramatiza toda uma crítica das representações, outra coisa é um evento em que o sistema de gestão do aparato científico é interpelado para se atender uma pauta dos direitos à produção, seja essa para atender ao mercado do conhecimento, seja para fazer ver, a esse mesmo mercado, a indissociabilidade do trabalho científico, principalmente nas humanidades, e a produção da riqueza material existente, numa pauta que vá além da definição de direitos, mas de reposicionamento do Estado na relação com o mercado.

Essa potência do campo linguístico-literário, como um platô da maior relevância científica no século XX, pode ser melhor observada, de outras áreas de conhecimento e a partir de uma referência bibliográfica internacional, senão vejamos: em *Antropologia Estrutural I e II*, há uma série de capítulos em que Claude Lévi-Strauss (2013) reconhece o impacto e a importância da obra de linguistas como Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson, para o desenvolvimento de sua obra. Não fosse a com-

plexidade e a materialidade do trabalho com o signo linguístico, não teria sido possível o trabalho com a multiplicidade dos mitos, nem identificar o pensamento matricial e selvagem como uma forma, e encontrar nas culturas um modo de expressão sem nenhum débito com o logocentrismo; em *Sinais: raízes para um paradigma indiciário*, o historiador contemporâneo Carlo Ginzburg (1989), reconhece que entre as ciências humanas apenas a linguística não padecia, como as outras, de ter um método fraco, mas com resultados relevantes, nem um método forte (fundado no positivismo matemático das ciências duras) com resultados fracos e, em geral, cooptados pelos sistemas de dominação e sua lógica de se fazer avançar uma ciência pela ciência; em *Estudos culturais e seu legado teórico* e *Estudos culturais: dois estudos*, o sociólogo Stuart Hall demonstra não só o impacto das noções de texto, textualidade, significante, enunciação, séries, entre outros nos seus próprios trabalhos, mas do impacto, avassalador, do estruturalismo, para bem e para mal, no trabalho científico de pesquisadores de todas as áreas do conhecimento no Centro de Estudos Contemporâneos de Birmingham.

Quanto ao impacto do campo linguístico-literário na filosofia contemporânea, são inúmeros os textos tratando das contribuições de linguistas e escritores na obra de Jean-Paul Sartre (2002), Louis Althusser (1979), Michel Foucault (1972; 1990), Jacques Derrida (2001; 2014), Gilles Deleuze (1988), Giorgio Agamben (2004; 2011a,b,c; 2012) entre outros. Em Sartre, não há filosofia sem imaginação literária e sem uma língua que leve ao limite a existência humana. Daí se poder dizer que a existência precede a essência; em Althusser, uma reviravolta completa na interpretação da obra de Marx, encarando-a como o ponto de ruptura de uma série discursiva que não apenas expropria os discursos econômicos dos economistas liberais, mas promove a demolição

da dicotomia base/superestrutura sedimentada pelo marxismo, em sua linhagem stalinista; em Michel Foucault, pensar não é inato, nem adquirido, mas uma forma de questionamento, um ato de resistência contra a barbárie, uma forma de falar contra o ver para se atingir uma estética da existência, relacionando o si com o saber e o poder; em Derrida, além de se mobilizar uma tradição literária radical e revolucionária para se combater uma espécie de institucionalidade reativa do ficcional, temos também uma política do signo, a partir de Ferdinand de Saussure (1879; 2006), através da qual se possa trabalhar com uma gramatologia que considere os rastros, os traços, aquilo que compõe o bloco mágico que tanto pode ser a memória individual como a de uma cultura, de um povo, de uma tribo; em Deleuze, a literatura, na linha aberta por Sartre, como o estruturalismo, nos usos feitos por pensadores de várias áreas do conhecimento, são decisivos para se reler a história da filosofia e fazer da literatura uma forma de pensamento radical e paralógico. Em livros seminais como *A lógica do sentido*, numa das suas séries de paradoxo, sobre a proposição, não só se aprende que a arbitrariedade do signo encarna a designação, mas se pode, também, interpelar quem designou, sob que condições, a partir de qual estrutura lógica, para, numa guinada paralógica, doar sentidos e abrir o pensamento ao devir, liberando-o dos condicionamentos; em Giorgio Agamben, a obra inteira está repleta de linguistas, escritores e artistas. É decisivo, por exemplo, o papel de Benveniste (2008), no entendimento do sentido de enunciado e de enunciação em *Infância e História*. Sem a possibilidade de entrar e sair da língua, o homem, em todos os tempos e lugares, não teria as condições de acontecer para a história, se afirmar como sujeito, e se apropriar de sua experiência. Mesmo em situações da pior barbárie (os campos de concentração nazistas e seu laboratório para esvaziar o espírito e o poder de falar de milhões de artistas e de intelectuais), a res-

posta à pergunta o que resta de Auschwitz? é: a língua, só a resta a língua, como condição para se sobreviver à barbárie e, mais do que sobreviver, abrir uma outra possibilidade de transcendência, ainda por estudar, por pesquisar, e por colocar-se em movimento a fim de que se eleve o nível de nossa humanidade.

A língua e a literatura, como um objeto para o trabalho multidisciplinar, de uma perspectiva da Crítica Cultural, instalada no campo linguístico-literário, podem ser visibilizadas em muitos trabalhos científicos desenvolvidos em nossa Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), tanto em artigos da Revista da ANPOLL como em capítulos de livros produzidos por alguns Grupos de Trabalho (GT's). Destacaria dois, embora já tenha selecionado e lido, trabalhado em sala, com uma dezena deles, a saber: "Reflexões para o estabelecimento de uma política para as humanidades" (FIORIN, 1998) e "Lingua(gem): Linguística e Linguística Crítica" (BORGES, 2007). No primeiro, nosso pensador das Letras parte do princípio de que se do ponto de vista do neoliberalismo econômico que assola o mundo contemporâneo, o historiador, o professor de literatura, o filósofo, não são "essenciais", a menos que produzam discursos de autoajuda para os farrapos humanos destruídos por esse sistema; se, também, o professor de língua cumpre apenas o que o sistema impõe, ou seja, prescrever a norma culta para que os falantes falem o que o sistema quer, e nunca pesquise, porque a teoria da diversidade e afirmação linguística é uma falácia, se é assim, a pesquisa de ponta, em programas de pós-graduação em Linguística e Literatura no Nordeste do Brasil, é descobrir os dispositivos de poder e de saber reativos, e desativá-los, propor uma pedagogia geral de desativação, a favor de mais cidadania cultural, mais democracia e participação direta da comunidade linguístico-literária, aqui entendida de forma ampla, e não apenas

o corpo docente e discente de programas stricto sensu; no segundo texto, há um mapa da pesquisa linguística no ocidente, seus modos de abordagem filosófico, filológico, crítico-literário e, finalmente, o linguístico puro, a partir do Curso de Linguística Geral, de 1916, para, através da emergência da Linguística Crítica, questionar os pressupostos da linguística pura, e fazer novas exigências teóricas, metodológicas e do ponto de vista da expressão dos falantes e suas várias dimensões e papéis na construção da sociabilidade e liberdade humana, sobretudo nas periferias do mundo.

Em suma, a unidade língua e literatura, como objeto da Crítica Cultural situada no campo linguístico-literário, além de criar condições para o trabalho multidisciplinar, permite, ainda, uma abertura para se conectar com línguas e culturas não indo-europeias, a exemplo da chinesa. Em artigo que apresentei na mesa redonda Literatura e cultura no âmbito dos BRICS: mediações, na Universidade de Pequim, em 08/06/2017, e que se intitula *Cenas literárias pós-coloniais para se compor novos ideogramas*, foi possível argumentar que, se a dicotomia significado/significante, tal como foi explorada na pesquisa ocidental, engendrou uma fragmentação quase absoluta, inclusive com a tentativa de apagamento de centenas de línguas não-ocidentais, a exemplo das línguas indígenas no Brasil, é possível, através do mandarim/chinês tradicional, como uma segunda língua, em país como o Brasil, não só dramatizar línguas e unidade língua e literatura, perdidas, esvaziadas pelas estratégias reativas da tripartição que dominam o pensamento ocidental arborescente (DELEUZE & GUATTARI, 1995) mas vislumbrar um outro Brasil em que o Estado não seja controlado pelo capital, mas uma condição para regular o mercado, realizar uma auditoria cidadã da dívida pública, centenária e impagável, reter os lucros dos rentistas e, como os chineses na sua abertura, em 1978, para um socialis-

mo de mercado (GUOYOU, 2015), investir em reforma agrária e agroindústria, educação, tecnologia e segurança.

Assim, é possível imaginar um outro sistema científico em que língua e literatura não só estejam no cotidiano de todo o sistema educacional, da educação básica à pós-graduação, mas sejam a base para uma política pública internacional e de afirmação desse país, que está entre as dez primeiras economias do mundo. E mais: fazer avançar o sentido das nossas agências de fomento à pesquisa, em sua missão de apoiar a prospecção da riqueza material e simbólica do Brasil, multiplicando seus modos de produção, e revertendo o sentido de distribuição dessa riqueza: agora, para os brasileiros e não para os parasitas de sempre.

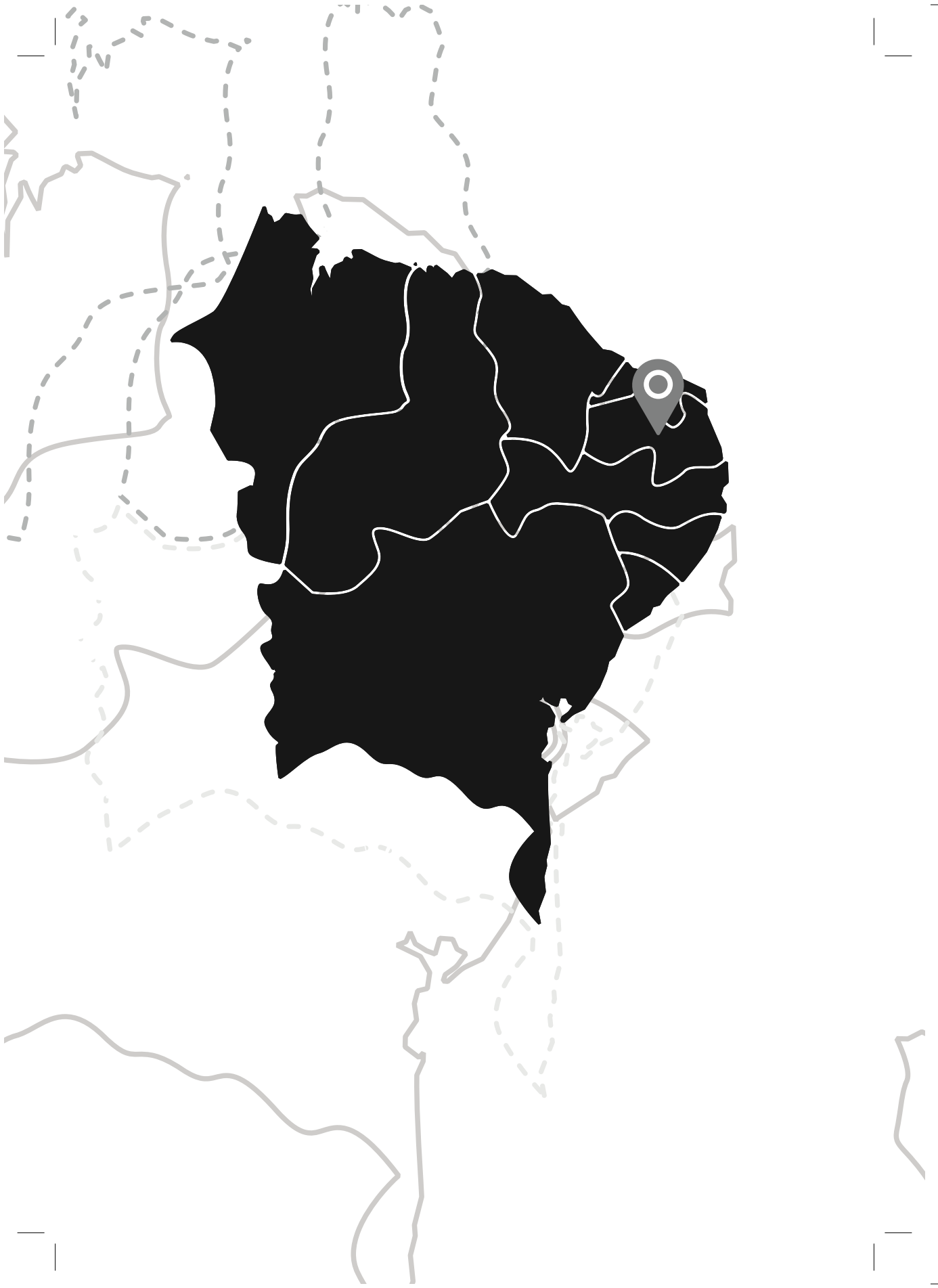
É por isso que o marxismo vulgar, retido acima, nos comentários de Stuart Hall, precisa ser repensado no Brasil para que, a partir de sua virada cultural ou linguístico-literária, nos ajude, a partir do trabalho multidisciplinar, a reinventar a Bahia, o Nordeste e o Brasil, como um sujeito de seu próprio destino. Eis uma condição incontornável para um ativismo contemporâneo.

5. Conclusão

Se considerarmos as noções linguístico-literárias, bem como a sua prática e produção de sentido, como se fosse num círculo de cultura freireano, a produção científica em estudos de língua, literatura e crítica cultural no Nordeste do Brasil seria vanguarda em todo o mundo periférico, principalmente porquê: a) nenhuma palavra teria significado transcendental e estaria permanentemente articulada a um ato político e de emergência do sujeito na história; b) a noção de transcendência daí derivada estaria articulada à experiência concreta dos sujeitos em suas lu-

tas por mais democracia e cidadania cultural; c) a luta de classes encontraria o seu sentido mais relevante que seria o de expropriar os expropriadores, em que os pobres do Nordeste, e do mundo, teriam não só o entendimento do seu lugar político nas malhas do fetichismo da mercadoria científica, mas também teriam suas caixas de ferramentas para a reparação linguística, cultural, territorial e ontológica.

Nessa linha e por não existir, entre nós uma ANPOLL regional, a exemplo da ANPUH (Associação Nacional de História), os 40 anos de existência do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos – e Literários – do Nordeste) dispõem não apenas de um arquivo da maior relevância para a pesquisa do tema em pauta, mas para se pensar novas tarefas revolucionárias.



A PESQUISA EM LITERATURA NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE

Ana Cristina Marinho (UFPB)

1. Introdução ou “Coração dos outros é terra que ninguém pisa”

Em dezembro de 2017 apresentei uma versão desse texto durante a 2ª Parada da Jornada Itinerante dos 40 anos do GELNE que ocorreu em Aracaju-SE. Naquela ocasião, o título escolhido para a minha comunicação foi “O livro dos prazeres, as heroínas problemáticas e os irmãos da Assembleia de Deus”. Essa escolha fazia referência a uma dissertação de mestrado em Letras defendida na cidade de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, intitulada “Heroínas problemáticas em movimento: construção da identidade feminina em Perto do Coração Selvagem e Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” (UERN, 2015). Naquela ocasião, sugeri outros dois títulos como possíveis motes para a apresentação de dados preliminares sobre a pesquisa em literatura desenvolvida nos programas de pós-graduação em Letras do Nordeste. Foram eles: “Coração dos outros é terra que ninguém pisa” e “Em que pé andam nossas pesquisas em literatura nesse Nordeste “selvagem”?”. Era dezembro e vivíamos uma conjuntura

de ataques às Universidades Públicas no Brasil, agravados por prisões na calada da noite de reitores e vice-reitores.¹

Na dissertação mencionada a autora agradece aos irmãos da Assembleia de Deus e consegue unir, em um único texto, Clarice Lispector, heroínas problemáticas (Luckács jamais imaginaria heroínas ocupando o lugar de heróis), prazeres e descobertas de uma mulher que dialoga com várias tradições narrativas - a exemplo da *Odisseia* -, aos louvores (e censuras) da Assembleia de Deus. Uma dissertação como esta, que aqui escolho apenas como um dos muitos exemplos que poderia escolher, só foi possível de ser defendida em um curso realizado em uma Instituição Pública de Ensino Superior. Em tempos de fascismos, de perseguições aos estudos de gênero, aos estudos culturais, em tempos de crise civilizatória, tempos nos quais professores(as)são coagidos(as), levados(as) à delegacia para prestarem depoimentos que nunca se negaram a fazer, só nos resta resistir e gritar. Meu grito, assim como o das mulheres presentes na ficção de Clarice Lispector, talvez não seja ouvido tão longe daqui, mas significa muito para mim. E é nesse tom de depoimento e denúncia que estrutura meu texto.

Na tentativa de construção de uma cartografia dos estudos literários no Nordeste esbarrei em uma multiplicidade de temas, teorias, metodologias e experiências com (a partir e através do) o texto literário que saem dos muros das universidades e chegam às escolas de ensino fundamental e médio, aos espaços de realização de práticas educativas como acampamentos do

1 Referência ao episódio que envolveu a professora Sandra Regina Goulart, atual reitora da UFMG, levada a depor em condução coercitiva no dia 06 de dezembro de 2017. Meses antes (setembro de 2017) o então reitor da UFSC, Luiz Carlos Chancellier de Olivo, também foi levado à prisão para prestar depoimento sobre desvio de verbas. O reitor foi afastado da Universidade e impedido até mesmo de continuar com as orientações aos alunos de mestrado e doutorado. No dia 02 de outubro cometeu suicídio em um shopping da cidade Florianópolis.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, terreiros de umbanda e candomblé; conhecimentos que modificam a percepção da sociedade sobre acervos e bibliotecas, sobre autores e autoras que possuem inúmeros leitores e leitoras, que nunca ocuparam páginas de livros didáticos e histórias da literatura brasileira, mas que modificaram vidas e percepções de mundo.

Nesse percurso múltiplo, marcado por ruas de mão dupla, textos com até três títulos, escolho partilhar alguns números. Números de uma pesquisa iniciada em 2017 quando realizei um levantamento de dissertações e teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, programa mais antigo do Norte e Nordeste, fundado em 1974. Mas antes de apresentar alguns resultados desse levantamento inicial, e a metodologia adotada para atualizar esses dados e atingir outros programas de pós-graduação em Letras do Nordeste, abro mais uma janela para narrar outra história.

Chegou às minhas mãos uma matéria publicada no Suplemento Pernambuco (02 de maio de 2017) intitulada “Do que tem tratado a crítica acadêmica”. A matéria, escrita por Igor Gomes, divulga uma pesquisa desenvolvida pela professora Regina Delcastagnè (UnB) e pelos professores Anderson da Mata (UnB) e Igor Graciano (Unilab). Apoiados(as) por uma equipe de pesquisadores da UnB, os(as) autores(as) analisaram 10 periódicos (*qualisA1*) da área de Letras, por um período de 15 anos. O estudo indicou que são pesquisados os mesmos autores, a partir de uma mesma abordagem e de um mesmo referencial teórico, a saber: os autores mais estudados são homens, assim como os teóricos, embora a maioria dos artigos seja escrito por mulheres. Minha primeira reação ao ler a matéria foi de “brabeza”. O trabalho desenvolvido pelo grupo de Literatura Brasileira Contemporânea da UNB é de fundamental importância para a

pesquisa em literatura no Brasil. Os artigos, dissertações e teses, as revistas e livros publicados por pesquisadoras e pesquisadores do grupo são o retrato de uma atividade acadêmica consolidada, comprometida e contínua. Minha “brabeza” se deve aos parâmetros adotados pelo grupo de pesquisadores(as): revistas A1. Esse sentimento motivou um primeiro levantamento sobre a pesquisa realizada nos programas de pós-graduação em Letras do Nordeste que apresento nesse texto. Mas antes gostaria de discutir um pouco mais sobre os resultados da pesquisa da UnB, agora em diálogo com um artigo publicado na *Revista Brasileira de Literatura Contemporânea* (número 54, maio/agosto de 2018).

No artigo intitulado “A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos: uma aproximação inicial”, Delcastagnè explicita os caminhos adotados na pesquisa e os resultados obtidos. A pesquisa buscava, a partir da leitura de artigos publicados em periódicos acadêmicos nos últimos 15 anos, “identificar quais as correntes mais presentes, os autores de referência e as obras citadas” (DESCASTAGNÈ, 2018, p. 196). Foram analisados os periódicos avaliados no extrato A1 do *ranking* da Capes e publicados entre os anos de 2012 e 2015. A autora identifica como um problema o fato de o Norte e o Nordeste não possuírem revistas A1 e informa que a solução encontrada foi a inclusão das revistas da ANPOLL e da ABRALIC, “compreendendo que elas reúnem, necessariamente, produções de diferentes Estados brasileiros.” (DESCASTAGNÈ, 2018, p. 197). As demais revistas selecionadas foram as seguintes: Sudeste - O Eixo e a Roda (UFMG), Ipotesi (UFJF), Gragoatá (UFF), Literatura e Sociedade (USP), Itinerários (UNESP); Sul - Letras de Hoje (PUC-RS); Centro-Oeste - Estudos de literatura brasileira contemporânea (UnB). Vejamos alguns dados: 57,7% dos artigos foram escritos por mulheres; os estudos sobre o gênero romance ocupam o primeiro lugar (46,7%);

os escritores mais estudados são homens: Guimarães Rosa (121 textos), Machado de Assis (108), Carlos Drummond de Andrade (51). Clarice Lispector recebeu a atenção de 51 artigos. Sobre os teóricos e críticos, temos Antonio Candido (393 artigos), seguido de Walter Benjamin (256), Roland Barthes (214), Michel Foucault (170) e, por fim, Linda Hutcheon com 94 ocorrências. No artigo, a pesquisadora pondera e afirma que “Para dar conta, de fato, do que está sendo pensado e produzido dentro das universidades brasileiras, seria preciso complementar esse levantamento com vários outros, por exemplo, sobre as teses e dissertações recém-defendidas ou ainda em andamento.” (DELCASTAGNÈ, 2018, p. 207). E, mais adiante, menciona um novo perfil de pesquisa se desenhando com a entrada de “jovens pesquisadores de outros estratos sociais” (DELCASTAGNÈ, 2018, p. 208)

Vejamos alguns dados que podem nos ajudar a entender o desconforto causado pelos parâmetros adotados na pesquisa e pelos resultados atingidos que não contemplam, de fato, a visão que tenho sobre a crítica literária e a pesquisa produzidas nas Universidades do Nordeste. Fiz um levantamento dos números das revistas da ANPOLL e da ABRALIC publicados entre os anos de 2012 e 2015 e o resultado é o seguinte: dos 72 artigos publicados na Revista da ANPOLL apenas 9 são de pesquisadores(as) de Universidades do Nordeste. As publicações da revista da ABRALIC, nesse mesmo período, revelam dados diferentes: dos 55 artigos publicados, 13 são de pesquisadores do Nordeste e 5 do Norte do país. Esses números não parecem ser mera coincidência e nem apontam para a pesquisa desenvolvida nos outros Estados brasileiros. Entre os anos de 2012 e 2015 a ABRALIC esteve na Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande, e na Universidade do Pará, em Belém. E não é por acaso também que os volumes que apresentam o maior

número de artigos de pesquisadores(as) das regiões Norte e Nordeste possuem temáticas como “Ensino de Literatura” (v. 15, n. 22, 2013) e “Fluxos e correntes da literatura comparada”(v. 16, n. 24, 2014). Na apresentação desse último número o professor Marcos Seligman-Silva destaca que os artigos têm em comum propostas argumentativas e críticas que apontam para os “desvios” do método comparatista.

Se os dados da pesquisa desenvolvida na UnB apontam para a permanência de um cânone branco e masculino, é preciso problematizar também a invisibilidade das pesquisas desenvolvidas nas Universidades do Nordeste que não só não possuem revistas A1, mas que também quando atraem para si eventos grandiosos como os encontros da ABRALIC sinalizam caminhos diversos (os desvios, regionalismos, o ensino de literatura, sempre considerado menor ou assunto para pedagogos). E caminho para uma nova janela, agora voltada para o meu quintal, a Universidade Federal da Paraíba, pois entre as orquídeas e rosas aparecem boninas, nove horas e um bocado de mato sem nome.

A primeira dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB (na época Mestrado em Letras) intitula-se “Uma leitura semiótica de A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna”. Foi defendida no dia 07 de julho de 1978 e participaram da banca os professores Ivaldo Santos Bittencourt (orientador), Neroaldo Pontes de Azevedo e Cidmar Teodoro Pais. A dissertação foi escrita por Maurice Joseph Félix Van Woensel, pesquisador belga que decidiu permanecer em João Pessoa e formou muitos outros pesquisadores e pesquisadoras interessados(as) em trovadores medievais e repentistas nordestinos. As dissertações defendidas naquele mesmo ano, e nos anos seguintes, são sobre Jorge Amado, José Américo de Almeida, cordéis portugueses e nordestinos, narrativas de Guimarães Rosa, José

Lins do Rego, Clarice Lispector (ainda em 1979, com uma análise do romance “Perto do Coração Selvagem”); sobre o cancionário da cidade de Patos (PB) e vários outros estudos sobre culturas populares, variação linguística, léxico -contribuições da professora Socorro Aragão, uma das fundadoras do GELNE. Estamos nas décadas de 1970 e 1980 e, embora a maior parte das pesquisas seja sobre escritores homens, aparecem inúmeros trabalhos sobre artistas populares, cantadores e repentistas.

Analisei os títulos das dissertações defendidas no PPGL-UFPB entre os anos de 1978 e 2012. A ausência de resumos e de palavras-chaves impossibilitou uma análise mais detalhada, em especial sobre os referenciais teóricos e as obras estudadas. Nesse período foram defendidas 638 dissertações, 265 nas áreas de literatura brasileira, literatura e cultura, linguagem e ensino. O restante, 373, são trabalhos nas áreas de língua inglesa, linguística e língua portuguesa, literatura anglo-americana. O autor que mais recebeu a atenção dos pesquisadores foi José Lins do Rego, com 10 trabalhos. Em seguida aparecem Clarice Lispector (9), Ariano Suassuna e Machado de Assis (7), Graciliano Ramos, (6), Jorge Amado, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Mario de Andrade, Guimarães Rosa e Rubem Fonseca (5); Raquel de Queiroz, Mario Quintana, Tomás Antônio Gonzaga, (4); José Américo de Almeida, Manuel Bandeira, Lygia Bojunga Nunes, Hermilo Borba Filho, Dias Gomes, Hilda Hilst, Castro Alves e Lourdes Ramalho (3). Entre os autores que receberam a atenção de um ou dois pesquisadores(as) destaco a presença de nomes como Solano Trindade (2), Conceição Evaristo (dissertação defendida no ano de 2007) e poetas paraibanos com Lúcio Lins e Antonio Morais de Carvalho. O programa formou mais mulheres (159) do que homens (61). Em relação aos gêneros literários temos os seguintes dados: prosa (99), poesia/canção (67), com

destaque para a presença de 8 trabalhos sobre cordel e 11 trabalhos sobre canção e drama.

Há também 9 dissertações sobre literatura oral e popular (contos, canções, romances, danças dramáticas) e 16 estudos sobre adaptações de obras literárias para o cinema. Entre os 33 estudos sobre contos, 6 são, especificamente, sobre contos da tradição oral, o que soma um total de 15 trabalhos nessa área. Destaco, ainda, os estudos que se voltam para a história da literatura, em especial sobre movimentos literários e revistas publicadas em estados da Região Nordeste, como Pernambuco, Paraíba e Ceará (10); estudos sobre ensino de literatura (12) e literatura clássica (7), esses últimos voltados para a tradução, comentário e elaboração de glossários.

Vejamos agora os números relacionados às teses defendidas no PPGL entre os anos de 1995 e 2012. Foram 146 teses, dessas 41 estão mais voltadas para análise do discurso e variação linguística e 105 para os estudos literários. Foram identificados 46 escritores, a maioria homens (35). Entre as mulheres destacamos, mais uma vez, a presença de Conceição Evaristo, Nísia Floresta e Paulina Chiziane. As pesquisadoras são a maioria (63). Sobre os gêneros literários temos o seguinte: prosa (35), poesia (25, dos quais, 5 são sobre cordel e 4 sobre canção), drama (6). A literatura oral e popular (contos, romances, danças) recebeu a atenção de 11 trabalhos. Quando somados aos estudos sobre cordel resultam em um número superior aos estudos sobre poesia. Temos ainda 5 teses sobre ensino de literatura e 2 sobre adaptação de obras literárias para o cinema.

E fecho mais essa janela (a última, prometo) motivada por um sentimento de alegria em fazer parte de um programa de pós-graduação que abriga, desde a década de 1970, pesquisas

voltadas para os estudos de literatura oral e popular, da escrita de mulheres e negros(as), mas que também abre espaço para os que se voltam para a tradução e comentário de textos clássicos, para a dramaturgia brasileira e a canção.

2. Quem somos e o que queremos nesse novo século ou Em que pé andam nossas pesquisas em literatura nesse Nordeste “selvagem”?

Os dados que apresento a seguir foram coletados entre janeiro e abril de 2019 no Banco de Teses e Dissertações da Capes e nas páginas dos Programas de Pós-Graduação da área de Letras e Linguística do Nordeste. A pesquisa cobre um período de quatro anos, de 2013 a 2016. Não fazem parte desse levantamento os programas de mestrado profissional. Nos programas que possuem áreas mais voltadas para os estudos de linguística e língua portuguesa, foram considerados apenas os trabalhos de dissertação e tese defendidos nas linhas de estudos literários ou estudos comparados. Também foram analisados os estudos mais voltados para o ensino de literatura, bem como trabalhos que dialogam com o teatro, as artes plásticas e a música. Alguns programas não disponibilizavam as dissertações e teses em suas páginas, nem mesmo tive acesso aos trabalhos defendidos através da Plataforma Sucupira. Foram analisados os títulos, resumos e palavras-chave de um total de 797 dissertações e 179 teses defendidas em 21 programas de pós-graduação em Letras e Linguística. Os dados gerais são os seguintes:

Quadro 1 – Dados gerais sobre teses e dissertações defendidas por estado

| Estado | Programa | Nº Dissertações | Nº Teses |
|---------------|---|----------------------------|---------------------|
| Alagoas | UFAL – Letras e Linguística (Maceió) – Mestrado e Doutorado ² | 21 | 5 |
| Bahia | UNEB – Crítica cultural (Alagoinhas) - Mestrado | 37 | - |
| | UNEB – Estudos da linguagem (Salvador) – Mestrado | 39 | - |
| | UEFS – Estudos literários (Feira de Santana) - Mestrado ³ | 54 | - |
| | UESC – Linguagens e representações (Ilhéus) – Mestrado | 30 | - |
| | UESB – Letras: cultura, educação e linguagens (Vitória da Conquista) – Mestrado | 13 | - |
| | UFBA – Literatura e cultura (Salvador) – Mestrado ⁴ e doutorado ⁵ | 67 | 40 |
| Ceará | UFC – Estudos da Tradução (Fortaleza) - Mestrado ⁶ | 3 | - |
| | UFC – Linguística e Literatura (Fortaleza) – Mestrado e Doutorado ⁷ | 65 | 5 |

2 O Programa disponibilizava um número muito pequeno de dissertações e teses para consulta.

3 As dissertações de 2013 não estavam disponíveis para consulta.

4 As dissertações de 2016 não estavam disponíveis para consulta.

5 As teses de 2013 não estavam disponíveis para consulta.

6 Programa iniciado em 2014.

7 Foram localizadas apenas as teses dos anos de 2015 e 2016.

| | | | |
|------------------------|---|----|----|
| Maranhão | UFMA – Letras (São Luís) - Mestrado ⁸ | - | - |
| | UEMA – Letras (São Luís) - Mestrado ⁹ | - | - |
| Paraíba | UFPB - Letras (João Pessoa) - Mestrado e doutorado | 87 | 57 |
| | UFCG - Linguagem e ensino (Campina Grande) – Mestrado | 25 | - |
| | UEPB – Literatura e inter- culturalidade (Campina Grande) – Mestrado e Doutorado ¹⁰ | 57 | 21 |
| Pernambuco | UFPE - Letras (Recife) – Mestrado e Doutorado ¹¹ | 50 | 18 |
| Piauí | Fundação Universidade Estadual do Piauí – Letras (Teresina) - Mestrado ¹² | 42 | - |
| | UFPI – Estudos de Linguagens (Teresina) – Mestrado | 53 | - |
| Rio Grande do Norte | UERN - Ciências da Linguagem (Mossoró) - Mestrado ¹³ | - | - |
| | UERN - Letras (Pau dos Ferros) - Mestrado e Doutorado ¹⁴ | 39 | - |
| | UFRN – Estudos da lingua- gem (Natal) - Mestrado e Doutorado | 76 | 33 |

8 Programa iniciado em 2016.

9 Programa iniciado em 2016.

10 Apenas estavam disponíveis as teses de 2015 e 2016.

11 Não estavam disponíveis as dissertações e teses dos anos de 2015 e 2016.

12 Não estavam disponíveis as dissertações de 2016.

13 Programa iniciado em 2016.

14 O doutorado foi criado em 2015.

| | | | |
|---------|---|-----|-----|
| Sergipe | UFS – Letras (São Cristóvão) – Mestrado e doutorado ¹⁵ | 39 | - |
| Total | 21 programas | 797 | 179 |

Foram 976 trabalhos defendidos, 623 de autoria de mulheres e 353 de homens. Em relação às orientações os números são os seguintes: 519 trabalhos foram orientados por mulheres e 457 por homens.

Adotando uma divisão clássica dos gêneros, como tenho feito até agora, temos o seguinte quadro:

Quadro 2 – Dados por gênero literário estudado

| Gêneros | Dissertações | Teses |
|----------------|---------------------|--------------|
| Prosa | 460 | 86 |
| Poesia | 111 | 29 |
| Drama | 45 | 20 |

Essa divisão deixa de fora os gêneros híbridos e estudos que dialogam com as artes plásticas, o cinema, os quadrinhos, o videogame, teatro/performance/dança/canção, o ensino de literatura, as poéticas orais e populares, além de estudos mais voltados para a teoria literária, a história da literatura, a história do livro e da leitura, entre outros. Numa tentativa de cartografar esses estudos vejamos o quadro a seguir:

Quadro 3 – Dados sobre diversificação de temas das dissertações e teses

| | Dissertações | Teses |
|--------|---------------------|--------------|
| Cinema | 56 | 13 |
| Ensino | 44 | 2 |

¹⁵ O doutorado foi criado em 2016.

| | | |
|--|----|---|
| Canção | 14 | 5 |
| Cordel | 13 | 3 |
| Literatura oral (cantos, danças, narrativas) | 10 | - |
| História da literatura | 8 | 9 |
| Ensaio | 8 | - |
| Teatro/performance/dança | 7 | 2 |
| Teoria | 7 | 6 |
| Quadrinhos | 6 | 4 |
| Leitura/recepção | 5 | 3 |
| Audiovisual | 4 | 1 |
| Cartas | 3 | 3 |
| Tradução | 3 | 1 |
| Ciberliteratura | 2 | 1 |
| Gravura e fotografia | 2 | |
| Audiolivro | 1 | 1 |
| Videogame | 1 | - |
| Literatura e cultura surda | 1 | |

Sobre as opções teóricas e críticas vejamos o quadro a seguir:

Quadro 4 – Dados sobre fundamentação teórica e crítica das teses e dissertações

| Autor(a) | Nº citações |
|-----------------|--------------------|
| Antonio Candido | 82 |
| Stuart Hall | 68 |
| Mikhail Bakhtin | 59 |
| Michel Foucault | 49 |
| Gilles Deleuze | 45 |
| Linda Hutcheon | 42 |

| | |
|---|----|
| Walter Benjamin | 36 |
| Homi Bhabha | 32 |
| Wolfgang Iser | 30 |
| Sigmund Freud, Maurice Halbwachs | 28 |
| Alfredo Bosi, Roland Barthes | 27 |
| Tzvetan Todorov | 25 |
| Félix Guattari, Octávio Paz | 23 |
| Gaston Bachelard, Pierre Bourdieu, Hans Robert Jauss | 22 |
| Roger Chartier, Paul Ricoeur, Zumthor | 20 |
| Theodor Adorno, Rildo Cosson, Judith Butler, Jacques Derrida, Lukács, Edward Said | 19 |
| Zygmunt Bauman, Genette | 18 |
| Henry Bergson, Compagnon, Le Goff | 16 |
| Aristóteles, Umberto Eco, Glissant, Robert Stam, Raymond Williams | 15 |
| Vera Teixeira Aguiar e Maria da Glória Bordini, Julia Kristeva, Philippe Lejeune | 14 |
| Agamben, Afrânio Coutinho, Teresa Colomer, | 13 |
| Mircea Eliade, Dominique Maingueneau | 12 |
| Georges Bataille, Nestor Garcia Canclini, Durand, Even-Zohar, Franz Fanon, Greimas, Fredric Jameson, Marisa Lajolo, Spivak, Regina Zilberman | 11 |
| Benedito Nunes, Luis Alberto Brandão, Peter Burke, Joseph Campbell, Michel de Certeau, Terry Eagleton, Heidegger, Beatriz Sarlo, Márcio Seligmann-Silva | 10 |
| Simone de Beauvoir, Jakobson, Jung, Lefevere, Peirce, Hélder Pinheiro | 9 |
| Philippe Ariès, Hegel, Osman Lins, Nietzsche, Silvano Santiago, Lucia Zolin | 8 |
| Thomas Bonnici, Ligia Chiappini, Giddens, Annie Rouxel, Lucia Santaella, Pierre Vernant, Hayden White | 7 |

| | |
|---|---|
| Auerbach, Elisabeth Badinter, Zilá Bernd, David Bordwell, Ozíris Borges Filho, Julio Cortázar, Jöel Candau, Sandra Pesavento, Walter Scott | 6 |
| Carpeaux, Cuti, George Friedman, Lacan, Inocência Mata, Munanga, Anatol Rosenfeld, Sartre, Emil Staiger, Severo Sarduy | 5 |
| Perry Anderson, Appiah, Baudrillard, Ignez Ayala, Beth Brait, Luiz Costa Lima, Paulo Freire, René Girard, Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, Walter Mignolo, Domingos Pellegrini, Pollak, Jacques Rancière, Saffioti, Y Fu Tuan | 4 |
| Hannah Arendt, David Arrigucci Júnior, Italo Calvino, Jonathan Culler, Ecléa Bosi, Elódia Xavier, Paul Gilroy, João Adolfo Hansen, Haroldo de Campos, Ismail Xavier, Teresa de Lauretis, Guacira Lopes Louro, Pierre Nora, Renato Ortiz, Leyla Perrone-Moisés, Ricardo Piglia, Paul Preciado, Vladimir Propp, Elaine Showalter, Roland Walter, Peter Szondi | 3 |

Pelo visto continuamos mesmo muito interessados(as) em questionar nosso sistema literário e o nosso direito à literatura (Candido); em problematizar a construção/recriação de nossa identidade, numa perspectiva culturalista, seja através dos discursos (paródicos ou não - Hutcheon), seja através dos sujeitos (Hall, Bhabba, Deleuze, Foucault, Bakhtin). E interessa-nos, em meio a isso tudo, construir, repensar, desconstruir uma memória, ou memórias sobre nossa cultura, nossa literatura (Halbwachs). Refinando os dados da pesquisa, percebemos que o maior número citações de Antonio Candido está na UFRN (24), programa no qual os estudos são quase que complementemente voltados para autores e autoras da literatura brasileira (74 de um total de 109 trabalhos, entre teses e dissertações) e que agrega pesquisas sobre autores e autoras que sempre estiveram fora do cânone. Seguindo esse caminho, temos um retrato, ainda que desfocado, pois estamos tratando apenas da produção de teses e dissertações em um período de quatro anos,

de alguns programas de pós-graduação em Letras do Nordeste. Vejamos. Os estudos sobre literatura brasileira estão mais concentrados na UEFS, na UERN (principalmente autoria feminina) e UFC. Autores como Deleuze, Hall, Bauman e Bhabba aparecem com maior frequência na UEPB, UESPI, UFPI e UNEB. As literaturas africanas e afro-brasileira são mais estudadas na UEPB, na UFRN e na UNEB. Na UEPB o autor mais citado é Deleuze e há um número considerável de estudos sobre videogames, ciberliteratura, audiolivros, além de uma produção importante sobre dramaturgia brasileira. O outro programa que também contribui para o estudo da dramaturgia é a UFBA, com trabalhos voltados para a edição crítica de obras. O cinema está presente nas teses e dissertações da UFPB, da UEFS e da UESC, de forma mais significativa, mas em todos os programas foram encontrados trabalhos nessa área. Sobre as tradições orais e performance temos a UFPB, a UESB e a UNEB. As literaturas em língua inglesa também são o foco de pesquisas desenvolvidas na UESPI e a UESC se destaca pela atenção aos autores e autoras latino-americanos. Há contribuições importantes da UFC sobre a teoria dos polissistemas (Even-Zohar), sobre os estudos descoloniais na UFPE e uma quase totalidade de estudos voltados para a Estética da Recepção (Iser e Jauss) na UFCG. Nessa universidade, destaco o maior número de citações de críticos e teóricos brasileiros (Rildo Cosson, Regina Zilberman e Marisa Lajolo, além de Candido). Há ainda os estudos mais voltados para a história da leitura desenvolvidos na UFPB e na UFRN. Por último temos um bom número de estudos sobre poesia e autoria feminina desenvolvidos na UFAL.

Na tentativa de traçar um perfil de cada programa destaco os seguintes traços: a UFCG e o protagonismo na área de ensino de literatura; a UFPB nos estudos sobre literatura de cordel, narradores e poetas populares, tradições orais; a UNEB nos estudos sobre publicações coletivas como os Cadernos Negros; traduções comentadas (UFC e UFPB); estudos de história da literatura, poemas e contos publicados em jornais (UFPB, UNEB, UFBA); literatura e cibercultura

(UEPB, UEPI); estudos sobre literatura surda e traduções de textos literários em braile (UFPB); quadrinhos e cinema; literatura indígena e memórias de comunidades quilombolas (UNEB – Alagoinhas e Salvador); sobre crítica genética, em especial sobre dramaturgia baiana (UFBA).

Sobre os escritores e as escritoras que receberam a nossa atenção temos o seguinte: dos 544 escritores estudados, 402 são homens e 142 mulheres. Brasileiros (as) são a maioria - 301, mas temos muitos estudos sobre autores e autoras latino-americanos - Argentina (13), Peru (4), Uruguai (4), México (7), Colômbia (1), Equador (1), Paraguai (1), Venezuela (1) - e africanos - Angola (8), Moçambique (4), Guiné-Bissau (4), Somália (1), Nigéria (2), África do Sul (2), São-Tomé (1), Benin (1), Cabo Verde (1). Se ficarmos apenas com o quadro a seguir o nosso retrato permanece branco, masculino e heterossexual.

Quadro 5 – Dados sobre autores estudados nas teses e dissertações

| Autor(a) | Nº trabalhos |
|--|---------------------|
| João Guimarães Rosa | 22 |
| Jorge Amado | 19 |
| Clarice Lispector | 18 |
| Machado de Assis | 17 |
| Graciliano Ramos | 16 |
| Hilda Hilst, José Saramago | 14 |
| José de Alencar, Mia Couto | 13 |
| Rachel de Queiroz, Caio Fernando Abreu | 11 |
| Lygia Fagundes Telles | 10 |
| Raduan Nassar, Carlos Drummond de Andrade | 8 |
| Conceição Evaristo, João Ubaldo Ribeiro, Lima Barreto, Rubem Fonseca | 7 |

| | |
|--|---|
| João Cabral de Melo Neto, José Lins do Rego, Marcelino Freire, Nelson Rodrigues, Patativa do Assaré, Pepetela, Ronaldo Correia de Brito | 6 |
| Antonio Carlos Viana, Antônio Torres, Ariano Suassuna, Fernando Pessoa, H. Dobal, João Gilberto Noll, Paulina Chiziane, Tomás Eloy Martínez | 5 |
| Alina Paim, Assis Brasil, Azar Nafisi, Bartolomeu Campos de Queirós, Câmara Cascudo, Cecília Meireles, Chico Buarque, Dalton Trevisan, Francisco Dantas, Manoel de Barros, Mario Quintana, Miguel Torga, Milton Hatoum, Murilo Rubião, Silviano Santiago, Teolinda Gersão, Vinícius de Moraes | 4 |
| Adonias Filho, Aristófanés, Carlos Ribeiro, Cyro dos Anjos, Dias Gomes, Ferreira Gullar, Franklin Maxado, Gabriel Garcia Márquez, Ignácio de Loyola Brandão, José Eduardo Agualusa, Júlia Lopes de Almeida, Lewis Carroll, Luiz Fernando Carvalho, Manuel Bandeira, Maria Lúcia Dal Farra, Marina Colasanti, Mário de Andrade, Mário de Sá-Carneiro, Maryse Condé, Osman Lins, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Leminski, Roberto Bolaño, Valter Hugo Mãe | 3 |

Mas não me contento com esse quadro e lanço mão de outra moldura. Percebi que temos um número muito maior de estudos sobre autores e autoras que nunca foram publicados por grandes editoras, que nunca figuraram em livros didáticos ou histórias da literatura brasileira. Esses estudos estão consolidados em programas como da UFBA, da UFRN, da UFPI, da UEPB, da UFPB e da UFPE e espalhados aqui e ali em todos os outros programas do Nordeste. O quadro seguinte, como já mencionei, emoldura apenas quatro anos de pesquisa, imaginem quando fizermos um levantamento com muitas outras mãos e menos “brabeza”?

Quadro 6 – Dados sobre autores não canônicos estudados nas teses e dissertações

| Estado | Escritores(as) |
|---------------------|--|
| Paraíba | Antônio de Pádua, Ascendino Leite, Clotilde Tavares, Francisco das Chagas Batista, Francisco Sales Arede, Hildeberto Barbosa Filho, José Antônio Assunção, Leandro Gomes de Barros, Lourdes Ramalho, Maria Valéria Rezende, Marília Arnaud, Minelvino Francisco Silva, Rinaldo de Fernandes, Sérgio de Castro Pinto, Waldemar José Solha |
| Pernambuco | Cláudio Aguiar, Gilvan Lemos, João Ferreira de Lima, João Martins de Athayde, José Condé, Lenice Gomes, Marcus Accioly, Nivaldo Tenório, Raimundo Carrero |
| Rio Grande do Norte | Antonio Francisco, Aurélio Pinheiro, Bartolomeu Correia de Melo, Eulício Farias de Lacerda, Jorge Fernandes, José Bezerra Gomes, José Gonçalves de Medeiros, Madalena Antunes, Nei Leandro de Castro, Oswaldo Lamartine de Faria, Palmyra Wanderley, |
| Piauí | Abdias Neves, Alvina Gameiro, Anfrísio Castelo Branco, Climério Ferreira, Elmar Carvalho, Francisco Miguel de Moura, Graça Vilhena, H. Dobal, Luíza Amélia de Queiroz, Ovídio Saraiva, Renato Castelo Branco, William Melo Soares |

| | |
|----------|--|
| Bahia | Adelice Souza, Aleilton Fonseca, Álex Leilla, Altamirando Requião, Antônio Alves da Silva, Bule-Bule, Carlos de Souza, Carlos Ribeiro, Cuíca de Santo Amaro, Domingos de Faria Machado, Erotildes Miranda dos Santos, Euclides José Teixeira Neto, Eulálio de Miranda Motta, Fábio Mandingo, Franklin Maxado, Jacinta Passos, João Mattos, João Paraguaçu, José Aras, Jotacê Freitas, Kitute de Licinho, Mayrant Gallo, Myriam Fraga, Paulo Augusto Garcez de Sena, Renata Belmonte, Roberval Pereyra, Rodolfo Coelho Cavalcante, Salete Maria, Sosígenes Costa, Tom Correia, Vasconcelos Maia, Waly Salomão |
| Alagoas | Jorge Matheus de Lima |
| Ceará | Arievaldo Viana, Arlene Holanda, Dalinha Catunda, Natércia Campos |
| Maranhão | Salgado Maranhão, Rosado Pinto |
| Sergipe | Alina Paim, Antonio Carlos Viana, Francisco Dantas, Jackson da Silva Lima |

Findo esse texto em um momento em que, mais uma vez, as universidades e institutos federais de educação, e as ciências humanas em particular, são atacadas e ameaçadas em seu funcionamento (cortes de verbas que resultam em interrupção nos serviços de terceirizados, no pagamento de água e energia, no pagamento de bolsistas de extensão, iniciação científica, mestrado e doutorado). Além dos cortes no orçamento, também somos bombardeados com informações parciais sobre a pesquisa desenvolvida em instituições públicas e o atendimento aos alunos e alunas que saem do Ensino Médio com a esperança de continuarem os estudos e entrarem no mercado de trabalho. Findo esse texto reto-

mando o início da conversa, recorrendo a Clarice Lispector. Ainda no início da narrativa, Lori, personagem de “Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres”, escuta de Ulisses: “Lori: uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente.” (LISPECTOR, 1998, p. 26). Apesar de projetarem uma destruição da pesquisa no país, apesar de as ciências humanas sofrerem ameaças constantes, apesar de mais da metade da população continuar sem acesso a um ensino público e de qualidade, apesar de sofrermos ameaças de cortes de verbas por não termos subido no ranking das pós-graduações no país (mesmo tendo formado, em apenas quatro anos, 797 mestres e 179 doutores), apesar de, apesar de, apesar de... é o apesar de que “nos empurra para a frente.”



PESQUISA EM LITERATURA E ENSINO NO ÂMBITO DO NORDESTE: RASTREAMENTO INICIAL

José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)
Sandrelle Azevedo Costa (UFCG)

Por uma pedagogia que reconheça as potencialidades do texto literário, na medida em que este provoca o leitor e faz dele um intérprete, de certo modo, um coautor.

(LEITE, 1983, p. 101)

1. Situando a questão

A pesquisa voltada para o ensino de Literatura demorou a chegar à universidade brasileira em geral. Na segunda metade do século XX, pesquisas foram realizadas numa ou noutra universidade, como a UNICAMP, a PUC-Rio, a PUC Minas, sobretudo através de especializações. No entanto, linhas de pesquisas em programas de pós-graduação e grupos de pesquisas começaram mesmo a surgir no final do século XX e início do século XXI. Uma exceção, neste contexto, talvez seja o Centro de Pesquisas Literárias, da PUCRS, que, desde o final dos anos de 1970, trouxe reflexões importantes para se pensar e repensar o ensino da Literatura.

São inúmeras as contribuições do grupo de pesquisadores deste Centro, que contava com o trabalho de Regina Zilberman, Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar¹.

O discurso que quase sempre circulou entre professores de Literatura – na universidade e fora dela - era o de que as questões de ordem pedagógica não deveriam ser preocupação dos cursos de Letras e sim da área de Educação. Era como se não houvesse nenhum compromisso com o ensino básico, apenas em formar teórica e criticamente os professores. Havia, portanto, uma certa reserva relativa à preocupação com o ensino, perceptível em expressões como “pedagorreira”, usada para se referir a qualquer esforço de se pensar questões de ordem metodológica, sobretudo para a formação de leitores na escola básica. A reflexão sobre o ensino, portanto, não caberia na função de nossos professores universitários, que, direta ou indiretamente, afirmavam ter objetivos mais nobres, voltados para leitura e interpretação de grandes obras literárias.

É nesse contexto de desinteresse, de preconceito ou de não percepção de que a formação de leitores de literatura está ligada de modo direto à formação dos professores que vão atuar no ensino básico – dentre inúmeras outras variáveis – que começa a surgir a preocupação com o ensino de Literatura. As primeiras pesquisas trazem, muitas vezes, um caráter de diagnóstico da situação da leitura literária ou do desinteresse pelo ensino da Literatura. É o caso da pesquisa de Aguiar (1979, p. 9), em que se discute o “problema do interesse pela leitura”, atentando para questões como a série, o sexo, o nível socioeconômico, entre outras questões. Rocco (1981) foi a campo pesquisar níveis de leitura e interesses de leitores do ensino básico. Sua pesquisa traz, segundo

1 Além de inúmeras teses e dissertações produzidas por este grupo de pesquisadores, obras importantes como Aguiar e Bordini (1988), Zilberman e Bordini (1989), além da produção individual de cada uma delas.

Candido (1981, p. xii), “a preocupação com o vínculo adequado entre professor e aluno, como condição para ensinar algo tão ligado às experiências pessoais quanto a literatura”. Trabalho que trouxe questões bastante atuais, como *A invasão da catedral*², de Leite (1982), situava e discutia o problema do ensino da literatura no nível médio, chamando a atenção, já, para questões de ordem metodológica, como a defesa do *seminário* como procedimento a ser cultivado e a percepção do valor nuclear do leitor. A pesquisadora defende uma “Pedagogia da Admiração”, que:

[...] proponha a suspensão do juízo e a tolerância pelo gosto alheio; a relativização do conceito de mau gosto, a não imposição de um gosto, um trabalho pela transformação do gosto, pela incorporação do gosto alheio; a desculpabilização do professor e dos alunos em relação ao gosto por livros, obras, filme, novelas, revistas e congêneres considerados não gratos no espaço sagrado da escola. (LEITE, 1982, p. 101).

Em 1988, surge uma obra que vai fomentar inúmeras práticas de ensino de Literatura, bem como suscitar pesquisas pontuais voltadas para esta área do saber. Trata-se do livro *Literatura: a formação de leitores*, de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar. Além de um capítulo ainda bastante atual sobre metodologia de ensino de Literatura, as autoras discutem a escolha de obras e propõem cinco métodos de abordagem do texto literário em sala de aula que fogem do método expositivo das aulas de Literatura, centrado ora no texto ora no professor, deixando de lado a importante figura do leitor. Para as autoras,

2 Este livro foi bastante ampliado e teve uma nova edição com o título *Reinvenção da catedral* (CHIAPPINI, 2005).

Os professores, apesar de visarem à formação do hábito da leitura e ao desenvolvimento do espírito crítico, não oferecem atividades nem utilizam recursos que permitam a expansão dos conhecimentos, das habilidades intelectuais, a criatividade ou a tomada de posição, embora arrolem esses tópicos em seus critérios de aproveitamento escolar. O debate, a livre discussão e as atividades que extrapolam o âmbito da sala de aula são esquecidos. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 33).

Estas reflexões abrem um leque de possibilidades de pesquisa sobre o ensino de Literatura voltada sobretudo para metodologias que favoreçam a interação texto e leitor, tendo o professor como mediador desta experiência.

Neste artigo, tentaremos localizar o percurso de pesquisas voltadas para o ensino da Literatura no âmbito de algumas universidades do Nordeste. Detivemo-nos em dois programas de pós-graduação que tiveram, desde o final do século XX ou início do século XXI, linhas e grupos de pesquisas voltadas para o ensino da Literatura – nos mais diversos níveis de ensino e com os mais diversos gêneros literários. Pontualmente, indicaremos experiências de orientação isoladas de algumas pesquisadoras de outras universidades. Por certo, muitas pesquisas podem ter sido feitas em cursos de especialização que se multiplicaram a partir da segunda metade do século XX, bem como em programas de pós-graduação de caráter mais teórico, crítico ou comparativo. No entanto, devido ao fato de que só a partir da segunda década do século XXI é que as dissertações e teses passam a ser divulgadas on-line, não haveria condições, neste artigo, de consultar um acervo mais amplo. Tivemos como fonte de pesquisa basicamente o currículo *Lattes* de alguns pesquisadores pioneiros neste tipo de pesquisa aqui no Nordeste.

2. De lá pra cá

Uma pesquisa hoje em programas de pós-graduação em Letras e em Educação no Nordeste brasileiro revelará um significativo crescimento relativo à temática do ensino de Literatura. No entanto, nem sempre foi assim. A pós-graduação *stricto sensu* no Nordeste se iniciou na década de 1970, nalgumas universidades. O PPGL da UFPB iniciou em 1975; a seguir, em 1976, surgiu o PPGL-UFPE com o Mestrado em Linguística e em Teoria Literária. O PPGLL da UFBA também se iniciou em 1976. Já o mestrado em Letras da UFAL foi criado em 1989. O Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN - PPGEd completou 40 anos em 2018.

As primeiras pesquisas voltadas para o ensino de Literatura em universidades nordestinas ocorreram, inicialmente, na UFRN, na Faculdade de Educação e, posteriormente, na UFPB, no Programa de Pós-graduação em Letras. Apontaremos basicamente a fase inicial destas pesquisas no final do século XX, tendo como teto dissertações e teses defendidas até 2010. Um dado a ser observado é que, nesta fase inicial, destaca-se mais a figura de alguns pesquisadores isolados que, a partir de seu trabalho, vão congregando outros pesquisadores. Guiaram-nos alguns critérios na consulta, como a presença nos títulos das pesquisas de palavras e expressões como “leitura”, “ensino de Literatura”, “formação do leitor”, “contação de história”, “ensino”, “prática de ensino”, “biblioteca”, “biblioteca escolar” e afins.

A seguir, apontaremos e comentaremos rapidamente o percurso dessas pesquisas atendo-nos ao período entre o final do século XX e o início do século XXI, mais especificamente até 2010.

a) O pioneirismo da pesquisa na UFRN

Conforme indicamos, foi no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que surgiu a primeira pesquisa voltada para o ensino de Literatura. As relações entre educação e literatura são, basicamente, as preocupações que vão estimular esses estudos. Destaca-se aqui o trabalho pioneiro de Marly Amarilha³, que vem orientando dezenas de dissertações e teses voltadas para o ensino da Literatura, sobretudo nas séries iniciais, desde 1996. A primeira dissertação defendida cuja temática voltava-se para o ensino de Literatura denomina-se *O lúdico e a criança na literatura*, de Maria Ilka Soares da Silva. Já a primeira tese de doutorado foi defendida em 2001: *A contação de história no ensino de Literatura e na formação do leitor: um estudo de caso*, de Adriano Lopes Gomes. O quadro geral das dissertações e teses dá a dimensão do trabalho da professora Marly Amarilha:

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELA PROFESSORA MARLY AMARILHA (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte | | |
|---|---|------------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Maria Ilka Soares da Silva | O lúdico e a criança na literatura | 1996 |
| Almaíza Fernandes de Medeiros | Biblioteca sempre viva: análise de programa de leitura em bibliotecas escolares | 1997 |

3 A professora Dra. Marly Amarilha inicia sua pesquisa voltada para o ensino de Literatura já na sua dissertação de mestrado, cujo título é: *O ensino da literatura brasileira na universidade: subsídios para uma abordagem crítica*, defendida em 1981. Seu currículo Lattes exhibe uma vasta e significativa contribuição na condição de pesquisadora na área.

| | | |
|---------------------------------|---|------|
| Verônica Maria de A. Pontes | Biblioteca escolar e escola: uma relação evidente? | 1998 |
| Adriano Lopes Gomes | Tudo era uma vez no tempo em que sempre será: o contador de história na perspectiva da formação do leitor | 1999 |
| Helenita Assunção Nakamura | A imagem na formação do leitor: um processo dialógico texto - ilustração na literatura infantil no contexto escolar | 2000 |
| Alessandra Cardozo de Freitas | Os filhos da Carochinha: a contribuição da literatura na estruturação da linguagem em crianças de educação infantil | 2002 |
| Maria Lúcia Sampaio Pessoa | A relação teoria e prática no ensino de leitura: o planejamento pedagógico como referência de análise | 2002 |
| Luiz Ricardo R. de Almeida | A mediação pedagógica na formação do leitor da educação de jovens e adultos: uma análise do Projeto Acreditar da Secretaria Municipal de Educação em Natal/RN | 2004 |
| Flavia Zulberman | Tenho um problema: não gosto de ler! A formação do leitor literário - construção compartilhada do prazer de ler | 2005 |
| Nívea Priscilla Olinto da Silva | O ato de ler e os conflitos emocionais na infância: a contribuição da literatura no espaço escolar | 2008 |
| Danielle Medeiros de Souza | Literatura e Educação: um caso / uma casa de inclusão | 2009 |
| Simone Leite da Silva | Leitura e literatura: ouvindo as vozes de crianças da educação infantil | 2010 |
| Nívea Priscilla Olinto da Silva | A leitura de literatura na escola: por uma educação emocional de crianças na educação infantil | 2010 |

| | | |
|---------------------|--|------|
| Ivla Cristina Gomes | Cultura leitora do professor e a prática pedagógica na formação de alunos leitores na escola fundamental | 2010 |
|---------------------|--|------|

| TESES DE DOUTORADO ORIENTADAS PELA PROFESSORA MARLY AMARILHA (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte | | |
|---|--|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Adriano Lopes Gomes | A contação de história no ensino de literatura e na formação do leitor: um estudo de caso | 2001 |
| Maria Audenôra das Neves Silva Martins | Cantigas de roda: o estético e o poético e sua importância para a educação infantil | 2003 |
| Maria Lúcia Pessoa Sampaio | A função mediadora do planejamento na sala de leitura de textos literários | 2005 |
| Alessandra Cardozo de Freitas | Literatura e Educação: ação argumentativa na discussão de histórias | 2005 |
| Hugo Monteiro Ferreira | A literatura na escola: uma alternativa de ensino transdisciplinar | 2007 |
| Nazineide Brito | Literatura para crianças portadoras de deficiência mental | 2007 |
| Maurílio Gadelha | O ensino de Filosofia: a formação do leitor no ensino médio | 2007 |
| Diva Sueli Silva Tavares | Da leitura de poesia a poesia da leitura: reflexões sobre a contribuição da poesia para o ensino médio | 2007 |
| Danielle Medeiros de Souza | Da página do livro à tela do computador: a formação do leitor literário no território das multimídias | 2010 |

O número de orientações é muito significativo e as pesquisas revelam uma preocupação com as diferentes facetas do ensino e da formação de leitores. Há um predomínio de trabalhos voltados para a primeira fase do ensino básico, o que se justifica uma vez que aquele programa de pós é de uma faculdade de educação que tem como objetivo a formação do professor que atua sobremaneira na primeira fase do ensino fundamental. No entanto, há pesquisas voltadas para o ensino da literatura no nível médio, como o trabalho de Diva Sueli S. Tavares, que articula poesia e canção; e o de Maurílio Gadelha, este último dialogando com o ensino de Filosofia.

Uma consulta aos projetos de pesquisa desenvolvidos por Marly Amarilha, que se desdobram em muitas publicações, atesta a preocupação da pesquisadora com a problemática do ensino. Entre 1995 e 1999, desenvolveu o projeto “O ensino de literatura e a dinâmica da formação do leitor no Rio Grande do Norte”. Em todos os projetos de 1999 a 2010, aparece a expressão “ensino de Literatura” e “ensino de leitura”. De 2010 a 2014, a pesquisadora volta-se para leitura de poemas, com o projeto “A multimodalidade na leitura do poema e do livro de poesia em aprendizes da escola fundamental”. O projeto atual evidencia a continuidade da sua preocupação com o ensino de Literatura: “Do aprender ao ensinar a ler literatura e processos mediadores no ensino fundamental: formar leitores formando-se.”

Importante salientar as várias publicações que surgem deste trabalho hercúleo de pesquisa e orientação, bem como o evento criado para favorecer, além da apresentação de pesquisas locais, o diálogo com pesquisadores voltados para o ensino de Literatura de todo o Brasil. Trata-se do Seminário de Educação Literária - SEL, que em 2018 teve sua sétima edição. Ou seja, o trabalho de orientação sai da academia e envolve a comunidade, uma vez que, neste evento, é muito significativa a presença de professores do ensino básico da capital e de todo o estado.

b) O PPGL-UFPB e a criação da área de pesquisa em Linguagem e Ensino

As pesquisas voltadas para o ensino de Literatura na UFPB se iniciaram quando da criação, em 1998, da linha de pesquisa Linguagem e Ensino, proposta por um grupo de professores do então Campus II da UFPB, em Campina Grande. A primeira seleção para a linha ocorreu em 1999. No âmbito dessa proposta, foi criada a linha de pesquisa denominada “Literatura e ensino”. Dois professores foram responsáveis pelas primeiras orientações: José Edilson Amorim e José Hélder Pinheiro Alves; e, posteriormente, as professoras Socorro Pacífico Barbosa e Ana Cristina Marinho Lúcio. Observaremos, a seguir, as primeiras dissertações que resultaram da criação desta área de pesquisa, que permaneceu ativa mesmo depois de criada a Universidade Federal de Campina Grande.

Há aqui um conjunto maior de professores voltados para questões relativas ao ensino de Literatura, como se pode observar nos quadros abaixo:

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELO PROF. DR. JOSÉ HÉLDER PINHEIRO ALVES – PPGL-UFPB | | |
|---|---|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Andre de Sena Wanderley | A poesia de Álvares de Azevedo e o ultra-romantismo em livros didáticos do ensino médio | 2002 |
| Euda de Araújo Cordeiro | Literatura no ensino médio: voz do aluno e do professor | 2002 |
| Ana Patrícia Frederico Silveira | A poesia de Castro Alves: da crítica ao livro didático | 2006 |

| | | |
|-------------------------------|---|------|
| Etienne Mendes Rodrigues | Bem do seu tamanho e Bento-que-bento-é-o-frade: da análise à sala de aula | 2006 |
| Plínio Rogenes de França Dias | A recepção de Manuel Bandeira na sala de aula: entre a fragmentação de poemas e a libertação do lirismo | 2007 |

| TESES DE DOUTORADO ORIENTADAS PELO PROF. DR. JOSÉ HÉLDER PINHEIRO ALVES – PPGL-UFPB | | |
|--|---|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Maria Valdênia da Silva | Linguagem e valores culturais nas crônicas de Cecília Meireles | 2004 |
| Maria Analice Pereira | Dois irmãos e um desafio: o romance brasileiro contemporâneo | 2008 |
| Vaneide Lima Silva | Poesia para adolescentes: estudo crítico de obras e vivências em sala de aula | 2009 |
| Jaquelânia Aristides Pereira | De Versos (E) Acordes: o (EN) cantamento do verbo em Cecília Meireles | 2010 |

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELO PROF. DR. JOSÉ EDILSON DE AMORIM - PPGL-UFPB | | |
|--|--|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Virna Lucia Cunha de Farias | Adaptação de obra de ficção: uma experiência válida? | 2004 |
| Kalina Naro Guimarães | Leitura sobre a melancolia em contos de Lygia Fagundes Teles | 2006 |

| TESES DE DOUTORADO ORIENTADAS PELO PROF. DR. JOSÉ EDILSON DE AMORIM - PPGL-UFPB (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba | | |
|---|--|------------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Verônica de Fátima G. de Moura | Perspectivas e possibilidades do estudo poético da canção popular brasileira no ensino de literatura no nível médio | 2009 |

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELA PROF. DRA. SOCORRO DE FÁTIMA PACÍFICO BARBOSA - PPGL-UFPB | | |
|---|---|------------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Girlene Marques Formiga | As Aventuras de Pinóquio e Cuore: representações da crian- ça leitora, dos livros e da escola | 2004 |
| Moama Lorena de L. Marques | Literatura em minha casa: uma história sobre leitura, literatura e leitores | 2007 |
| Keila da Silva Fragoso | Corpo e voz, livro e escrita nas práticas de leitura da Biblioteca Livro em Rodas | 2007 |
| Gilsa Elaine de Lima Ribeiro | A internet como suporte de lei- tura literária: a leitura da poesia no blog | 2009 |

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELA PROFESSORA DRA. ANA CRISTINA MARINHO LÚCIO – PPGL-UFPB | | |
|--|--|------------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Maria Laura de Albuquerque Maurício | Aboio: o canto que encanta e a experiência da poesia popular na escola | 2006 |

| | | |
|-------------------------------------|--|------|
| Andréa Maria Araújo Lacerda | Vamos todos cirandar: a literatura infantil, a cultura popular e a escola | 2006 |
| Kelly Sheila Inocêncio Costa | <i>A Farsa da Boa Preguiça</i> na sala de aula: o ideário cristão e o riso entre a cultura popular e a erudita | 2006 |
| Hildenia Onias de Sousa | Literatura em minha casa: circulação e recepção em uma escola pública de Pombal-PB | 2007 |
| Brígida Figueiredo Costa de Queiroz | Proposições didáticas para a exploração escolar das potencialidades pedagógicas dos contos populares | 2007 |
| Josivaldo Custódio da Silva | Literatura de cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula | 2007 |
| Luciany Aparecida Alves Santos | A encenação do popular: a literatura de cordel no espaço da migração | 2009 |

| TESES DE DOUTORADO ORIENTADAS PELA PROF. Dra. ANA CRISTINA MARINHO LÚCIO – PPGL-UFPB | | |
|---|--|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Florêncio Caldas de Oliveira | O ensino de Literatura na perspectiva dos gêneros literários: uma proposta de trabalho | 2010 |
| Kelly Sheila Inocêncio Costa | Dos contos de fadas às peças de Maria Clara Machado: entre pergaminhos, palimpsestos e a leitura | 2010 |

A observação das orientações realizadas chama a atenção para os seguintes pontos: 1. Nesta fase inicial da linha, as questões pesquisadas voltam-se ora para os problemas de abordagem da literatura em livros didáticos, ora para autores(as) da literatura

infanto-juvenil, neste caso, sem que haja uma atuação mais específica sobre ensino. Os próprios orientadores parecem buscar uma ponte entre a perspectiva da crítica literária, a cuja formação todos estão ligados, e a reflexão sobre os problemas que afetavam o ensino de Literatura. 2. Inicia-se uma perspectiva que parece se prolongar até o presente momento: são as pesquisas que têm um caráter de intervenção, com experimentos realizados no ensino básico. Registre-se aqui a influência das pesquisas em Educação e em Linguística Aplicada, sobretudo no que se refere à intervenção e/ou observação em sala de aula; no entanto, com uma fundamentação teórica filiada à estética da recepção e, mais especificamente, lançando mão do que se denomina método recepcional (BORDINI; AGUIAR, 1988).

Buscou-se, com estas pesquisas, muitas delas de caráter participante, responder a indagações voltadas para possibilidades de leituras literárias de diferentes temas em espaços e séries as mais diversas. Um objeto bastante investigado foi o livro didático de literatura, instrumento responsável por guiar, metodológica e conteudisticamente o ensino de Literatura. Também se discutiram questões relativas a projetos de distribuição de livros do Governo Federal, como a coleção *Literatura em minha casa* e questões relativas à adaptação de obras literárias. Destaquem-se também, como pioneiras, as pesquisas que articulavam a literatura popular ao ensino. Se, no geral, pensar o ensino de Literatura se constituía um problema no âmbito acadêmico, trazer a literatura popular era ainda mais problemático. Daí a importância de pensar possibilidades de abordagem dos gêneros populares como o aboio, o conto popular, a literatura de cordel e a ciranda. Ou ainda pesquisar o diálogo de algumas destas manifestações da cultura popular com obras literárias canônicas, como algumas peças de Ariano Suassuna.

Ao todo, foram defendidas, entre 2002 a 2010, dezoito dissertações de mestrado e sete teses de doutorado.

c) A criação do POSLE-UFCG

Com a criação da Universidade Federal de Campina Grande em 2002, o grupo de professores responsáveis pela linha de pesquisa Linguagem e Ensino, no PPGL, concluiu as orientações iniciadas, mas decidiu dar início a um projeto de mestrado próprio. Apenas os dois professores de literatura optaram por continuar contribuindo com o PPGL-UFPB. Em 2004, foi aprovado pela CAPES o mestrado em Linguagem e Ensino da UFCG. Manteve-se, basicamente, a estrutura da linha de pesquisa ligada ao PPGL, bem como a linha de pesquisa “Literatura e ensino”; e novas disciplinas foram criadas, como Literatura de cordel. Nesta fase, além dos professores José Edilson de Amorim e José Hélder Pinheiro Alves, juntaram-se à equipe as professoras Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega e Dra. Márcia Tavares Silva.

Dá-se continuidade ao trabalho que vinha sendo realizado na UFPB, agora com a participação de novos pesquisadores.

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELO PROF. DR. JOSÉ HÉLDER PINHEIRO ALVES – POSLE-UFCG | | |
|---|---|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Raquel Brito de Lucena | Monteiro Lobato contista: da análise à sala de aula | 2007 |
| Janaína da C. J. Lira | Cordel na comunidade | 2007 |
| Diná Menezes da Silveira | Leitura de poesia: uma experiência na alfabetização | 2007 |

| | | |
|------------------------------------|--|------|
| Rute Pereira Alves de Araújo | A recepção da leitura literária: uma experiência com livros da coleção <i>Literatura em minha casa</i> | 2007 |
| Kléber José Clemente dos Santos | O balé dos canibais | 2007 |
| Raquel Brito de Lucena | Entre boneca, rosas e retalho da vida: recepção de Lobato na sala de aula | 2008 |
| Janaína da Conceição Jerônimo Lira | Cordel na comunidade: formando leitores entre o riso, o silêncio e o encantamento | 2008 |
| Fernanda Chaves Bezerra de Moura | Brincando com a bicharada: a leitura de sextilhas e folhetos no ensino fundamental 1 | 2009 |
| Evaldo da Mota Silveira | A poesia de Manuel Bandeira em livros didáticos de literatura do ensino médio | 2009 |
| Alyere Silva Farias | Encontro com Lalino e Cancão: estranhamentos e parecenças na vivência do texto literário em sala de aula | 2010 |
| Ana Paula Sousa Silva | Entre brincadeiras, natureza e canções: recepção de poemas infantis de Cecília Meireles | 2010 |
| Caroline Mabel Macedo Santos | Metalinguagem e ensino: vivência com poemas de Ferreira Gullar | 2010 |

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELO
PROF. DR. JOSÉ EDILSON DE AMORIM - POSLE-UFCG

| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
|----------------------------|---|---------------|
| Jacklaine de Almeida Silva | Com Graça na escola | 2008 |
| Isaías de Oliveira Ehrich | Entre os apitos da Casa-de-força, A barragem: da análise textual à sala de aula | 2009 |

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELA PROF. DRA. MARIA MARTA DOS SANTOS S. NÓBREGA - POSLE-UFCG | | |
|---|---|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Marcelo Medeiros da Silva | Falando de leitura, poesia e amor com alunos egressos da Educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso | 2006 |
| Shirley Barbosa das Neves Porto | De poesia, muitas vozes, alguns sinais: vivências e descobertas na apreciação e leitura de poemas por surdos | 2007 |
| Marta Lúcia Nunes | Literatura e vestibular: a leitura literária pelo método recepcional na 3ª série do ensino médio | 2007 |
| Massillania Ferreira Gomes | O menino que carregava água na peneira: do estudo do texto à experiência em sala de aula | 2008 |
| Daniela da Silva Araújo | Das brincadeiras de roda e o encantamento dos poemas infantis: vivências literárias por alunos do ensino fundamental | 2008 |
| Isabelle de Araújo Pires | Poemas visuais e recepção no ensino médio | 2009 |
| Andreia Bezerra de Lima | A influência da cultura popular na poesia de Manuel Bandeira | 2009 |
| Gesimiel Rodrigues Santos | A sátira nas <i>Cartas Chilenas</i> , de Tomás Antonio Gonzaga, e nas <i>Novas Cartas Chilenas</i> , de José Paulo Paes: indicações críticas e ensino | 2010 |

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELA PROF. DRA. MÁRCIA TAVARES SILVA - POSLE-UFCG | | |
|--|---|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Joelma Dantas de Araújo | A formação do professor e a prática do ensino de leitura do texto literário: tecendo caminhos | 2005 |

| | | |
|------------------------------------|--|------|
| Severina Diosilene da Silva Maciel | Um olhar sobre a família em <i>A Bolsa Amarela</i> : entre o texto e a sala de aula | 2007 |
| Keith Glauk Menezes de Andrade | Uma leitura do cotidiano: a crônica de Fernando Sabino em sala de aula | 2007 |
| Rafael José de Melo | Da imaginação às páginas, do livro à sala de aula: Cinderela em <i>Narizinho Arrebitado</i> e em <i>Cara de Coruja</i> | 2007 |
| Kalina Lúgia Pereira Soares | Da leitura do espaço ao espaço da leitura: um estudo sobre <i>A cama</i> , de Lygia Bojunga Nunes | 2008 |
| Joyce Kelly Barros da Silva | O leitor e a janela da torre: a perspectiva narrativa e a interpretação de <i>São Bernardo</i> por alunos de História | 2010 |
| Maria Fernandes Praxedes | Cemitério, formigas e caçada: leitura com suspense em Lygia Fagundes Telles | 2010 |

A observação do quadro geral das dissertações revela a predominância de experimentos realizados no ensino básico - fundamental 1 e 2 e ensino médio. Vários são os gêneros literários trabalhados na sala de aula - contos, crônicas, poemas, folhetos de cordel, narrativas infantis, literatura dramática, romance tradicional, além do trabalho com a literatura africana e afro-brasileira.

A perspectiva teórica que preside essas pesquisas está fundada na estética da recepção, sobretudo no que diz respeito à valorização do leitor. Em muitos experimentos realizados, lançou-se mão do *método recepcional*, formulado por Aguiar e Bordini (1988) com base na estética da recepção. Alia-se, portanto, uma teoria literária que valoriza o leitor a uma metodologia que favorece ouvir a voz deste leitor, acolher e discutir, coletivamente, os sentidos que ele atribui aos textos literários lidos. Bebe-se, por outro lado, em métodos da pesquisa etnográfica para orientar os passos das

intervenções. A partir dos experimentos, realiza-se uma reflexão acerca dos resultados, visando elucidar a voz do leitor, as peculiaridades dos sentidos inferidos, o diálogo entre o grupo, as dificuldades de aproximação do texto literário, os encantamentos, as indiferenças, etc. Nesta perspectiva adotada, destaca-se o papel do professor como mediador da leitura e não como um transmissor de um saber literário.

Resulta do conjunto de experimentos a certeza de que, quando se busca uma metodologia mais dialógica, um respeito à voz dos sujeitos leitores, tem-se a possibilidade de formar leitores capazes de se posicionarem ante os textos e não serem meros repetidores de interpretações já consolidadas. Portanto, as pesquisas buscaram um modelo de ensino que foge ao historicismo mecânico que predomina, sobretudo, no nível médio de ensino, apontando alternativas diversas para um ensino de Literatura que contribua efetivamente para a formação de leitores.

d) Outras experiências

I- Verbena Rocha

No programa de Pós-Graduação da UNEB, em Salvador, destacamos o trabalho da professora Verbena Maria Rocha Cordeiro, cujos projetos de pesquisa, ao longo da primeira década do século XXI, voltam-se, direta ou indiretamente, para questões de ensino. Especificamente, em “Histórias de leituras” (2005-2010), uma das questões de pesquisa é “como constitui-se o horizonte de expectativas dos alunos, considerando a história de leitura que cada um carrega desde sua infância?”.

Entre 2007 a 2010, foram defendidas oito dissertações, cujas temáticas envolvem “mulheres leitoras do curso de Letras”,

biblioteca itinerante, “recepção da literatura infantil em crianças de uma escola pública”, “saberes literários docentes”, entre outras.

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELA PROF. DRA. VERBENA MARIA ROCHA CORDEIRO – PPGE-UNEBE | | |
|--|--|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Priscila Lícia de Castro Cerqueira | Saberes literários e docência: (re) constituindo caminhos na (auto) formação de professores leitores | 2007 |
| Leidinalva Amorim Santana das Mercês | Histórias cruzadas: narrativas de leitura de mulheres negras da EJA | 2008 |
| Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima | Nas malhas da leitura: perfil leitor e práticas culturais de leitura de professores e professoras rurais da comunidade de Arrodeador - Jaborandi – Bahia | 2008 |
| Denise Dias de Carvalho Sousa | Do caixote à prateleira: um olhar investigativo sobre as mulheres-leitoras do curso de Letras | 2008 |
| Rodrigo Matos de Souza | Leitores do Rodapalavra: representando percursos | 2008 |
| Zélia Malheiros Marques | Entre viagens, leituras e leitores: a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira | 2009 |
| Maria Elena Vilanova Lois Barreto | Caminhos feitos de palavras: a recepção da literatura infantil em crianças de uma escola pública | 2009 |
| Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo | Dos cacauzeiros aos umbuzeiros: percurso de recepção das narrativas <i>Os magros e A enxada e a mulher que venceu o próprio destino</i> , de Euclides Neto | 2010 |

A perspectiva teórica que parece presidir as pesquisas filia-se à estética da recepção e à história da leitura, com destaque

para pesquisas voltadas para mulheres leitoras em diferentes grupos e situações.

II - Maria do Socorro Rios Magalhães

Entre 1998 a 2001, no mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí, a pesquisadora Maria do Socorro Rios Magalhães orientou três dissertações voltadas para a escola. Uma delas direcionada ao ensino médio, e outra à “pré-escola”. Já no mestrado em Letras, da mesma universidade, localizamos duas dissertações que também pesquisaram questões de ensino, mas cuja data está fora do campo pesquisado aqui.

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELA PROF. DRA. MARIA DO SOCORRO RIOS MAGALHÃES - MESTRADO EM LETRAS E EM LETRAS - UFPI E UESPI | | |
|---|--|------------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Antonia Ellen Alves do Santos | Por uma antologia poética piauiense de recepção infantil e juvenil: rearranjando textos para o leitor em formação | 2014 |
| Josefina Ferreira Gomes de Lima | Poesia infantil e literatura de cordel: forma, sonoridade e temas | 2014 |
| Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do Rego | Leitura literária na escola: representações de alunos do ensino médio | 2001 |
| João Evangelista das Neves Araújo | A leitura e o leitor escolar: a busca de uma tipologia | 1999 |
| Joseane Maia Santos Silva | A literatura infantil na pré-esco- la: formação de leitores | 1998 |

Deixamos no quadro duas dissertações de 2014 para mostrar que a preocupação com o ensino permanece no rol de interes-

se da pesquisadora, embora a pós-graduação se volte mais para a crítica literária.

III - Lívia Suassuna

Em outra pós-graduação em Educação, agora na UFPE, vamos também encontrar pesquisas voltadas para o ensino de Literatura. Pontualmente, poderemos encontrar dissertações e teses num ou noutro programa de pós-graduação. É o caso da importante pesquisa “Interação texto-leitor na escola: dialogando com contos de Gilvan Lemos”, de Ivanda Maria Martins Silva, tese de doutorado defendida em 2003, sob a orientação de Maria da Piedade Moreira de Sá, no PPGLE da UFPE. Em 2010, vamos encontrar uma dissertação de mestrado orientada pela pesquisadora denominada “Ensino de leitura literária - um estudo comparativo”, de Amanda Silva F. da Costa. Lívia orientou ainda uma dissertação e uma tese abordando questões importantes ligadas ao ensino de literatura em 2013 e 2016, respectivamente, que, embora fora do lastro temporal estipulado para este artigo, merecem ser referidos, uma vez que demonstram que a questão do ensino de Literatura vem ganhando mais espaço na pós-graduação.

| DISSERTAÇÕES DE MESTRADO ORIENTADAS PELA PROF. DRA. LÍVIA SUASSUNA - MESTRADO EM EDUCAÇÃO – UFPE | | |
|---|--|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| Marta da Silva Aguiar | Teoria da literatura e a formação inicial do professor de Literatura em Instituições de Ensino Superior particulares | 2013 |
| Amanda Silva Falcão da Costa | Ensino de leitura literária - um estudo comparativo | 2010 |

| TESES DE DOUTORADO ORIENTADAS PELA PROF. DRA. LÍVIA SUASSUNA - DOUTORADO EM EDUCAÇÃO – UFPE | | |
|--|---|---------------|
| NOME | TÍTULO | ANO DE DEFESA |
| José Jacinto dos Santos Filho | A formação do formador de leitores do texto literário numa relação com a pintura, a fotografia e o cinema | 2016 |

Observamos, tanto no trabalho da professora Verbena Rocha quanto no de Socorro Rios, a influência trazida das pesquisas de doutorado realizadas por ambas na PUCRS, orientadas pela professora Vera Teixeira de Aguiar. Ampliam-se, a partir daí, as pesquisas apoiadas nas teorias da história da leitura e da estética da recepção.

3. Considerações finais

Por certo, um levantamento preciso da pesquisa em ensino de Literatura no Nordeste demandaria um tempo de investigação em bibliotecas de cursos de Letras e Educação das mais diversas universidades da região. Não cotejamos, por exemplo, universidades particulares, nem todos os programas de pós-graduação em Educação. Também os cursos de pós voltados para crítica literária, literatura comparada, historiografia podem conter, eventualmente, trabalhos voltados para o ensino.

Os dados apresentados aqui revelam que, a partir do início do século XXI, há um significativo aumento das pesquisas voltadas para o ensino de Literatura nos diferentes graus de ensino e abordando diferentes gêneros literários. Várias questões ficam abertas para pesquisas mais pontuais de mestrado ou doutorado. Por exemplo, que apoio teórico vem respaldando estas pes-

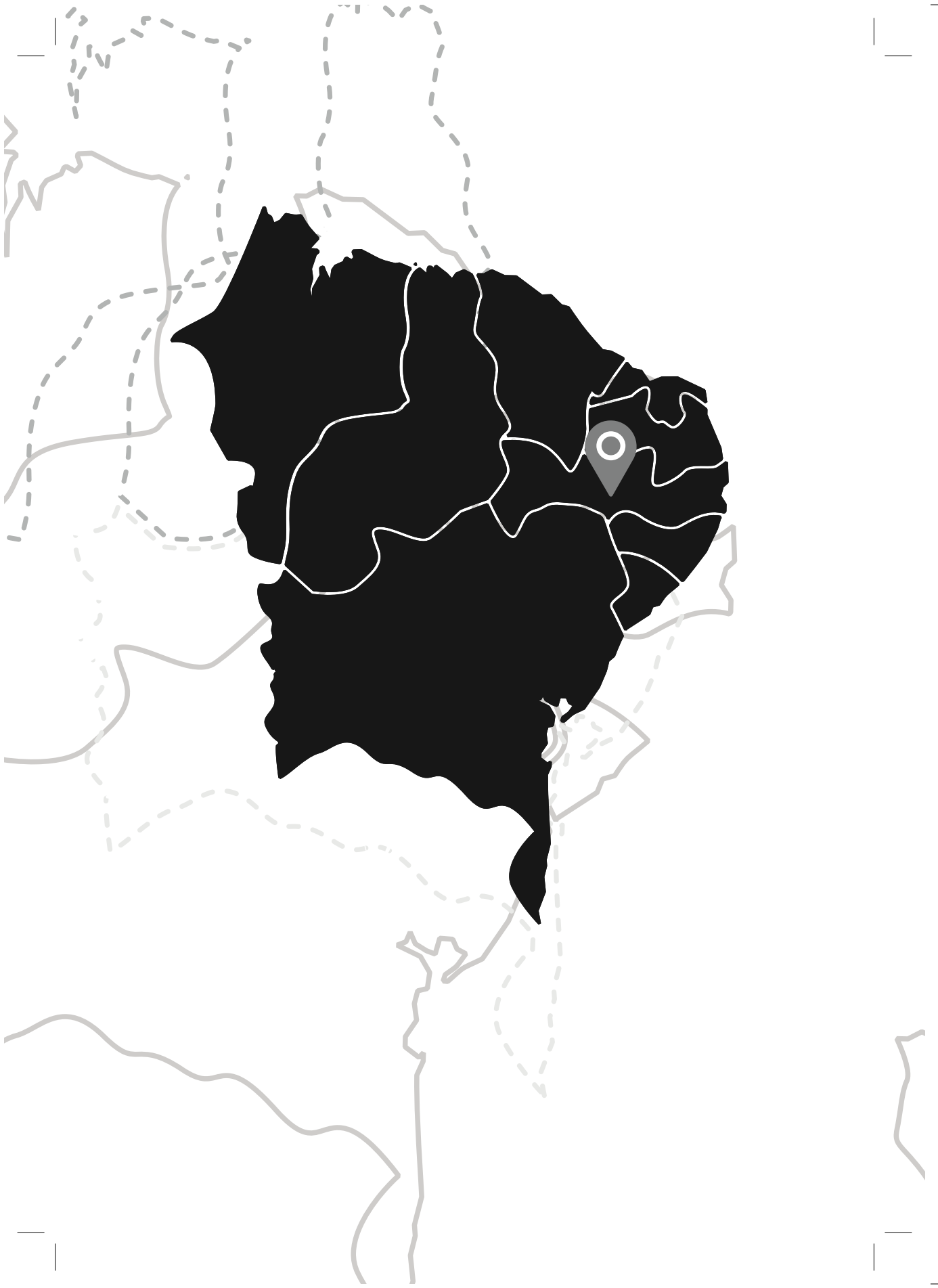
quisas? Que objetos de pesquisa foram mais trabalhados - livro didático? Pesquisa de intervenção? Acompanhamento de práticas escolares diversas? Busca de procedimentos metodológicos? Que gêneros literários foram mais e menos privilegiados? Que repercussões estas pesquisas tiveram no âmbito de secretarias de educação municipais e estaduais? Que publicações nasceram destas pesquisas - em livros e revistas, anais de congressos? Portanto, trata-se de um campo aberto para pesquisas que poderão elucidar algumas questões, mostrar contribuições e limites a serem superados.

Um aspecto parece recorrente nas mais diversas pesquisas: a busca de alternativas metodológicas que privilegiem uma aproximação efetiva do texto com o leitor, fugindo do pragmatismo que sempre presidiu o trabalho com o texto literário nos mais diversos níveis de ensino. Decorre daí uma concepção diferenciada do papel do professor que, nos contextos destas pesquisas, tem um papel de mediador no encontro do leitor com o texto e não meramente o de transmissor de um saber.

Embora o resultado destas pesquisas ainda não tenha chegado à escola de um modo mais abrangente - uma vez que a mentalidade de uso pragmático da literatura ainda está muito arraigado na prática de professores -, há mudanças significativas em muitas práticas, como atestam centenas de comunicações orais apresentadas por educadores em congressos como ENLIJE e SELIMEL, da UFCG; SEL, da UFRN; ELLUNEB, na UNEB e outros mais recentes que estão se consolidando.

Importante assinalar, ainda, que os eventos do GELNE sempre acolheram trabalhos voltados para literatura e literatura e seu ensino. A partir da gestão de 2007-2008, que sediou o evento na UFAL, abriu-se espaço para mesas-redondas e palestras voltadas para o ensino de Literatura. A partir daí, todas as Jornadas do

GELNE, além da colocação da Literatura e seu ensino como uma área temática para apresentação de trabalhos, trouxe em sua programação mesas e palestras sobre o tema. Na gestão 2009-2010, na UFPI, em Teresina, as duas publicações que resultaram do evento trazem artigos voltados para o ensino de Literatura. Na Jornada de 2011-2012, ocorrida em Natal, foi publicado um livro discutindo os problemas e perspectivas para o ensino da Literatura. Entre 2015-2018, em Garanhuns e Recife, continuou-se a abrir espaço para a reflexão voltada para o ensino de literatura.



A LITERATURA POPULAR NO FOCO DAS PESQUISAS EM PÓS-GRADUAÇÕES *STRICTO* *SENSU* NO NORDESTE

Josivaldo Custódio da SILVA (UPE)

1. Introdução

Nesse texto buscamos traçar uma memória dos estudos sobre literaturas populares desenvolvidos nos Programas de Pós-Graduação em Letras do Nordeste brasileiro. Pesquisas sobre a Literatura de Cordel, a Cantoria de Repente, o Romanceiro, o Cancioneiro, o Conto, o Mamulengo, o Cavalo-Marinho, entre outros tantos subgêneros orais e escritos do universo da literatura popular. O Nordeste brasileiro é uma das regiões que mais promove e valoriza essa arte popular, mesmo sabendo que ainda existam muitos descasos e desconhecimento sobre essa literatura que representa a cultura e expressão viva de um povo, especialmente nos cursos de graduação em Letras no Brasil. Ao alicerçar nossos traços identitários, alguns estudos literários ignoram a relevância da literatura popular no processo de representação e simbolização da cultura em geral. Outros, quando a utilizam como instrumento de crítica social e/ou como material lúdico, excluem o efeito estético ou a literariedade¹.

1 É importante destacarmos que muitos textos denominados de folhetos de cordel (com 8, 12 ou 16 páginas) ou de romances de cordel (com 24, 32, 48 ou 64 páginas)

Assim, uma das interrogações acerca dos gêneros poesia, prosa e teatro popular é justamente a discriminação dessa arte por parte de alguns estudiosos, talvez por ser a literatura popular, oral ou escrita, uma criação do povo, não canônica, muitas vezes produzida por pessoas simples, humildes, sem muito grau de estudo. Dessa forma, pesquisar sobre a produção de trabalhos em literatura popular nos cursos de Pós-Graduação em Letras do Nordeste é, portanto, um trabalho pioneiro no Brasil e esperamos que contribua para a visibilidade, importância e ampliação para outros Programas que ainda não abordaram esse tema, bem como uma possível inserção dessa literatura nas estruturas curriculares dos cursos de Letras do Nordeste, especialmente, possibilitando uma visão profícua do aluno sobre o universo da Literatura e Cultura Popular e, conseqüentemente, uma melhoria e ampliação significativa do ensino dessa literatura na educação básica.²

Neste texto apresentamos dados de uma pesquisa realizada no banco de teses e dissertações da CAPES sobre a produção em literatura popular realizada nos Programas de Pós-

não preenchem os requisitos desse tipo de poesia narrativa como a quantidade de páginas ou estrofes, métrica, ritmo, rima e oração, além de muitos também não apresentarem um tratamento que prima pelo efeito estético. Do mesmo modo vale a pena ressaltarmos que existem os *cordéis literários*, de fato, como a *História de Zezinho e Mariquinha*, *O Cachorro dos Mortos*, *O Romance do Pavão Misterioso*, *Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho*, *Viagem a São Saruê*, *A Chegada de Lampião no Inferno* etc; e os *circunstanciais* que sempre fizeram parte da história do cordel, inclusive, muitos com qualidades literárias, que mesmo com o objetivo de “informar” o povo sobre algo importante, narrando acontecimentos reais como a vida de Lampião, do Padre Cícero, Frei Damião, a morte de Getúlio Vargas etc, não deixavam de incrementar o texto com o tom de inventividade poética. Na atualidade, existem também aqueles denominados de *cordéis didáticos* que pouco ou quase nada possuem de literários, devido à sua própria função que é a de ensinar ou “didatizar” algum assunto, como os que abordam a poluição, doenças, primeiros socorros etc.

- 2 Em 2012 conclui o estágio de pós-doutorado na UFPE, sob a supervisão do Prof. Dr. Lourival Holanda, com pesquisa intitulada “O Ensino de Literatura Popular nos Cursos de Letras em Instituições Públicas no Nordeste”. Neste texto retomamos algumas questões que estiveram presentes naquele estudo e ampliamos outras.

Graduação em Letras do Nordeste, além de outros dados sobre o campo da pesquisa em literatura numa região que poucas vezes recebeu a atenção da imprensa, e mesmo dos órgãos de fomento à pesquisa, no que diz respeito à inovação e à mudança de paradigmas nas pesquisas acadêmicas.

2. A importância da pesquisa em literatura popular nas Pós-graduações em Letras

Historicamente, sabemos que a Literatura Popular esteve ausente do contexto escolar, passando ao largo da sala de aula e dos currículos e, principalmente, da formação de professores de Letras. Hoje, já podemos perceber uma mudança nessa prática pois, apesar da temática ser ainda incipiente nos manuais didáticos, a escolarização da Literatura Popular já é uma demanda das políticas públicas; e, é, sobretudo, uma necessidade de o cidadão ter o conhecimento de expressões variadas de sua arte e cultura.

Se por um lado, e por ser literatura, como afirma Candido (2011), a literatura é humanizadora, trazê-la adjetivada assim de “popular” é valorizar a diversidade de nossa memória, a oralidade poética (ZUMTHOR, 1997), os imaginários sociais (mito, utopia), a ideologia e a identidade cultural que carecem de estudos e sistematizações que envolvam a formação das novas gerações. Do ponto de vista teórico, os estudos em Literatura Popular que sustentam nossa ação aqui, representam, hoje, uma mudança de foco na construção dos conteúdos do saber e de ensino-aprendizagem. Desde as reflexões e desdobramentos que reverberaram nos diversos campos do conhecimento, ainda nos anos 1930, com a contribuição dos historiadores da *Escola dos Annales*, a Literatura, assim como outras áreas de conhecimento (e disciplinas escolares), já não se sustenta

mais sob um olhar fixo, rígido e parcial dos conteúdos e categorias construídos “de cima”, sem contato com o chão da atividade cultural. Embora a categoria “popular” seja, deveras, uma categoria erudita, conforme afirma Chartier (1995), torna-se muito importante colocar em cena a relação entre o cânone e a Literatura Popular, trazendo um conteúdo represado desde sempre (e ainda hoje), mas sempre pulsante e vibrante, “de dentro”, do cotidiano das camadas mais distantes dos centros de decisão e poder para o estudo/ensino/aprendizagem da história e da estética da literatura. Dessa forma, podemos promover a democratização dos saberes e manifestações artísticas e culturais silenciadas, bem como projetar a diversidade em espaços refratários. E pôr em prática o que Bakhtin (1999) chamou de “circularidade cultural”.

Segundo Young (2000, p. 33) “Todo currículo envolve pressupostos de que alguns tipos e áreas de conhecimento são mais ‘valiosos’ do que outros”. No entanto, mesmo o canônico sendo visto como superior, muitas das obras ditas canônicas dialogam com a cultura popular. Isso representa um dado importante por mostrar a relação da arte literária dentro do universo cultural e que o mestrando ou doutorando, seja ele professor da educação básica ou futuro professor do curso de Letras, precisaria saber para transmitir aos seus alunos, não apenas a relação entre o erudito (canônico) e o popular, mas a originalidade presente na literatura popular.

Há tempos, desde os anos 1970, que o ambiente acadêmico da Pós-Graduação em Letras e, principalmente, em outras áreas de conhecimento como Antropologia, Sociologia, Comunicação, Artes, História e Música, vem dedicando atenção ao complexo universo da Literatura Popular no Brasil. Todavia, a produção sobre essa literatura em alguns Programas em Letras

ainda é bastante limitada ou ausente, conforme observaremos nos dados mais adiante.

A Literatura Popular é uma arte que não existe apenas no Nordeste, ela está presente nas outras regiões do Brasil e no mundo. No Brasil, sabemos que a Literatura Oral começou com os indígenas, com seus mitos e lendas e, a partir da colonização, através da miscigenação e da hibridização cultural, foi criando meios de produção e abrindo espaços para muitos estudos. Como já dito, essa literatura existe em todas as regiões do nosso país, Nordeste, Sudeste, Sul, Centro Oeste (com as narrativas orais), Norte (com os mitos e lendas amazônicas) e se manifesta de várias formas e gêneros (poesia, prosa e texto dramático), sejam orais ou escritos. Como exemplo, temos o repente (espécie de poesia improvisada), essa forma de fazer versos não existe apenas no Nordeste, como a Cantoria de Repente, mas o Calango (MG), o Cururu (SP), o Samba de Roda (RJ), as Trovas Gaúchas (RS) e o próprio rap, ou seja, todas essas manifestações representam muitas maneiras de fazer poesia improvisada, cada uma com suas respectivas especificidades. Além do repente, muitos outros subgêneros da Literatura Popular se encontram espalhados pelo Brasil, como Cordel, Romanceiro, Cancioneiro, Conto Tradicional Popular, Causo, Mamulengo, Cavalo-Marinho, Maracatu, Fandango, Barca, Pastoril, Lapinha etc., enfim, uma variedade enorme de estilos e subgêneros da nossa Literatura Popular e que o público acadêmico – tanto o graduando quanto o mestrando e/ou doutorando em Letras precisa saber para sair da faculdade ou programa tendo o mínimo de domínio dessas manifestações literárias orais e populares.

Embora ainda sejam poucos, sabemos que em alguns cursos de Pós-Graduação em Letras do Nordeste³, como os da UFPB,

3 Na Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística - ANPOLL existe o Grupo de Trabalho - *Literatura Oral e Popular*, "criado em dezembro de 1985,

UFCG, UEPB, UFC, UEFS, UFBA, por exemplo, existem com maior frequência trabalhos e pesquisas voltadas para a Literatura Popular. Dentre todos, merecem destaque os Programas PPGL e PROLING da UFPB. Vinculado ao PPGL está o Programa de Pesquisa em Literatura Popular - PPLP, coordenado pela Prof.^a Dra. Maria de Fátima B. de Mesquita Batista. Outros dois, ligados ao PPGL e também ao PROLING, são o Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular - NUPPO, coordenado pela Prof.^a Dra. Luciana Calado Deplagne, professora permanente do PPGL e o Laboratório de Estudos da Oralidade - LEO, coordenado pelos Professores Doutores Maria Ignez Ayala e Marcos Ayala, docentes colaboradores dos Programas em Linguística e Sociologia, respectivamente.

3. A literatura popular em dados concretos

Os dados que apresentamos a seguir foram coletados durante os meses de novembro e dezembro de 2018 e janeiro de 2019 no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, na Plataforma Sucupira e nas páginas dos Programas de Pós-Graduação da área de Linguística e Literatura no Nordeste. Não fazem parte desse levantamento os programas de mestrado profissional e programas de universidades privadas. Nos programas que possuem áreas mais voltadas para os estudos de linguística e língua portuguesa foram considerados apenas os trabalhos de dissertação e tese defendidos nas linhas de estudos literários, estudos comparados ou ensino de literatura. Também foram selecionados os estudos voltados para

durante o primeiro encontro nacional da ANPOLL, em Curitiba, por sugestão da professora Idelette Muzart Fonseca dos Santos”, conforme consta no site do GT. Esse Grupo de Trabalho possui o periódico *Boitatá* (Qualis B1) no qual, semestralmente, pesquisadores de todo o Brasil e do mundo publicam artigos sobre temas ligados aos estudos de Literatura Oral e Popular.

a literatura popular nos mais variados gêneros e subgêneros, bem como trabalhos que dialogam com a literatura canônica ou erudita. Alguns programas não disponibilizam as dissertações e teses com pelo menos o resumo e palavras-chave em suas páginas. O mesmo ocorre com trabalhos catalogados na Plataforma Sucupira anteriores ao ano de 2013, portanto, foram analisados apenas os títulos, pois em quase todos os trabalhos com mais de seis anos de defesa não era possível encontrar o resumo com as respectivas palavras-chave, tanto em alguns sites dos programas quanto na Plataforma Sucupira.

Pesquisamos a produção em literatura popular em 26 Programas de Pós-Graduação em Letras (Literatura, Linguística, Linguagem etc.), distribuídos em Universidades Federais e Estaduais de todo o Nordeste, com destaque para os programas dos estados da Paraíba, Bahia e Ceará onde se concentra a maior quantidade e diversidade de pesquisas voltadas ao universo da literatura popular.

A partir desse levantamento, fizemos uma pesquisa de abordagem mista, de método dedutivo, observando nos títulos das dissertações e teses dos últimos vinte anos (1998/2018) a existência de algum nome que fizesse referência a algum gênero (poesia, prosa e drama) e subgêneros da literatura popular. Uma observação é que em alguns títulos como o da tese “Mulheres repentistas: cantadoras, emboladoras e mestra de Maracatu de Baque Solto” aparece o gênero poesia em três subgêneros: cantoria de repente, embolada e a sambada (a poesia improvisada do Maracatu de Baque Solto). Em outros, aparece mais de um gênero - poesia e drama, poesia e prosa -, inclusive apresentando relações com a literatura canônica como na dissertação “Com o cordel na mão: uma experiência de leitura com a *Viúvinha*, de José de Alencar”. São oito trabalhos (sete

dissertações e um tese) que correspondem a apenas 6% dos 133 títulos pesquisados. No geral, os dados são os seguintes:

Tabela 1: Dados quantitativos por Programa

| Estado | Programa | Nº | |
|---------|--|-------------|------|
| | | Dissertação | Tese |
| Alagoas | UFAL – Letras e Linguística (Maceió) – Mestrado e Doutorado ⁴ | 2 | 1 |
| Bahia | UNEB – Crítica Cultural (Alagoinhas) – Mestrado | 3 | - |
| | UNEB – Estudos da Linguagem (Salvador) – Mestrado | 3 | - |
| | UEFS – Estudos Literários (Feira de Santana) – Mestrado ⁵ | 12 | - |
| | UEFS – Estudos Linguísticos (Feira de Santana) – Mestrado e Doutorado ⁶ | - | - |
| | UESC – Linguagens e Representações (Ilhéus) – Mestrado | - | - |
| | UESB – Letras: cultura, educação e linguagens (Vitória da Conquista) – Mestrado ⁷ | - | - |
| | UFBA – Literatura e Cultura (Salvador) – Mestrado ⁸ e Doutorado ⁹ | 4 | 4 |
| | UFBA – Linguística (Salvador) – Mestrado e Doutorado | - | - |

4 O Programa disponibilizava um número muito pequeno de dissertações e teses para consulta.

5 As dissertações de 2013 não estavam disponíveis para consulta.

6 Doutorado implantado em 2018.

7 As dissertações não estavam disponíveis para consulta.

8 As dissertações de 2016 não estavam disponíveis para consulta.

9 As teses de 2013 não estavam disponíveis para consulta.

| | | | |
|------------|--|----|----|
| Ceará | UFC – Estudos da Tradução (Fortaleza) – Mestrado ¹⁰ | - | - |
| | UECE – Linguística Aplicada (Fortaleza) – Mestrado e Doutorado | - | - |
| | UFC – Linguística (Fortaleza) – Mestrado e Doutorado | 1 | - |
| | UFC – Literatura Comparada (Fortaleza) – Mestrado e Doutorado | 12 | - |
| Maranhão | UFMA – Letras (São Luís) – Mestrado ¹¹ | - | - |
| | UEMA – Letras (São Luís) – Mestrado ¹² | 1 | - |
| Paraíba | UFPB – Letras (João Pessoa) – Mestrado e Doutorado | 19 | 15 |
| | UFPB – Linguística (João Pessoa) – Mestrado e Doutorado | 4 | 6 |
| | UFCG – Linguagem e Ensino (Campina Grande) – Mestrado | 11 | - |
| | UEPB – Literatura e Interculturalidade (Campina Grande) – Mestrado e Doutorado ¹³ | 9 | 2 |
| Pernambuco | UFPE – Letras (Recife) – Mestrado e Doutorado ¹⁴ | 5 | 1 |
| Piauí | UESPI – Letras (Teresina) - Mestrado ¹⁵ | 2 | - |
| | UFPI – Estudos de Linguagens (Teresina) – Mestrado | 1 | - |

10 Programa iniciado em 2014.

11 Programa iniciado em 2016.

12 Programa iniciado em 2016.

13 Apenas estavam disponíveis as teses de 2015 e 2016.

14 Não estavam disponíveis as dissertações e teses dos anos de 2015 e 2016.

15 Não estavam disponíveis as dissertações de 2016.

| | | | |
|---------------------|---|-----|----|
| Rio Grande do Norte | UERN – Ciências da Linguagem (Mossoró) – Mestrado ¹⁶ | - | - |
| | UERN – Letras (Pau dos Ferros) – Mestrado e Doutorado ¹⁷ | 4 | - |
| | UFRN – Estudos da Linguagem (Natal) – Mestrado e Doutorado | 4 | 2 |
| Sergipe | UFS – Letras (São Cristóvão) – Mestrado e Doutorado ¹⁸ | 5 | - |
| Total | 26 Programas | 102 | 31 |

Conforme a tabela acima, dos 26 Programas pesquisados, oito não apresentam nenhum trabalho na área de literatura popular, ou seja, correspondem a 30,77% do total de Programas. Como o Nordeste é uma região rica em manifestações da cultura e literatura popular, tanto no aspecto quantitativo quanto qualitativo, esse percentual representa um valor significativo de cursos *stricto sensu* que não pesquisam elementos da literatura popular.

Na figura 1, podemos identificar os termos mais recorrentes que mais aparecem no contexto dos títulos encontrados. É visível que a palavra “cordel” aparece em número bem maior que as outras palavras, seguida pelos termos literatura e popular, o que significa que os trabalhos pesquisados utilizam com muita frequência esses vocábulos, confirmando a área pesquisada - literatura popular - e a supremacia das pesquisas utilizando o cordel com relação aos outros subgêneros pesquisados, conforme podemos observar no gráfico 1 mais adiante. Referindo-se aos gêneros, o caso é semelhante, pois o gênero poesia aparece bem mais vezes, dos 133 trabalhos, 116 abordam a poesia, isto corresponde a um percentual de 87,22%, ou seja, é um valor bastante significativo com relação aos outros gêneros (prosa e drama).

16 Programa iniciado em 2016.

17 O doutorado foi criado em 2015.

18 O doutorado foi criado em 2016.

| | |
|--|----|
| <i>MODELOS DE REALIZAÇÕES DISCURSIVAS NOS BENDITOS POPULARES.</i> | 1 |
| <i>NO CÉU DA BOCA DAS GENTES, TEM ESTRELA E MARAVILHAS: ATUALIZAÇÃO E PERMANÊNCIA DAS NARRATIVAS POPULARES NOS CONTOS DE ENGANAR A MORTE.</i> | 1 |
| <i>UM SER (TÃO) DE VOZES: O ESTILO E O ACABAMENTO ESTÉTICO NA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ.</i> | 1 |
| <i>UMA HISTÓRIA DE VIDA E UMA VIDA DE HISTÓRIAS MEMÓRIA E ORALIDADE NO ROMANCEIRO DE DONA MILITANA.</i> | 1 |
| ESTUDOS LITERARIOS | 12 |
| UEFS | 12 |
| <i>A CULTURA LOCAL EM SALA DE AULA: O REPENTE COMO ELEMENTO MOTIVACIONAL E IDENTITÁRIO PARA AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO.</i> | 1 |
| <i>A PRINCESA E O CORDEL REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DE FEIRA DE SANTANA EM FOLHETOS DA LITERATURA DE CORDEL: A FEIRA DE GADO, O VAQUEIRO E A FEIRA LIVRE.</i> | 1 |
| <i>AS REPRESENTAÇÕES DE LAMPIÃO EM FOLHETOS DE FRANKLIN MAXADO.</i> | 1 |
| <i>COMICIDADE E PICARDIA NA LITERATURA DE CORDEL: AS PROEZAS DE MARIA BESTA SABIDA.</i> | 1 |
| <i>CORDEL NA BAHIA: LITERATURA POPULAR MULTIFACETADA.</i> | 1 |
| <i>NOS BASTIDORES DO LABIRINTO: ESTUDO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE FRANKLIN MAXADO.</i> | 1 |
| <i>O CORDEL DE AUTORIA FEMININA: TRADIÇÃO, RASURAS, IMAGENS.</i> | 1 |
| <i>O JOGO DO DESAFIO: ASPECTOS DRAMÁTICOS DA POESIA POPULAR.</i> | 1 |
| <i>PATATIVA DO ASSARÉ ALÉM DA INSPIRAÇÃO: INTERAÇÕES ORALIDADE/ESCRITA NA POESIA POLÍTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ.</i> | 1 |
| <i>RITMO E POESIA NO NORDESTE BRASILEIRO: CONFLUÊNCIAS DA EMBOLADA E DO RAP.</i> | 1 |
| <i>ROTAS DO SERTÃO: PATATIVA DO ASSARÉ E EUCLIDES DA CUNHA ENTRE IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO.</i> | 1 |

| | |
|--|-----------|
| UM ENTRECRUZAR DE HISTÓRIAS, SÍMBOLOS E ESTÓRIAS: O CORDEL ICONOGRÁFICO DE LÊNIO BRAGA. | 1 |
| LETRAS | 53 |
| UEMA | 1 |
| <i>A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SERTANEJA EM INVENÇÃO DO NORDESTE, DE PATATIVA DO ASSARÉ.</i> | 1 |
| UERN | 4 |
| <i>A POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ COMO VOZ DE RESISTÊNCIA À CONDIÇÃO SUBALTERNA: UMA LEITURA ACERCA DO SERTANEJO NORDESTINO.</i> | 1 |
| <i>A VOZ POÉTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ: RETRATO CONFLITUOSO DA IDENTIDADE NORDESTINA.</i> | 1 |
| <i>ANÁLISE DISCURSIVA DA FIGURA DE PADRE CÍCERO NA LITERATURA DE CORDEL: ENTRE O INTERDISCURSO E O ETHOS.</i> | 1 |
| <i>AS IMAGENS DO NORDESTE: O INTERDISCURSO E O ETHOS NA LITERATURA DE CORDEL.</i> | 1 |
| UESPI | 2 |
| <i>POESIA INFANTIL E LITERATURA DE CORDEL: FORMA, SONORIDADE E TEMAS.</i> | 1 |
| <i>PRÁTICAS LITERÁRIAS NA ESCOLA COM O GÊNERO CORDEL: DO FOLHETO AO CIBERESPAÇO.</i> | 1 |
| UFPB | 34 |
| <i>A CARACTERIZAÇÃO DO SER NA CULTURA NORDESTINA: UMA LEITURA SEMIÓTICA DOS FOLHETOS DE CORDEL DE ACONTECIMENTO.</i> | 1 |
| <i>A ENCENAÇÃO DO POPULAR: A LITERATURA DE CORDEL NO ESPAÇO DE MIGRAÇÃO.</i> | 1 |
| <i>A GUERRA DE PRINCESA NA LITERATURA POPULAR: MEMÓRIA E PRODUÇÃO CULTURAL..</i> | 1 |
| <i>A LINGUAGEM REGIONAL/POPULAR DO POETA ZÉ VICENTE DA PARAÍBA: GLOSSÁRIO LÉXICO-SEMÂNTICO.</i> | 1 |
| <i>A MORTE DE JOÃO PESSOA E A REVOLUÇÃO DE 30: UMA ABORDAGEM SOCIOSEMIÓTICA DO FOLHETO DE CORDEL DE LUIZ NUNES ALVES.</i> | 1 |
| <i>A MULHER NA LITERATURA DE CORDEL: UMA ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA.</i> | 1 |

| | |
|---|---|
| A MULHER NEGRA MAPEADA: TRAJETO DO IMAGINÁRIO POPULAR NOS FOLHETOS DE CORDEL. | 1 |
| A TERRA, A VIDA E A GENTE CARIRIENSE EM NARRATIVAS EPISTOLARES DE PATATIVA DO ASSARÉ | 1 |
| A VOZ EM CANTO: DE MILITANA A MARIA JOSÉ, UMA HISTÓRIA DE VIDA | 1 |
| A VOZ FEMININA NA CANTORIA DE REPENTE: ASPECTOS SEMIÓTICOS E DISCURSIVOS. | 1 |
| ABOIO, O CANTO QUE ENCANTA: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA POPULAR CANTADA NA ESCOLA. | 1 |
| CORDEL EM BRAILLE: PROCEDIMENTOS SEMIÓTICOS DA TRANSCODIFICAÇÃO | 1 |
| CUMADE FULOZINHA. UM ESTUDO DO IMAGINÁRIO POPULAR NO CONTEXTO DA COMUNIDADE NARRATIVA. | 1 |
| DA ORALIDADE À ESCRITA: UMA LEITURA SEMIÓTICA DE NARRATIVAS TRADICIONAIS POPULARES | 1 |
| DA SINGULARIDADE DO HOMEM À MULTIPLICIDADE DO EU: ENUNCIÇÃO E SUBJETIVIDADE NA LITERATURA POPULAR. | 1 |
| EXPRESSÕES DA IDENTIDADE CULTURAL DO HOMEM NORDESTINO NAS NARRATIVAS TRADICIONAIS DE VALENTIA: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA. | 1 |
| LAPINHA EM CENA: UMA DANÇA DRAMÁTICA E SUA MEMÓRIA CULTURAL | 1 |
| LITERATURA DE CORDEL: UM FAZER POPULAR A CAMINHO DA SALA DE AULA. | 1 |
| LITERATURA POPULAR DE CORDEL: DOS CICLOS TEMÁTICOS À CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA. | 1 |
| NOVAS CARTOGRAFIAS NO CORDEL E NA CANTORIA: DESTERRITORIALIZAÇÃO DE GÊNERO NAS POÉTICAS DAS VOZES | 1 |
| O APOCALIPSE NA LITERATURA DE CORDEL: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA. | 1 |
| O CONTO NA LITERATURA POPULAR: PERCURSO GERATIVO DA SIGNIFICAÇÃO. | 1 |
| O ESPETÁCULO SEMIÓTICO DO CANCIONEIRO DA PARAÍBA: CANTO, GESTO E VERBALIZAÇÃO. | 1 |

| | |
|--|---|
| O ESPETÁCULO SEMIÓTICO DO MARACATU RURAL DA ZONA DA MATA NORTE PERNAMBUCANA. | 1 |
| O FAZER SEMIÓTICO DO CONTO POPULAR NORDESTINO: INTERSUBJETIVIDADE E INCONSCIENTE COLETIVO. | 1 |
| O MUNDO DE JOVE (A HISTÓRIA DE VIDA DE UM CANTADOR DE COCO) | 1 |
| O ROMANCEIRO IBÉRICO DE AMOR DESGRAÇADO: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA. | 1 |
| PÉROLAS DA CANTORIA DE REPENTE EM SÃO JOSÉ DO EGITO NO VALE DO PAJEÚ: MEMÓRIA E PRODUÇÃO CULTURAL. | 1 |
| REDEMOINHOS NA ENCRUZILHADA DO IMAGINÁRIO IBEROPARAIBANO: PACTOS DA MULHER COM O DIABO DO MEDIEVAL AOS FOLHETOS DE CORDEL. | 1 |
| REINVENÇÃO DA CULTURA POPULAR NA MÚSICA DE BETO BRITO: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA | 1 |
| VERSOS E ESPETÁCULO NO CAVALO-MARINHO DE VÁRZEA NOVA | 1 |
| VOZES DA FLORESTA: A MITOLOGIA CABOCLA EM NARRATIVAS ORAIS ACREANAS. | 1 |
| VOZES MARGINAIS NA LITERATURA DE CORDEL: A OBRA DE DONA CÍCERA MARTINIANO A LUZ DA SEMIÓTICA DAS CULTURAS. | 1 |
| VOZES MARGINAIS: A OBRA DA CORDELISTA D. CÍCERA À LUZ DA SEMIÓTICA DAS CULTURAS. | 1 |
| UFPE | 6 |
| <i>A ATUALIDADE DA LITERATURA DE CORDEL</i> | 1 |
| <i>AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS FEMININAS NO CORDEL: DO SÉCULO XX AO XXI</i> | 1 |
| <i>ENCRUZILHADAS: ENCONTROS E OPOSIÇÕES NOS CORDÉIS DE MANOEL PEREIRA SOBRINHO.</i> | 1 |
| <i>MULHERES-REPENTE: VOZES FEMININAS NO REPENTE NORDESTINO.</i> | 1 |
| <i>O MITO DO CANGACEIRO NO CORDEL.</i> | 1 |
| <i>REPENTE: DO CANTO ÁRABE AOS SERTÕES NORDESTINOS.</i> | 1 |
| UFPI | 1 |

| | |
|---|-----------|
| <i>ENTRE IMPROVISOS E REPRESENTAÇÕES: ZÉ DA PRATA E A PRÁTICA REPENTISTA.</i> | 1 |
| UFS | 5 |
| <i>“CORDEL DE SAIA”: AUTORIA FEMININA NO CORDEL CONTEMPORÂNEO.</i> | 1 |
| <i>A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO.</i> | 1 |
| <i>A MELOPOÉTICA DO SERTÃO DO MOXOTÓ : UMA ANÁLISE DA POESIA ORAL DO CORDEL DO FOGO ENCANTADO.</i> | 1 |
| <i>CARACTERIZAÇÃO DE REZAS POPULARES NO MUNICÍPIO DE ITABAIANA-SE: UMA ANÁLISE SOCIODISCURSIVA.</i> | 1 |
| <i>QUATRO REPRESENTAÇÕES DE ZUMBI DOS PALMARES EM CORDEL ÉPICO.</i> | 1 |
| LETRAS E LINGUÍSTICA | 3 |
| UFAL | 3 |
| <i>A PERMANÊNCIA DO CICLO MÍSTICO-RELIGIOSO NA LITERATURA DE CORDEL E SUA CORRELAÇÃO COM OS NÍVEIS DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL.</i> | 1 |
| <i>LITERATURA DE CORDEL: HIBRIDISMO E CARNAVALIZAÇÃO EM LEANDRO GOMES DE BARROS.</i> | 1 |
| <i>O IMAGINÁRIO SOCIAL NA LITERATURA DE CORDEL: UMA ABORDAGEM PSICOLÓGICA E SÓCIOCULTURAL DA POESIA DE LEANDRO GOMES DE BARROS.</i> | 1 |
| LINGUAGEM E ENSINO | 11 |
| UFCG | 11 |
| <i>A EMBOLADA NA SALA DE AULA: RECEPÇÃO, VOCALIDADE E PERFORMANCE.</i> | 1 |
| <i>A LITERATURA DE CORDEL E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES</i> | 1 |
| <i>COM O CORDEL NA MÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA COM A VIUVINHA DE JOSÉ DE ALENCAR.</i> | 1 |
| <i>CORDEL NA COMUNIDADE: FORMANDO LEITORES ENTRE O RISO, O SILÊNCIO E O ENCANTAMENTO</i> | 1 |
| <i>DE CALÇA CURTA E CHINELA: A POESIA DE ANTÔNIO FRANCISCO NA SALA DE AULA.</i> | 1 |

| | |
|--|----|
| <i>ENCONTRO COM LALINO E CANÇÃO: ESTRANHAMENTOS E PARECENÇAS NA VIVÊNCIA DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA.</i> | 1 |
| ENTRE CIGARRAS E FORMIGAS: LEITURAS E RECEPÇÃO DE ESOPHO, LA FONTAINE, LOBATO E MANOEL MONTEIRO NO ENSINO FUNDAMENTAL I. | 1 |
| FORMANDO PROFESSORES LEITORES A PARTIR DE FOLHETOS DE CORDEL. | 1 |
| O TEXTO DRAMÁTICO E O FOLHETO DE CORDEL: A LITERATURA POPULAR EM SALA DE AULA. | 1 |
| POR UM ENSINO COM GRAÇA: LITERATURA E HUMOR NA SALA DE AULA. | 1 |
| ROMANCE (RE)CONTADO EM PROSA E VERSO: DIÁLOGOS ENTRE O “CLÁSSICO” E A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA. | 1 |
| LINGUÍSTICA | 1 |
| UFC | 1 |
| <i>A MULHER NA LITERATURA DE CORDEL: UMA ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA.</i> | 1 |
| LITERATURA COMPARADA | 12 |
| UFC | 12 |
| <i>A CRIAÇÃO POÉTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ.</i> | 1 |
| <i>A LITERATURA DE CORDEL NO NOVO ESPAÇO URBANO: TRAJETÓRIA, INOVAÇÃO E RUPTURAS.</i> | 1 |
| <i>A MISOGINIA MEDIEVAL COMO RESÍDUO NA LITERATURA DE CORDEL.</i> | 1 |
| <i>A MITIFICAÇÃO DAS FIGURAS EMBLEMÁTICAS DE PADRE CÍCERO E LAMPIÃO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL.</i> | 1 |
| <i>A PERFORMANCE NA CANTORIA NORDESTINA E NO SLAM.</i> | 1 |
| <i>ASPECTOS SONOROS DA POESIA POPULAR MUSICADA NA LITERATURA INFANTIL.</i> | 1 |
| <i>CICLO CAROLÍNGIO COMO DIVISOR DE ÁGUAS NAS LITERATURAS PORTUGUESA DE CORDEL E BRASILEIRA DE FOLHETOS.</i> | 1 |
| <i>LISÍSTRATA: ESTUDO E ADAPTATRADUÇÃO PARA O TEATRO DE BONECOS.</i> | 1 |

| | |
|--|----|
| <i>O GROTESCO: RESÍDUOS MEDIEVAIS NO CORDEL DE METAMORFOSE CONTEMPORÂNEO.</i> | 1 |
| <i>O PADRE CÍCERO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CARIRIRENSE: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DO CORDEL NORDESTINO.</i> | 1 |
| PECADO E PUNIÇÃO NO CORDEL DE METAMORFOSE NORDESTINO: RESÍDUOS DE UMA MENTALIDADE MEDIEVAL. | 1 |
| REPRESENTAÇÕES DO CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO NA LITERATURA DE CORDEL: LEITURAS COMPARATIVAS. | 1 |
| LITERATURA E CULTURA | 8 |
| UFBA | 8 |
| <i>A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS E DA CENOGRAFIA NOS FESTIVAIS DO CIRCUITO BAIANO DA VIOLA.</i> | 1 |
| <i>BELAS E FERAS: O CONTO POPULAR NA CLÍNICA COM CRIANÇAS.</i> | 1 |
| <i>CANTORIA DE VIOLA NORDESTINA: NARRATIVAS SOBRE A VIDA E A PERFORMANCE DOS REPENTISTAS.</i> | 1 |
| <i>LITERATURA ORAL RITMADA: REPENTISTAS, RAPPERS, GRIOTS, O TEMPO CULTURAL EM ESPIRAL.</i> | 1 |
| <i>NA CADÊNCIA DAS ÁGUAS DO VELHO CHICO: POÉTICA ORAL DO SAMBA DE RODA RIBEIRINHO.</i> | 1 |
| <i>O CORDEL NO FOGO CRUZADO DA CULTURA.</i> | 1 |
| O SERTANEJO EM PATATIVA DO ASSARÉ E EL GAUCHO NA OBRA MARTÍN FIERRO DE JOSÉ HERNÁNDEZ: DUAS FACES ESCULPIDAS NA REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA. | 1 |
| O TEATRO DE CORDEL DE JOÃO AUGUSTO ENTRE ARQUIVO(S), EDIÇÃO E ESTUDO DE TEXTOS. | 1 |
| LITERATURA E INTERCULTURALIDADE | 11 |
| UEPB | 11 |
| <i>A CRIAÇÃO POÉTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ: UMA ANÁLISE SÓCIO-GEOGRÁFICA LITERÁRIA.</i> | 1 |
| <i>A LITERATURA DE FOLHETOS NORDESTINA E O TEATRO EM CORDEL DE LOURDES RAMALHO: CRUZAMENTOS.</i> | 1 |
| <i>A REPRESENTAÇÃO DA SOGRA NA OBRA DE LEANDRO GOMES DE BARROS.</i> | 1 |
| <i>A REPRESENTAÇÃO DO MATUTO NA OBRA DO POETA PARAIBANO JESSIER QUIRINO.</i> | 1 |

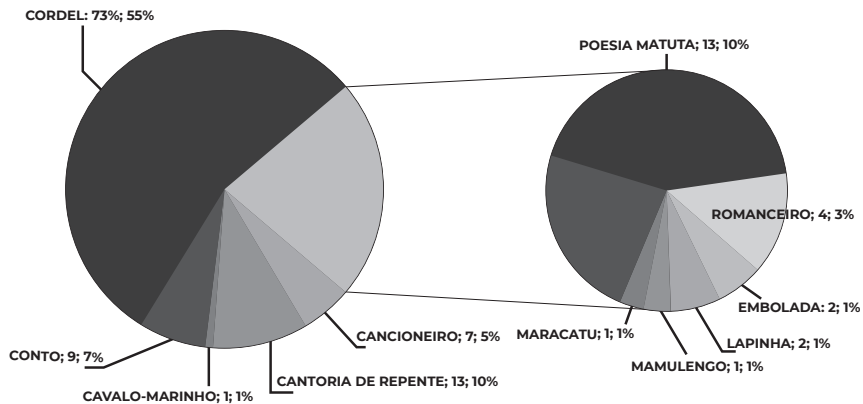
| | |
|--|-----|
| <i>AS REPRESENTAÇÕES LÉXICO-SEMÂNTICAS DAS LESBIANIDADES NO CORDEL.</i> | 1 |
| <i>CORDELISTAS PARAIBANAS CONTEMPORÂNEAS: DIÁLOGO E RUPTURA COM A LÓGICA PATRIARCAL.</i> | 1 |
| DA LÓGICA BINÁRIA AOS ESTUDOS QUEER: SUJEITOS E PERFORMATIVIDADE EM REVISTA NOS CORDÉIS. | 1 |
| DO “AMOR” QUE DIZEM O NOME: AS REPRESENTAÇÕES DAS LESBIANIDADES NO CORDEL. | 1 |
| MANOEL MONTEIRO: VISIBILIDADE DE UMA POÉTICA. | 1 |
| O DESLOCAMENTO DE GÊNERO E AS CONFIGURAÇÕES DE MASCULINIDADES NO CORDEL. | 1 |
| O PERFIL SOCIOCULTURAL DO CONTADOR DE HISTÓRIAS ORAIS NA CONTEMPORANEIDADE. | 1 |
| PROLING | 10 |
| UFPB | 10 |
| <i>ABOIO: TIPOLOGIA DE UM GÊNERO ORAL.</i> | 1 |
| <i>ALÉM DO OFÍCIO: NARRATIVAS DE D. SEVERINA (GORDA) E D. JOSEFA (ZEFINHA), REZADEIRAS DE ITABAIANA, PB.</i> | 1 |
| <i>CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DO ESTILO DA POESIA POPULAR DE PATATIVA DO ASSARÉ.</i> | 1 |
| CARTOGRAFIA DO CORDEL PIAUIENSE: DO CANTO À ESCRITURA. | 1 |
| DESAFIO NO REPENTE: A POÉTICA DA CANTORIA NA CONTEMPORANEIDADE. | 1 |
| ENUNCIADO, IDENTIDADE E MEMÓRIA: O LUGAR DO ESPERTO NO CORDEL E NO TEATRO NORDESTINOS. | 1 |
| LITERATURA ORAL NA ESCOLA PÚBLICA: QUEBRANDO PARADIGMAS, SEMEANDO SABERES. | 1 |
| MANOEL MONTEIRO E AS VÁRIAS FACES DO TEXTO DE CORDEL. | 1 |
| MULHERES REPENTISTAS: CANTADORAS, EMBOLADORAS E MESTRA DE MARACATU DE BAQUE SOLTO. | 1 |
| O NOMADISMO DE CARLOS MAGNO NAS VOZES DO CORDEL. | 1 |
| Total Geral | 133 |

Tabela 4: Distribuição dos títulos por Gêneros, Formas de Produção e Subgêneros.

| Gêneros FORMAS DE PRODUÇÃO | SUBGÊNEROS | | | | | | | | | | | | |
|----------------------------------|--------------------------|------------------------|----------------|----------|------------|----------|----------|-----------|----------|----------|---------------|------------|--------------|
| | CANCIONEIRO ¹ | CANTORIA DE REPENTE | CAVALO-MARINHO | CONTO | CORDEL | EMBOLADA | LAPINHA | MAMULENGO | MARACATU | OUTROS | POESIA MATUTA | ROMANCEIRO | Total Geral |
| DRAMA | | | 1 | | | | 2 | 1 | 1 | 1 | | | 6 |
| ESCRITO | | | | | | | | 1 | | 1 | | | 2 |
| ORAL | | | 1 | | | | 2 | | 1 | | | | 4 |
| POESIA | 6 | 13 | | | 71 | 2 | | | | 5 | 13 | 4 | 114 |
| ESCRITO | | | | | 71 | | | | | 2 | 13 | | 86 |
| ORAL | 6 | 13 | | | | 2 | | | | 3 | | 4 | 28 |
| PROSA | | | | 8 | | | | | | 1 | | | 9 |
| ESCRITO | | | | 1 | | | | | | | | | 1 |
| ORAL | | | | 7 | | | | | | 1 | | | 8 |
| POESIA/ PROSA/DRAMA | 1 | | | | | | | | | | | | 1 |
| ORAL | 1 | | | | | | | | | | | | 1 |
| POESIA/PROSA | | | | 1 | 2 | | | | | | | | 3 |
| ESCRITO | | | | | 2 | | | | | | | | 2 |
| ORAL | | | | 1 | | | | | | | | | 1 |
| Total geral | 7; 5% | 13; 10% | 1; 1% | 9; 7% | 73; 55% | 2; 1% | 2; 1% | 1; 1% | 1; 1% | 7; 5% | 13; 10% | 4; 3% | 133; 100% |

Nota: (1) Também conhecidos como Aboios e Toadas de Vaquejada, Cantigas de Ninar, Cantigas de Brincar, Cantigas Religiosas, Parlandas etc.

Gráfico 1: Quantidade e porcentagem de títulos usando o cordel como base para pesquisa.



Dentre todos os 133 títulos identificados (100%) o subgênero cordel corresponde a 73 trabalhos, isto é, 55% dos títulos pesquisados, seguido pelos subgêneros Cantoria de Repente e Poesia Matuta, ambos com 13 trabalhos, ou seja, 10% dos títulos, bem atrás do cordel, uma amostra da supremacia da literatura de cordel no âmbito da pesquisa acadêmica *stricto sensu* com relação ao universo da literatura popular.

Portanto, esse trabalho compreendeu o universo de 26 Programas, gerando logo de início uma questão a ser investigada: a quantidade de Programas que não publicaram algum título sobre literatura popular nos últimos 20 anos alteraria o resultado do estudo? Os resultados da pesquisa apontam que existe evidência suficiente no nível $\alpha = 0,05$, digamos, para concluir que as duas proporções - publicaram (p_1) e não publicaram (p_2) - diferem significativamente em relação aos seus resultados. $N=26$; p_1 =sim, publicaram algum título sobre literatura popular; p_2 =não, não publicaram algum título sobre literatura popular.

Tabela 5: Comparando proporções (z-test)

| Comparando proporções (z-test) | Amostra ¹ (N) | p-hat | q-hat | std. error | z-value | p-value | |
|--------------------------------|--|-------|-------|------------|---------|---------|----------|
| SIM | 0,69230769 | 18 | 0,574 | 0,426 | 0,210 | 1,830 | 0,08477* |
| NÃO | 0,30769231 | 8 | | | | | |
| Resultado | Não há diferença entre a proporção dos programas que publicaram e os que não publicaram. | | | | | | |

Nota: *** $p < 0.01$, ** $p < 0.05$, * $p < 0.1$; (1) Ver Tabela 1. Os cálculos foram realizados utilizando o Excel 2017.

A diferença entre a proporção dos Programas que publicaram (69%) e a proporção dos programas que não publicaram (31%); não é estatisticamente diferente, $z=1,830$, $p=0,08477$, $\alpha=0,05$ (95%). Portanto, considerando um intervalo de confiança de 95% podemos afirmar que a ausência de publicações dos oito Programas, estatisticamente, não alteraria os resultados encontrados nesse estudo.

Uma vez comprovado que a diferença entre os programas que publicam e os que não publicam não modifica os resultados analisados nesta pesquisa e nos permitiu observar alguns dados, dentre os quais destacamos o seguinte: um estudo mais detalhado compreendeu o universo de 117 títulos, classificados no gênero poesia. Então, a questão a ser investigada era: a proporção entre os trabalhos publicados que apresentam em seus títulos os nomes dos poetas que tiveram sua(s) obra(s) analisada(s) em relação aos trabalhos que não apresentam os nomes dos poetas, difere significativamente? Os resultados da pesquisa foram os seguintes: existe evidência suficiente no nível $\alpha = 0,05$, digamos, para concluir que as duas proporções - citam (p_1) e não citam (p_2) - diferem significativamente em relação aos seus resultados? $N=117$; p_1 =sim, publicaram no título do trabalho o nome de poeta

da literatura popular; p2=não, não publicaram no título do trabalho o nome de poeta da literatura popular.

Tabela 6: Hipótese para comparação de proporções (z-test)

| Comparando proporções (z-test) | | Amostra (N) | p-hat | q-hat | std. error | z-value | p-value |
|--------------------------------|---------------------------------------|-------------|-------|-------|------------|---------|------------|
| SIM | 0,23 | 27 | 0,645 | 0,355 | 0,105 | -5,128 | 0,00002*** |
| NÃO | 0,77 | 90 | | | | | |
| Resultado | A proporção é significativa para 99%. | | | | | | |

Nota: *** $p < 0.01$, ** $p < 0.05$, * $p < 0.1$; (1) Ver Tabela 3.

A diferença entre a proporção dos títulos que citaram o nome do poeta da literatura popular (23%) e a proporção dos que não citaram (77%) é estatisticamente diferente, $z = -5,128$, $p = 0,00002$, $\alpha = 0,05(95\%)$. Portanto, considerando um intervalo de confiança de 95% é esperado que caso não ocorram mudanças de postura em valorizar o nome dos poetas, nesse cenário, para os próximos 20 anos, os futuros trabalhos publicados, continuarão não apresentando em seus títulos os nomes dos poetas que terão sua(s) obra(s) analisada(s). Dado que, segundo nossa visão, precisa ser repensado ao longo das novas pesquisas em relação à poesia popular, especialmente os trabalhos que abordarem a literatura de cordel.

4. Conclusão

A Literatura Popular seja em verso ou em prosa se apresenta de forma bastante ampla, com diferentes gêneros e subgêneros. Também apresenta uma dupla modalidade oral e escrita, que direta ou indiretamente representa a produção cultural de povo, conforme comenta Rodrigues (2006). Na *prosa*, temos o conto

popular, as lendas, as fábulas, os causos, em geral anônimos e oralmente transmitidos, que tradicionalmente pertencem ao folclore; no verso escrito, temos o cordel que inclusive pode ser cantado, indicando grande influência da oralidade, ou seja, tem suas raízes no metro popular (medida velha). No verso feito a partir da oralidade, temos a embolada, a cantoria de repente, o romanceiro e o cancioneiro - as cantigas populares e suas variedades que, de certa forma, nos remetem às Cantigas Trovadorescas que se dividem em “gêneros” lírico (cantigas de amigo e de amor) e satírico (cantigas de escárnio e de maldizer). No *teatro popular*, temos, por exemplo, o mamulengo em que o texto pode ser uma criação própria do mamulengueiro ou adaptado a partir do cordel ou ainda improvisado dependendo da circunstância da apresentação, ainda existem o Cavalo-Marinho, Maracatu, Fandango, Barca, Pastoril, Lapinha, Coco e tantas outras danças dramáticas, conforme afirma Andrade (1959). Uma observação importante é que muitos dos textos dramáticos da literatura popular são construídos utilizando-se versos entre os diálogos, ou como, as sambadas do Maracatu de Baque Solto, que são elaboradas em forma de versos chamados loas, a partir de estruturas fixas como a marcha, o samba comprido, o samba curto e o galope, por exemplo.

Diante desse levantamento, podemos afirmar que ainda temos muito que produzir nos Programas de Pós-Graduação em Letras por todo Nordeste e pelo país com relação à literatura popular. Dessa forma, fica uma constatação de que muitas das pesquisas desenvolvidas nos programas aqui levantados ainda não conseguiram abordar os vários gêneros e subgêneros da literatura popular. Tanto os pesquisadores dos Programas que produzem trabalhos em literatura popular como os que ainda não apresentaram nenhum trabalho, precisam ter sempre em mente que a estética e o processo de construção dessa literatura são responsáveis por grande parte da nossa memória e identidade cultural.

Pelo que foi observado nos dados apresentados no texto, até onde pesquisamos, vimos que a maioria dos cursos de Pós-Graduação em Letras do Nordeste tem o compromisso com a pesquisa e também o ensino da Literatura Popular, especialmente quando se trata da literatura de cordel, que, aliás, é abordada nos títulos de uma maneira genérica, isto é, os nomes dos poetas cordelistas pouco aparecem, eles são negligenciados muitas vezes, aspecto que precisa ser repensando nas próximas pesquisas. Outro dado importante é que há uma tendência em estudar o gênero poesia e seus subgêneros, pois são bem mais pesquisados e desenvolvidos em detrimento aos gêneros prosa e drama, como mostra a tabela 4.

Também observamos o quanto nossas Pós-Graduações em Letras abarcam e/ou dialogam o erudito com o popular; na perspectiva da literatura, esses cursos põem em prática a interculturalidade e a “circularidade cultural”, proposta por Bakhtin (1999).

Ao se trabalhar um *corpus* que tem como conteúdo os gêneros e subgêneros da Literatura Popular que estão presentes no contexto da cultura popular e do folclore, e que se desenvolvem dentro da oralidade e também da escrita, se faz necessário esclarecer e observar os conceitos e características de cada gênero (poesia, prosa e texto dramático popular) para que os mais diversos leitores consigam conhecer e valorizar essa arte popular, especialmente estudantes dos cursos de Letras. Esperamos que ao longo do tempo os Programas de Pós-Graduação em Letras que não contemplam pesquisas em Literatura Popular possam desenvolver estudos nessa párea e os que já possuem possam ampliar ainda mais a discussão sobre o universo amplo e diverso da Literatura Popular.



CAMINHOS DE RENOVAÇÃO EPISTÊMICA: ESTUDOS LITERÁRIOS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UFPB – PIONEIRISMOS E DESDOBRAMENTOS NA REGIÃO NORDESTE

Rinah de Araújo Souto (UFPB)

1. Da solidão fundacional: uma voz-mulher pioneira

Este texto propõe um recorte das literaturas africanas e afro-brasileiras como objetos de ensino e pesquisa no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), considerando o pioneirismo deste e seus desdobramentos no Nordeste brasileiro. Envolve, igualmente, espaços da memória povoados por um entrecruzamento de vozes de resistência que ecoam no espaço acadêmico e reverberam fora dele, fortalecendo-as. Nesse sentido, como fio condutor deste texto e com o objetivo principal de mapear as discussões em torno da temática proposta, convoco a voz da professora Elisalva Madruga Dantas, uma das precursoras no ensino e na pesquisa das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil e pioneira na Região Nordeste, igualmente responsável pela implementação do primeiro projeto de pesquisa sobre o tema, no fim dos anos

1990, na referida região, intitulado “Diálogo poético afro-brasileiro”. O projeto, então vinculado ao PPGL da UFPB, voltava-se para as aproximações existentes entre as literaturas brasileira e africanas de língua portuguesa (DANTAS, 2010).

Fim de tarde de um verão pessoense. Era dia 5 de dezembro de 2018 quando conversamos sobre os caminhos percorridos até o encontro com as literaturas africanas. Um ano propício ao ato de rememorar, pois nele “Elisalva das Africanas” – como ainda hoje é conhecida entre seus colegas, alunos e alunas da UFPB – completou 70 anos de vida, sendo mais de 30 deles dedicados à docência nessa mesma instituição. Aposentada há quase nove anos, ela segue atuante no papel de examinadora em bancas de mestrado e doutorado e também leciona no curso de licenciatura em Letras na modalidade a distância. Publicações sobre as cumplicidades entre as literaturas brasileira e africanas de língua portuguesa agora dividem lugar com *Saborosas Lembranças* (DANTAS, 2018a), sua obra mais recente que reúne receitas e memórias de família. Ao passo que o livro se distancia das pesquisas acadêmicas, ao leitor e conhecedor de sua trajetória fica a ligeira impressão de que a prosa poética africana e afro-brasileira finda por compor os seus dias e feitos, pois cada nova receita/memória compartilhada faz lembrar o pensamento de uma das personagens do escritor moçambicano Mia Couto, a avó Ndzima: “cozinhar é um modo de amar os outros” (COUTO, 2016).

Na pausa dos preparativos para sua festa, conversamos sobre o ensino e a pesquisa das literaturas africanas no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, pioneirismos, desafios e estratégias de resistência aos apagamentos e silenciamentos dos assuntos que permeiam essa área temática no seio da academia – formas de violência, opressão, colonialismos, colonialidades e o longo percurso da negação ao reconhecimento das literaturas

africanas de língua portuguesa como formas de conhecimento válido quando compreendidas em sua potência estética e como expressão cultural de povos de nações africanas abarcadas em sua diversidade. Conversamos ainda sobre as contribuições do PPGL, das pesquisas desenvolvidas na Região Nordeste para o desenvolvimento dessa área em nível nacional e seus desdobramentos atuais.

Compartilho aqui alguns dos aspectos principais suscitados pela entrevistada, sobretudo no que diz respeito ao que pode ser observado e analisado a partir de seu lugar de precursora. Afinal, abrir caminhos para a abordagem de um tema até então desconhecido em seu contexto de atuação é um movimento tão desafiador quanto solitário. A partir dos desafios apresentados, estabeleço um diálogo com o pensamento do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos sobre a universidade no século XXI, pois acredito que a implementação e sistematização do ensino e da pesquisa das literaturas africanas nos programas de pós-graduação em Letras do Nordeste corroboram o debate urgente e necessário em torno da articulação recíproca entre justiça social e justiça cognitiva (SANTOS, 2004) e as múltiplas ações voltadas para esse propósito no seio das instituições de ensino superior.

Para Santos, a universidade “foi historicamente o grande agente do epistemicídio¹ cometido contra os saberes locais, leigos, indígenas, populares em nome da ciência moderna” (SANTOS, 2005, p. 177). O estudioso aponta ainda que a elite universitária brasileira “se deixou facilmente iludir pela ideia autocongratulató-

1 O epistemicídio consiste na “supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena (SANTOS *apud* SANTOS; MENESES, 2009, p. 10). Nesse sentido, a pretensão homogeneizadora do projeto colonial gera o apagamento das diferenças culturais, o desperdício de experiências sociais além de reduzir a “diversidade epistemológica, cultural e política do mundo” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 10). Esse desperdício de experiência pode ser estendido ao domínio da experiência com o texto literário, mais precisamente com as produções de autores africanos de língua portuguesa nas universidades brasileiras.

ria do país novo, país sem história, como se no Brasil só houvesse descendentes de imigrantes europeus dos séculos XIX e XX e não, portanto, também dos povos ancestrais” (Idem), dentre eles indígenas e africanos. Partindo dessa ideia norteadora, convém verificar de que forma o desenvolvimento de pesquisas sobre essa área temática no Nordeste vem contribuindo para a articulação entre justiça social e justiça cognitiva, quais ações estão sendo realizadas com esse intuito nesses quase 20 anos e que findam por desencadear aquilo que Pires Laranjeira, professor e pesquisador das literaturas africanas de língua portuguesa, entende por “funcionamento reflexivo de renovação epistémica” (LARANJEIRA, 2015) no domínio dos cursos de Letras. Ou seja, identificar, de forma crítica e situada, como esse funcionamento se dá – com, para e a partir da pesquisa em literaturas africanas de língua portuguesa – faz parte do exercício de mapeamento histórico proposto.

1.1 Do encontro com as literaturas africanas

Pires Laranjeira, no artigo “Os estudos literários africanos em Portugal: configurações de uma disciplina” (LARANJEIRA, 2015), situa historicamente as literaturas africanas de língua portuguesa como objeto de estudo e observa o seguinte: nas práticas de sala de aula em Portugal, a experiência com o texto literário africano era escassa e perdia-se no domínio da “literatura colonial”, depois chamada de “literatura ultramarina”, caracterizada “pelo exotismo, o pitoresco, o preconceito e a servidão ao Estado colonial-fascista, servindo, hoje, quase que exclusivamente para estudar a mentalidade imperial, expansionista e colonialista” (LARANJEIRA, 2015, p. 563). Foi, de fato, no contexto posterior à Revolução de 25 de abril de 1974, seguido dos processos das independências africanas, que se abriram possibilidades, do ponto de vista institucional e legislativo, para a criação da primeira disciplina uni-

versitária de literaturas africanas por Manuel Ferreira em 1975, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Portanto, houve, de acordo com o estudioso português, um “surto de interesse do cidadão português para essas literaturas” (LARANJEIRA, 2015, p. 566). Consequentemente, no fim dos anos 1970, o ensino superior ampliou a criação de disciplinas sobre o tema nas graduações, mestrados e doutorados (Idem).

No Brasil, também na década de 1970, a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, oferecia o “primeiro curso de africanas no Rio de Janeiro e, quiçá, do Brasil” (SILVEIRA *apud* LIMA, 2018, p. 17). Lá, o então professor de literatura portuguesa, Jorge Fernandes da Silveira, produziu duas antologias com textos de vários autores africanos. Ainda no Sudeste do país, a Universidade de São Paulo (USP) foi uma das primeiras instituições públicas de ensino superior a oferecer a disciplina de literaturas africanas. A USP, desde 1965, abriga o Centro de Estudos Africanos, este que o professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão foi um dos fundadores. Em um período turbulento de ditadura militar, a professora Maria Aparecida Santilli foi a responsável por promover essa área de estudos. O contato com as literaturas africanas de língua portuguesa aconteceu em Portugal, na altura de seu pós-doutorado, entre os anos de 1968 e 1971, quando os autores neorrealistas portugueses, alvos de sua pesquisa, eram admiradores dos escritores africanos. A partir disso, surgiu o desejo de recolher o máximo de informação possível sobre aquela produção literária em um momento historicamente conturbado, pois muitos dos escritores africanos estavam presos e impedidos de publicar seus textos em decorrência das lutas por libertação política (SILVA; DAVID; ANTUNES, 2007, p. 1).

Também no fim da década de 1970, a professora Elisalva Madruga Dantas vivia na Região Sudeste, onde cursou o mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ).

Naquela instituição, primeiro era preciso cursar as disciplinas para só em seguida escolher o tema da dissertação. Tal escolha foi impulsionada por um desafio proposto pelo então chefe de departamento do curso de Letras da UFPB, que aproveitou uma das visitas da professora à capital da Paraíba para tecer comentários a respeito de uma matéria de jornal sobre pesquisas em literaturas africanas desenvolvidas na Faculdade Candido Mendes. Logo perguntou se ela teria interesse em conhecer mais sobre o assunto; afinal, a circunstância era oportuna e a temática ainda incipiente no país. O desafio foi prontamente aceito.

De volta ao Rio de Janeiro, iniciou um curso de literaturas africanas – com ênfase em literatura angolana – ministrado pelo professor João Carneiro. Este, ao lado do professor e pesquisador maranhense José Maria Nunes Pereira Conceição, teve um papel fundamental dentro do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), fundado em 1973 na Faculdade Candido Mendes e uma das referências nas pesquisas voltadas para as relações entre África e Brasil (ALBERTI; PEREIRA, 2007). O professor José Maria, em entrevista realizada no ano de 2006, relembra a chegada de João Carneiro ao CEAA: “João Carneiro desce de Angola, perseguido pelas lutas de lá, vem e encontra emprego no Afro-Asiático. João Carneiro faleceu, era um de nossos angolanos brancos” (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 144). Elisalva fala com entusiasmo sobre a receptividade do professor: “uma pessoa maravilhosa, super-receptiva. Ele foi me passando alguns livros de literatura angolana e começou a me passar livros de Luandino Vieira” (DANTAS, 2018b). Das declarações de duas das responsáveis pela inserção dos estudos literários africanos nas universidades públicas no Brasil – Maria Aparecida Santilli no Sudeste e Elisalva Madruga Dantas no Nordeste – nota-se uma tônica de solidariedade. Além dos desafios para incluir essas literaturas no currículo, havia ainda muita dificuldade de acesso ao material bibliográfico, resalta Dantas:

A grande dificuldade era a questão dos livros. Eu tive sorte. Tive João Carneiro que me deu uma série de cópias, volumes e mais volumes de poetas angolanos e também os livros de Luandino Vieira. Depois eu comecei a comprar em São Paulo, no Rio de Janeiro. Não era fácil. Eram livrarias muito especializadas. A grande maioria mesmo da minha aquisição bibliográfica foi por conta das viagens, nas minhas idas para Portugal e França (DANTAS, 2018b).

Santilli recorda com gratidão o apoio de Paulo Freire, que havia recém-chegado da África e mandou vários livros para ela (SILVA; DAVID; ANTUNES, 2007). Elisalva destaca a dificuldade inicial que sentiu ao ler as obras de Luandino Vieira e conta das listas que fazia, repletas de palavras e expressões desconhecidas retiradas dos livros do escritor angolano. Era um desejo conhecê-las e assim um tanto mais daquela criação literária. Com a lista em mãos, conversava com o professor João Carneiro, que a revelava os significados de cada nova palavra, colaborando assim para o que ela chama de “minidicionário” pessoal de expressões angolanas. Da experiência com a leitura das obras de Luandino Vieira, começou a perceber as proximidades entre a literatura angolana e a literatura produzida no Nordeste do Brasil, mais precisamente as obras do ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rêgo. Elisalva explica: “eu já tinha alguma intenção de fazer um trabalho sobre José Lins do Rêgo e vi que dava para fazer uma comparação entre ele e Luandino Vieira. Só que era um viés ideológico totalmente diferente” (DANTAS, 2018b).

A pesquisadora verificou que ambos abordavam a questão do negro, mas em perspectivas opostas. Enquanto o primeiro partia da perspectiva da classe dominante; o segundo evidenciava aspectos da classe dominada. Estava decidido: a dissertação se-

ria um estudo comparado entre literatura brasileira e angolana. Convicta da sua proposta, compartilhou a ideia com o orientador, Afonso Romano Sant'Anna. Este acolheu a proposta com ressalvas, pois não era especialista em literaturas africanas. Inclusive, como foi dito anteriormente, as pesquisas em torno dessa área encontravam-se ainda em estágio embrionário no Brasil. Então, ela sugeriu o professor João Carneiro como coorientador. Enfim, em 1982, defendeu aquela que veio a se tornar a primeira dissertação do país envolvendo um estudo comparado entre literatura angolana e brasileira: *José Lins do Rêgo e José Luandino Vieira: uma relação transoceânica* (DANTAS, 1982). Um estudo cujas palavras-chave são “modernismo”, “regionalismo”, “nacionalismo”, “a questão do negro” e “a infância”. Para Dantas, “em termos de identidade, José Lins do Rêgo e José Luandino Vieira se assemelham quanto ao aspecto autobiográfico de suas produções literárias” (DANTAS, 1987, p. 65). Ela observa que as memórias de infância são a matéria-prima das obras dos autores. Porém, e devido ao contexto econômico, político e social de cada um deles, as recordações são focalizadas sob perspectivas e objetivos distintos (Idem). Luandino Viera escreveu uma carta em agradecimento pela pesquisa e nela fez algumas considerações, como consta em publicação no *Correios das Artes*, de 1984².

Na época, esse tipo de estudo comparado entre literaturas de língua portuguesa já vinha sendo realizado, mas o foco predominante era entre as literaturas portuguesa e africanas, observa a estudiosa. Portanto, é possível afirmar que a dissertação mencionada teve um marco fundacional importante na esfera da área temática no Brasil e, conseqüentemente, no Nordeste, onde voltou a lecionar após a conclusão do mestrado. De volta ao exercício da docência na UFPB, a professora Elisalva confessa que não se

2 Ver: “De Luandino Vieira a Elisalva Madruga”. *Correio das Artes*, João Pessoa, s/p, 8 de ag. 1984.

sentia segura para liderar, sozinha, um projeto de inclusão das literaturas africanas na UFPB. Por isso, seguia com sua rotina de aulas de literatura brasileira, mas com o pensamento voltado para o projeto futuro de doutorado, no qual as literaturas africanas permaneciam como centro de interesse. Antes de iniciar a pesquisa de doutorado, ganhou uma bolsa de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian, em Portugal, onde desenvolveu durante três meses uma pesquisa bibliográfica acerca das literaturas africanas de língua portuguesa, dessa vez sob orientação de Salvato Trigo. Essa experiência também impulsionou, dois anos depois, o ingresso no doutorado da USP, sob orientação de outro pioneiro dos estudos literários africanos no Brasil, Benjamin Abdala Junior. A tese intitulada *Nas Trilhas da Descoberta: a repercussão do modernismo brasileiro na literatura angolana* foi defendida em 1995 e publicada pela Editora Universitária três anos depois (DANTAS, 1998).

Nessa pesquisa, o gênero poesia é convocado e nela circundam reflexões sobre modernismo, negritude, telurismo, construção, poesia e tradição. Muitos desses conceitos, inclusive, foram adotados no princípio das pesquisas em literaturas africanas no PPGL/UFPB. Se hoje é reconhecida pelo trabalho de pesquisa que desenvolveu a partir dos textos poéticos africanos de língua portuguesa, nem sempre foi assim. A professora Elisalva diz que optou pelo trabalho com a poesia como um desafio lançado a si mesma: “antes eu praticamente só lidava com prosa e agora eu prefiro ir para a poesia. Comecei a me apaixonar por isso. Os alunos começavam a gostar de poesia também e de trabalhar com poesia, porque no curso eu levava mais a poesia” (DANTAS, 2018b). Em texto sobre ensino e crítica das literaturas africanas no Brasil, Laura Padilha (UFF) menciona a tese de Elisalva da seguinte maneira: “no âmbito dos estudos que se debruçam sobre a interlocução África/Brasil, não há como não citar o de Elisalva Madruga” (PADILHA, 2010, p. 10). Ela foi a única professora e pesquisadora nordestina

mencionada em todo o artigo, o que confere reconhecimento da importância do seu trabalho na área temática e o lugar de pioneirismo na região. Com a conclusão de seu doutorado e o retorno à UFPB, deu-se início, então, às pesquisas em literaturas africanas no PPGL/UFPB, estas que contribuíram para a ampliação dessa área temática em outros estados do Nordeste.

2. Histórico da área temática nas pesquisas no Nordeste

Um mapeamento histórico da área das literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa nos cursos de pós-graduação do Nordeste passa necessariamente pela história do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. Fundado em 1975, o PPGL foi pioneiro por ser tanto o primeiro programa de pós-graduação do Nordeste quanto precursor no âmbito das pesquisas em literaturas africanas de língua portuguesa na região (DANTAS, 2010). Convém destacar o papel fundamental dos programas de pós-graduação para a ampliação significativa das pesquisas voltadas para essas literaturas. Segundo relato da precursora da área no PPGL/UFPB, a inclusão das literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa foi mais facilmente aceita na pós-graduação. Laura Padilha também evidencia esse aspecto quando afirma que “desde os anos 80, os cursos de pós-graduação formam uma massa crítica considerável pela qual se dissemina uma leitura de África, impensável até pouco tempo” (PADILHA, 2010, p. 6). Ainda hoje existe um desconhecimento sobre a produção literária dos países africanos de língua portuguesa, consequência de um passado colonial que subjuga e descredibiliza os saberes da África no Brasil. A professora Elisalva recorda que muitas vezes foi questionada, inclusive dentro da própria academia, se na África existia literatura (DANTAS, 2018b). Nos anos 2000, em plena virada do século XX para o XXI, e junto com ela o aumento da necessidade

de organização para o enfrentamento daquilo que Padilha assertivamente chama de “neocolonialidade curricular” (PADILHA, 2010), é defendida a primeira dissertação de mestrado em literaturas africanas no PPGL/UFPB, sob orientação de Elisalva Madruga Dantas.

A dissertação de Rosângela Vieira Freire – intitulada *O Quinze e os Flagelados do Vento Leste: o sertão e o arquipélago em pânico* (FREIRE, 2000) – traz um estudo comparado entre os romances da escritora brasileira Rachel de Queiroz e do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes³. A autora é professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). A orientadora recorda que era muito comum receber pesquisadores de vários estados do Nordeste do país interessados pelas literaturas africanas porque o PPGL/UFPB acolhia esse tipo de pesquisa. Muitos deles, após concluírem os trabalhos, voltam para as suas universidades de origem e contribuem para a expansão das pesquisas da área. É o caso, por exemplo, de Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa, autora da primeira tese de doutorado em literaturas africanas defendida no PPGL/UFPB, em 2006. Portuguesa criada em Angola, veio para o Brasil a fim de refugiar-se da guerra. A tese intitulada *Memória e Identidade em Viva o Povo Brasileiro e Luedji – o nascimento dum império* segue a tendência da linha de pesquisa até então, ao promover um viés comparado com ênfase nas obras do brasileiro João Ubaldo Ribeiro e do angolano Pepetela, considerando as aproximações histórico-culturais entre elas. Posteriormente, em 2009, a tese é publicada pela editora da Universidade Federal de Alagoas, com o título *Sobre as Águas da Memória Atlântica: as vozes entrelaçadas de Luedji – o nascimento dum império e Viva o Povo Brasileiro* (COSTA, 2009).

3 O levantamento de toda a produção de mestrado e doutorado em literaturas africanas e afro-brasileiras realizada nos últimos quase 20 anos no PPGL-UFPB segue apresentada em tabela no tópico 5 deste texto.

Ela é professora da Universidade Federal de Alagoas desde 1979 e responsável por dois projetos de pesquisa acerca da área temática, nomeadamente: “Utopias pepetelianas – itinerário de Calpe de *Muana Puó* a *O quase fim do mundo*” e “Antologia poética afrobrasilusa”. Este tem base nos estudos da utopia e, a partir disso, promoveu a seleção de textos poéticos de autores brasileiros, portugueses e africanos de língua portuguesa. Aquele, ainda em vigor até o momento da consulta, estuda a obra do escritor angolano Pepetela com foco nas questões utópicas/distópicas⁴. *O Pictórico na Poesia Cabo-Verdiana: dos claridosos a Kiki Lima* é o título de uma das últimas teses em literaturas africanas sob orientação da professora Elisalva, em 2009. O autor é José Leite de Oliveira Júnior, docente do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará e integrante do quadro efetivo do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. O estudo mantém o viés da literatura comparada, envolve pintura e semiótica com foco nas relações entre a pintura do artista cabo-verdiano Kiki Lima e as ideias da *Revista Claridade*. Um ano depois, a tese foi publicada pela editora da UFC e coeditada pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (OLIVEIRA JÚNIOR, 2010).

Em entrevista, a professora Elisalva menciona a UFC como uma das universidades que contribuem para o fortalecimento da pesquisa em literaturas africanas na Região Nordeste. Lá o professor Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros, participante de um dos grupos pioneiros no estudo das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil, foi um dos primeiros a lecionar essa disciplina, que segue em caráter obrigatório no currículo do curso de Letras da instituição. O docente atua na graduação, pós-gradua-

4 Informações coletadas do currículo lattes da autora. Aspectos de sua trajetória de vida seguem em matéria do site da UFAL. Disponível em: <https://ufal.br/servidor/noticias/2015/03/sou-ufal-conheca-a-historia-da-professora-gabriela-costa>. Acesso em: 9 jan. 2019.

ção e, desde 2009, coordena projeto de pesquisa sobre estudos de residualidade em gêneros literários e modos formais simples nas literaturas brasileira, portuguesa e africanas de língua portuguesa. Participou, inclusive, da banca examinadora da primeira tese de doutorado em literaturas africanas do PPGL/UFPB já mencionada anteriormente. O professor Stélio Torquato Lima, também vinculado à UFC como docente da graduação e pós-graduação, leciona a disciplina de literaturas africanas de língua portuguesa e orienta pesquisas em torno do assunto. Algumas delas são: *Identidade e Mobilidade Angolanas na Ficção de Pepetela*, de Francisco Élder Freitas Vidal (VIDAL, 2013), e *A Literatura Vista de Baixo: o livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*, de Emanuel Régis Gomes Gonçalves (GONÇALVES, 2014).

Dentro do escopo das ramificações pelo Nordeste envolvendo pesquisas realizadas no PPGL/UFPB, vale ressaltar o trabalho desenvolvido pela professora Maria Anória de Jesus Oliveira e sua relevante contribuição no âmbito das pesquisas em literatura infantojuvenil no Brasil, nos países africanos de língua portuguesa, com ênfase em Moçambique, literatura negra (afro)brasileira e educação antirracista. Sua pesquisa de doutorado recebeu orientação de Hélder Pinheiro (PPGL/UFPB) e coorientação de Francisco Noa, da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique), onde realizou estágio-sanduíche. O título da tese é *Personagens Negros na Literatura Infantojuvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes* (OLIVEIRA, 2010). A pesquisadora mencionada é docente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural e do curso de graduação em Letras da Universidade do Estado da Bahia. Ela esteve responsável pelo projeto de pesquisa “Afirmção identitária negra e produções literárias infantojuvenis afro-brasileiras e africanas”, composto por discentes e docentes, principalmente da linha 2 do mestrado em Crítica Cultural da UNEB, e segue orientando pesquisas, publicando livros e artigos

sobre a área temática em causa. Uma de suas publicações mais recentes chama-se “Leituras e identidades negras: narrativas, histórias e memórias” (OLIVEIRA; MOTA, 2015), edição da *Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural*, organizada em parceria com a professora Maria Nazaré Mota de Lima.

A professora Maria de Fátima Maia Ribeiro leciona no Instituto de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Literaturas e Culturas e em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, onde coordena, desde 2009, o projeto de pesquisa “Discursos de migrações, êxodos e retornos, trânsitos e trocas culturais em/entre países de língua oficial portuguesa, em contextos de globalização e pós-colonialidade. Fases I, II, III: Angola/Guiné-Bissau/São Tomé e Príncipe/Moçambique/Cabo Verde/Portugal/Brasil”. Além de orientar dissertações e teses, atua também como supervisora de pesquisas de pós-doutorado; uma delas desenvolvida pelo professor Amarino Oliveira de Queiroz da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que também tem experiência nas áreas de literaturas e culturas africanas e afro-hispano-americanas. Ele é colaborador do Grupo de Pesquisa Literatura e Cultura Afro-Brasileira e Africana de Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, dos Programas de Pós-Graduação em Teoria da Literatura (UFPE) e Literatura e Cultura (UFBA), nos quais coordena dissertações e teses. Uma das teses em andamento tem base na UFBA: *Comichidades Cabo-Verdianas: o riso enquanto potência crítica nos projetos de construção de identidades nacionais em Germano de Almeida e Mário Lúcio Sousa*, de Mariana Andrade Gomes.

A UFRN tem sido uma das instituições públicas nordestinas de ensino superior que mais dedicam atenção ao ensino e à pesquisa das literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa. Lá a professora Tânia Maria de Araújo Lima é uma das vozes-mulheres que fortalecem a ampliação dessa área de

estudo, atuando no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da instituição. A feminista, antirracista e ativista dos direitos humanos, como ela própria se define, coordena o Congresso Internacional de Literaturas e Culturas Africanas (Griots), um evento com viés interdisciplinar que envolve pesquisadores das literaturas afro-brasileira, africanas e das mais diversas áreas das humanidades interessados nas questões em torno do tema. Foi criado com o objetivo de reunir os estudiosos nordestinos da área e atender as demandas das linhas de pesquisa sobre anticolonialismo, estudos transculturais, questões étnicas, diaspóricas, sexualidade, rituais, espaço, imagem, cinema africano e ancestralidades⁵. A edição mais recente aconteceu em Natal, no câmpus Salgado Filho, em novembro de 2018, e em 2019 completa 10 anos desde sua criação.

Nota-se uma capacidade de articulação fundamental entre vários professores e pesquisadores da área no Nordeste. Alguns, inclusive, são organizadores desse congresso que já está em sua quarta edição; dentre eles, Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN), anteriormente mencionado, Ana Cláudia Gualberto (UFPB), Elio Ferreira (UESPI) e Rosilda Alves Bezerra (UEPB). Esta leciona no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidades (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba, onde ministra a disciplina Poéticas das Africanidades, Tradução Intersemiótica e orienta teses e dissertações da área. Na graduação é responsável pela disciplina de literaturas africanas e afro-brasileiras. No contexto da linha de pesquisa “Alteridade e identidade na ficção africana contemporânea”, destacam-se os projetos coordenados por ela. São eles: “Leituras do texto literário no contexto escolar: estratégias e aplicabilidade da Lei 10.639/03 na Educação Básica” e “Literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa sob

5 Informações obtidas no site do evento. Disponível em: <https://congressogriots.wixsite.com/inicio/apresentacao>. Acesso em: 02 jan. 2019.

a Lei 10.639/03”. Ambos investigam a aplicação da referida lei a partir do trabalho com as literaturas infantojuvenil, brasileira e africanas de língua portuguesa. *Mosaico de Culturas: representação e identidade nas literaturas de língua portuguesa* foi um de seus primeiros livros publicados sobre o assunto (BEZERRA, 2007). De agosto de 2015 a julho de 2016, esteve na Universidade de Coimbra para desenvolver pesquisa de pós-doutorado com supervisão do professor Pires Laranjeira. A docente é frequentemente convidada para integrar bancas examinadoras de mestrado e doutorado em várias instituições do Nordeste.

O projeto para implementação da pós-graduação stricto sensu em Letras na UEPB foi aprovado e inaugurado em 1996. Até a configuração atual do PPGLI existiram outros formatos, mas o caráter interdisciplinar é o fio condutor das pesquisas desde a fundação. Um dos intentos do curso é, justamente, promover entre professores e pesquisadores o diálogo intercultural a partir da literatura. As professoras Francisca Zuleide Duarte de Souza e Sueli Meira Liebig também são responsáveis por iniciativas que contribuem para o desenvolvimento de pesquisas na área das literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa dentro do curso de pós-graduação mencionado. A primeira orienta teses e dissertações sobre o tema, coordena projetos de pesquisa voltados para a questão da dissimulação como estratégia de resistência em personagens subalternizados; o estudo do exílio nas literaturas contemporâneas de língua portuguesa e a escrita diaspórica em sociedades pós-coloniais, cujo título de um dos projetos é “A representação da diáspora nas literaturas africanas e latino-americanas contemporâneas”. Publicou o livro *Outras Áfricas: elementos para uma literatura da África* (DUARTE, 2012). Ao lado delas também está Sueli Meira Liebig, docente e uma das integrantes do Grupo de Pesquisa Literatura e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Diáspora. Concentra-se em pesquisas no domínio da literatura

comparada, é autora de livros sobre o assunto e vem orientando teses e dissertações que envolvem as literaturas africanas de língua portuguesa, afro-brasileira e afro-americana.

A Universidade Federal de Campina Grande também conta com representantes dessa área temática, uma delas é Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega, docente da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG. Até o momento segue orientando, predominantemente, dissertações de mestrado sobre literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa na sala de aula. Uma das mais recentes tem o título *Sobre o Ensino das Literaturas Africanas Lusófonas na Formação Inicial Docente: uma estratégia com os círculos de leitura a partir de Terra Sonâmbula, de Mia Couto*, com autoria de José Augusto Soares Lima (LIMA, 2016). Desde 2015 coordena o projeto “A memória como fio condutor de identidade na formação das literaturas nacionais produzidas no Brasil e nos países africanos de língua portuguesa”.

A professora Elisalva revela que durante muito tempo esteve sozinha na condução das pesquisas em literaturas afro-brasileiras e africanas na UFPB. Pode-se dizer que há um legado deixado por ela, sobretudo no contexto dessa instituição. Contribuem para a ampliação da área no PPGL/UFPB as professoras Ana Cristina Marinho Lúcio, Liane Schneider e Vanessa Riambau Pinheiro. A primeira é a atual coordenadora do PPGL e foi responsável pela orientação da primeira dissertação sobre literatura moçambicana no âmbito desse programa: *Memória e Tradição no Romance A Varanda do Frangipani, de Mia Couto*, de Suelany Christtinny Ribeiro Mascena (MASCENA, 2011). Até então havia maior ênfase nas pesquisas voltadas para literatura angolana e suas relações com a literatura brasileira. A docente segue com orientações e pesquisas na área, é editora da *Revista Imbondeiro*, organizadora do Seminário Nacional de Estudos Culturais Afro-brasileiros

e participante do Programa de Promoção da Igualdade Racial e Valorização da Matriz Cultural Africana (PROAFRO) no estado da Paraíba/Nordeste/Brasil. Orientou a tese de Moama Marques, também docente da UFPB no câmpus Mamanguape, cujo título é *O Espaço-Tempo da Espera nos Contos de Mia Couto: uma perversa fábrica de ausências* (MARQUES, 2013). Essa docente atua na graduação, no mestrado profissional em Letras da mesma instituição e integrou o Grupo de Pesquisas sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (Imbondeiro), coordenado pela professora Elisalva. Uma das publicações mais recentes organizadas pela professora Ana Marinho consiste em um catálogo de obras intitulado *Índios e Negros na Literatura Infantil/Juvenil Brasileira* (MARINHO et al., 2014). Juntos nas pesquisas voltadas para as literaturas infantis e juvenis africanas e afro-brasileiras estão também o professor Hélder Pinheiro e a professora Daniela Segabizani. As professoras Liane Schneider e Nadilza Martins de Barros Moreira somam forças aos estudos e pesquisas da área, com foco nos estudos feministas, culturais e de gênero. Esta, inclusive, orientou a primeira tese envolvendo literatura moçambicana no PPGL/UFPB, intitulada *A Condição Feminina em Balada de Amor ao Vento, de Paulina Chiziane*, de autoria de Sávio Roberto Fonseca de Freitas (FREITAS, 2012). Já Liane Schneider foi responsável pela orientação de uma das primeiras teses no Brasil sobre a obra da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo.

Membro recente do PPGL/UFPB e docente do curso de licenciatura em Letras, a professora Vanessa Neves Riambau Pinheiro dedica-se ao estudo das literaturas africanas de língua portuguesa e também orienta teses e dissertações sobre a temática, como a dissertação *Da Terra ao Céu: elementos de moçambicanidade e do período pós-colonial presentes nos contos "O cachimbo de Felizbento" e "O homem cadente", de Mia Couto*, de Sayonara Souza da Costa (COSTA, 2017). Possui vasta produção bibliográfica so-

bre o assunto. Uma de suas publicações mais recentes chama-se *Um Retrato de Gerações: uma análise de obras de Pepetela e Lídia Jorge* (PINHEIRO, 2018). Atualmente coordena o Grupo de Estudo em Literatura e Sociedade Contemporâneas (GELISC). Também é integrante do Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina (CEsA), vinculado à Universidade de Lisboa, instituição onde realizou projeto de pós-doutorado sobre a formação do cânone literário em Moçambique, supervisionado por Ana Mafalda Leite.

No Piauí, tanto na universidade federal quanto na estadual, há professores e pesquisadores que se dedicam a essa área temática. É o caso de Elio Ferreira de Souza, docente da graduação e do mestrado acadêmico em Letras da UESPI, coordenador de cinco edições do Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas. O evento é realizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa Afro (NEPA/UESPI) e também reúne na comissão científica professores e pesquisadores de instituições superiores de ensino de outros estados nordestinos. A edição mais recente aconteceu em novembro de 2017 no *campus* Poeta Torquato Neto. O docente, além de orientar teses e dissertações, é responsável, desde 2014, pelo projeto de pesquisa “Literatura afrodescendente e culturas diaspóricas: identidade e memória”, envolvendo alunos de graduação, especialização, mestrado e doutorado. A professora Algemira de Macêdo Mendes pertence à mesma linha de pesquisa do docente supracitado. Leciona na graduação e no mestrado em Letras, orienta pesquisas com ênfase nas literaturas de autoria feminina, brasileira, piauiense e africanas de língua portuguesa. Entre 2015 e 2016 realizou pós-doutorado na Universidade de Lisboa, com supervisão de Ana Mafalda Leite. Já na UFPI, Maria Elvira Brito Campos e Sebastião Alves Teixeira Lopes são alguns dos docentes que seguem orientando pesquisas acerca das literaturas africanas. Este orientou,

por exemplo, a dissertação intitulada *Memórias e Identidades em Mayombe de Pepetela*, com autoria de Lila Léa Cardoso Chaves Costa (COSTA, 2014); já aquela orientou dissertação cujo título é *O Realismo Mágico em Mia Couto: uma visão ocidental sobre o romance Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*, de Wilma Avelino de Carvalho (CARVALHO, 2013). Ainda na mesma instituição, o professor Alcione Correa Alves dedica-se ao tema das construções identitárias nas literaturas negras americanas. Segue em andamento dissertação orientada por ele cujo título provisório é *Construção e Afirmação de Identidades Afro-Brasileiras na Contística de Cristiane Sobral*, da mestranda Cleide Silva de Oliveira.

Um dos nomes responsáveis pelas pesquisas em literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa na Universidade Federal de Sergipe é Jeane de Cássia Nascimento Santos. Ela é membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras, do mestrado profissional e também leciona na graduação. Coordena, desde 2017, o projeto de pesquisa intitulado “Literatura, nação e identidade no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa”. Orientou, recentemente, dissertação de mestrado com o título *Leitura Literária e a Lei 10.639/03 num Romance de Pepetela*, por Michelle Lima (LIMA, 2017).

A professora Márcia Manir Miguel Feitosa atua na Universidade Federal do Maranhão e lá desenvolve pesquisas sobre literatura e paisagem, literatura portuguesa e africanas de língua portuguesa, cultura, identidade, memória e exílio. É docente do Programa de Mestrado em Letras na linha de pesquisa Discurso, Literatura e Memória, Cultura e Sociedade, Expressões e Processos Socioculturais da UFMA, orienta pesquisas cujo corpus literário abrange obras africanas escritas em português e coordena o PROCAD/AM com a Universidade Estadual do Maranhão e a Universidade do Sudoeste da Bahia (Vitória da Conquista). No últi-

mo ano concluiu a orientação da dissertação de mestrado intitulada *A Afirmação da Angolanidade em Ondjaki: uma análise da alegoria em Os Transparentes*, de Vanessa Soeiro Carneiro (CARNEIRO, 2018).

No percurso do ensino e da pesquisa das literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa também se destacam as instituições pernambucanas. Na Universidade de Pernambuco, por exemplo, a professora Sylvania Núbia Chagas coordena o Núcleo de Estudos sobre África e Brasil (NEAB) e o Programa de Mestrado Profissional em Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas (PROCADI). Desenvolve e orienta pesquisas com foco nas influências das religiões africanas na literatura, relações literárias e culturais entre Brasil e África, literatura e cinema e literatura afro-brasileira. Segue na coordenação do projeto de pesquisa "Tradição oral: reminiscências das religiões africanas na literatura" e é autora do livro *Nas Fronteiras da Memória: Guimarães Rosa e Mia Couto, olhares que se cruzam* (CHAGAS, 2011). Um estudo comparado entre esses escritores do Brasil e Moçambique foi realizado em sua tese de doutorado, concluída em 2007, na Universidade de São Paulo.

Pelos cursos de pós-graduação em Letras do Nordeste é muito comum encontrar alunos e alunas que transitam por vários estados da região entre um nível e outro de estudo. Observa-se que há uma crescente demanda de pessoas interessadas em desenvolver pesquisas na área em questão e, nesse sentido, encontram nos cursos da própria região linhas de pesquisas que recebem seus projetos. Entre Pernambuco e Paraíba, por exemplo, essa relação segue ainda mais estreita. O professor Roland Gerhard Mike Walter da Universidade Federal de Pernambuco é membro do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE, possui inúmeras publicações de livros e artigos sobre o tema, alguns deles em coorganização com outros professores

e pesquisadores de diversos programas de pós-graduação do Nordeste. É o caso do livro *Entre Centros e Margens: literaturas afrodescendentes e diáspora* (WALTER; BEZERRA; SOUZA; ALVES, 2014). Orienta teses e dissertações no domínio dos estudos literários, culturais e pós-coloniais; uma delas foi concluída há dois anos e chama-se *Palavra e Memória nos Romances de Mia Couto*, de Suelany Christinny Ribeiro Mascena (MASCENA, 2017). Esta que defendeu sua dissertação de mestrado no PPGL-UFPB. Ainda nesse estado do Nordeste brasileiro, é notável a contribuição da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Lá o professor Sávio Roberto Fonseca de Freitas é um dos docentes que articulam ações importantes no domínio dos estudos literários africanos e afro-brasileiros, sobretudo com ênfase nas literaturas de autoria feminina. É docente da graduação e pós-graduação da UFRPE e professor colaborador do PPGL/UFPB, onde fez seu doutorado e um de seus pós-doutorados. Orienta teses e dissertações no âmbito das linhas de pesquisa em memória e produção cultural, estudos culturais e de gênero, com maior ênfase nas produções literárias afro-brasileiras e africanas de autoria feminina. É líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Literários e Culturais Africanos (AFROLIC), presidente da associação homônima na gestão 2016-2019, além de coordenar os projetos “Estudos culturais e de gênero nas literaturas de autoria feminina em língua portuguesa” e “Moçambique no feminino: a narrativa de Paulina Chiziane”. Em 2014 organizou o *Dossiê Literaturas Africanas* (FREITAS, 2014) e segue com várias produções bibliográficas sobre os temas que circundam as suas investigações. A partir do recorte exposto e desse breve panorama histórico, é possível verificar a crescente articulação entre os vários docentes que se dedicam ao fortalecimento dessa área temática no Nordeste, os desdobramentos do PPGL/UFPB no contexto da região e o quanto essa articulação entre pesquisadores e pesquisadoras é determi-

nante para a configuração daquilo que a professora Elisalva entende como uma escola nordestina de estudos literários africanos e afro-brasileiros.

2.1 “Conhecimentos que se ensinam, casos que se pesquisam, saberes que se trocam”: histórico de alguns eventos e grupos de pesquisa sobre o tema na região

Após a sanção da Lei 10.639/03, que tornou obrigatória a inclusão da temática história e cultura africana e afro-brasileira no currículo oficial das redes públicas de ensino, muitos cursos de licenciatura no Brasil começaram a voltar as atenções para a sólida formação de docentes com base em uma educação antirracista. A Universidade Federal da Paraíba, em 2005, deu início a um projeto que se destacou pelo viés interdisciplinar e, sobretudo, pelas ações realizadas em prol da formação de professores capazes de contribuir para a implementação da referida lei nas escolas. O projeto esteve vinculado ao Programa de Licenciaturas (PROLICEN) e recebeu o nome “Literatura, história e cultura popular: conhecimentos que se ensinam, casos que se pesquisam, saberes que se trocam”, coordenado por Elisalva Madruga Dantas (Letras), Ana Cristina Marinho Lúcio (Letras), Ana Coutinho (Pedagogia) e Élio Flores (História). Vários estudantes dos cursos envolvidos participaram do projeto. Muitos deles seguiram com pesquisas de pós-graduação em torno das temáticas relacionadas à literatura e história africanas e afro-brasileiras⁶.

Era um dos objetivos principais do projeto proporcionar ao licenciando, por meio da leitura e análise de textos teóricos, críticos e literários, o contato com as literaturas africanas de língua portuguesa e as suas relações com a literatura brasileira, com foco

6 É o caso da pesquisa de mestrado de Danielle Campos Andrade (2010) sob orientação de Elisalva Madruga.

na questão da negritude. Também oferecer ao graduando maior conhecimento sobre os saberes históricos da África contemporânea, incluindo reflexões sobre colonização, descolonização, escravidão e suas reverberações políticas e culturais. Dentre as suas principais ações estão a elaboração de uma antologia de textos poéticos africanos de língua portuguesa (DANTAS et al., 2007) e a organização do Seminário Nacional de Estudos Culturais Afro-Brasileiros, um dos primeiros voltados para a temática na Região Nordeste. Foram realizadas até o momento cinco edições (2005, 2007, 2010, 2012 e 2014) e já fizeram parte da programação do evento pesquisadores, professores e escritores como Conceição Evaristo, Oliveira Silveira, Marta Araújo, Inocência Mata, Pires Laranjeira, Tania Macêdo, entre outros.

Para a professora Elisalva, o projeto atingiu o seu objetivo, pois contribuiu para a formação de professores e se estendeu para além dos muros da universidade. Os seminários fomentaram espaços necessários de debate sobre história e cultura africana e afro-brasileira, dialogando com a comunidade sobre os assuntos pesquisados acerca da temática no âmbito acadêmico. Josefa Maria da Silva (2019), uma das bolsistas do projeto na época e hoje professora de língua portuguesa da rede pública de educação básica, constata que a vivência prática da interdisciplinaridade promovida pelo projeto contribuiu diretamente para a sua prática docente e ressalta a abertura para a diversidade que circundava aquela experiência. Nesse sentido, afirma que hoje em dia, nas escolas por onde atua, sempre busca dialogar com professores de outras disciplinas para articular ações educativas. Confessa que até participar do projeto não conhecia escritores africanos, também muito pouco de poesia, e atribui a sua base como professora à experiência partilhada no projeto. A partir da quarta e da quinta edição do Seminário Nacional de Estudos Culturais Afro-brasileiros, em 2012 e 2014, respectivamente, houve a integração

da Semana Afro-Paraibana em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros e Indígenas da UFPB, do qual a professora Solange Pereira da Rocha (PPGH/UFPB) é cofundadora e uma das representantes.

O Congresso Internacional de Literaturas e Culturas Africanas (Griots) acontece há quase dez anos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em 2018, a quarta e mais recente edição trouxe o tema Literatura e Direitos Humanos. Assim como o seminário referido anteriormente, o Griots também propõe um viés interdisciplinar, envolvendo pesquisadores das mais diversas áreas das humanidades e pessoas interessadas na temática proposta. É um momento bastante profícuo, de encontro entre professores e pesquisadores da Região Nordeste. As coordenações geral e adjunta da edição 2018 ficaram sob a responsabilidade das professoras Tânia Lima (UFRN) e Izabel Nascimento (UFRN). O congresso também contou com organizadores que compõem o corpo docente de várias universidades do Nordeste e colaboradores africanos, como o moçambicano Alberto Mathe. A escritora moçambicana Paulina Chiziane foi uma das convidadas para a conferência de abertura. Na UESPI existem o Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas (África Brasil) e o Colóquio de Literatura Afro-Brasileira e Africana. Em 2017 foram realizadas as quinta e sétima edições desses eventos, respectivamente, sob coordenação do professor Elio Ferreira de Souza. Dentre os objetivos principais estão a reflexão sobre narrativas e cidadania, em uma perspectiva interdisciplinar envolvendo cultura, história e literatura e também discussões sobre os rumos das ações educacionais a partir das leis 10.639/03 e 11645/08. O Congresso Internacional de Língua e Literaturas Africanas e Afro-Brasilidades (CILLA) teve sua primeira edição em 2010 na Universidade Estadual da Bahia. Reuniu mais de 3 mil pessoas e contou com a presença de representações políticas e

intelectuais de países africanos, como o escritor angolano Manuel Rui, além de vários integrantes da União de Escritores Angolanos, professores e pesquisadores de diversas universidades nacionais e internacionais.

Em 2015, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, aconteceu o I Seminário Memória e Imaginário nas Literaturas Brasileira e Africanas (MILBA), coordenado pelos professores Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UAG - UFRPE), Iêdo de Oliveira Paes (DL - UFRPE) e pela professora Ivanda Martins (UAEADTec - UFRPE). A primeira edição homenageou as professoras Luzilá Gonçalves Ferreira e Elisalva Madruga Dantas. A quarta e mais recente edição do evento aconteceu em 2018 e mantém as seguintes linhas temáticas de interesse: literatura de autoria feminina, literatura e outras linguagens artísticas, literatura e cultura, literatura, teoria e crítica literárias, literatura e ensino, memória e imaginário. Laura Padilha ressalta que era muito comum que as pesquisas sobre as literaturas africanas e afro-brasileiras fossem compartilhadas em encontros de literatura portuguesa. A fim de reverter essa expectativa e contribuir na luta em prol da legitimação da área, foi criado o I Encontro de Professores de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói/RJ, com o apoio de diversas instituições do país (PADILHA, 2010, p. 5).

A professora e pesquisadora da UFF, uma das organizadoras da primeira edição do evento, lembra que, muito embora seja possível notar o crescimento de encontros científicos sobre o assunto no país desde então, “não significa que se tenha sedimentado uma série histórica tal como se dá em congressos que reúnem os profissionais de Literatura Portuguesa, Brasileira, Comparada, etc” (PADILHA, 2010, p. 6). Ela verificou, na época, a ausência de uma associação aos moldes das que fazem parte os pesquisadores de outras áreas do conhecimento. Apenas em 2010, durante o IV

Encontro de Professores de Literaturas Africanas, em Ouro Preto/MG, foi fundada a Associação Internacional de Estudos Culturais e Literários Africanos (AFROLIC), com o intuito de divulgar as pesquisas em literaturas e culturas africanas desenvolvidas no Brasil e nos países africanos (FREITAS, 2017, p. 1). Em artigo sobre o panorama histórico da AFROLIC, o professor Sávio Roberto Fonseca de Freitas traz uma observação interessante:

[...] no Brasil muitos estudos em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado são dedicados às literaturas africanas de língua portuguesa e com a fundação da AFROLIC a pesquisa começou a voltar os olhos para a África em suas diversas nações (FREITAS, 2017, p. 1).

Assim, a história da AFROLIC funde-se ao Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Em 2013, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sede da quinta edição do evento, também aconteceu o I Encontro da Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos (AFROLIC). Vale ressaltar que o evento esteve concentrado durante muitos anos no eixo Sul/Sudeste. Freitas (2017), em diálogo realizado em 2011 com as professoras Laura Padilha (UFF) e Maria Nazareth Fonseca (PUC-Minas) propôs a organização do evento no Nordeste. Essa migração para o Nordeste, embora tardiamente, é de extrema importância, pois há um número expressivo de professores e pesquisadores da área nas instituições de ensino superior da região (FREITAS, 2017, p. 4). Em 2016, aconteceram, na UFRPE, a sexta edição do Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e a segunda do Encontro da AFROLIC com o tema “Dizer Áfricas: vozes, literaturas, mulher”. As sétima e terceira edições, respectivamente, acontecerão em 2019, na UFRN, com destaque para o tema “Oralidade e

crioulização nas línguas e literaturas africanas” (FREITAS, 2017). O evento traz duas edições seguidas no Nordeste, fato esse que evidencia o reconhecimento em nível nacional e internacional dos estudos que vêm sendo produzidos na região. Neste tópico há apenas um recorte dos encontros científicos sobre o assunto sediados em IES nordestinas. Outros mais acontecem e ainda estão por se realizar.

No diretório de grupos de pesquisa do CNPq, é possível encontrar uma série de grupos da área de Letras que evidenciam o tema, alguns deles são: o Grupo de Pesquisa de Literaturas Africanas e Literaturas da Diáspora Africana (Afroletrias), na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), liderado por Júlio César Machado de Paula e Ludmylla Mendes Lima; a Associação Internacional de Estudos Culturais e Literários Africanos (AFROLIC), da UFRPE, coordenado por Sávio Roberto Fonseca de Freitas; *Escritas à Deriva: redes literárias nas malhas da ficção em língua portuguesa e espanhola*, da UNEB, cujos líderes são João Evangelista do Nascimento Neto e José Henrique do Nascimento Santos; *Escritas do Corpo Feminino nas Literaturas em Língua Portuguesa*, da UNILAB, com as líderes Luana Antunes Costa e Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva; Grupo de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, da UFBA, com liderança de Sandro Santos Ornellas e Maria de Fatima Maia Ribeiro. Na UEPB, Rosilda Alves Bezerra e Francisca Zuleide Duarte de Souza estão à frente do Grupo de Pesquisa Literatura e Cultura Afro-brasileira, Africana e da Diáspora; a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia abriga o Grupo de Pesquisa Literaturas Africanas, História e Pós-Colonialismos, sob liderança de Silvio Ruiz Paradiso; também na UFRPE, o grupo *Memória e Imaginário nas Literaturas Brasileira e Africanas* traz os líderes Iêdo de Oliveira Paes e Iara Christina Silva Barroca.

3. Principais conceitos

Negritude foi um dos primeiros grandes conceitos convocados pelas pesquisas no domínio da área temática proposta (DANTAS, 2018b) no PPGL/UEPB. Pires Laranjeira (1995) é pioneiro no estudo da negritude francófona – movimento e conceito – e suas reverberações na existência do que ele chama de corrente negritudinista africana de língua portuguesa com vigência na década de 1950. A negritude, enquanto movimento, buscava refletir sobre o papel da cultura negra no mundo. No espaço-tempo de língua portuguesa, sobretudo na década mencionada, a ideia de negritude teve lugar decisivo na implementação do discurso do negro nos caminhos de “africanização e autonomização” das literaturas africanas de língua portuguesa (LARANJEIRA, 1995) e, por isso, costumava ser convocada especialmente nas primeiras pesquisas. Para a professora Elisalva, o conceito teve sua importância para as pesquisas iniciais em torno dessas literaturas. Josefa Maria da Silva, uma de suas alunas, recorda a importância de ter contato com o conceito para o fortalecimento de seus processos identitários, uma vez que participava de organizações negras ligadas à Igreja Católica e aos estudos da Teologia da Libertação.

De acordo com Silva (2019), o contato com a potência estética da poética da negritude a fez refletir sobre o aprisionamento de corpos e outras tantas formas de opressão. Nos últimos anos, o conceito é convocado com ressalvas. Segundo José Benedito dos Santos, “a maioria dos teóricos das literaturas africanas escritas em língua portuguesa ainda não consegue distinguir, com clareza, o conceito de identidade africana e de nacionalidade africana” (SANTOS, 2015, p. 39). E cita estudo de Inocência Mata, no qual ela diferencia a poética da negritude e a poética da africanidade: “enquanto a primeira reivindica um lugar para o negro, a segunda reivindica uma nação; está ligada a um sentimento de

pertença” (MATA, 2007, p. 40). Nesse sentido, a questão da identidade vem sendo convocada numa perspectiva contra-hegemônica, pois se distancia do discurso colonial – fixo e uno – para refletir sobre hibridismos, transculturação, oralidade, tradição, modernidade, colonialismos, pós-colonialismos, memória, diferença, tradução cultural, diáspora, exílio, desterritorialização, tempo e espaço. Esses também são alguns dos conceitos que se apresentam como norteadores dos estudos literários afro-brasileiros e africanos de língua portuguesa e auxiliam os pesquisadores no movimento contínuo de revisar métodos e conceitos quando o objetivo é problematizar, debater e aprofundar a leitura literária a partir das demandas desencadeadas pelas crises da vida material no contexto da mundialização econômica (FREITAS, 2017, p. 3). Esta que apresenta um fator descaracterizador nas relações com a diferença (SILVA; DAVID; ANTUNES, 2007, p. 4). No percurso de consolidação e sistematização das pesquisas em torno dessas literaturas, o conceito de cânone também é problematizado, considerando os pontos de vista endógeno e exógeno (LARANJEIRA, 2015) sobre a construção do cânone literário africano de língua portuguesa. O reconhecimento do princípio de endogeneidade, ou seja, da produção teórica/conceitual dos próprios africanos sobre suas manifestações culturais contribui para que as pesquisas na área não se esvaíam em pretensões reducionistas (Idem) e/ou fetichizantes. O racismo e nacionalismo também são conceitos bastante recorrentes, sobretudo na esteira do pensamento de Franz Fanon e Albert Memmi, que tiveram algumas das obras traduzidas nos anos 1970. Estas, por sua vez, estão e estiveram na base das pesquisas da área ao nível nacional (PADILHA, 2010) e regional.

O pensamento crítico brasileiro sobre as literaturas africanas está relacionado com princípios da literatura comparada, estudos culturais, subalternos, de gênero em articulação com os literários (PADILHA, 2010; LARANJEIRA, 2015) e, consequente-

mente, com os conceitos que deles emergem, alguns dos principais foram aqui mencionados. Dessa maneira, ao longo dos anos, como observa o estudioso português, existe uma “oscilação conceitual” (LARANJEIRA, 2015) em decorrência dos vários campos teóricos que se abrem para as literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa enquanto objetos de pesquisa. Por um lado, essa oscilação apontada pode acompanhar as demandas da educação no âmbito das humanidades e contribuir para a renovação epistêmica dessa área de pesquisa e do próprio curso de Letras. Afinal, nada é estanque e está em constante movimento e transformação, inclusive as múltiplas noções de identidade. Mas, por outro lado, tal aspecto pode aprisionar o discurso crítico ao modo mecanicista no qual “conceitos da moda” são utilizados sem a devida reflexão. Um dos exemplos que Pires Laranjeira traz para ilustrar essa possível ausência de reflexão mais alargada sobre “o funcionamento das textualidades” é classificar a poesia de Paula Tavares como de “diáspora” (LARANJEIRA, 2015, p. 569). Para evitar que isso ocorra, ele sugere que não se perca de vista “o teor estético, linguístico, imaginário – quer dizer: semiótico e, insisto, filológico – e, além do mais, local e regional, de uma parte importante dos textos literários e seus discursos” (LARANJEIRA, 2015, p. 566). Muitas das pesquisas desenvolvidas no Nordeste do Brasil estão atentas a isso.

4. Vertentes teóricas e analíticas da área temática

O comparatismo é um dos paradigmas teóricos mais recorrentes da área. Muitas das pesquisas se alinham aos pressupostos dos estudos comparados em literaturas de língua portuguesa, escola que no Brasil tem sua tradição na USP, onde muitos pesquisadores vinculados às IES do Nordeste estiveram para desenvolver seus estudos. A professora Elisalva foi uma das orientan-

das de Benjamin Abdala Júnior, referência dessa vertente. Outros tantos pesquisadores mencionados aqui também bebem da fonte dessa escola que está alinhada aos pressupostos mais contemporâneos da literatura comparada, uma vez que busca conectar-se com a literatura e outros campos culturais de forma integradora. A partir do recorte do PPGL/UFPB, verifica-se que as pesquisas realizam aproximações de tema ou de estilo entre as literaturas de língua portuguesa. Nos primeiros momentos, há uma maior concentração de estudos comparados entre as literaturas brasileira e angolana. Interessante observar que uma das tendências iniciais consistia em verificar diálogos históricos e culturais entre obras escritas por autores do Nordeste do Brasil e angolanos. Afinal, como disse Abdala Júnior, “comparar é uma forma de nos estudarmos em nossas semelhanças e também diferenças” (SILVA; DAVID; ANTUNES, 2007, p. 4). Essa intenção inicial pode ser encarada como um dos modos de “tradução da África no espaço crítico brasileiro” (PADILHA, 2010, p. 7) fomentado no Nordeste, ao valer-se da leitura e análise comparada entre obras de autores africanos e de uma região historicamente subjugada e subalternizada pelo discurso dominante no Brasil.

Nesse sentido, também do ponto de vista teórico, a sociocrítica e o sociomarxismo podem ser apontados dentre as modalidades⁷ adotadas. Os teóricos brasileiros Silviano Santiago e Antonio Candido também compõem a base das pesquisas em momentos iniciais, pois propõem reflexões sobre literatura e subdesenvolvimento, entre-lugar, dependência cultural, questão da tradição e desconstrução (PADILHA, 2010, p. 11). Com a chegada dos textos produzidos por africanos no país na década de 1980 (Idem), ampliam-se os suportes teóricos para além daqueles já consolidados em língua portuguesa, e o afrocentrismo, enquanto paradig-

7 Pires Laranjeira (2015) verifica dez modalidades de paradigmas teóricos que envolvem as pesquisas da área. Citamos alguns delas com base no que se pôde verificar no recorte apresentado.

ma teórico, ganha destaque, “a partir das teorizações endógenas e do Sul, com contributos interculturais e transdisciplinares, para reafirmar o primado de uma razão africana” (LARANJEIRA, 2015, p. 571). As pesquisas sobre relações de gênero com base nas teorias feministas assumem um lugar de bastante força na região, vide as pesquisas mais recentes. Do ponto de vista analítico, crescem os estudos comparados entre obras de autores africanos, transcendendo a relação Brasil/África. Uma vertente teórica em potencial é o pós-colonialismo, sobretudo pelo viés emancipatório e por estimular uma série de reflexões sobre as relações de poder que perduram mesmo com o fim político do colonialismo, a questão do hibridismo e a violência por trás desses processos refratada em obras situadas no período pós-colonial.

5. Amostragem das produções da área temática no Nordeste

Abaixo segue uma tabela composta por pesquisas de mestrado e doutorado em literaturas africanas e afro-brasileiras realizadas nos últimos quase 20 anos no PPGL/UFPB. A partir dessa amostragem/recorte, percebe-se um movimento interessante de ampliação de possibilidades analíticas, principalmente em relação à escolha do corpus. As primeiras dissertações e teses trazem como paradigma teórico o comparatismo entre textos literários angolanos e brasileiros. Afinal foi um aspecto central na própria linha de pesquisa pioneira do programa. Porém, os estudos mais recentes buscam o diálogo entre autores africanos, caso da última tese em andamento. Atualmente, no Brasil, já existe um acesso maior aos livros de autores africanos de língua portuguesa, e não só. Existem, inclusive, editoras voltadas para a publicação de obras literárias e teóricas escritas por autores africanos e afro-brasileiros, como a Kapulana e Malê Editora. Ou seja, a dificuldade de acesso ao material bibliográfico apontada pelos pioneiros vem

sendo, gradualmente, atenuada, reverberando assim na diversidade do corpus e do suporte teórico das pesquisas propostas.

| TÍTULO | AUTORIA | ORIENTAÇÃO | GRAU | ANO |
|---|--------------------------------|-----------------------------------|----------|------|
| <i>O Quinze e os Flagelados do Vento Leste: o sertão e o arquipélago em pânico</i> | Rosângela Vieira Freire | Elisalva de Fátima Madruga Dantas | Mestrado | 2000 |
| <i>A Poética do Exílio nas Literaturas de Angola e Brasil</i> | Marli Paz de Sousa | Elisalva de Fátima Madruga Dantas | Mestrado | 2001 |
| <i>Uma Escrita em Dupla Face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo</i> | Flávia Santos de Araújo | Liane Schneider | Mestrado | 2007 |
| <i>Poesia Negra Brasileira: o desmantelar das grilhetas da sciencia do século XIX</i> | Alan Fernandes de Souza | Liane Schneider | Mestrado | 2009 |
| <i>Solano Trindade: a escrita na pele</i> | João José Batista Filho | Elisalva de Fátima Madruga Dantas | Mestrado | 2009 |
| <i>Os Ventos do Brasil e Angola: a poética da negritude em Solano Trindade e Agostinho Neto</i> | Danielle Campos Andrade | Elisalva de Fátima Madruga Dantas | Mestrado | 2010 |
| <i>Memória e Tradição no Romance A Varanda do Frangipani, de Mia Couto</i> | Suelany Christtinny R. Mascena | Ana Cristina Marinho Lúcio | Mestrado | 2011 |

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME II

| | | | | |
|---|-------------------------------|------------------------------------|----------|------|
| Fêmea-Matriz: a maternidade em <i>Ponciá Vicêncio</i> , de Conceição Evaristo | Ana Ximenes Gomes de Oliveira | Luciana Eleonora de Freitas Calado | Mestrado | 2015 |
| Da Terra ao Céu: elementos de moçambicanidade e do período pós-colonial presentes nos contos <i>O Cachimbo de Felizberto</i> e <i>O Homem Cadente</i> | Sayonara Souza da Costa | Vanessa Neves Rimbau Pinheiro | Mestrado | 2017 |
| Os Percursos Estéticos e Ideológicos em Noémia de Sousa e Sónia Sultuane: uma análise do eu-feminino na poesia moçambicana | Maysa Morais da Silva Vieira | Sávio Roberto Fonseca de Freitas | Mestrado | 2018 |
| <i>Um Defeito de Cor</i> , de Ana Maria Gonçalves: uma escrita de resistência – entrelaçamentos entre metaficção historiográfica, memória e religiosidade | Camila de Matos Silva | Sávio Roberto Fonseca de Freitas | Mestrado | 2018 |
| As Vidas Suscetíveis em Alguns Contos de <i>Olhos d'água</i> , de Conceição Evaristo | João Marcos Soares Campelo | Ana Cristina Marinho Lúcio | Mestrado | 2018 |

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME II

| | | | | |
|---|--|-----------------------------------|-----------|---------------------|
| A Rede Lançada às Águas: estudo sobre a simbologia do elemento água em <i>O outro pé da sereia</i> , de Mia Couto | Geovanna Dayse Bezerra Silva | Vanessa Rimbau Pinheiro | Mestrado | 2018 (em andamento) |
| Princesas Negras: as adaptações dos contos europeus na literatura infantil afro-brasileira | Jhennefer Alves Macêdo | Daniela Maria Segabinazi | Mestrado | 2018 (em andamento) |
| (In)conformação Amorosa e Conflito Identitário: colonização emocional em <i>Niketché</i> , de Paulina Chiziane | Rodolfo Moraes Farias | Sávio Roberto Fonseca de Freitas | Mestrado | 2018 (em andamento) |
| A Escrivência e o seu Percurso na Construção dos Contos de <i>Mulher matriz</i> , de Miriam Alves | Luciana Priscila Santos Carneiro | Sávio Roberto Fonseca de Freitas | Mestrado | 2018 (em andamento) |
| Memória e Identidade em <i>Viva o Povo Brasileiro</i> e <i>Luedji – O Nascimento dum Império</i> | Maria Gabriela Cardoso Fernandes Costa | Elisalva de Fátima Madruga Dantas | Doutorado | 2006 |
| O Olhar de Pepetela sobre Angola | Wanilda Lima Vidal de Lacerda | Elisalva de Fátima Madruga Dantas | Doutorado | 2007 |
| Do Sul de Angola ao Nordeste Brasileiro: um intervalo poético | Marli Paz de Souza | Elisalva de Fátima Madruga Dantas | Doutorado | 2007 |

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA E LITERATURA
VOLUME II

| | | | | |
|---|---------------------------------------|-----------------------------------|-----------|------|
| O Pictórico na Poesia Cabo-Verdiana: dos claridosos a Kiki Lima | José Leite de Oliveira Junior | Elisalva de Fátima Madruga Dantas | Doutorado | 2009 |
| Personagens Negros na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira e Moçambicana (2000 a 2007) | Maria Anória de Jesus Oliveira | José Hélder Pinheiro Alves | Doutorado | 2010 |
| A Condição Feminina em <i>Balada de Amor ao Vento</i> , de Paulina Chiziane | Sávio Roberto Fonseca Freitas | Nadilza Martins de Barros Moreira | Doutorado | 2012 |
| “Escrevivência” de Conceição Evaristo em <i>Ponciá Vicêncio</i> : encontros e desencontros entre as versões do romance em português e em inglês | Rosângela de Oliveira Silva de Araújo | Liane Schneider | Doutorado | 2012 |
| O Espaço-Tempo da Espera nos Contos de Mia Couto: uma perversa fábrica de ausências | Moama Lorena Lacerda Marques | Ana Cristina Marinho Lúcio | Doutorado | 2013 |
| Maternagens na Diáspora Ameericana: resistência e o sagrado em <i>Amada</i> , <i>Compaixão</i> e <i>Um Defeito de Cor</i> | Danielle de Luna e Silva | Liane Schneider | Doutorado | 2017 |

| | | | | |
|---|-------------------------------|----------------------------------|-----------|---------------------|
| Gênero e Maternidade Política nas Literaturas Africanas: um estudo sobre <i>Ventos do Apocalipse e Hibisco Roxo</i> | Ana Ximenes Gomes de Oliveira | Sávio Roberto Fonseca de Freitas | Doutorado | 2018 (em andamento) |
|---|-------------------------------|----------------------------------|-----------|---------------------|

6. Conclusão

O presente texto trouxe um mapeamento histórico das pesquisas em literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa no Nordeste, partindo do PPGL/UFPB e de entrevista realizada com a professora Elisalva Madruga Dantas, voz pioneira desses estudos na região. Essa voz, ao longo de quase 20 anos, soma-se a outras vozes de professores e pesquisadores de IES do Nordeste e, juntas, parafraseando a poeta Conceição Evaristo, “recolhe(m) em si/a fala e o ato/ o ontem – o hoje – o agora” (EVARISTO, 2008, p. 10-11) no âmbito das investigações sobre o assunto. Nesse sentido, observa-se uma crescente contribuição da região no domínio do pensamento crítico brasileiro sobre as literaturas em causa, sobretudo no “gesto de enfrentamento e desobediência ao cânone hegemônico” (PADILHA, 2010, p. 13), por meio de ações de resistência à “neocolonialidade curricular” (Idem) e ao silenciamento das vozes africanas e afro-brasileiras – vide as teses, dissertações, congressos, colóquios, encontros, seminários e os projetos de pesquisa realizados. Ou seja, da solidão inicial mencionada pela pioneira até o momento atual, percebe-se nessa área de estudos uma potente “articulação comunitária” (SILVA; DAVID; ANTUNES, 2007, p. 4) em nível regional que se expande em âmbito nacional e internacional. Inclusive, algumas das instituições mencionadas são membros titulares da Associação

das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), nomeadamente UEPB, UFPB, UFBA, UFPE, UFRB e UFRN.

O sentido político dessa articulação finda por desencadear um processo de ressignificação do próprio curso de Letras, em nível de graduação e pós-graduação, na medida em que desafia os modelos hegemônicos que negam a pluralidade de saberes. O levantamento e o recorte apresentados confirmam ainda a ideia de que o comparatismo e a interdisciplinaridade seguem como forças principais dessas pesquisas (PADILHA, 2010) nos cursos de pós-graduação em Letras do Nordeste. Vale salientar as lutas do movimento negro para a sanção da Lei 10.639/03 e com ela uma série de avanços e aprimoramentos necessários, do ponto de vista teórico, conceitual e metodológico, para a sua implementação nos espaços sociais, escolares e acadêmicos. Há muito por fazer. Portanto, se Manuel Ferreira, em Portugal, era a favor da existência de uma “escola portuguesa” dos estudos literários africanos, convém afirmar que se existe uma “escola brasileira” desses estudos, deve-se reconhecer o contributo fundamental da “escola nordestina” (DANTAS, 2018b), onde os pesquisadores e as pesquisadoras das instituições da região, alguns deles citados neste recorte, seguem com uma série de ações efetivas para a expansão e consolidação da área, contra o epistemicídio e em prol da justiça social e cognitiva.



REFERÊNCIAS

AFONSO, L. A. **A área de Política e Planejamento Linguístico nas licenciaturas em letras no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha: homo sacer III. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. **Infancia e história**: destrucción de la experiencia y origen de la historia. Trad. Silvio Mattoni. Cordoba, Argentina: Adriana Hidalgo Editora, 2011.

ALBERTI, V.; PEREIRA, A. A. Entrevista com José Maria Nunes Pereira. **Estudos Históricos**. n. 39, p. 121-156, jan./jun. 2007.

ALDRIGUES, A. C. de S.; NICOLAU, R. B. F. (Org.). **Quem o pretender comprar dirija-se a... Coletânea de anúncios paraibanos do século XIX**. João Pessoa: Universitária UFPB, 2009.

ALTHUSSER, L. **Ler o capital**. Trad. Nathanael C. Carneiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, A. R. (Org.). **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004, p. 35-53.

ANDRADE, D. C. **Os ventos do Brasil e Angola**: poética da negritude em Solano Trindade e Agostinho Neto. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ANDRADE, M. L. da C. V. de O. Marcas de interação na correspondência publicada em jornais paulistas do século XIX. In: CIAPUSCIO, G.; JUNGLUTH, K.; KAISER, D.; LOPES, C. (Eds.). **Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica**. Frankfurt am Maim: Vervuert Verlag, 2006, p. 117-133.

ANDRADE, M. L. da C. V. O.; GOMES, V. S. Tradições discursivas: reflexões conceituais. In: CASTILHO, A. de; ANDRADE, M. L. C. V. O.; GOMES, V. S. **História do Português Brasileiro: tradições discursivas do português brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos**. Vol 7. São Paulo: Contexto, 2018, p. 23-43.

ANDRADE, M. de. **Danças Dramáticas do Brasil**. 3 tomos. São Paulo: Livraria Martins, 1959.

ANDRADE, R. C. O. **Políticas linguísticas educacionais em Pernambuco**: um estudo do eixo de análise linguística. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

ANTELO, Raul. Diagnóstico da comunidade de Letras. **Revista da Anpoll**, nº 33, 2012.

CHAGAS, Pedro Dorabela. Ciências Humanas: institucionalização e crise de interesse. **Revista da Anpoll**, nº 38, p. 66-74, Florianópolis, Jan./Jun. 2015.

ARARIPE JÚNIOR, T.de A. **Obra Crítica de Araripe Júnior**. (Dir. de A. Coutinho) 1 ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Brasília: MEC, 1958: I; 1960: II; 1963:III; 1970:V.

ARAÚJO, J. C.; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?**. São Paulo: Parábola, 2016.

ATAIDE, C. A. de. A notícia jornalística e as estratégias de textualização da tradição discursiva. In: MANCERA, C. et al (Org.). **La lengua, lugar de encuentro**. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2012, v. 1, p. 3579-3591.

ATAIDE, C. A. de; SOARES, T. N.; TRAVASSOS, T.; FERREIRA P.; GOMES, V. S.; SOUZA e SILVA, A. de; FRAGA, R. M. do N. **Identidade e Memória em Manuscritos e Impressos Pernambucanos**: língua, história e cultura através dos textos. Recife: CEPE, 2012. 55p.

ATAIDE, C. A. de; TRAVASSOS, T. A notícia de jornal entre conservação e inovação: tradições discursivas e história da língua. In: CASTILHO, A. de; ANDRADE, M. L. C. V. O.; GOMES, V. S. **História do Português Brasileiro**: tradições discursivas do português brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos. Vol 7. São Paulo: Contexto, 2018, p. 83-112.

ATAÍDE, C. *et al* (Orgs). **Gelne 40 anos**: experiências teóricas e práticas nas pesquisas em linguística e literature, volume 1. São Paulo: Blucher, 2017.

ATAÍDE, C. *et al* (Orgs). **Gelne 40 anos**: vivências teóricas e práticas nas pesquisas em linguística e literatura, volume 2. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. 4 ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora EDUnB, 1999.

BALDAUF JR., R. B. Introducion – Language Planning: where have we been? Where might we be going?, **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v. 12, n. 2, p. 233-248, 2012.

BARBOSA, A. Tradições discursivas e tratamento de corpora histórico: desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro. In: LOBO, T. et al. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro VI** - Novos dados, novas análises, Salvador: EDUFBA, 2006. p. 589-606.

BARTON, D.; HAMILTON, M. Understanding literacy as social practice. In: _____. **Local literacies**: reading and writing in one community. London: Routledge, 1998, p. 3-22.

_____.; _____. Literacy practices. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (Eds.). **Situated Literacies**: Reading and writing in context. London: Routledge, 2000, 7-15.

BAUTER, M.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses de conhecimento – evitando confusões. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17-30.

BAZERMAN, C.; PRIOR, P. A participação em mundos socioletrados emergentes: gêneros, disciplinaridade, interdisciplinaridade. In: HOFFNAGEL, J. C.; DIONISIO, A. P. (Org). **Escrita, gênero e interação social**. Tradução e adaptação de J. C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, [2005] 2007, p.150-197.

BEZERRA, R. A. **Mosaico de culturas**: representação e identidades nas literaturas de língua portuguesa. Natal: Philia, 2007.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Pontes, 2008

BLOMMAERT, J. Language policy and national identity. In: RICENTO, T. (Org.). **An introduction to language policy**: theory and method. USA/UK: Blackwell Publish, 2006. p. 238-254.

BONACINA-PUGH, F. Researching ‘practiced language policies’: insights from conversation analysis. **Language Policy**, v. 11, n. 3, p. 213-234, 2012.

BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. de. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. **Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena**. 2 ed. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1994.

BRASIL. **I Plano Nacional de Pós-Graduação**. Brasília: MEC, s.d. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories>>. Acesso em 3 de julho de 2018.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**. 2010. SIDRA. Tabela 3425. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 12 de abril de 2019

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Questionário de amostra**. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/images/pdf/censo2010/questionarios/questionario_amostra_cd2010.pdf. Acesso em 12 de abril de 2019.

BRASIL. **Mestrado profissional**. Brasília: MEC, 2013. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/educacao-a-distancia/proflettras>> Acesso em 18 de julho de 2018.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígena**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, L. F. (Org.). **Língua Brasileira de Sinais**. VOL. 3. Brasília: MEC/SEESP, 1997.

_____. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

BRONCKART, J.-P. **O agir nos discursos**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

BRUNER, J. S. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia.** São Paulo: UNESP, 2010.

CAETITÉ, M. F. **Usos do livro didático de português do ensino médio e(m) gestos profissionais docentes.** Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017.

CAIRO, L. R. V. Araripe Júnior: crítico e historiador da literatura brasileira. Porto Alegre, RS: **IX Seminário Internacional de História da Literatura da PUC – RS**, 2011.

CALVET, L-J. **Sociolinguística crítica:** uma introdução crítica. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. **As políticas linguísticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. 2 vols. 5 ed. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1975.

_____. (Ed.). **Sílvio Romero:** teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro/São Paulo: LTC-Livros Técnicos e Científicos/Edusp, 1978.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In. **Vários escritos.** 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira.** 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CARNEIRO, V. S. **A afirmação da angolanidade em Ondjaki:** uma análise do universo da alegoria em Os Transparentes. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

CAVALCANTE, R. P. **Faces do agir docente em projetos cooperativos de internacionalização**: representações sobre políticas de idiomas estrangeiros no contexto dos institutos federais. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

CARVALHO, W. A. de. **O realismo mágico em Mia Couto**: uma visão ocidental sobre o romance Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 17 mai. 2018.

CELANI, M. A. Afinal, o que é linguística aplicada? In: PASCHOAL, M.S.Z.; CELANI, M.A. (Orgs.). **Linguística Aplicada**. Da aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992, p. 15-23.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Bomtempo, 2003.

CHAGAS, S. N. **Nas fronteiras da memória**: Guimarães Rosa e Mia Couto, olhares que se cruzam. Recife: EDUPE, 2011.

CHIAPPINI, L. **Reinvenção da catedral**: Língua – Literatura – Comunicação – Novas tecnologias – Políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005.

CIAPUSCIO, G.; JUNGLUTH, K.; KAISER, D.; LOPES, C. (Eds.). **Sincronía y diacronia de tradiciones discursivas em Latinoamérica**. Frankfurt am Maim: Vervuert Verlag, 2006.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Trad. Adail Sobral. 2 ed. Petrópolis: Vozes, [1999] 2007.

COOPER, R. **Language planning and social change**. New York: Cambridge University Press, 1989.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Multiliteracies: New literacies, new learning. **Pedagogies: An International Journal**, Nanyang Walk. v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009.

COSERIU, Eugenio. **Gramática, semântica, universales**: estudios de Linguística Funcional, Madrid, Editorial Gredos, 1987.

COSTA, A. C. F. da. Ação - Formulação - Tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Org.). **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte**: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944. Natal: EDUFRN, 2012, p. 145-184.

COSTA LIMA, L. **A praga do beletrismo**. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano2-Volume2/artigo-extra/A-Praga-do-Beletrismo.pdf>. Acesso: 27 nov. 2013.

COSTA, L. L. C. C. C. **Memórias e identidades em Mayombe, de Pepetela**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

COSTA, M. G. C. F. da. **Sobre as águas da memória atlântica**. As vozes entrelaçadas de Lueji – O nascimento dum império e Viva o povo brasileiro. Maceió: EDUFAL, 2009.

COSTA, R. F. Interface entre Filologia e Tradições Discursivas: Estudo da *Dedicatória* de um Códice do Século XVIII. In: PIRIS, E. L.; AZEVEDO, I. C. M.; LIMA, G. de O. S. (Orgs.). **Anais do III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDIAr)**. Ilhéus: Editus, 2016, p. 4046-4056.

COSTA, S. S. da. **Da terra ao céu**: elementos de moçambicanidade e do período pós-colonial presentes nos contos “O cachimbo de Felizbento” e “O homem cadente”, de Mia Couto. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

COUTO, M. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CUNHA, Alexcina Oliveira Cirne Vieira. **A melhoria do capital linguísticos de surdos associados da comunidade religiosa das Testemunhas de Jeová**. Dissertação de mestrado. Recife, PE: Programa de pós-graduação em ciências da linguagem-PPGCL/ Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

CUNHA, J.C.; CUNHA, M.C. Os campos da Linguística retórica, da Linguística Aplicada e do Ensino/Aprendizagem de Línguas/ Culturas no Brasil. In: DAHLET, V. (Coord.) **Ciências da linguagem e didática das línguas**. 2011, p.227 – 246.

CUQ, J.-P.; GRUCA, I. **Cours de didactique du français langue étrangère et seconde**. Saint-Jean Martin-d’Hères, Isère: PUG, 2002.

DANTAS, E. M. **José Lins do Rego e José Luandino Vieira**: uma relação transoceânica. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

_____. O retorno às origens nas obras de José Lins do Rego e José Luandino Vieira. O fenômeno literário nos países lusófonos. **Revista Internacional de Lusofonia**, Pontevedra – Braga. n. 2-3-4, p. 65-73, 1987.

_____. **Nas trilhas da descoberta**: a repercussão do modernismo brasileiro na literatura angolana. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1998.

_____. et al. (Orgs.). **Textos poéticos africanos de língua portuguesa e afro-brasileiros**. João Pessoa: Ideia, 2007.

_____. O PPGL e as literaturas africanas de língua portuguesa. **Graphos**. v. 12, n. 2, p. 16-19, dez. 2010.

_____. **Saborosas lembranças**. João Pessoa: Ideia, 2018a

_____. **Entrevista**. Entrevistadora: Rinah de Araújo Souto. João Pessoa, 2018b.

DELCASTAGNÈ, Regina. A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos: uma aproximação inicial. **Revista Brasileira de Literatura Contemporânea**, nº 54, maio/agosto de 2018.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1988.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Trad. Aurélio Guerra e Célio Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DERRIDA, J. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Trad. Marileide Dias Esqueda. BH: Editora da UFMG, 2014.

DÍAZ, William. Notas sobre el debate de las humanidades em la era de la excelência academica. **Revista da Anpoll**, v. 1, nº 38, 2015.

DIONÍSIO, C. I. B. **O exame Celpe-Bras: mecanismo de política linguística para o Programa Estudantes-Convênio de graduação (PEC-G)**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

DOLZ, J. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. **D.E.L.T.A.** v. 32, n. 1, p. 237-260, 2016.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e escrita: apresentação de um procedimento. In: ____.

Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

DUARTE, Z. **Outras Áfricas:** elementos para uma literatura da África. Recife: Massangana, 2012.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** 2 ed. Brasília: EdUNB, 2016.

FERNANDES, E. **Linguagem e surdez.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRA, D. M. V. **O ensino do idioma espanhol na cidade de João Pessoa/PB:** relação entre as políticas linguísticas declaradas e percebidas. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

FIORIN, J. L. Reflexões para o estabelecimento de uma política para as Humanidades. **Revista da ANPOLL.** v. 1, n. 4, p. 301-321, 1998.

FISHMAN, J. A. Language policy and language shift. In: RICENTO, T. (Org.). **An introduction to language policy: theory and method.** USA/UK: Blackwell Publish, 2006. p. 311-328.

FONSECA, M. C. de A. P. Panorama da investigação dos estudos históricos e diacrônicos das línguas e dos textos. In: **Revista do GELNE.** v. 18 n. 2, 2016, p. 276-291.

FORTKAMP, M.M.B.; TOMITCH, L.M.G. (Org.). **Aspectos da Linguística Aplicada:** estudos em homenagem ao professor Hilário I. Bohn. Florianópolis: Insular, 2000.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1972.

FRAGA, R. M. do N.; GOMES, V. S. Uma cartilha subvertida: língua, história e cultura através dos textos. In: **Eutomia**. v. 1, p. 260-280, 2013.

FREIRE, R. V. **O Quinze e Os Flagelados do Vento Leste**: o sertão e o arquipélago em pânico. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.

FREITAS, S. R. F. de. **A condição feminina em Balada do amor ao vento, de Paulina Chiziane**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

_____. AFROLIC – Associação de Estudos Culturais e Literários Africanos: um pouco das travessias percorridas. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE LITERATURAS, HISTÓRIAS E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS, 5 ed. **Anais do V Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas**. Teresina: UESPI, 2017, p. 1-6.

_____. (Org.). **Dossiê Literaturas Africanas**. João Pessoa: Ideia, 2014.

GALISSON, R. Quelle(s) discipline(s) choisir pour l'éducation aux langues-cultures? In: GALISSON, R., PUREN, C. **La formation en questions**. Partis: Clé International, 1999, p.73-94.

_____. Formation à la recherche en didactologie des langues-cultures. Études de Linguistique Appliquée. *Paris, n. 95, p. 119-159*, 1994.

GESUELI, Z. M. **A criança não ouvinte e a aquisição da escrita**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: IEL/UNICAMP, 1988.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. São Paulo: Editores Associados, 1996.

GOMES, V. S. **Traços de mudança e de permanência em editoriais pernambucanos**: da forma ao sentido. Berlim: De Gruyter, 2010.

_____; LOPES, C. R. dos S. Variação entre formas dos paradigmas de tu-você em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX. In: **Revista do GELNE**. vol.16, n. 1/2, 2014, p. 19-45.

_____; _____. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. In: **Revista de Estudos da Linguagem**. v. 24, p. 137, 2016.

GOMES, V. S.; ZAVAM, A. O editorial de jornal: revisitando a trajetória de um gênero. In: CASTILHO, A. de; ANDRADE, M. L. C. V. O.; GOMES, V. S. **História do Português Brasileiro**: tradições discursivas do português brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos. Vol 7. São Paulo: Contexto, 2018, p.44-81.

GONÇALVES, E. da S. **O agir docente no ensino dos gêneros orais**: cenas de formação e de atuação em sala de aula. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, UFCG, Campina Grande, 2016.

GONÇALVES, E. R. G. **A literatura vista de baixo**: o livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

GOODMAN, K. Unity in reading. In: SINGER H. & RUDDELL, R. B. **Theoretical model and processes of reading**. Newark Delaware: Internacional Reading Association, 1985, p.813-840.

GUOYOU, Wu. **The period of Deng Xiaoping's reformation**. Beijing, China: Foreign Languages Press Co. Ltd, 2015.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HAYES, J. R.; FLOWER, L. Identifying the organization of the writing processes. In: GREGG, L. W.; STEINBERG, E. R. (Ed.). **Cognitive processes in writing**. Hillsdale: Erlbaum, 1980, p.3-30

HAUGEN, E. Planning for a standard language in modern Norway. **Anthropological Linguistics**, p. 8-21, 1959.

HEATH, S. B. **Ways with words: Language, life, and work in communities and classrooms**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HOBBSAWM, E. O que os historiadores devem a Karl Marx? In: **Sobre história**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013a.

_____. Marx e a história. In: **Sobre história**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013b.

HORNBERGER, N. H. Frameworks and models in Language policy and planning. In: RICENTO, T. (Org.). **An introduction to language policy: theory and method**. USA/UK: Blackwell Publish, 2006. p. 24-41.

HULT, F. M.; JOHNSON, D. C. (Org.). **Research methods in language policy and planning: a practical guide**. USA/UK: Wiley Blackwell, 2015.

JERNUDD, B.; NEKVAPIL, J. History of the field: a sketch. In: SPOLSKY, B. (Org.). **The Cambridge handbook of language policy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 16-36.

JESUS, M. O. **Pronúncia(s) do português brasileiro e suas interfaces com políticas linguísticas e metodologias para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

JOHNSON, D. C. **Language policy**. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2013.

_____; RICENTO, T. Conceptual and theoretical perspectives in language planning and policy: situating the ethnography of language policy. **International Journal of the Sociology of Language**, n. 219, p. 7-21, 2013.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. CIAPUSCIO, G.; JUNGLUTH, K.; KAISER, D.; LOPES, C. (Ed.). **Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica**. Frankfurt am Maim: Vervuert Verlag, 2006, p. 151-172.

KASTELIC, E. S. D. **Formação de professores indígenas e o contexto sociocultural da microcomunidade de Santa Rosa do Oco'y**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

KLEIMAN, A.; CAVALCANTI, M. do C. (Org.). **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

KLEIMAN, A. O Ensino de Línguas no Brasil. In: CELANI, A. A.; PASCHOAL, M. Z.. (Orgs.). **Linguística Aplicada: da aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1992, p. 25-36.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Eds.). **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tübingen: Narr – Script Oralia, 99, 43-79. (Tradução do original alemão por Alessandra Castilho Ferreira da Costa, UFRN), 1997.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**. London: Routledge, 2006.

_____. **Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. London: Arnold, 2001.

LAJOLO, M. **No jardim das Letras, o pomo da discórdia**. Disponível em: < <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio36.html> > Acesso: 02 jun. 2013.

LARANJEIRA, P. **A negritude africana de língua portuguesa**. Porto: Afrontamento, 1995.

_____. Os estudos literários africanos em Portugal: configurações de uma disciplina. **Revista de Estudos Literários**. n. 5, p. 563-574, 2015.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. v.1 e v.2. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LIMA, J. A. S. **Sobre o ensino das literaturas lusófonas na formação inicial docente**: uma estratégia com o círculo de leitura a partir de Terra Sonâmbula, de Mia Couto. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016.

LIMA, M. **Leitura literária e a Lei 10.639/03 num romance de Pepetela**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

LIMA, N. S. R. Itinerário do ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil. **Caderno Seminal Digital**. n. 29, p. 11-31, 2018.

LIMA, R. E. **A crítica literária na universidade brasileira**. Tese (Doutorado em Literatura). Belo Horizonte: UFMG, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (Orgs.). **Rosae**: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012.

LONGHIN, S. R. **Tradições discursivas**: conceito, história e aquisição. São Paulo: Cortez, 2014.

LOPES, C. R. dos S. Tradição textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte**: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944. Natal: EDUFRN, 2012, p. 19-53.

LUDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **A formação intelectual do estudante de Letras**. Disponível em: http://www.editoracontexto.com.br/produtos/pdf/LINGUAGEM%20PARA%20FORMACAO_INTRODUCAO.pdf. Acesso em: out. 2010.

MARENGO, S. M. D. A.; FREITAG, R. M. Ko. Para uma história do português brasileiro em Sergipe: organizando as fontes manuscritas e suas edições. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe** n. 46, volume 1 Dossiê Sergipe Provincial, 2016, p. 116-129.

MARINHO, A.; SALDANHA, A.; SOUZA, I. A.; PEREIRA, S. (Orgs.). Índios e negros na literatura infantil/juvenil brasileira (catálogo de obras). João Pessoa: Ideia, 2014.

MARQUES, M. L. de L. **O espaço-tempo da espera nos contos de Mia Couto**: uma perversa fábrica de ausências. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

MASCENA, S. C. R. **Memória e Tradição no romance A Varanda do Frangipani, de Mia Couto**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

_____. **Palavra e memória nos romances de Mia Couto**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

MATA, I. **A literatura africana e a crítica pós-colonial**: reconversões. Luanda: Nzila, 2007.

MATIAS, T. T. História da carta de leitor: sobre aspectos composicionais, conservação e dinamismo. In: CASTILHO, A. de; ANDRADE, M. L. C. V. O.; GOMES, V. S. (Orgs.) **História do Português Brasileiro**: tradições discursivas do português brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos. Vol 7. São Paulo: Contexto, 2018, p. 196-233.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da Linguística Histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAY, S. Language policy and minority rights. In: RICENTO, T. (Org.). **An introduction to language policy**: theory and method. USA/UK: Blackwell Publish, 2006. p. 255-272.

MAZZUCO, N. G. **Gêneros textuais na produção escrita de alunos de uma sala de apoio**: em foco os elementos de interação. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Salvador: UFBA, 2015.

MELLO, B. A. de A. Tradições discursivas dos exempla: da Idade Média aos folhetos de cordel. In: **Revista do GELNE**. v. 18, p. 273-301, 2016.

MENEZES, R. de L. C. de. Linguística aplicada indisciplinar, pero no mucho! JORNADA NACIONAL DO GELNE, 25, 2014, **Anais...** Natal, UFRN, disponível em <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/919.pdf>. Acesso em 22 de junho de 2018.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In:

PEREIRA, R.C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009, p.25-50.

MENKEN, K.; GARCÍA, O. (Orgs.). **Negotiating language policies in schools**. New York: Routledge, 2010.

MILLER, C. R. Gênero como ação social. Tradução de Judith Hoffnagel. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. (Orgs.). **Gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Editora Universitária da UFPE, [1984] 2012, p. 21-41.

MIRANDA, W. M. Projeções de um debate. **Revista de Literatura Comparada**. n. 4, 1998.

MOITA LOPES, L. P. da. Linguística aplicada indisciplinar. Entrevista concedida a C. Z. da Silva Conceição. **Grau Zero** - Revista de Crítica Cultural. v. 3, n. 2, p. 333-340, 2015.

_____. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MONTENEGRO, M. S. **O uso do gênero multimodal (anúncio publicitário) no ensino-aprendizagem de leitura em L2 para surdos**: por uma proposta bilíngue. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza, CE: Universidade Estadual do Ceará 2010.

MOREIRA E SILVA, M. E. **Interfaces entre as ações oficiais e as políticas linguísticas para a promoção internacional do português**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

NAME, M. C. L.; MIRANDA, N. S. Apresentação. **Veredas**. v.11, n.2, p.1-2, 2007.

NUNES, J. H. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. **Letras**. v. 18, n. 2, p. 107–124, jul./dez. 2008.

OESTERREICHER, W. Autonomización del texto y recontextualización. Dos problemas fundamentales en las ciencias del texto. In: RODRÍGUEZ, E. H. (Ed.). **Homenaje Luis Jaime Cisneros**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, v. I. pp. 343-387, 2002.

OLIVEIRA, A. M. de J. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007):** entrelaçadas vozes tecendo negritudes. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

_____; LIMA, M. N. de (Orgs.). Leituras e identidades negras: narrativas, histórias. **Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural**. v. 5, 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, J. L. de. **O pictórico na poesia de Cabo Verde:** de Kiki Lima aos claridosos. Fortaleza: Edufc/Secult, 2010.

PADILHA, L. O ensino e a crítica das literaturas africanas no Brasil: um caso de neocolonialidade e enfrentamento. **Revista Magistro**. v. 1, p. 2-15, 2010.

PASCHOAL, M.S.Z.; CELANI, M.A. (Orgs.). **Linguística Aplicada**. Da aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992.

PASSONI, T. P.; GOMES, E. A. Políticas e planejamento linguísticos: mapeamento das pesquisas sobre Ensino de línguas estrangeiras modernas no cenário nacional. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. v. 14, n. 26, p. 241-270, 2016.

PAULSTON, C. B.; HEIDEMANN, K. Language policies and the education of linguistic minorities. In: RICENTO, T. (Org.). **An introduction to language policy: theory and method**. Blackwell Publishing Ltd., 2006. p. 292-310.

PEERRONE-MOISÉS, L. Que fim levou a crítica literária? **Folha de São Paulo**, 25 de ago. de 1996, Mais!, p.9.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

PEREIRA, R.C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PESSOA, M. B. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**: notícias de corpora e outros estudos. Volume IV. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

PESSOA, M. B. **Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade**. O caso do Recife, Brasil. Tübingen: Max Niemeyer, 2003. v. 1.

_____. **Língua, textos e história**. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, 2005.

PHILLIPSON, R. Language policy and linguistic imperialism. In: RICENTO, T. (Org.). **An introduction to language policy**: theory and method. MA/USA: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 346-361.

PINHEIRO, V. N. R. **Um retrato de gerações**: uma análise de obras de Pepetela e Lídia Jorge. Mauritius: International Book Market Service Ltda/ Novas Edições Acadêmicas, 2018.

PUREN, C. Comment théoriser sa pratique ? (la formations des questions). In : GALISSON, R.; PUREN, C. (Orgs.). **La formation en questions**. Paris: Clé International, p. 33-60, 1999.

_____. Concepts et conceptualisation en didactique des langues: pour une épistémologie disciplinaire. *Études de Linguistique Appliquée*. Paris, n. 105, p.111-125, 1997.

REAGAN, T. Language policy and sign languages. In: RICENTO, T. (Org.). **An introduction to language policy: theory and method**. Blackwell Publishing Ltd., 2006. p. 329-345.

REINALDO, M. A.; BEZERRA, M.A. Do conceito de sequência didática ao de projeto didático de gênero no âmbito do ensino de português - língua materna. **Letras** .n.58, 2019.

_____. Gêneros textuais como prática social e seu ensino. In: REINALDO, M. A.; MARCUSCHI, B.; DIONÍSIO, A. (Orgs.). **Gêneros textuais: práticas de pesquisa & práticas de ensino**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, p. 73-96.

RIBEIRO DA SILVA, E. A pesquisa em política linguística: histórico, desenvolvimento e pressupostos epistemológicos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. n. 52, v. 2, p. 289-320, jul./dez. 2013.

RICENTO, T. Historical and theoretical perspectives in language policy and planning. **Journal of Sociolinguistics**. v. 4, n. 2, p. 196-213, 2000.

_____. (Org.). **An introduction to language policy: theory and method**. USA/UK: Blackell Publishing, 2006.

_____. Topical areas in Language Policy. In: RICENTO, T. (Org.). **An introduction to language policy: theory and method**. USA/UK: Blackwell Publish, 2006. p. 231-237.

ROCHA, D.; DAHER, D. C. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que ela pode se tornar? **DELTA**. n. 31, v. 1., 2015, p. 105-141.

ROCCO, M. T. F. **Literatura/ensino: uma problemática**. São Paulo: Ática, 1981.

RODRIGUES, H. de F. **Expressões da identidade cultural do homem nordestino nas narrativas tradicionais de valentia**: uma abordagem semiótica. Dissertação (Mestrado em Letras). João Pessoa: UFPB - Programa de Pós-Graduação em Letras, 2006.

ROJO, R.; SCHNEUWLY, B. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. **Linguagem em (Dis)curso** . v. 6, n. 3, p. 463-493, set./dez. 2006.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROMERO, S. Da Crítica e sua Exata Definição. In: **História da Literatura Brasileira**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. pp. 316-344.

SÁ JÚNIOR, L. A. de. Traços de permanência e mudança da memória ibérica no Rio Grande do Norte. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte**: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944. Natal: EDUFRN, 2012, p. 187-211.

_____. O bendito em manuscritos religiosos populares da primeira metade do século XX ao início do XXI. In: CASTILHO, A. de; ANDRADE, M. L. C. V. O.; GOMES, V. S. (Orgs.). **História do Português Brasileiro**: tradições discursivas do português brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos. Vol 7. São Paulo: Contexto, 2018, p. 354-394.

SANDES, F. N. **Impacto do Enem na avaliação da aprendizagem de Língua Inglesa segundo os novos letramentos**. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.

SANTOS, B. de S. A universidade no séc. XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. **Educação, Sociedade & Culturas**. n. 23, p. 137-202, 2005.

_____; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, J. de B. M. do. **Era uma vez... um chapeuzinho, seis surdos, seis histórias**. Dissertação (Mestrado). Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2006.

SANTOS, J. B. dos. **As faces do mito na ficção de Mia Couto**. Manaus: Valer, 2015.

SANTOS, O. M. dos. **A luta desarmada dos subalternos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016.

_____. Cenas literárias pós-coloniais para se compor novos ideogramas. Pequim, China: Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade de Pequim, 08/06/2017 (comunicação na mesa redonda: **Literatura e cultura no âmbito dos BRICS**: mediações).

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

_____. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SARTRE, J.-P. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAUSSURE, F. de. **Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes**. Leipsick: G. Teubner, 1879.

_____. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHIFFMAN, H. F. **Linguistic culture and language policy**. London/ New York: Routledge, 1996.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do falar e história da linguística**. Tradução de Fernando Tarallo et al. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993 [1983].

SCHNEUWLY, B. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de R. H. R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 129-147.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

SHOHAMY, E. **Language policy: hidden agendas and new approaches**. London: Routledge, 2006.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. do C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, A. G. da; DAVID, D. L.; ANTUNES, E. Entrevistas com a Prof^a Dr^a Maria Aparecida Santilli e o Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior. **Revista Crioula**. n. 1, 1 mai. 2007.

SILVA, J. M. da. **Entrevista**. Entrevistadora: Rinah de Araújo Souto. João Pessoa, 2019.

SILVA, L. B. D. da S. Cartas abertas na imprensa de Mossoró-RN: analisando a trajetória de uma tradição discursiva. **Atas do V**

SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Lecce: Università del Salento, 2017, 119-142.

_____. Traços linguísticos recorrentes da tradição discursiva carta-crônica no jornalismo potiguar: uma análise diacrônica. **Anais do XVII Congresso Internacional da Alfal**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2014.

SILVA, M. C. **Instrumento linguístico “retórica” na construção do projeto de língua nacional no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SIMAS, H. C. P. **Educação escolar Yanomami e Potiguar**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SIMÕES, J. da S.; KEWITZ, V. Recortes temáticos e mapeamento de Tradições Discursivas no corpus PHPB. In: HORA, D.; SILVA, C. R. (Orgs.). **Para a História do Português Brasileiro**: abordagens e perspectivas. Volume VIII. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2010, p. 21-28.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SKUTNABB-KANGAS, T. Language policy and linguistic human rights. In: RICENTO, T. (Org.). **An introduction to language policy: theory and method**. Blackwell Publishing Ltd., 2006. p. 273-291.

SOUSA, E. N. B. **Políticas linguísticas no ensino de português como língua estrangeira aos refugiados no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SOUSA, S. C. T. Reflexões sobre a área de política linguística e a formação de professores de línguas. In: PEREIRA, R. C. M.; PEDROSA,

J. L. R.; FERRAZ, M. M. T. (Orgs.). **Letramentos em cena: teorias e vivências**. João Pessoa: Ideia, 2019. p. 11-54.

_____; DIONÍSIO, C. I. B. Language policy and planning: an analysis of the themes present in research in Brazil. **Rev. bras. linguist. apl.** Belo Horizonte, v. 19. n. 2, p. 265-293, June 2019.

_____; PAIVA, R. S.; VIRGULINO, C. G. Política e Planejamento Linguístico: panorama das pesquisas em teses e em dissertações no Brasil. **Estudos linguísticos (teorias e aplicações): contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)**. São Paulo: Terracota, 2019, v. 1, p. 168-190.

_____; PONTE, A. S.; SOUSA BERNINI, E. N. A área de política e planejamento linguístico no cenário internacional e nacional. In: _____. **Fotografias da Política Linguística na Pós-Graduação no Brasil**. Paraíba: Editora UFPB, 2019. p. 09-49.

_____; ROCA, M. P. Introdução para uma compreensão ampliada de política linguística. In: _____. **Políticas linguísticas declaradas, praticadas e percebidas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 07-32.

SOUZA FILHO, A. R. **"A língua tupi não morreu, tá viva correndo nas veias"**: o processo de revitalização da língua tupi à luz d política e do planejamento linguístico. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SOUZA, E. M. **Tempos de Pós-Crítica: ensaios**. São Paulo: Linear B; Belo

SPOLSKY, B. **Language policy: key topics in sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. **Language management**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

_____. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. **Literacy and multimodality**. 2012. Disponível em: <<http://arquivos.lingtec.org/stis/STIS-LectureLitandMMMarch2012.pdf>>. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Research Genres**: Explorations and Applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TEIXEIRA, E. **Cursos de Letras, políticas institucionais e (des)ativação de dispositivos**. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural). Alagoinhas: Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, 2014.

THE NEW LONDON GROUP. **Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures**. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.). **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. Routledge: Psychology Press, 2000.

TOLLEFSON, J.W. **Critical theory in language policy**. In: RICENTO, T. (Org.). **An introduction to language policy: theory and method**. MA/USA: Blackwell Publishing Ltd., 2006. p. 42-59.

TROTSKI, L. **Literatura e revolução**. Trad. Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

VERÍSSIMO, J. **História da Literatura Brasileira**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

VERÍSSIMO, J. **Estudos de literatura brasileira, 6ª série**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907. In: BARBOSA, J. A. (Ed.) **José Veríssimo**:

teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro/São Paulo: LTC-Livros Técnicos e Científicos/Edusp, 1978a.

_____. Que é literatura? e outros escritos. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907. In: BARBOSA, J. A. (Ed.) **José Veríssimo**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro/São Paulo: LTC-Livros Técnicos e Científicos/Edusp, 1978b.

VIDAL, F. E. F. **Identidade e mobilidade angolanas na ficção de Pepetela**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1979.

WALTER, R.; ALVES, A. C.; BEZERRA, R. A.; SOUZA, E. F. de (Orgs.). **Entre centros e margens**: literaturas afrodescendentes da diáspora. Curitiba: CRV, 2014.

XIMENES, E. E.; NUNES, T. R. **Estudos filológicos e linguísticos na Bahia, no Ceará e em Sergipe**. Fortaleza: EdUECE, 2018.

YOUNG, M. F. D. **O currículo do futuro**: Da “Nova Sociologia da Educação” a uma teoria crítica do aprendizado. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 2000.

YÚDICE, G. Debates atuais em torno dos Estudos Culturais nos Estados Unidos. Salvador: ANPOLL/GT de Literatura Comparada, 1997, Apud: MIRANDA, W. M. Projeções de um debate. **Revista de Literatura Comparada**. n. 4, 1998.

XINGJIAN, G. **Le témoignage de la littérature**. Trad. Liliane Dutrait e Noel Dutrait. Paris: Seuil, 2004.

ZAVAM, A. S. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva**: um estudo com editoriais de jornais. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

ZAVAM, A.; PINHEIRO, A. R. S. Peças introdutórias de processos criminais: um estudo linguístico-histórico. In: XIMENES, E. E.;

NUNES, T. R. (Orgs.). **Estudos filológicos e linguísticos na Bahia, no Ceará e em Sergipe**. Fortaleza: EdUECE, 2018, p. 239-262.

ZILBERMAN, R.; BORDINI, M. da G. **Guia de leitura**: para alunos de 1º e 2º graus. São Paulo: Editora Cortez/INEP, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira [et al.]. São Paulo: Hucitec, 1997.

AUTORES E ORGANIZADORES

Cleber Ataíde é graduado em Letras pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (2004), mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2008) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2013) com estágio sanduíche na Universidade Presbiteriana Mackenzie e na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é do comitê técnico do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE), colaborador da Universidade de Pernambuco e professor adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Funcional e Histórica, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, tradição discursiva, diacronia de textos, gramaticalização e história. Como pesquisador, coordena o Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco - LeDoc (MT-APQ-0042-8.01/15) e o projeto Para História do Português Brasileiro em Pernambuco (PHPB). É membro dos grupos de pesquisa certificados pelo CNPq Tradições Discursivas do Ceará (TRADICE-UFC), do Grupo de Investigações Funcionalistas (GIF-UFPB), líder do Grupo de Estudos da Língua em Uso (ELU-UFRPE). Foi presidente do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE), no biênio 2016-2018 e, atualmente, é membro conselheiro da Associação Brasileira de Linguística (ABRALINn) e do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE).

E-mail: cleberataide@gmail.com

Valéria Severina Gomes é graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1994), com mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (1998), doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2007) e pós-doutorado em Letras Vernáculas, com Bolsa de Estágio Pós-doutorado do CNPq, na Universidade Federal do Rio

de Janeiro, no Rio de Janeiro em 2014. Atualmente é professor Associado II da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística de Texto, Linguística Aplicada, Linguística Sócio-histórica e Tradições Discursivas. Consultora Ad Hoc da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe-FAPITEC/SE; membro do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq TRADICE (Tradições Discursivas do Ceará); Coordenadora Regional, em Pernambuco, do Projeto Nacional Para a História do Português Brasileiro (PHPB), no período de 2008-2018, atualmente integra a equipe como pesquisadora. Também atua como pesquisadora no Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Unidade Acadêmica de Serra Talhada). Presidente do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE, no biênio 2014-2016 e vice-presidente no biênio 2016-2018. Professora colaboradora da Escola de Conselhos de Pernambuco, Programa de Extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora colaboradora do ProfLetras da Universidade de Pernambuco. E-mail: lelavsg@gmail.com

Emanuel Cordeiro da Silva é graduado (2007) em Letras e Mestrado (2010) e Doutorado (2015) em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. É professor Adjunto 2 de Linguística da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fez parte da Diretoria do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE (biênio 2014-2016 e biênio 2016-2018). Integra o Conselho Editorial da Revista DLCV - "Língua, Linguística & Literatura", da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, e o Conselho Editorial da Revista "Ao Pé da Letra", da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Foi coordenador do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) de Letras da UFRPE/UAST. Como pesquisador, integra o grupo de pesquisa Estudos da Língua em Uso - ELU e dedica-se ao estudo da língua portuguesa sob a perspectiva da Linguística Funcional Norte-americana. Atualmente, participa do projeto de pesquisa "LEDOC-PE" (Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco), financiado com recursos da FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco), e coordena o projeto de pesquisa "Análise, descrição e documentação do português falado de Tejucupapo-PE". E-mail: emanuelcords@gmail.com

Sherry Morgana Justino de Almeida é professora adjunta do curso de Letras do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco; possui Doutorado em Teoria da Literatura, pela Universidade Federal de Pernambuco (2013), possui Mestrado em Teoria da Literatura (2006) e graduação em Bacharelado em Crítica Literária (2003) também pela UFPE, tendo sido bolsista CNPq tanto na graduação quanto no mestrado. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura e Estudos culturais, Literatura Comparada, Literatura e Ensino e Literatura infanto-juvenil no Brasil. Fez parte da diretoria do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE) de 2014 a 2018. E-mail: sherry_almeida@yahoo.com.br

Thaís Ludmila da Silva Ranieri é doutora em Letras com ênfase em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2015) com orientação da professora Elizabeth Marcuschi. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2007) e mestra em Linguística (2010) pela mesma Universidade sob orientação da professora Elizabeth Marcuschi. Na graduação, foi bolsista de Iniciação Científica do Nelfe (Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e da Escrita) sob orientação do Professor Luís Antônio Marcuschi e co-orientação da Professora Judith Chambliss Hoffnagel. Atua principalmente com trabalhos voltados para a Linguística Textual de base sociocognitiva, com foco na temática da referência e Ensino de Língua Portuguesa. Tem interesse também por trabalhos que atuam numa relação multimodal da língua em associação com semioses diversas, em especial o gestual. Profissionalmente atua na Universidade Federal Rural de Pernambuco na Unidade de Serra Talhada como Professora Adjunto 2 na área de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Língua Portuguesa. Também coordena o PIBID-Letras (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) na mesma unidade acadêmica. Fez parte da Diretoria do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste) no biênio 2016-2018. E-mail: thaisranieri@yahoo.com.br

André Pedro da Silva é mestre (2006) em Linguística e Língua Portuguesa e doutor (2010) em Linguística ambos pela Universidade Federal da Paraíba (2010). Atualmente está como professor adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco, atuando no curso presencial e à distância

de Letras, e como professor colaborador da Universidade de Pernambuco, no Programa de Pós-Graduação Profissional (PROFLeTRAS); além de coordenar o Projeto de Pesquisa Relação entre Fala e Escrita (REFALES). O mesmo fez parte da Diretoria do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE) biênios 2014-2016 e 2016-2018. Com experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atua principalmente nos seguintes temas: fonologia, fala e escrita, variação linguística, fonologia e ensino.

Ana Cristina Marinho é professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. Graduada em História (1993), doutora em Letras (2001) pela UFPB e pós-doutorado na Universidade do Porto (2013-2014). Vice-presidente da Abralic – Gestão 2012 – 2013. Desenvolve pesquisas sobre estudos culturais e de gênero, culturas populares, ensino de literatura e literaturas africanas de língua portuguesa. Coordenadora do PROEXT - Contos da tradição popular: edição e acessibilidade (2013). Participante do PROAFRO: Programa de Promoção da Igualdade Racial e Valorização da Matriz Cultural Africana no Estado da Paraíba/Nordeste/Brasil e do NEABI-UFPB. Editora da Revista Brasileira de Literatura Comparada (2012-2013). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPB (2017 – atual).

E-mail: anamanho@gmail.com

Aurea Zavam é professora associada do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Linguística, atua no Programa de Pós-graduação em Linguística e no Mestrado Profissional em Letras, ambos da UFC. É líder do grupo Tradice e membro dos grupos Protexoto e Praetece. Tem desenvolvido estudos e publicado artigos sobre tradições discursivas, gêneros textuais, ensino e formação do professor de língua portuguesa.

E-mail: aurea.ufc@gmail.com

Cynthia Israelly Barbalho Dionísio é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tem Mestrado em Linguística (PROLING/UFPB), Especialização em Avaliação do Ensino e da Aprendizagem (UNOESTE) e Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa (UFPB). É membro do Núcleo de Estudos

em Política e Educação Linguística (NEPEL/UFPB). Atuou como Visiting Assistant in Research na Yale University (Estados Unidos) pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES) no período 2018-2019. E-mail: cynthiadionisio@live.com

Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel é doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atua como professora do Programa Graduação em Pedagogia e de Pós-Graduação em Educação e PROFLETRAS da Universidade de Pernambuco, *Campus Mata Norte*. É membro do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL/UFPE) e coordena o Grupo de Pesquisa em Educação, Letramento, Oralidade e Alfabetização (ELOA). Trabalha na área de Educação e Linguística, com ênfase em ensino-aprendizagem, com atenção para as discussões realizadas no âmbito da Educação básica, da Educação de Jovens e Adultos e da Educação do Campo.

E-mail: deboracostamaciel@gmail.com

Gláucia Renata Pereira do Nascimento é mestre e doutora em Letras na área de concentração em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, atua como professora Associada de Língua Portuguesa do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. Desenvolve pesquisas sobre gramática e ensino da Língua Portuguesa, sobre gramática da LIBRAS, sobre ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas e sobre Historiografia da Linguística.

E-mail: profa_glauucia@yahoo.com.br

José Hélder Pinheiro Alves é graduado em Letras – Faculdades Integradas de Uberaba (1983), Mestrado em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (1992), Doutorado em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (2000) e Pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Professor Titular em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Campina Grande, PB. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e ensino, poesia, literatura infantil e literatura de cordel. É membro do GT Literatura e ensino da ANPOLL.

E-mail: helder.pinalves@gmail.com

José Ribamar Lopes Batista Júnior é doutor e Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). Atualmente, é professor do ensino básico, técnico e tecnológico da Universidade Federal do Piauí (UFPI), fundador e coordenador do Laboratório Experimental de Ensino e Pesquisa em Leitura e Produção Textual (LPT/CNPq) e professor do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL/UFPI). Dedicar-se a estudos nas áreas dos Novos Estudos do Letramento e da Análise de Discurso Crítica, atuando principalmente nos seguintes temas: Tecnologias digitais no Ensino de Língua Portuguesa, identidades, discursos e Educação Inclusiva.
E-mail: ribasninja16@gmail.com

Josivaldo Custódio da Silva é professor de Literatura Brasileira e Literatura Popular do Curso de Letras e da disciplina Literatura e Ensino do Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS), ambos da UPE – Campus Mata Norte, membro do Grupo de Pesquisa CELLUPE. Letrólogo (Literaturista) e Especialista em Literaturas de Língua Inglesa (FFPNM-UPE); Mestre em Literatura e Ensino e Doutor em Literatura e Cultura (PPGL/UFPB). Concluiu o Pós-Doutorado em Teoria da Literatura com a pesquisa pioneira no Brasil: O Ensino de Literatura Popular nos Cursos de Letras em Instituições Públicas no Nordeste (PPGL/UFPE). Elabora pesquisas na área de Letras, com ênfase em Cultura Popular, Literatura Popular Escrita, Literatura Popular Oral, Folclore, Teoria da Literatura, Literatura Brasileira, Literatura e Ensino e Literatura Infantojuvenil.
E-mail: josivaldocsilva@yahoo.com.br

Jurandir Ferreira Dias Júnior é Professor Adjunto na UFPE. Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras (Português-Inglês) pela Faculdade Frassinetti do Recife (2004) e Pós Graduação (Lato Sensu) em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa (2005) - FAFIRE. Concluiu, na UNICAP, o Mestrado em Ciências da Linguagem, pesquisando sobre Ensino de Língua Portuguesa para Surdos usuários de LIBRAS: contornos da prática Bilíngue. Já na UFPE, concluiu o Mestrado em Linguística, analisando textos do séc. XIX. Concluiu o doutorado em linguística, quando analisou o uso dos espaços sub-rogado e token, mais especificamente na realização de verbos. Recentemente, concluiu o Estágio de Pós-doutorado na Universidade Católica de Pernambuco

(UNICAP), em parceria com a Universität zu Köln (Alemanha), analisando «Aquisição de língua vernácula escrita como L2 por alunos surdos usuários de língua de sinais: um estudo comparativo Brasil-Alemanha». Ainda está cursando Especialização em Direito Processual Canônico, Universidade Católica de Petrópolis. Jurandir é professor-intérprete de Língua Brasileira de Sinais, com certificação do PROLIBRAS / UFSC - 2009.

E-mail: jurajr@gmail.com

Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo é doutora em Linguística pela Universidade Federal do Pernambuco, Instituição em que também fez estágio pós-doutoral. É professora titular do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Participa do Grupo Teorias de Linguagem e Ensino. Tem experiência na área de Linguística com ênfase em Linguística Aplicada. Coorganizadora de livros e autora de vários capítulos e artigos sobre ensino de língua materna e formação de professor.

E-mail: augusta.reinaldo@gmail.com

Maria Auxiliadora Bezerra é professora associada de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande. É doutora em Estudos Romanos (ênfase em Sociolinguística e Dialetologia) pela Universidade de Toulouse- le Mirail (França). Coorganizadora de livros e autora de vários capítulos e artigos sobre ensino de vocabulário, de leitura e escrita, de gramática de língua portuguesa e formação de professor em interface com a Linguística Aplicada.

E-mail: bezerramauxiliadora@gmail.com

Maria Elias Soares é licenciada em Letras e Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, e concluiu o bacharelado em Comunicação Social e em Direito, pela Universidade Federal do Ceará. Obteve o título de Mestre, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), com a dissertação intitulada As formas de tratamento nas interações comunicativas. Na mesma Universidade, obteve o doutorado em Letras, com a tese intitulada A constituição do discurso coeso: um estudo evolutivo da produção oral e escrita. Professora Titular, do Departamento de Letras Vernáculas (Centro de Humanidades) da Universidade Federal do Ceará, com atuação, desde 1993, no Programa de Pós-Graduação em

Linguística, do qual foi Coordenadora (1993-1997) e Vice-Coordenadora (1997-2001). É membro dos Conselhos Superiores da Universidade Federal do Ceará (Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão e Conselho Universitário), e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), do Conselho de Centro do Centro de Humanidades, desde 2010. Membro da Comissão do MEC que colaborou com a implantação da Universidade de Cabo Verde (2004-2006); membro da Comissão de Implantação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), de 2008 a 2010. Tem exercido docência em disciplinas e seminários de graduação e de pós-graduação (Linguística Geral, Teorias Linguísticas, Linguística Textual, Métodos de Investigação Linguística, Pragmática, Psicolinguística, Semântica, Metodologia da Pesquisa Científica, Análise da Conversação, Discurso Científico, Composição em Língua Portuguesa, Estilística da Língua Portuguesa, Leitura e Produção do Texto Acadêmico, Políticas Públicas da Educação Superior). Desenvolve projetos de pesquisa no mesmo Departamento e Programa de Pós-Graduação, coordenando, atualmente, os projetos Variação e processamento da fala e do discurso: análise e aplicações-Profala (PNPD/CAPES) e Rastreamento ocular de processos linguístico-cognitivos (CNPq/Universal). Também colabora com o Grupo de Pesquisa Prottexto, vinculado ao mesmo Programa de Pós-Graduação.

E-mail: melias48@yahoo.com.br

Maria Lucia Ferreira de Figueiredo Barbosa é graduada em Psicologia (1979), Mestre em Letras (1994) e Doutora em Letras (2000) todas pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é Professor Associado III da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: alfabetização de jovens e adultos, concepções de leitura, oralidade e escrita, letramento, ensino de Língua Portuguesa.

Osmar Moreira dos Santos é Professor titular de Literatura e Metodologia da Pesquisa em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Líder do grupo de pesquisa Língua(gem) e Crítica Cultural, criado por meio do Diretório 5.0 do CNPq, em 2002, e membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural.

Publicou *A Luta desarmada dos subalternos* (2015) pela Editora da UFMG, *Primeiros passos de um crítico cultural* (2016) pela EdUNEB, além de capítulos de livros e artigos em periódicos de circulação nacional e internacional. Endereço eletrônico: <http://lattes.cnpq.br/5981899045893057>, E-mail: osmar.moreira@uol.com.br

Rinah de Araújo Souto é graduada e mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, doutora em Letras pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Professora adjunta do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba e vinculada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do campus I. Coordena o projeto de extensão *Escrevivências: formação de professores para uma mediação decolonial de leitura literária*. Foi uma das organizadoras da primeira edição do Seminário Nacional de Estudos Culturais Afro-brasileiros da UFPB. Atuou como artista educadora no Museu da Cidade de São Paulo e nas exposições de arte contemporânea de outras instituições culturais da capital paulista. É integrante do GEAL – Grupo de Estudos em Antropologia Literária. Áreas de interesse: literaturas de língua portuguesa, literatura infantojuvenil, literatura e ensino, literatura e outras artes, arte/educação, espaço narrado, antropologia literária, estudos pós-coloniais e decoloniais. E-mail: rinahsouto@cchla.ufpb.br

Roberto Henrique Seidel é graduado em Letras, Licenciatura em Português e Alemão, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1994), mestre (1999) e doutor (2004), na área de Teoria da Literatura e Estudos e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Pernambuco. Em 2004 ingressou como professor adjunto, na área de Teoria da Literatura, na Universidade Estadual de Feira de Santana; em 2009 fez concurso interno pra professor titular na mesma universidade, tendo atuado na área de Teoria da Literatura na graduação em Letras e na Especialização em Estudos Literários. Desde 2005 é professor categoria permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, disciplina de Estudos Culturais. Desde 2009, atuou como professor categoria colaborador e, desde 2010, como permanente no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, disciplinas Teorias e críticas da cultura, Literatura e cultura política, Literatura e biopolítica, junto à Universidade do Estado

da Bahia, Campus II. Em 2015, transfere-se definitivamente para a Universidade do Estado da Bahia, Campus II, passando a atuar também na graduação em Letras. Além disso, tem experiência na área de Letras Germânicas - ensino de língua alemã e tradução -, bem como na área de editoração e normalização de publicações científicas.

E-mail: rseidel@uneb.br

Sandrelle Rodrigues Costa é graduada em Letras pela UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba (2004) e Mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Tem experiência na área de Literatura, com ênfase em Literatura Infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e ensino e literatura infantil e juvenil.

Socorro Cláudia Tavares de Sousa é doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professora do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística (DLPL) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Líder do Núcleo de Estudos em Política e Educação Linguística (NEPEL). Tem interesse de pesquisa na área de Política e Planejamento Linguístico. E-mail: sclaudiats@gmail.com

Vicente de Lima-Neto é professor de Linguística da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Programa de Pós-graduação em Ensino (POSENSINO) da associação UERN/UFERSA/IFRN. Possui mestrado (2009) e doutorado (2014) em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Líder do grupo de pesquisa Linguagens e Internet (GLINET/UFERSA). Atua principalmente nos seguintes temas: gêneros discursivos, emergência e reelaboração de gêneros, mesclas genéricas, remix, tecnologias digitais e pedagogia dos multiletramentos.

E-mail: netosenna@gmail.com



